


Do criador de  
DOWNTON ABBEY

intrínseca

# JULIAN FELLOWES

## *Belgravia*



Uma história de segredos e escândalos  
na Londres dos anos 1840

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# JULIAN FELLOWES

## *Belgravia*

Consultora editorial IMOGEN EDWARDS-JONES

Consultora histórica LINDY WOODHEAD

TRADUÇÃO DE RACHEL AGAVINO



Copyright © The Orion Publishing Group Limited 2016.

JULIAN FELLOWES'S é uma marca não registrada de Julian Fellowes e é usada pela editora sob licença.

BELGRAVIA é uma marca registrada de The Orion Publishing Group Limited.

Lindy Woodhead trabalhou como consultora para assuntos históricos em *Belgravia*, criação de Julian Fellowes.

Imogen Edwards-Jones trabalhou como consultora editorial em *Belgravia*, criação de Julian Fellowes. Publicado primeiramente em 2016 na Grã-Bretanha por Weidenfeld & Nicolson.

TÍTULO ORIGINAL

Belgravia

REVISÃO

Juliana Souza

Juliana Pitanga

Juliana Werneck

DESIGN DE CAPA

The Orion Publishing Group

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Marcia Quintella

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-997-0

Edição digital: 2016

1ª edição

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



[intrinseca.com.br](http://intrinseca.com.br)

# Sumário

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

1. Dançando para a batalha
2. Um encontro casual
3. Laços de família
4. Em casa em Belgrave Square
5. A atribuição
6. Um espião entre nós
7. Homem de negócios
8. Uma renda para a vida
9. O passado é um país estrangeiro
10. O passado retorna
11. Herança

Sobre o autor

Leia também

Para a minha esposa Emma.  
Sem ela nada na minha vida seria possível.

Capítulo 1

*Dançando para a batalha*





O passado, como já foi dito tantas vezes, é um país estrangeiro no qual as coisas eram feitas de forma diferente. Isso pode ser verdade — de fato, evidentemente *é* verdade quando se trata de moral ou de costumes, do papel das mulheres, do governo aristocrático e de um milhão de outros elementos de nossa vida diária. Mas também há semelhanças. A ambição, a inveja, a raiva, a avareza, a bondade, o altruísmo e, sobretudo, o amor sempre foram e sempre serão poderosos a ponto de motivar as nossas escolhas. Esta é uma história sobre pessoas que viveram há dois séculos e, ainda assim, muito do que elas desejaram, muito do que se ressentiam e as paixões arrebatadoras em seus corações eram bastante parecidas com os dramas que vivemos agora, em nosso tempo...



Não parecia uma cidade prestes a entrar em guerra; muito menos a capital de um país que tinha sido tomado de um reino e anexado por outro apenas três meses antes. Bruxelas, em junho de 1815, poderia ter estado *en fête*, com barracas coloridas e cheias nos mercados e carruagens abertas pintadas circulando pelas avenidas largas, levando grandes damas e suas filhas a compromissos sociais urgentes. Ninguém teria imaginado que o imperador Napoleão estava em marcha e montaria acampamento na fronteira da cidade a qualquer instante.

Nada disso era do interesse de Sophia Trenchard, enquanto andava pela multidão de uma forma determinada que não correspondia aos seus dezoito anos. Como qualquer jovem bem-educada, especialmente em uma terra

desconhecida, ela estava acompanhada por sua criada, Jane Croft, que, aos vinte e dois, era quatro anos mais velha que sua senhora. Mesmo assim, se fosse para apontar qual delas protegia a outra de um esbarrão com algum pedestre, a escolhida seria Sophia, que parecia pronta para qualquer coisa. Ela era bonita, muito bonita mesmo, de um jeito inglês clássico, loura de olhos azuis, mas seus lábios, como vidro lapidado, deixavam claro que essa garota em particular não precisaria da permissão de nenhuma mamãe para embarcar em uma aventura.

— Apresse-se, ou ele vai ter saído para o almoço e nossa viagem terá sido em vão — ordenou Sophia.

Ela estava naquele período da vida pelo qual quase todo mundo deve passar, quando a infância terminou e uma maturidade falsa, sem os impedimentos da experiência, dá à pessoa a sensação de que tudo é possível, até que a chegada da idade adulta prova que definitivamente não é.

— Estou indo o mais rápido que posso, senhorita — murmurou Jane, e, como se para provar suas palavras, um enorme hussardo passou correndo e esbarrou na criada, empurrando-a para trás, sem nem ao menos parar a fim de verificar se ela estava machucada. — É como um campo de batalha, aqui.

Jane não era bonita, como sua jovem senhora, mas tinha um rosto vivaz, forte e corado, mais adequado às vielas dos campos do que às ruas da cidade. Era bastante determinada, a seu próprio modo, e Sophia gostava dela por isso.

— Não seja tão fraca.

Sophia tinha quase chegado ao seu destino, saindo da rua principal e entrando em um terreno que poderia ter sido um mercado de gado, mas que fora tomado pelo Exército para ser usado aparentemente como depósito de suprimentos. Grandes carroças descarregavam caixas, sacos e engradados que eram transportados para os armazéns ao redor, e parecia haver um fluxo constante de oficiais de todos os regimentos, conferindo e às vezes discutindo enquanto andavam em grupos. A chegada de uma garota notável

e sua criada naturalmente chamou atenção, e as conversas, por um momento, diminuíram e quase cessaram.

— Por favor, não se incomodem — disse Sophia, olhando ao redor com calma. — Estou aqui para ver meu pai, o Sr. Trenchard.

Um rapaz deu um passo à frente.

— Sabe o caminho, Srta. Trenchard?

— Sei. Obrigada.

Ela foi em direção a uma entrada do prédio principal que parecia um pouco mais importante, seguida por uma trêmula Jane, e subiu a escada para o andar superior. Lá encontrou mais oficiais, aparentemente esperando ser admitidos, mas esta era uma cortesia à qual Sophia não estava preparada para se sujeitar. Ela abriu a porta.

— Espere aqui — disse.

Jane ficou para trás, desfrutando da curiosidade dos homens.

A sala em que Sophia entrou era grande, iluminada e espaçosa, com uma bela mesa de mogno e outros móveis em harmonia com o estilo, mas era um cenário para o comércio, não para a sociedade, um local de trabalho, e não de diversão. A um canto, um homem corpulento com quarenta e poucos anos repreendia um oficial impecavelmente uniformizado.

— Quem ousa me interromper? — Ele se virou, mas, ao ver a filha, seu humor mudou e um sorriso cativante iluminou seu rosto vermelho de raiva. — Tudo bem? — perguntou. Mas ela olhou para o oficial. Seu pai assentiu. — Capitão Cooper, queira me dar licença.

— Está tudo bem, Trenchard...

— Trenchard?

— Sr. Trenchard. Mas devemos receber a farinha esta noite. Meu comandante me fez prometer que não voltaria sem ela.

— E prometo fazer meu melhor, capitão.

O oficial estava claramente irritado, mas era obrigado a aceitar isso, já que não ia conseguir nada melhor. Com um aceno de cabeça ele se retirou,

e o pai ficou sozinho com a filha.

— Você entendeu?

Sua empolgação era palpável. Havia algo encantador no entusiasmo deste mestre de negócios gordo e careca, que de repente ficou tão animado quanto uma criança em véspera de Natal.

Muito devagar, espremendo até a última gota daquele momento, Sophia abriu sua bolsinha de mão e cuidadosamente pegou alguns pedaços quadrados de papelão branco.

— Tenho três — disse ela, saboreando a ocasião —, um para você, outro para mamãe e um para mim.

Ele quase os arrancou da mão da filha. Se tivesse passado um mês sem comida ou água, não estaria mais ansioso. A impressão em cobre era simples e elegante.



Ele olhou para o cartão.

— Suponho que lorde Bellasis jantará lá.

— Ela é tia dele.

— É claro.

— Não haverá jantar. Não um propriamente dito. Apenas algo para a família e algumas pessoas que estão hospedadas com eles.

— Sempre dizem que não haverá jantar, mas em geral há.

— Você não esperava ser convidado?

Ele tinha sonhado com isso, mas não esperava que acontecesse.

— Não, não. Estou satisfeito.

— Edmund diz que deve haver uma ceia em algum momento após a meia-noite.

— Não o chame de Edmund na frente de ninguém além de mim. — Ainda assim, ele estava de bom humor de novo, a decepção momentânea já havia sido deixada de lado. — Você deve voltar para sua mãe. Ela vai precisar de cada minuto para se preparar.

Sophia era muito jovem e muito cheia de desmerecida confiança para entender plenamente a enormidade do que havia conseguido. Além disso, ela era mais prática para essas coisas do que seu pai impressionável.

— É tarde demais para fazer algo.

— Mas não para que as coisas atendam ao padrão.

— Ela não vai querer ir.

— Ela vai, porque deve ir.

Sophia começou a se encaminhar para a porta, mas então outro pensamento lhe ocorreu.

— Quando vamos contar a ela? — perguntou, olhando para o pai.

Ele foi pego de surpresa pela pergunta e começou a mexer nos berloques de ouro da corrente de seu relógio. Foi um momento estranho. As coisas ainda estavam exatamente como um instante antes, mas, mesmo assim, de algum modo, o tom e a essência haviam mudado. Teria ficado claro para qualquer observador de fora que o assunto que eles estavam discutindo de repente era mais sério do que a escolha das roupas para o baile da duquesa.

Trenchard foi muito enfático em sua resposta:

— Em algum momento. Tudo deve ser bem administrado. Devemos tomar o comando dele. Agora vá. E mande aquele bobo alegre entrar de novo.

Sua filha saiu da sala e fez o que lhe fora dito, mas, na ausência dela, James Trenchard continuou curiosamente preocupado. Havia gritos na rua, então ele foi até a janela e se deparou com um oficial e um comerciante discutindo. Então a porta se abriu, e o capitão Cooper entrou. Trenchard assentiu para ele. Era hora de cuidar dos negócios, como de costume.



Sophia estava certa. Sua mãe não queria ir ao baile.

— Só fomos convidados porque alguém declinou.

— Que diferença faz?

— Não vejo sentido nisso. — A Sra. Trenchard balançou a cabeça. — Não conheceremos vivalma lá.

— Papai conhecerá.

Havia momentos em que Anne Trenchard ficava irritada com os filhos. Eles sabiam muito pouco da vida, apesar do ar de superioridade. Tinham sido mimados desde a infância, estragados pelo pai, até que ambos tomaram a própria boa sorte como garantida e mal pensavam nela. Eles não sabiam nada sobre a jornada que seus pais haviam empreendido para atingir a posição atual, enquanto a mãe se lembrava de cada mínimo passo em terreno pedregoso.

— Ele conhecerá alguns oficiais que vão ao seu local de trabalho para lhe dar ordens. Eles, por sua vez, ficarão surpresos ao perceber que estão compartilhando um salão de baile com o homem que fornece pão e cerveja a seus soldados.

— Espero que não fale assim com lorde Bellasis.

O rosto da Sra. Trenchard se suavizou um pouco.

— Minha querida. — Ela pegou a mão da filha. — Cuidado com as falsas expectativas.

Sophia puxou os dedos de volta e disse:

— Claro que você não acredita que ele seja capaz de boas intenções.

— Pelo contrário, tenho certeza de que lorde Bellasis é um homem honrado. Sem dúvida ele é muito agradável.

— Está bem, então.

— Mas ele é o filho mais velho de um conde, minha filha, com todas as responsabilidades que tal posição implica. Ele não pode escolher a própria esposa apenas de acordo com o coração. Não estou zangada. Vocês são jovens e bonitos, e desfrutaram de um breve flerte que não prejudicou nenhum dos dois. Até agora. — Sua ênfase nas duas últimas palavras foi uma indicação clara de aonde queria chegar. — Mas isso deve terminar antes que haja qualquer conversa prejudicial, Sophia, ou você vai ser a única a sofrer, não ele.

— E o fato de que ele tenha conseguido para nós convites para o baile da tia não lhe diz nada?

— Isso me diz que você é uma menina encantadora e que ele deseja agradá-la. Não teria conseguido isso em Londres, mas em Bruxelas tudo é colorido pela guerra, e por isso as regras normais não se aplicam.

A última frase irritou Sophia mais do que qualquer outra.

— Você quer dizer que, pelas regras normais, não somos convidados aceitáveis para os amigos da duquesa?

A Sra. Trenchard era, à sua maneira, tão forte quanto a filha.

— É exatamente isso que quero dizer, e você sabe que é verdade.

— Papai não concordaria.

— Seu pai percorreu com sucesso um longo caminho, mais longo do que a maioria das pessoas poderia imaginar, por isso ele não vê as barreiras naturais que o impediriam de ir além. Conte-se com quem somos. Seu pai tem se saído muito bem no mundo. Você deveria se orgulhar.

A porta se abriu e a criada da Sra. Trenchard entrou, carregando um vestido para a noite.

— Cheguei cedo demais, senhora?

— Não, não, Ellis. Entre. Já terminamos, não é?

— Se você diz, mamãe.

Sophia saiu do quarto, mas a posição de seu queixo não demonstrava que ela havia sido derrotada.

Era evidente, pela forma que cumpria com suas obrigações em um silêncio incisivo, que Ellis estava morrendo de curiosidade a respeito do motivo da agitação, mas Anne a deixou sofrer por alguns minutos antes de falar, esperando enquanto a criada desabotoava seu vestido da tarde, permitindo que ela o deslizasse por seus ombros.

— Fomos convidados para o baile da duquesa de Richmond no dia quinze.

— Não! — Mary Ellis em geral era especialista em manter ocultos os sentimentos, mas esta informação surpreendente a pegou desprevenida. Ela logo se recuperou. — Quer dizer, devemos pensar no seu vestido, senhora. Vou precisar de tempo para prepará-lo, se for só isso.

— Que tal o de seda azul-escuro? Não o usei muito nesta temporada. Talvez você consiga encontrar uma renda preta para a área do pescoço e mangas para dar um pouco de vida a ele.

Anne Trenchard era uma mulher prática, mas não totalmente desprovida de vaidade. Ela mantivera a forma e, com seu perfil elegante e seu cabelo castanho-avermelhado, certamente poderia ser considerada bonita. Só não permitia que o fato de saber disso a tornasse uma tola.

Ellis se ajoelhou para abrir um vestido noturno de tafetá cor de palha para que sua senhora entrasse nele.

— E as joias, senhora?

— Na verdade ainda não pensei nisso. Vou usar o que tenho, acho.



Ela se virou para permitir que a criada começasse a fechar o vestido com botões dourados até a base das costas. Havia sido firme com a filha, mas não se arrependia. Sophia vivia em um sonho, como o pai, e os sonhos poderiam colocar uma pessoa em apuros, se não tomasse cuidado. Quase sem querer, Anne sorriu. Ela disse que James tinha percorrido um longo caminho, mas às vezes duvidava que inclusive Sophia soubesse quão extenso havia sido.

— Imagino que lorde Bellasis tenha arranjado os convites para o baile — disse Ellis olhando para cima, enquanto estava abaixada aos pés de Anne Trenchard, trocando os sapatos dela.

A suposição irritou sua senhora. Por que uma empregada comentaria em voz alta sua suposição sobre como eles haviam sido incluídos em uma lista de convidados tão olimpiana? Ou sobre por que tinham sido convidados para qualquer coisa, aliás. Ela preferiu ignorar. Mas isso a fez refletir sobre a estranheza de suas vidas em Bruxelas e de como as coisas tinham mudado para eles desde que James havia chamado a atenção do grão-duque de Wellington. Era verdade que não importava a escassez, qualquer que fosse a ferocidade dos combates ou como o campo tinha sido reduzido, James sempre conseguia arranjar suprimentos de algum lugar. O duque o chamava de “o Mágico”, e ele era mesmo, ou parecia ser. Mas o sucesso só tinha alimentado sua ambição excessiva para escalar as inescaláveis alturas da sociedade, e sua ascensão social estava aumentando essa ambição. James Trenchard, filho de um comerciante, com quem Anne tinha sido proibida de se casar pelo pai, achava que era a coisa mais natural do mundo que eles fossem entretidos por uma duquesa. Ela teria chamado suas ambições de ridículas, exceto pelo fato de que tinham o estranho hábito de se tornar realidade.

Anne havia sido muito mais bem-educada que seu marido — como filha de professora, não poderia ser diferente — e, quando eles se conheceram, o nível social dela estava vertiginosamente acima do dele, mas sabia muito bem que agora ele a havia ultrapassado. Na verdade, ela começava a se perguntar

por quanto tempo ainda conseguiria acompanhar a fantástica ascensão do marido; ou, quando os filhos estivessem criados, se ela deveria se retirar para uma simples casa de campo e deixá-lo para escalar a montanha sozinho. Ellis, naturalmente, estava ciente de que o silêncio de sua senhora significava que ela havia falado demais. Pensou em dizer algo lisonjeiro para voltar ao seu lugar, mas então decidiu permanecer em silêncio e deixar que a tempestade abrandasse.

A porta se abriu e James olhou ao redor.

— Então ela lhe contou? Ele conseguiu.

Anne olhou para a criada.

— Obrigada, Ellis. Se você puder voltar daqui a pouco...

Ellis se retirou. James não continha o sorriso.

— Você me critica por ter ideias que estão acima da minha posição, mas a maneira que dispensa a empregada me faz lembrar da própria duquesa.

Anne se enfureceu.

— Espero que esteja enganado.

— Por quê? O que você tem contra ela?

— Não tenho nada contra ela, simplesmente porque não a conheço, nem você. — Anne estava ansiosa para injetar uma dose de realidade nesse disparate absurdo e perigoso. — É por isso que não devemos nos permitir ser empurrados em cima da pobre mulher, ocupando lugares em seu salão de baile lotado que deveriam ser dados às pessoas do círculo social dela.

Mas James estava muito eufórico para se deixar abater.

— Está falando sério?

— Estou, mas sei que você não vai me ouvir.

Ela tinha razão. Não podia esperar reduzir a alegria dele.

— É uma oportunidade e tanto, Annie. Sabia que o duque vai estar lá? Dois duques, aliás. Meu comandante e o marido da nossa anfitriã.

— Imagino.

— E príncipes regentes, também. — Ele parou, estava prestes a explodir de entusiasmo com tudo aquilo. — James Trenchard, que começou com uma barraca em Covent Garden, deve dançar com uma princesa.

— Você não vai tirar ninguém para dançar. Só constrangeria a nós dois.

— Veremos.

— Estou falando sério. Já é ruim o suficiente você encorajar Sophia.

James franziu a testa.

— Você não acredita, mas o rapaz é sincero. Tenho certeza disso.

Anne balançou a cabeça com impaciência.

— Não é nada disso. Lorde Bellasis pode até achar que é sincero, mas ele está fora do alcance dela. Ele não manda em si mesmo e nada de bom pode vir disso.

Houve um estrépito nas ruas, e ela foi investigar. As janelas de seu quarto tinham vista para uma grande e movimentada avenida. Lá embaixo, alguns soldados em uniformes escarlate, com o sol ricocheteando nos alamares dourados, passavam marchando. Que estranho, pensou ela, com a iminência de um combate ao redor, que estejamos discutindo sobre um baile.

— Não sei, não.

James não abriria mão das próprias fantasias facilmente.

Anne se afastou da janela. Seu marido estava com a expressão de um menino de quatro anos encurralado.

— Bem, eu sei. E se ela se machucar por causa desse absurdo, o responsável será você.

— Muito bem.

— E quanto a chantagear o pobre rapaz para ele implorar convites à tia, isso é tão indescritivelmente humilhante!

James tinha escutado o suficiente.

— Você não vai estragar isso. Não vou permitir.

— Não preciso estragar. Isso vai se estragar sozinho.

Esse foi o fim. Ele saiu de forma tempestuosa para trocar de roupa para jantar e ela tocou a sineta para que Ellis voltasse.

Anne estava infeliz consigo mesma. Ela não gostava de brigar e havia algo sobre todo aquele episódio que a fazia se sentir minada. Gostava de sua vida. Eles eram ricos agora, bem-sucedidos, requisitados na comunidade comercial de Londres e ainda assim James insistia em arruinar tudo por sempre querer mais. Ela seria empurrada para uma quantidade interminável de salas, onde não eram bem-vindos ou apreciados. Ela seria obrigada a conversar com homens e mulheres que secretamente — ou não tão secretamente — os desprezavam. E tudo isso quando, se James ao menos permitisse, poderiam viver em um ambiente de conforto e respeito. Mas mesmo enquanto pensava nessas coisas, ela sabia que não conseguiria conter o marido. Ninguém conseguiria. Essa era a natureza do homem.



Tanta coisa foi escrita sobre o baile da duquesa de Richmond ao longo dos anos que o evento assumiu o esplendor e a majestade da cerimônia de coroação de uma rainha medieval. Figurou em todos os tipos de ficção, e cada representação visual da noite tem sido mais chamativa do que a anterior. A pintura de 1868 de Henry O'Neill mostra o baile se desenrolando em um palácio grande e lotado, ladeado por enormes colunas de mármore, com centenas de convidados aparentemente chorando de tristeza e terror e parecendo mais glamourosos do que os integrantes de um coro em Drury Lane. Como tantos momentos icônicos da história, a realidade foi bem diferente.

Os Richmond tinham chegado a Bruxelas, em parte, como um exercício de redução de despesas, para manter o custo de vida baixo passando alguns anos no exterior e, em outra, como demonstração de solidariedade para com seu grande amigo, o duque de Wellington, que tinha feito dali seu quartel-

general. Ao próprio Richmond, ex-soldado, fora dada a tarefa de organizar a defesa de Bruxelas, se o pior acontecesse e o inimigo invadissem o país. Ele aceitou. Sabia que o trabalho seria em grande parte administrativo, mas precisava ser realizado e lhe daria a satisfação de sentir que fazia parte do esforço de guerra, não de ser simplesmente um espectador ocioso. Como ele sabia muito bem, existiam muitos desses na cidade.

Havia poucos palácios em Bruxelas, e a maioria já estava ocupada, então eles foram acomodados em uma casa anteriormente ocupada por uma empresa moderna de carruagens. Ficava na Rue de la Blanchisserie, literalmente “a rua da lavanderia”, fazendo com que Wellington batizasse a nova casa dos Richmond de Wash House, uma piada da qual a duquesa gostou um pouco menos que o marido. O que seria o salão de exibição da empresa de carruagens era uma grande estrutura, parecida com um celeiro, à esquerda da porta da frente, que ia até um pequeno escritório onde os clientes antes discutiam sobre estofados e outros acréscimos opcionais, mas que as memórias da terceira filha dos Richmond, lady Georgiana Lennox, transformaram em uma “antessala”. O espaço onde as carruagens ficavam expostas tinha sido revestido por papel de parede com rosas em treliças, e o cômodo era grande o suficiente para receber um baile.

A duquesa de Richmond tinha levado toda a família consigo para o continente, e as meninas, especialmente, estavam ansiosas por alguma diversão, por isso uma festa fora planejada. Assim, no início de junho, Napoleão, que havia fugido do exílio em Elba no início daquele ano, deixou Paris e veio procurar as forças aliadas. A duquesa tinha perguntado a Wellington se não havia problema em ela prosseguir com seus planos, e ele lhe assegurou que não. Na verdade, era desejo expresso do duque que o baile acontecesse, como uma demonstração do sangue-frio inglês, para deixar claro que nem mesmo as damas se incomodavam com a ideia do imperador francês em marcha e que se recusavam a adiar o próprio entretenimento. Mas, claro, estava tudo muito bem...



— Espero que isto não seja um erro — disse a duquesa pela vigésima vez em uma hora, dando uma olhada no espelho.

Ficou bastante satisfeita com o que viu: uma bela mulher de meia-idade vestindo seda bege-clara e ainda capaz de atrair olhares. Seus diamantes eram soberbos, mesmo que houvesse alguma discussão entre seus amigos, que se perguntavam se os originais tinham sido substituídos por réplicas como parte da economia.

— Tarde demais para esse tipo de conversa. — O duque de Richmond se sentia um pouco satisfeito por estar naquela situação. Eles tinham visto Bruxelas como uma espécie de fuga do mundo, mas, para sua surpresa, o mundo viera com eles. E agora sua esposa estava dando uma festa com uma lista de convidados que dificilmente podia ser igualada à de Londres, com a cidade se preparando para o som do canhão francês. — Foi um jantar muito bom. Não vou conseguir comer a ceia, quando for servida.

— Vai, sim.

— Estou ouvindo uma carruagem. É melhor descermos.

O duque era um homem agradável, um pai querido e afetuoso, adorado por seus filhos e forte o suficiente para se casar com uma das filhas da notória duquesa de Gordon, cujas travessuras tinham alimentado as fofocas da Escócia por anos. Ele estava ciente de que, na época, muitos acharam que ele poderia ter feito uma escolha mais fácil, e provavelmente ter levado uma vida mais fácil, mas, considerando-se tudo, não se arrependia. Sua esposa era extravagante — isso era indiscutível —, mas tinha boa índole, uma bela aparência e era inteligente. Ele estava feliz por tê-la escolhido.

Algumas pessoas haviam chegado cedo na pequena sala de estar, a antessala de Georgiana, pela qual todos os convidados eram obrigados a passar a caminho do salão de baile. Os floristas tinham feito um bom trabalho, com enormes arranjos de rosas de um tom claro de cor-de-rosa e

lírios brancos, todos com os estames devidamente cortados para poupar as mulheres de manchas de pólen, cercados por folhagem alta em tons de verde, dando às instalações da empresa de carruagens uma grandeza que lhe faltava à luz do dia, e o brilho dos vários candelabros lançavam em quem passava uma luz sutilmente lisonjeira.

O sobrinho da duquesa, Edmund, visconde Bellasis, estava falando com Georgiana. Eles se aproximaram dos pais dela.

— Quem são essas pessoas que Edmund a obrigou a convidar? Por que não os conhecemos?

Lorde Bellasis interrompeu:

— Vai conhecê-los esta noite.

— Você não é muito sociável — disse Georgiana.

A duquesa tinha as próprias suspeitas e já lamentava a generosidade do lorde.

— Espero que sua mãe não se zangue comigo.

Ela tinha lhe dado os convites sem nem pensar, mas um momento de reflexão a convencera de que a irmã ia mesmo ficar muito aborrecida.

Como se aproveitasse a deixa, a voz do mordomo soou:

— Sr. e Sra. James Trenchard. Srta. Sophia Trenchard.

O duque olhou para a porta.

— Você convidou o Mágico? — perguntou ele. Sua esposa parecia confusa. — O principal fornecedor de Wellington. O que ele está fazendo aqui?

A duquesa se virou para o sobrinho, severa:

— O fornecedor de provisões do duque de Wellington? Convidei um comerciante para o meu baile?

Lorde Bellasis não era tão facilmente derrotado:

— Minha querida tia, você convidou um dos ajudantes mais fiéis e eficientes do duque em sua luta pela vitória. Acho que qualquer britânico leal ficaria orgulhoso de receber o Sr. Trenchard na própria casa.

— Você me enganou, Edmund. E não gosto de ser feita de boba.

Mas o rapaz já tinha ido saudar os recém-chegados. A duquesa olhou para o marido, que estava se divertindo bastante com a irritação dela.

— Não me olhe assim, querida. Não fui eu que os convidei. Foi você. E tem de admitir que ela é bonita.

Pelo menos isso era verdade. Sophia estava mais linda do que nunca.

Não houve tempo de dizer mais nada antes que os Trenchard estivessem diante deles. Anne falou primeiro:

— É muita gentileza da sua parte, duquesa.

— Imagine, Sra. Trenchard. Suponho que vocês têm sido muito gentis com meu sobrinho.

— É sempre um prazer ver lorde Bellasis.

A escolha de Anne fora boa. Ela estava muito digna de seda azul, e Ellis havia encontrado uma renda fina para enfeitar o vestido. Seus diamantes podiam não fazer frente a vários do salão, mas eram perfeitamente respeitáveis.

A duquesa sentiu-se mais calma.

— É difícil para os rapazes, tão longe de casa — disse ela, num tom agradável o bastante.

James vinha lutando com sua certeza de que a duquesa deveria ser chamada de “Sua Graça”. Mesmo que sua esposa tivesse falado e ninguém parecesse ter se ofendido, ele ainda não estava seguro. Abriu a boca...

— Ora, se não é o Mágico. — Richmond sorriu jovialmente. Não foi possível dizer se ficou surpreso por encontrar o comerciante em sua sala de estar. — Você lembra que fizemos alguns planos caso os reservistas fossem chamados às armas?

— Lembro muito bem, Sua... sua programação, quero dizer. Duque.

James disse a última palavra como uma entidade completamente separada, sem ter nada a ver com o resto da conversa. Como se de repente



jogasse uma pedra em um rio calmo. As oscilações de seu comportamento estranho pareceram refrear todos por alguns momentos constrangedores.

Anne assumiu o comando:

— Posso apresentar minha filha, Sophia?

Sophia fez uma reverência para a duquesa, que a olhou de cima a baixo como se estivesse comprando um pernil de veado para o jantar, o que, naturalmente, ela nunca faria. Podia ver que a garota era bonita, e muito graciosa a seu modo, mas um olhar para o pai a lembrou outra vez muito claramente que aquilo estava fora de questão. Temia que a irmã ficasse sabendo desta noite e a acusasse de encorajar isso. Mas Edmund com certeza não estava levando aquilo a sério, não é? Ele era um rapaz sensato e nunca tinha causado nenhum problema.

— Srta. Trenchard, permita-me que eu a conduza ao salão de baile.

Edmund tentou se manter tranquilo ao fazer o convite, mas não conseguiu enganar a tia, que era muito experiente com as coisas do mundo para se distrair com sua ceninha de indiferença. Na verdade, a duquesa ficou desapontada ao ver a moça passar o braço pelo dele e os dois saírem juntos, conversando em sussurros como se já pertencessem um ao outro.

— Major Thomas Harris.

Um rapaz muito bonito fez uma ligeira reverência para os anfitriões quando Edmund disse seu nome.

— Harris! Eu não esperava vê-lo aqui.

— Preciso me divertir um pouco, você sabe — comentou o jovem oficial, sorrindo para Sophia, que riu, como se todos eles estivessem muito confortáveis por fazerem parte do mesmo grupo.

Então Sophia e Edmund caminharam em direção ao salão de baile, observados pela tia ansiosa de Edmund. Eles formavam um belo casal, ela tinha que admitir: a beleza loura de Sophia de alguma forma enfatizada pelos cachos escuros de Edmund e suas feições talhadas, a boca inflexível sorrindo

sobre a covinha no queixo. Ela captou o olhar do marido. Ambos sabiam que a situação estava prestes a fugir de controle. Talvez já tivesse fugido.

— Sr. James e lady Frances Wedderburn-Webster — anunciou o mordomo, e o duque deu um passo à frente para cumprimentar os recém-chegados.

— Lady Frances, como está adorável!

Ele reparou que o olhar preocupado de sua esposa ainda seguia os jovens amantes. Será que ainda havia algo que os Richmond pudessem fazer para contornar o problema? Mas o duque viu a preocupação no rosto da esposa e se inclinou na direção dela.

— Vou conversar com ele mais tarde. Ele vai voltar à razão. Sempre foi sensato.

Ela assentiu. Essa era a coisa certa a fazer. Resolver tudo mais tarde, quando o baile tivesse terminado e a garota ido embora. Houve uma movimentação na porta e a voz do mordomo cantou:

— Sua Alteza Real, o príncipe de Orange.

Um rapaz de aparência agradável se aproximou dos anfitriões, as costas muito eretas, e se lançou numa profunda reverência da corte.

O duque de Wellington não chegou muito antes da meia-noite, mas, quando o fez, estava muito tranquilo. Para intensa alegria de James Trenchard, o duque olhou ao redor do salão e, ao notar o comerciante, se aproximou.

— O que traz o Mágico aqui esta noite?

— Sua Graça nos convidou.

— É mesmo? Bom para você. A noite está sendo agradável até agora?

James assentiu.

— Ah, sim, Sua Graça. Mas há uma boa dose de conversa sobre o avanço de Bonaparte.

— É mesmo? Por Deus! Esta senhora encantadora é a Sra. Trenchard?

Ele era muito controlado, não havia dúvida disso.

Até Anne ficou nervosa ao se dirigir a ele como “duque”.

— A calma de Sua Graça é muito tranquilizadora.

— É assim que deve ser. — Ele riu gentilmente, virando-se para um oficial ali perto. — Ponsonby, você conhece o Mágico?

— Sem dúvida, Sua Graça. Passo boa parte do meu tempo do lado de fora do escritório do Sr. Trenchard, esperando para falar em favor dos meus homens. — Mas estava sorrindo.

— Sra. Trenchard, permita-me lhe apresentar sir William Ponsonby. Ponsonby, esta é a esposa do Mágico.

Ponsonby fez uma ligeira mesura.

— Espero que ele seja mais gentil com a senhora do que é comigo.

Ela sorriu também, mas, antes que pudesse responder, Georgiana, filha dos Richmond, se juntou a eles.

— Há vários rumores correndo pela sala.

Wellington assentiu sabiamente.

— Imagino que sim.

— Mas são verdadeiros?

Era uma garota de boa aparência, Georgiana Lennox, com uma expressão sincera e receptiva, e sua ansiedade só ressaltava a honestidade de sua pergunta e a ameaça que pairava sobre todos eles.

Pela primeira vez, a expressão do duque era quase séria quando ele olhou nos olhos dela.

— Receio que sim, lady Georgiana. Parece que vamos partir amanhã.

— Que terrível!

Ela se virou para ver os casais que giravam pela pista de dança, a maioria dos rapazes com uniformes de gala, enquanto conversavam e riam com suas parceiras. Quantos sobreviveriam à batalha que se aproximava?

— Que fardo pesado o senhor deve carregar. — Anne Trenchard também estava olhando para os homens. Ela suspirou. — Alguns desses

rapazes vão morrer nos próximos dias, e, se quisermos vencer esta guerra, nem mesmo o senhor pode evitar isso. Não o invejo.

Wellington ficou no mínimo agradavelmente surpreso com esse comentário vindo da esposa de seu fornecedor, uma mulher de quem ele mal ouvira falar antes desta noite. Nem todo mundo entendia que não era apenas glória.

— Obrigado por pensar assim, senhora.

Neste momento, eles foram interrompidos pelo som de um grupo com gaitas de foles, e os dançarinos deixaram a pista de dança para dar lugar a uma tropa dos Gordon Highlanders. Este foi o *coup de théâtre* da duquesa, que ela havia implorado a seu oficial superior, citando seu sangue Gordon como justificativa. Uma vez que os Highlanders tinham sido fundados por seu pai falecido vinte anos antes, o comandante não tinha muita chance de recusar, por isso teve o prazer de atender ao pedido da duquesa. A história não registra sua verdadeira opinião sobre ser obrigado a emprestar seus homens para tocar a peça principal de um baile na véspera de uma batalha que decidiria o destino da Europa. De qualquer forma, a apresentação foi um alento para os escoceses presentes e divertida para seus vizinhos ingleses, mas os estrangeiros ficaram nitidamente confusos. Anne Trenchard percebeu que o príncipe de Orange olhou ironicamente para seu ajudante de ordens, revirando os olhos por causa do barulho. Mas os homens começaram a dançar o *reel*, e logo a paixão e o vigor de sua dança superaram os céticos, entusiasmando os convidados até que mesmo os príncipes confusos da velha Alemanha começaram a reagir, vibrando e batendo palmas.

Anne se virou para o marido:

— Parece inacreditável que eles enfrentarão o inimigo antes de o mês acabar.

— O mês? — James deu uma risada amarga. — Está mais para a semana.

Enquanto ele falava, a porta se abriu, e um jovem oficial que não tinha parado para limpar a lama das botas irrompeu no salão, vasculhando-o até

encontrar seu comandante, o príncipe de Orange. Ele fez uma mesura, pegou um envelope, o que imediatamente chamou a atenção de todos os convidados. O príncipe assentiu, parou e depois foi até o duque. Entregou-lhe a mensagem, mas o duque a guardou sem ler em um bolso do colete quando o mordomo anunciou a ceia.

Anne sorriu apesar de seu mau pressentimento.

— Você deve admirar o controle dele. Pode ser uma sentença de morte para o próprio Exército, mas ele prefere se arriscar a demonstrar o menor sinal de preocupação.

James assentiu.

— Ele não se abala facilmente, sem dúvida.

Mas ele notou a esposa franzir a testa. Entre a multidão que se dirigia para a sala de jantar, Sophia ainda caminhava com visconde Bellasis.

Anne lutou para não demonstrar sua impaciência.

— Diga a ela para jantar conosco, ou pelo menos com outra pessoa.

James negou com a cabeça.

— Diga você a ela. Não vou fazer isso.

Anne assentiu e se aproximou do jovem casal.

— Não deixe Sophia monopolizá-lo, lorde Bellasis. O senhor tem muitos amigos no salão que ficariam felizes de poder ter notícias suas.

Mas o rapaz sorriu.

— Não se preocupe, Sra. Trenchard. Estou onde quero estar.

O tom de voz de Anne ficou um pouco mais determinado. Ela bateu na palma da mão esquerda com o leque dobrado.

— Está muito bem, lorde. Mas Sophia tem uma reputação a zelar, e a generosidade de suas atenções podem colocá-la em risco.

Esperar que Sophia ficasse em silêncio era pedir demais.

— Mamãe, não se preocupe. Gostaria que me desse crédito por um pouco de sensatez.

— Eu gostaria de poder fazer isso.

Anne estava perdendo a paciência com sua filha tola, apaixonada e ambiciosa. Mas percebeu alguns dos casais olhando para eles e recuou, para não ser vista discutindo com a filha.

Um pouco contra a vontade do marido, escolheu uma mesa lateral tranquila, sentando-se entre alguns oficiais e suas esposas enquanto observavam os convidados mais importantes. Wellington foi acomodado entre lady Georgiana Lennox e uma criatura encantadora em um vestido de noite azul, com decote, bordado com fios de prata. Naturalmente, ela usava diamantes requintados, e riu de modo diligente, exibindo dentes brancos deslumbrantes, depois olhou para o duque meio que de soslaio, por trás de seus cílios escuros. Era óbvio que lady Georgiana estava achando a competição bastante cansativa.

— Quem é a mulher à direita do duque? — perguntou Anne ao marido.

— Lady Frances Wedderburn-Webster.

— É claro. Ela chegou logo depois de nós. Parece muito confiante no interesse do duque.

— E tem toda a razão de estar.

James deu uma piscadela e Anne olhou ainda mais curiosa para a beldade. Não pela primeira vez, ela se perguntou como a ameaça da guerra, a presença próxima da morte, parecia aumentar as possibilidades da vida. Muitos casais naquela mesma sala estavam arriscando suas reputações e até mesmo a felicidade futura para ter alguma satisfação antes que o chamado às armas os separasse.

Houve uma movimentação na porta do outro lado da sala, e ela olhou nessa direção. O mensageiro que tinham visto antes estava de volta, ainda com suas botas de montaria enlameadas, e mais uma vez se aproximou do príncipe de Orange. Eles conversaram brevemente, depois o príncipe se levantou, atravessou a sala até Wellington, então se inclinou e sussurrou em seu ouvido. A essa altura, a atenção dos convidados tinha sido completamente capturada e o som do burburinho em geral começou a

diminuir. Wellington se levantou. Conversou por um momento com o duque de Richmond e eles já tinham começado a se dirigir para fora da sala, quando Wellington parou. Para espanto dos Trenchard, olhou em volta e foi até a mesa em que estava o casal, para a emoção de todos sentados ali.

— Você. Mágico. Pode vir conosco?

James ficou de pé, abandonando a ceia no mesmo instante. Os outros dois homens eram altos, e ele se parecia um pouco com um bobo da corte gordo entre dois reis... o que ele era mesmo, como Anne foi obrigada a reconhecer.

O homem à sua frente na mesa não conseguiu esconder a admiração:

— Seu marido sem dúvida tem a confiança do duque, senhora.

— Parece que sim.

Mas, para variar, ela realmente sentia muito orgulho dele, o que causava uma sensação agradável.

Quando abriram a porta do quarto de vestir, um camareiro assustado, flagrado pegando uma camisola, ergueu os olhos e se deparou com o comandante em chefe.

— Pode nos deixar a sós por um momento? — perguntou Wellington, e o laçao quase engasgou ao se retirar. — Você tem um bom mapa da área?

Richmond murmurou que sim e, puxando um grande exemplar das prateleiras, abriu-o para mostrar Bruxelas e os campos ao redor. Wellington estava começando a revelar a raiva que tão bem escondera mais cedo na sala de jantar.

— Napoleão me tapeou, por Deus. Orange recebeu uma segunda mensagem, esta do barão Rebecque. Bonaparte subiu a Charleroi para a estrada de Bruxelas e está se aproximando. — Ele se inclinou sobre o mapa. — Dei ordens para o Exército se concentrar em Quatre Bras, mas não vamos detê-lo lá.

— Você consegue. Tem algumas horas antes do amanhecer.

Richmond não acreditava nas próprias palavras mais do que o grão-duque.

— Se eu não conseguir, terei de lutar com ele aqui.

James se esticou para ver o mapa. A ponta do dedo do duque estava sobre uma pequena aldeia chamada Waterloo. Parecia estranhamente irreal que, um minuto depois de comer com tranquilidade sua ceia em um canto qualquer, ele estivesse no quarto de vestir do duque de Richmond, a sós com ele e o comandante em chefe, no centro dos acontecimentos que mudariam a vida de todos.

E então Wellington se dirigiu a ele pela primeira vez desde que tinham chegado ali.

— Vou precisar da sua ajuda, Mágico. Você entende? Vamos primeiro para Quatre Bras e, em seguida, quase certamente, para... — Ele fez uma pausa para verificar o nome no mapa. — Waterloo. Um nome bem estranho para se qualificar para a imortalidade.

— Se alguém pode torná-lo imortal, esse alguém é o senhor, Sua Graça.

Nos valores relativamente simples de James, um pouco de adulação quase nunca era errado.

— Mas você tem informação suficiente?

Wellington era um soldado profissional, não um amador atrapalhado, e James o admirava por isso.

— Tenho. Não se preocupe. Não vai ser por falta de suprimentos que vamos falhar.

Wellington olhou para ele. Quase sorriu.

— Você é um homem brilhante, Trenchard. Deve usar bem seus talentos quando as guerras acabarem. Acredito que tem potencial para ir longe.

— Sua Graça é muito gentil.

— Mas não deve se distrair com as futilidades da sociedade. Você é mais esperto do que isso, ou deveria ser, e vale muito mais do que a maioria dos



pavões que estão no salão de baile. Não se esqueça disso. — Ele pareceu ouvir uma voz lhe dizendo que a hora havia chegado. — Já chega. Devemos nos preparar.

Quando saíram, os convidados já estavam bastante agitados e ficou claro que o boato havia se espalhado. Os cômodos cheios de flores, tão perfumados e elegantes no início da noite, foram tomados por cenas de despedidas angustiantes. Mães e meninas choravam abertamente, agarrando-se a seus filhos e irmãos, maridos e namorados, e abandonando toda a pretensa calma. Para surpresa de James, a banda ainda tocava, e, o que era ainda mais surpreendente, alguns casais continuavam dançando, embora fosse difícil entender como conseguiam fazer isso, rodeados de consternação e tristeza.

Anne seguiu na direção do marido antes que ele a encontrasse no meio da multidão.

— Devemos ir — disse ele. — Preciso ir direto para o depósito. Vou pôr você e Sophia na carruagem e seguirei a pé.

Ela assentiu.

— É a batalha final?

— Quem sabe? Acho que sim. Já nos juramos a cada batalha que era a final durante muitos anos, mas desta vez realmente acredito que seja. Onde está Sophia?

Eles a encontraram no corredor, chorando nos braços de lorde Bellasis. Anne agradeceu que o caos e a confusão que os cercavam ocultavam a loucura e a indiscrição dos dois. Bellasis sussurrou no ouvido de Sophia e depois a entregou à mãe:

— Cuide dela.

— Costumo fazer isso — retrucou Anne, um pouco irritada pela presunção do rapaz.

Mas a tristeza dele pela despedida o protegeu de seu tom. Lançando um último olhar para o objeto de suas afeições, ele correu para fora com um

grupo de colegas oficiais. James tinha recuperado os xales e os agasalhos, e agora eles se viam no meio da multidão, caminhando para a porta. A duquesa não estava à vista. Anne desistiu de procurá-la e resolveu escrever a ela pela manhã, embora desse crédito à duquesa, supondo que ela não estaria muito preocupada com sutilezas sociais num momento como aquele.

Por fim, eles estavam no corredor externo, passando pela porta e, em seguida, do lado de fora, na rua. Havia uma confusão ali também, mas menor do que dentro de casa. Alguns oficiais já estavam montados. Anne observou Bellasis no meio da confusão. Seu criado lhe trouxera o cavalo e o segurou enquanto seu senhor montava. Anne observou quando, por um segundo, Bellasis pareceu vasculhar a multidão em busca de alguém, mas, se a pessoa procurada era Sophia, a menina não reparou. Foi exatamente nesse momento que Anne ouviu um arquejo atrás dela. Sua filha estava olhando para o grupo de soldados abaixo deles.

— O que foi?

Anne não reconheceu nenhum dos homens.

Mas Sophia só conseguiu balançar a cabeça, embora fosse difícil dizer se era por tristeza ou horror.

— Você sabia que ele teria que ir — disse Anne abraçando a filha.

— Não é isso.

Sophia só conseguia olhar fixamente para um grupo de homens uniformizados. Eles começaram a se mover. Ela estremeceu e deixou escapar um soluço que parecia vir do fundo da alma.

— Minha querida, você deve se controlar.

Anne olhou ao redor, tentando se certificar de que não havia testemunhas para este momento.

Sua filha estava além de qualquer controle ou ordem. Ela tremia, como alguém com febre e sudorese, lágrimas escorrendo por seu rosto. Anne assumiu o comando:

— Venha comigo. Depressa. Temos de voltar antes que você seja reconhecida.

Juntos, ela e o marido arrastaram a garota trêmula pelas carruagens enfileiradas à espera, até que encontraram a deles e entraram. James saiu correndo, mas isso foi uma hora antes de o veículo conseguir se afastar das várias carruagens e Anne e Sophia seguirem para casa.



Sophia não saiu do quarto no dia seguinte, mas não importava, pois toda Bruxelas estava em estado de tensão e ninguém notou sua ausência. Será que a invasão varreria a cidade? Todas as jovens corriam perigo? Os cidadãos estavam arrasados. Deveriam ter esperança de vitória e enterrar seus objetos de valor para guardá-los para as tropas quando voltassem, ou seriam derrotados e deveriam fugir? Anne passou a maior parte do dia em contemplação e oração. James não tinha voltado para casa. Seu criado fora para o depósito levando uma muda de roupa e uma cesta de alimentos, embora ela quase tivesse sorrido diante da loucura de enviar provisões ao maior fornecedor de provisões que conhecia.

Em seguida, as notícias do combate em Quatre Bras começaram a se espalhar. O duque de Brunswick fora morto, baleado no coração. Anne pensou no homem moreno, de beleza selvagem, que ela vira dançando com a duquesa na noite anterior. Haveria mais notícias como essa antes que tudo acabasse. Ela olhou ao redor da sala de estar da sua casa alugada. Era boa o suficiente: um pouco grande para seu gosto, não grande o suficiente para James, com móveis escuros e cortinas de seda moiré branca com acabamento drapeado e sanefa franjada. Ela pegou seu bordado e o largou de novo. Como poderia costurar quando, a poucos quilômetros dali, homens que ela conhecia estavam lutando pela vida de todos? Fez o mesmo com um livro. Mas nem conseguia fingir se concentrar em uma história fictícia, quando um

conto tão selvagem estava acontecendo perto o suficiente para que eles ouvissem o barulho dos canhões. Seu filho Oliver entrou e se jogou em uma cadeira.

— Por que não está na escola?

— Eles nos mandaram para casa. — Ela assentiu. Claro que sim. Os professores deviam estar fazendo os próprios planos de fuga. — Alguma notícia do meu pai?

— Não, mas ele não está em perigo.

— Por que Sophia está na cama?

— Ela não está se sentindo bem.

— É por causa de lorde Bellasis?

Anne olhou para ele. Como o rapaz sabia dessas coisas? Ele tinha dezesseis anos. Nunca estivera em nada que pudesse ser remotamente chamado de sociedade.

— Claro que não — disse ela.

Mas o garoto apenas sorriu.



Anne só voltou a ver o marido na terça-feira de manhã. Ela estava tomando café no quarto, apesar de já ter saído da cama e se vestido, quando ele abriu a porta, parecendo que havia estado no meio da lama e da poeira do campo de batalha. A saudação dela foi bastante simples.

— Graças a Deus — disse.

— Conseguimos. Napoleão está fugindo. Mas nem todos estão seguros.

— Imagino que não, pobres almas.

— O duque de Brunswick morreu.

— Eu soube.

— Lorde Hay, sir William Ponsonby...

— Ah. — Ela se lembrou do homem de sorriso gentil que a provocara sobre a firmeza do marido. — Que triste. Ouvi dizer que alguns deles morreram ainda usando os uniformes de gala do baile.

— É verdade.

— Devemos orar por eles. Sinto que nossa presença lá naquela noite faz com que tenhamos algum tipo de conexão com todos eles, coitados.

— De fato. Mas há outra vítima com a qual você não terá que imaginar uma ligação. — Ela olhou para ele na expectativa. — Visconde Bellasis foi morto.

— Ah, não. — Ela levou a mão ao rosto. — Eles têm certeza?

O estômago de Anne se revirou. Por quê, exatamente? Era difícil dizer. Será que ela acreditava que havia uma chance de que Sophia tivesse razão e agora a grande oportunidade da filha estava perdida? Não. Ela sabia que era uma fantasia, mas ainda assim... Que terrível.

— Fui lá ontem. No campo de batalha. Foi uma visão horrível.

— Por que você foi?

— Negócios. Por que sempre faço o que quer se seja? — Ele se arrependeu do seu tom de voz cáustico. — Ouvi dizer que Bellasis estava na lista de vítimas e pedi para ver o corpo. Era ele, então, sim, tenho certeza. Como está Sophia?

— Uma sombra de si mesma desde o baile, sem dúvida temendo a notícia que agora temos de dar a ela. — Anne suspirou. — Acho que devemos lhe contar antes que ela ouça de outra pessoa.

— Vou falar com ela.

Anne ficou surpresa. Este não era o tipo de tarefa para a qual James costumava se oferecer.

— Acho que devo ser eu a dizer. Sou a mãe.

— Não. Eu vou contar. Você pode encontrá-la depois. Onde ela está?

— No jardim.

Ele saiu enquanto Anne ponderava sobre sua conversa. Então era assim que a loucura de Sophia ia terminar: não em escândalo, felizmente, mas em tristeza. A garota tivera seus sonhos e James a encorajara, mas agora virariam pó. Eles nunca saberiam se Sophia estava certa, e Bellasis tinha planos honrosos, ou se ela, Anne, é que tinha razão e Sophia não passara de uma boneca encantadora com a qual brincara enquanto ele estava em Bruxelas. Ela foi se sentar junto à janela. O jardim abaixo fora planejado no modo formal que ainda era admirado na Holanda, apesar de já ter sido abandonado pelos ingleses. Ao lado de um caminho de cascalho, Sophia estava sentada num banco, com um livro fechado a seu lado, no momento em que o pai saiu da casa para ir até ela. James falava enquanto se aproximava e se sentava ao lado da filha, pegando sua mão. Anne se perguntou que palavras ele escolheria. Parecia que ele não seria apressado por nada, e falou por um tempo, muito gentilmente, antes de Sophia de repente se encolher como se tivesse sido atingida. Com isso, James a tomou em seus braços e ela começou a chorar. Anne poderia ao menos ficar feliz por seu marido ter sido tão amável como sabia ser ao dar a terrível notícia.

Mais tarde, Anne se perguntaria como podia ter tanta certeza de que esse era o fim da história de Sophia. Mas então, como disse a si mesma, quem saberia melhor do que ela que olhar para trás oferece um prisma que muda tudo? Ela se levantou. Era hora de descer e confortar a filha, que tinha acordado de uma bela fantasia em um mundo cruel.

## Capítulo 2

### *Um encontro casual*



1841. A carruagem parou. Não parecia ter se passado um instante desde que ela partira. Mas de qualquer forma não valia a pena tomar uma carruagem para fazer a viagem da Eaton Square até a Belgrave Square, e, se ela tivesse podido escolher, teria ido a pé. É claro que, em tais assuntos, não havia escolha. Nunca. Um instante depois, o condutor saltou e a porta foi aberta. Ele estendeu o braço para que ela se apoiasse enquanto descia os degraus. Anne respirou fundo para se acalmar e se levantou. A casa que a esperava era do tipo clássico e esplêndido, parecia um bolo de casamento, e tinha passado os últimos vinte anos sendo construída na recém-batizada Belgravia, mas continha poucos segredos para Anne Trenchard. Seu marido passara o último quarto de século construindo esses palácios particulares em praças e avenidas, abrigando os ricos da Inglaterra do século XIX, trabalhando com os irmãos Cubitt e fazendo a própria fortuna com esse negócio.

Duas mulheres foram admitidas na casa à frente dela, e o laçao ficou esperando com expectativa, segurando a porta aberta. Não havia nada a fazer senão subir os degraus e entrar no hall cavernoso, onde uma criada aguardava para tirar seu xale, mas Anne manteve a capota firme no lugar. Ela havia crescido acostumada a ser entretida por pessoas que mal conhecia, e hoje não seria exceção. O sogro de sua anfitriã, o falecido duque de Bedford, tinha sido cliente dos Cubitt, e seu marido, James, fizera muitos trabalhos na Russell Square e na Tavistock Square para ele. Naturalmente, agora James gostava de se apresentar como um cavalheiro que só estava nos escritórios dos Cubitt por acaso, e às vezes era verdade. Ele fora bem-sucedido em tornar o duque e seu filho, lorde Tavistock, seus amigos, ou pelo menos conhecidos amigáveis. Nesse ínterim, a esposa do duque, lady Tavistock,



sempre fora uma figura superior ao fundo, levando outra vida como uma das damas de companhia da jovem rainha, e ela e Anne mal tinham trocado mais do que algumas palavras sociáveis ao longo dos anos, porém, na mente de James, isso era o suficiente para que a relação se desenvolvesse. Quando o velho duque morreu e o novo duque quis a ajuda de James para desenvolver ainda mais as terras londrinas dos Russell, James sugerira que Anne poderia gostar de experimentar o muito falado e inovador “chá da tarde” da duquesa, e um convite logo chegou.

Não que Anne Trenchard desaprovasse exatamente o alpinismo social de seu marido. Tinha se acostumado a essa ascensão, de qualquer forma. Via o prazer que isso provocava em James — ou melhor, o prazer que ele achava que provocava —, e ela não se ressentia dele por seus sonhos. Apenas não os compartilhava, agora nem um pouco mais do que em Bruxelas quase trinta anos antes. Ela sabia muito bem que as mulheres que a acolhiam em suas casas faziam isso sob ordens dos maridos, e que essas ordens eram dadas se James pudesse lhes ser útil. Após emitir esses preciosos cartões para bailes, almoços, jantares e agora o novo “chá”, aproveitavam-se da gratidão de James, até que ficou claro para Anne — se não para o marido —, que eles o dominavam se utilizando do esnobismo. Seu marido tinha passado as rédeas para as mãos de homens que não se importavam com ele, apenas com os lucros a que ele poderia levá-los a conseguir. O papel de Anne em tudo isso era trocar de roupa quatro ou cinco vezes por dia, sentar-se em grandes salas de estar com mulheres pouco receptivas e voltar para casa. Ela havia se acostumado a este estilo de vida. Não ficava mais nervosa com os lacaios ou com o luxo que parecia maior a cada ano, porém tampouco se impressionava. Via esta vida como o que de fato era: uma forma diferente de fazer as coisas. Com um suspiro, subiu a grande escadaria com corrimão dourado, debaixo de um retrato de corpo inteiro de sua anfitriã, à moda da Regência, pintado por Thomas Lawrence. Anne se perguntou se a imagem

era uma cópia feita para impressionar seus visitantes de Londres, enquanto o original permanecia guardado em Woburn.

Ela chegou ao patamar e seguiu para outra sala de estar previsivelmente grande, forrada por um adamascado azul-claro, com o pé-direito alto e portas douradas. Havia muitas mulheres sentadas em cadeiras, sofás e otomanas, equilibrando pratos e xícaras e muitas vezes perdendo o controle de ambos. Poucos cavalheiros, com trajes impecáveis e claramente sujeitos que viviam para aproveitar os prazeres da vida, estavam sentados entre as mulheres, fofocando. Um deles ergueu os olhos quando Anne entrou, registrando sua presença, mas ela viu uma cadeira vazia à margem do grupo e se dirigiu até lá. No caminho, passou por uma senhora que se apressava em ajeitar um prato de sanduíche, que Anne pegou assim que escorregou por suas saias volumosas. A senhora sorriu.

— Bem na hora. — Ela deu uma mordida. — Não que eu não aprecie uma refeição leve de bolos e chá enquanto aguardo a hora do jantar, mas por que não podemos nos sentar a uma mesa?

Anne tinha chegado a sua cadeira e, dada a abertura relativamente amigável de sua interlocutora, considerou-se bem-vinda a se sentar ali.

— Acho que o importante é que não estamos presos. Todos nós podemos nos mover e falar com quem quisermos.

— Bem, eu gosto de falar com você.

Sua anfitriã particularmente ansiosa se aproximou correndo.

— Sra. Trenchard, que gentileza sua ter vindo.

Ela não soava como se esperasse que Anne ficasse muito tempo, mas, pelo menos para Anne, isso não era ruim.

— Estou encantada de estar aqui.

— Você não vai nos apresentar?

Quem disse isso foi a senhora que Anne tinha ajudado, mas a duquesa demonstrou relutância em assumir suas funções. Então, com um sorriso, percebeu que tinha que fazer isso.

— Deixe-me apresentar a Sra. James Trenchard. — Anne assentiu e esperou. — A duquesa viúva de Richmond. — Ela disse o nome com grande objetividade, como se isso devesse suscitar uma conjectura razoável para que o assunto fosse encerrado.

Houve um silêncio. Ela olhou para Anne esperando uma reação adequada e constrangida, mas o nome lhe provocara um choque, se é que uma pontada de nostalgia e tristeza podia ser chamada de choque. Antes que Anne pudesse fazer qualquer observação para que tudo voltasse ao normal, sua anfitriã continuou:

— Agora deixe-me apresentá-la à Sra. Carver e à Sra. Shute.

Claramente ela encurralaria senhoras de menor evidência que queria manter afastadas do círculo dos grandes e bons. Mas a velha senhora não ia aceitar isso.

— Não a leve daqui ainda. Conheço a Sra. Trenchard — afirmou a velha senhora, contorcendo suas feições em concentração, enquanto observava o rosto à sua frente.

Anne assentiu.

— Tem uma memória incrível, duquesa. Embora eu achasse que tivesse mudado muito para ser reconhecida, a senhora está certa. Nós nos conhecemos. Compareci ao seu baile. Em Bruxelas, antes de Waterloo.

A duquesa de Bedford ficou surpresa.

— Foi ao famoso baile, Sra. Trenchard?

— Fui.

— Mas achei que só recentemente... — Ela se conteve na hora certa. — Preciso ver se todos estão sendo bem servidos. Por favor, me deem licença.

Ela saiu correndo, deixando as outras duas se observando com mais atenção.

Por fim, a velha duquesa falou:

— Lembro-me bem da senhora.

— Fico impressionada com sua memória.

— Claro, nós realmente não nos conhecíamos, não é?

No rosto enrugado diante dela, Anne ainda conseguia ver os traços da rainha de Bruxelas, que ordenava as coisas como bem entendesse.

— Não, nós não nos conhecíamos. Meu marido e eu insistimos, e foi muita gentileza termos sido convidados.

— Eu me lembro. Meu falecido sobrinho estava apaixonado por sua filha.

Anne assentiu.

— Talvez estivesse. Ela, pelo menos, estava apaixonada por ele.

— Não, acho que ele estava, sim. Sem dúvida, eu achava isso na época. O duque e eu tivemos uma grande discussão por causa desse assunto, ao fim do baile.

— Tenho certeza que sim.

As duas sabiam sobre o que estavam falando, mas qual o sentido de remexer naquilo agora?

— Devemos mudar de assunto. Minha irmã está ali. Isso vai perturbá-la, mesmo depois de tantos anos. — Anne olhou para o outro lado da sala e reparou numa mulher imponente, em um vestido de renda violeta sobre seda cinza, que não parecia muito mais velha que a própria Anne. — Há menos de dez anos de diferença entre nós, o que é surpreendente, eu sei.

— Alguma vez a senhora contou a ela sobre Sophia?

— Tudo isso foi há muito tempo. Que importância tem agora? Nossas preocupações morreram com ele. — Ela fez uma pausa, percebendo que havia se entregado. — Onde está sua bela filha agora? Para você ver, lembro que era linda. O que aconteceu com ela?

Anne estremeceu por dentro. Aquilo ainda machucava.

— Como lorde Bellasis, Sophia morreu. — Ela sempre usava um tom brusco e eficiente para transmitir esta informação, numa tentativa de evitar o sentimentalismo que suas palavras normalmente provocavam. — Não muitos meses depois do baile.

— Então, ela nunca se casou?

— Não. Nunca se casou.

— Sinto muito. Curiosamente, me lembro dela com clareza. Você tem outros filhos?

— Ah, sim. Um filho, Oliver, mas... — Foi a vez de Anne se entregar.

— Sophia era sua favorita.

Anne suspirou. Nunca ficava mais fácil, não importava quantos anos se passassem.

— Sei que sempre devemos nos convencer de que amamos todos os nossos filhos igualmente, mas acho difícil.

A duquesa gargalhou.

— Eu nem tento. Gosto muito de alguns dos meus filhos, tenho relações razoavelmente boas com a maioria dos demais, mas há dois de quem de fato não gosto.

— Quantos são?

— Quatorze.

Anne sorriu.

— Céus. Então o ducado de Richmond está seguro.

A velha duquesa riu de novo, depois pegou a mão de Anne e a apertou. Curiosamente, Anne não guardava ressentimentos. Ambas tinham desempenhado um papel, de acordo com as próprias crenças, nessa história do passado.

— Lembro-me de algumas das suas filhas naquela noite. Uma delas parecia ser a grande favorita do duque de Wellington.

— Ainda é. Georgiana. Ela é a lady de Ros agora, mas, se ele já não fosse casado, duvido que teria chance. Tenho que ir. Estou aqui há muito tempo e vou pagar por isso. — Levantou-se com certa dificuldade, apoiando-se na bengala. — Gostei da nossa conversa, Sra. Trenchard, me trouxe uma boa lembrança de tempos mais emocionantes. Mas suponho que esta seja a vantagem do chá. Podemos partir quando quisermos.

Mas ela ainda tinha algo a dizer antes de sair:

— Desejo o bem a você e sua família, minha querida. Independentemente do lado em que tenhamos estado antes.

— O mesmo para a senhora, duquesa.

Anne se levantou e ficou observando a nobre anciã andar cuidadosamente até a porta. Ela olhou ao redor. Havia mulheres que conhecia, algumas das quais acenaram com a cabeça em sua direção num ato de educação, mas Anne também sabia do interesse delas e não tentou tirar proveito disso. Sorriu de volta sem fazer qualquer movimento para se juntar a elas. A grande sala de estar desembocava em uma menor, revestida de adamascado cinza-claro, e além dela, havia uma galeria, ou melhor, um espaço para a exibição de quadros. Anne foi até lá, admirando as pinturas em exposição. Havia um belo Turner pendurado sobre a lareira de mármore. Perguntava-se displicentemente quanto tempo devia ficar quando uma voz a assustou.

— A senhora tinha muito a dizer a minha irmã.

Ela se virou e viu a mulher que a duquesa indicara como a mãe de lorde Bellasis. Anne se perguntou se a mulher tinha se preparado para este momento. Provavelmente. A condessa de Brockenhurst estava parada, segurando uma xícara de chá sobre um pires combinando.

— E agora acho que sei por quê. Nossa anfitriã me disse que a senhora esteve no famoso baile.

— Estive, lady Brockenhurst.

— Então tem essa vantagem sobre mim.

Lady Brockenhurst se encaminhou para um grupo de cadeiras vazias perto de uma grande janela com vista para o jardim da Belgrave Square. Anne viu uma babá com duas crianças brincando serenamente no gramado central.

— Vai me dizer seu nome, já que não há ninguém aqui para nos apresentar?

— Sou a Sra. Trenchard. Sra. James Trenchard.

A condessa olhou para ela.

— Então eu estava certa. É a senhora.

— Fico lisonjeada que tenha ouvido falar de mim.

— Sem dúvida ouvi. — Ela não deu nenhuma pista sobre isso ser uma coisa boa ou ruim. Um laçao chegou com uma bandeja de pequenos sanduíches de ovo. — Acho que são muito deliciosos para resistir — disse lady Brockenhurst ao pegar três deles e um pequeno prato para apoiá-los. — Acho estranho comer a esta hora, a senhora não acha? Acredito que ainda vamos querer jantar. — Anne sorriu, mas não disse nada. Tinha a sensação de que estava prestes a ser interrogada, e não estava errada. — Conte-me sobre o baile.

— Certamente a senhora já conversou o suficiente sobre isso com a duquesa.

Mas lady Brockenhurst não desviaria do assunto.

— Por que estava em Bruxelas? Como conheceu minha irmã e o marido dela?

— Não os conhecemos. Não éramos próximos, pelo menos. O Sr. Trenchard era o chefe de suprimentos do duque de Wellington. Meu marido conhecia superficialmente o duque de Richmond, por conta de seu posto de Chefe de Defesa de Bruxelas, mas era só isso.

— Perdoe-me, minha cara, mas isso não explica sua presença na recepção da esposa do duque.

Estava claro que a condessa de Brockenhurst tinha sido uma mulher muito bonita, quando seu cabelo grisalho ainda era louro e sua pele enrugada era lisa. Tinha um rosto felino, com traços miúdos, vívidos, definidos e alertas, a boca como um arco de cupido e um jeito de falar afiado, *pizzicato*, que na juventude deve ter sido muito encantador. Não era diferente da irmã e tinha o mesmo ar arrogante, mas havia certa tristeza por trás de seus olhos azul-cinzentos, que faziam com que fosse ao mesmo tempo mais simpática e

ainda mais distante do que a duquesa de Richmond. Anne, é claro, sabia o motivo de sua tristeza, mas estava naturalmente relutante em se referir a ele.

— Estou curiosa. Sempre ouvi falar dos senhores como o fornecedor de provisões do duque de Wellington e sua esposa. Ao vê-la aqui, fiquei me perguntando se estava mal informada e suas condições eram bem diferentes da versão que me contaram.

Isso foi grosseiro e insultante, e Anne tinha plena consciência de que deveria ficar ofendida. Qualquer outra pessoa teria ficado. Mas será que lady Brockenhurst estava errada?

— Não. O relatado foi preciso o suficiente. Foi estranho estarmos entre os convidados daquela noite em 1815, mas nossa vida mudou nesse meio-tempo. As coisas têm ido bem para o Sr. Trenchard desde o fim da guerra.

— Obviamente. Ele ainda fornece alimentos para os clientes? Deve ser muito bom nisso.

Anne não tinha certeza de quanto mais era esperado que ela aturasse.

— Não, ele deixou de fazer isso e iniciou uma parceria com o Sr. Cubitt e seu irmão. Quando voltamos de Bruxelas, depois da batalha, os Cubitt estavam precisando de investidores, e o Sr. Trenchard decidiu ajudá-los.

— O grande Sr. Thomas Cubitt? Céus. Presumo que ele já não fosse mais carpinteiro naval nessa época?

Anne decidiu deixar o assunto se estender.

— Ele estava se desenvolvendo na época e, com o irmão, William, levantava fundos para construir a London Institution em Finsbury Circus, quando conheceram o Sr. Trenchard. Ele se ofereceu para ajudar, e os três começaram a trabalhar juntos.

— Lembro-me de quando abriu. Achamos magnífico. — Ela estava sorrindo? Era difícil dizer se lady Brockenhurst estava realmente impressionada ou se de algum modo brincava com Anne para o próprio divertimento.

— Depois disso, trabalharam juntos na nova Tavistock Square...



— Para o sogro de nossa anfitriã.

— Havia alguns investidores, como de costume, mas o falecido duque de Bedford era o principal, sim.

Lady Brockenhurst assentiu.

— Lembro bem que foi um grande sucesso. E então suponho que o próximo passo tenha sido Belgravia, onde negociaram com o marquês de Westminster, que deve ser mais rico que Creso, graças aos Cubitt e, agora entendo, ao seu marido. As coisas têm andado muito bem para vocês. Imagino que esteja cansada de casas como esta. Claramente o Sr. Trenchard foi o responsável por muitas delas.

— É bom ver os lugares habitados, sem os andaimes e a poeira.

Anne estava tentando tornar a conversa mais normal; no entanto, lady Brockenhurst não estava comprando nada disso.

— Que história! — disse ela. — Você é uma pessoa da Nova Era, Sra. Trenchard. — Ela riu por um momento e, em seguida, pareceu ter se lembrado. — Espero que não a tenha ofendido.

— Nem um pouco.

Anne tinha plena consciência de que estava sendo provocada, presumivelmente porque lady Brockenhurst sabia tudo sobre o flerte de seu filho com Sophia. Não poderia haver outra razão. Anne decidiu ser clara e pegar sua interrogadora desprevenida.

— Mas a senhora está certa. Os triunfos posteriores do Sr. Trenchard não explicam nossa presença no baile daquela noite. A um fornecedor de provisões do Exército não se costuma dar a oportunidade de ver seu nome escrito no convite para o baile de uma duquesa, mas tínhamos caído nas graças de um dos favoritos de sua irmã, e ele conseguiu que fôssemos convidados. Parece despuadorado, mas uma cidade prestes a entrar em guerra não é governada pelas mesmas regras que uma sala de estar de Mayfair em tempos de paz.

— Tenho certeza que não. Quem era esse favorito? Será que o conheci?

Anne estava quase aliviada por terem enfim chegado aonde queria. Mesmo assim, ainda não tinha certeza de como lidar com isso.

— Vamos, Sra. Trenchard, não seja tímida. Por favor.

Não havia sentido em mentir, uma vez que lady Brockenhurst estava plenamente consciente do que Anne ia dizer.

— A senhora o conhecia muito bem. Era lorde Bellasis.

O nome pairou no ar entre elas como um punhal fantasmagórico em uma fábula. Não se podia dizer que lady Brockenhurst tinha perdido a compostura, pois ela não a perderia antes que desse seu último suspiro, mas não estava preparada para ouvir o nome dele sendo pronunciado em voz alta por aquela mulher a quem conhecia tão bem em sua imaginação, mas não pessoalmente. Ela precisou de um instante para recuperar o fôlego. Houve um silêncio enquanto ela tomava lentamente um gole de chá. Anne sentiu uma súbita onda de compaixão por aquela mulher triste e fria, tão inflexível consigo mesma quanto com qualquer pessoa.

— Lady Brockenhurst...

— A senhora conhecia bem o meu filho?

Anne assentiu.

— Na verdade...

Neste momento a anfitriã chegou.

— Sra. Trenchard, a senhora gostaria...

— Perdoe-me, minha cara, mas a Sra. Trenchard e eu estamos conversando.

A dispensa não poderia ter sido mais incisiva se a duquesa fosse uma criada impertinente ainda limpando as cinzas da lareira quando a família voltava à sala após o jantar. Sem uma palavra, ela simplesmente assentiu e se retirou. Lady Brockenhurst esperou até que estivessem sozinhas outra vez.

— Você estava dizendo...?

— Apenas que minha filha conhecia lorde Bellasis melhor do que nós. Bruxelas era como uma incubadora naquela época, repleta de jovens oficiais

e filhas de muitos dos comandantes mais velhos. Assim como de homens e mulheres de Londres que tinham ido se divertir.

— Como minha irmã e seu marido.

— Exatamente. Pensando agora naquela época, suponho que houvesse uma sensação de que ninguém sabia o que estava por vir: o triunfo de Napoleão, a escravização da Inglaterra, ou o inverso e uma vitória britânica. Parece errado, mas a incerteza criou um clima inebriante e emocionante.

A outra mulher assentia enquanto ela falava.

— E, sobretudo, devia pairar no ar o conhecimento de que alguns daqueles rapazes bonitos, sorridentes, que eram saudados nos desfiles, tomavam vinho em piqueniques ou dançavam valsas com as filhas dos oficiais, não voltariam para casa. — O tom de lady Brockenhurst era regular, mas um ligeiro tremor em sua voz revelou sua emoção.

Anne entendia muito bem.

— Sim.

— Acho que elas gostaram. Quero dizer, as moças que estavam lá, como sua filha. O perigo, o glamour; porque o perigo é glamouroso quando se é jovem. Onde ela está agora?

De novo. Duas vezes na mesma tarde.

— Sophia morreu.

Lady Brockenhurst engasgou.

— *Disso* eu não sabia — disse ela, confirmando que tinha conhecimento de todo o resto.

Obviamente ela e a duquesa de Richmond haviam discutido toda a história inúmeras vezes, pelo que Anne sabia, o que explicava seu comportamento até aquele momento.

Anne assentiu.

— Foi logo depois da batalha, menos de um ano, na verdade, já faz muito tempo.

— Sinto muito. — Pela primeira vez lady Brockenhurst falou com um tom de voz que parecia expressar uma cordialidade genuína. — Todo mundo sempre diz saber pelo que você está passando, mas eu é que sei. E sei que nunca passa.

Anne olhou para ela, para aquela matrona arrogante que tinha despendido tanto esforço colocando Anne em seu lugar. Que trouxera consigo muita raiva ao entrar na sala. E, no entanto, a informação de que também tinha perdido uma filha, de que estava morta a menina má das rumações amargas de lady Brockenhurst, de algum modo mudara as coisas entre elas. Anne sorriu.

— Estranhamente, acho isso reconfortante. Dizem que “o sofrimento adora companhia”, o que talvez seja verdade.

— E você se lembra de ter visto Edmund no baile? — perguntou Lady Brockenhurst, que abria mão da raiva, demonstrando que seu desejo por ouvir algo sobre o filho perdido era quase desconfortável.

A questão poderia ser respondida com sinceridade.

— Eu me lembro muito bem. E não apenas no baile. Ele ia à nossa casa com outros jovens. Era muito popular. Tão charmoso, bonito e engraçado quanto poderia ser...

— Ah, sim. Tudo isso e muito mais.

— Você tem outros filhos? — Assim que disse isso, Anne quis arrancar a própria língua. Ela lembrava muito bem que Bellasis fora filho único. Ele falara muitas vezes. — Sinto muito. Lembro que não. Por favor, me perdoe.

— Você está certa. Quando todos partirmos, não restará nada de nós. — Lady Brockenhurst alisou a seda de sua saia, olhando para a lareira vazia. — Nenhum vestígio.

Por um segundo, Anne pensou que lady Brockenhurst fosse chorar, mas ela decidiu continuar mesmo assim. Por que não confortar essa mãe em luto, se pudesse? Que mal faria?

— Você deve ter muito orgulho de lorde Bellasis. Ele era um rapaz excelente, e gostávamos muito dele. Às vezes, nós oferecíamos um pequeno baile, com seis ou sete casais, e eu tocava piano. Parece estranho dizer isso agora, mas os dias que antecederam a batalha foram felizes. Pelo menos para mim.

— Tenho certeza que sim. — Lady Brockenhurst se levantou. — Estou indo agora, Sra. Trenchard. Mas gostei da nossa conversa. Bem mais do que eu esperava.

— Quem lhe disse que eu estaria aqui?

Anne olhou com tranquilidade para ela. Lady Brockenhurst balançou a cabeça.

— Ninguém. Perguntei a nossa anfitriã quem estava conversando com minha irmã, e ela me disse seu nome. Fiquei curiosa. Falei *sobre* você e sua filha tantas vezes que pareceu uma vergonha perder a chance de falar *com* você. Mas, de qualquer modo, agora vejo que eu estava errada. No mínimo, foi um prazer falar sobre Edmund com alguém que o conheceu. Você me fez sentir como se o visse novamente, dançando, flertando e se divertindo em suas últimas horas, e gosto de pensar nisso. Vou pensar nisso, *sim*. Então, obrigada.

Ela deslizou por entre os grupos que conversavam, imponente em seu caminho, as cores do meio-luto movendo-se entre a multidão alegre e brilhante.

Vendo que ela havia ido embora, a duquesa de Bedford voltou.

— Céus. Devo dizer que eu não precisava me preocupar com a senhora, Sra. Trenchard. Claramente está entre amigos.

Suas palavras foram mais amáveis que seu tom.

— Não amigos, exatamente, mas temos lembranças em comum. E agora também preciso ir. Estou muito feliz por ter vindo. Obrigada.

— Venha de novo. E da próxima vez poderá me contar tudo sobre o famoso baile antes da batalha.

Mas Anne estava consciente de que, de alguma forma, discutir aquela noite de tanto tempo atrás com alguém que não tinha envolvimento com ela não seria do seu gosto. Tinha sido catártico falar disso com a velha duquesa, e mesmo com sua irmã mais severa, pois ambas tinham ligações com aquela noite. Mas não a analisaria com uma estranha. Dez minutos depois, estava em sua carruagem.



A Eaton Square podia ser maior que a Belgrave Square, mas as casas eram bem menos grandiosas, e James, embora estivesse determinado a ocupar uma das esplêndidas construções na Belgrave Square, cedeu aos desejos da esposa e se contentou com algo um pouco menor. Dito isso, as casas na Eaton Square eram grandes o suficiente, e Anne não estava infeliz lá. Na verdade, gostava e havia trabalhado muito para tornar bonitos e agradáveis os cômodos, mesmo que não fossem tão imponentes quanto os que James teria escolhido.

— Gosto do esplendor — costumava dizer ele, mas era um gosto que Anne não compartilhava.

Ainda assim, ela atravessou o hall de entrada frio e cinzento, sorrindo para o laçao que abrira a porta para ela, e seguiu até a escada, sem qualquer sensação de resistir a seus arredores.

— O senhor está em casa? — perguntou ao homem, mas não, parecia que James ainda não tinha voltado.

Ele provavelmente chegaria apressado, apenas a tempo de se trocar, e ela teria que deixar sua conversa para o fim da noite. Pois devia haver uma conversa.

Jantaram apenas com o filho, Oliver, e a esposa dele, Susan, que moravam com eles, e a noite transcorreu com bastante tranquilidade. Ela lhes contou sobre o chá da duquesa de Bedford enquanto estavam sentados na

grande sala de jantar no térreo. Um mordomo de quarenta e tantos anos, Turton, os serviu com a ajuda de dois lacaios, o que, para Anne, pareceu bastante excessivo para um jantar de família de quatro pessoas, mas era como James gostava que as coisas fossem feitas, e ela realmente não se importava. Era uma sala agradável, embora um pouco fria, enobrecida por colunas em uma extremidade, separando o aparador do restante da sala. Havia uma bela lareira de mármore de Carrara e, acima dela, um retrato de seu marido pintado por David Wilkie, do qual James tinha orgulho, mesmo que o próprio Wilkie talvez não tivesse. Fora pintado um ano antes de ele produzir a famosa imagem da jovem rainha em sua primeira reunião do Conselho, o que James tinha certeza que aumentara o preço de Wilkie. Dito isto, ele não exibia sua melhor aparência. A dachshund de Anne, Agnes, estava sentada ao lado da cadeira da dona, os olhos erguidos, otimistas. Anne passou para ela um pequeno pedaço de carne.

— Assim você a incentiva a pedir — disse James.

Mas ela não se importava.

Sua nora, Susan, estava reclamando. A situação era tão comum que ficava difícil se concentrar, e Anne teve que se forçar a ouvir a ladainha aflita desta noite. O problema parecia ser o fato de ela não ter sido levada ao chá da duquesa de Bedford.

— Mas você não foi convidada — disse Anne, bastante razoável.

— Que diferença isso faz? — Susan estava quase chorando. — As mulheres por toda Londres respondem dizendo que têm o prazer de aceitar e que vão levar suas filhas.

— Você não é minha filha.

Assim que disse isso, Anne soube que fora um erro, pois estava dando de bandeja uma superioridade moral a Susan. O lábio da garota tremeu. Do outro lado da mesa, seu filho pousou ruidosamente a faca e o garfo.

— Ela é sua *nora*, o que significaria o mesmo que filha em qualquer outra casa. — Havia uma severidade na voz de Oliver, que ganhava mais destaque

quando ele estava irritado, e estava no momento.

— Claro. — Anne virou-se para se servir de mais molho, deliberadamente trazendo as coisas de volta ao normal. — Só acho que não faria sentido eu levar alguém, quem quer que fosse, à casa de uma mulher que mal conheço.

— Uma duquesa que você mal conhece e que eu não conheço de jeito nenhum.

Aparentemente, Susan tinha se recuperado. O bastante para defender seu espaço, pelo menos. Anne olhou para os rostos inexpressivos dos criados. Eles logo estariam se divertindo com isso no andar de baixo, mas, profissionais que eram, não passaram nenhuma impressão de que tinham escutado a conversa.

— Não vi você no escritório hoje, Oliver.

Felizmente, assim como Anne, James achava a esposa do filho cansativa, embora ele e Susan compartilhassem tantas ambições no que dizia respeito ao *beau monde*.

— Eu não estava lá.

— Por que não?

— Fui inspecionar o trabalho na Chapel Street. Acho que as casas que fizemos ficaram muito pequenas. Não obtivemos um bom lucro?

Anne olhou para o marido. Por mais equivocado que James pudesse ser quando ofuscado pelo brilho da alta sociedade, ele certamente conhecia seu negócio.

— Quando você desenvolve uma área, como temos feito, deve construir para todos. Não pode haver apenas palácios. Você deve abrigar as pessoas que trabalham para os príncipes que moram nos palácios. Seus administradores, gerentes e criados de níveis superiores. E deve haver uma cavaliça para suas carruagens e seus cocheiros. Todos eles ocupam espaço, mas é um espaço bem utilizado.

A voz insolente de Susan voltou à discussão.



— Você pensou melhor sobre onde devemos morar, papai?

Anne observou a nora. Era uma mulher de boa aparência, sem dúvida, com pele clara, olhos verdes e cabelo castanho-avermelhado. Tinha boa forma e se vestia bem. Se ao menos conseguisse ficar satisfeita com algo...

A questão de onde o jovem casal ia morar era antiga e batida. James tinha oferecido várias opções enquanto Belgravia era erguida, mas suas ideias e as deles nunca pareciam convergir. Eles queriam algo semelhante à casa na Eaton Square, enquanto James acreditava que eles deviam se adequar às suas circunstâncias e começar de maneira mais modesta. No fim, Susan preferira compartilhar uma casa que convinha às suas pretensões a baixar seus padrões, e assim um tipo de ritual fora criado. De tempos em tempos, James dava sugestões. E Susan as recusava.

James deu um leve sorriso.

— Eu ficaria feliz em lhes dar qualquer uma que esteja vazia em Chester Row.

Susan franziu de leve o nariz, mas abrandou sua reação com uma risada.

— Elas não são um pouco miúdas?

Oliver bufou.

— Susan tem razão. São muito pequenas para recepções, e suponho que eu tenha uma posição a manter, como seu filho.

James se serviu de outra costeleta de cordeiro.

— São um pouco maiores que a primeira casa em que morei com sua mãe.

Anne riu, o que só serviu para deixar Oliver mais irritado.

— Fui criado em condições muito diferentes daquelas em que vocês dois começaram a vida. Talvez eu tenha expectativas grandes demais, mas foram vocês que me ensinaram a ser assim.

Claro que havia verdade nisso. Por que mais James insistiria em Charterhouse e Cambridge, se não quisesse que Oliver crescesse pensando como um cavalheiro? Na realidade, o casamento de seu filho com Susan

Miller, filha de um comerciante bem-sucedido como ele próprio, tinha sido uma decepção para James, que esperava algo maior. Ainda assim, ela era filha única e haveria uma herança considerável quando chegasse o momento. Isto é, se Miller não mudasse de ideia e a deserdasse. James percebeu que o pai de Susan estava mais relutante a dar dinheiro à filha agora do que assim que eles se casaram. “Ela é muito tola com dinheiro”, dissera ele a James certa vez, depois de um almoço, e foi difícil não concordar.

— Muito bem. Vamos ver o que pode ser feito. — James pousou os talheres, e os lacaios se aproximaram para tirar os pratos. — Cubitt teve uma ideia interessante para fazer algo com a Isle of Dogs.

— A Isle of Dogs? Existe alguma coisa lá?

Anne sorriu em agradecimento ao laçao quando seu prato foi retirado. Naturalmente, James era importante demais para fazer algo assim.

— A abertura das docas das Índias Oriental e Ocidental fez uma diferença dos infernos... — Ele fez uma pausa, percebendo a expressão de Anne, e retomou: — Fez uma enorme diferença. Edifícios decrépitos estão sendo erguidos todos os dias, mas Cubitt acha que podemos construir uma comunidade sólida se dermos às pessoas respeitáveis, não apenas aos trabalhadores, mas à administração, um lugar decente para morar. É empolgante.

— Oliver vai participar disso? — Susan manteve seu tom alegre.

— Vamos ver.

— É claro que não vou — disse Oliver, seco. — Quando fui convidado a participar de alguma coisa interessante?

— Parece que não estamos nos entendendo sobre nada esta noite. — James serviu-se de outra taça de vinho do decantador que deixava perto do seu lugar à mesa.

Era uma verdade inquestionável que Oliver representava uma decepção para ele, e o rapaz suspeitava disso. Esse fato não contribuía para uma boa relação.

Agnes estava começando a choramingar, então Anne a pegou, escondendo-a nas dobras de sua saia.

— Passaremos a maior parte do próximo mês na Glanville — disse ela, numa tentativa de deixar o clima mais leve. — Espero que apareçam lá quando puderem. Susan, você poderia ficar alguns dias?

Houve silêncio. Glanville era a casa deles em Somerset, uma belíssima mansão elisabetana que Anne havia resgatado da beira do colapso. Antes de se casar, era aquele lugar de que Oliver mais gostava. Mas Susan tinha planos diferentes.

— Nós vamos, se pudermos. — Ela deu um breve sorriso. — É muito longe.

Todos sabiam que, além de algo esplêndido em Londres, Susan desejava uma propriedade perto o suficiente da cidade para fazer a viagem em não mais do que algumas horas. De preferência, uma casa grande e moderna, equipada com todas as conveniências. A antiga Glanville, de pedras douradas com manchas, janelas com mainéis e o piso brilhante e irregular, não lhe atraía em nada. Mas Anne não foi dissuadida. Ela não abriria mão da casa ou da propriedade... e James não esperava que fizesse isso. Ela tentaria incentivar o filho e sua esposa a apreciarem os encantos da propriedade, mas, no fim, se Oliver não a quisesse, ela teria que encontrar um herdeiro em outro lugar. O que ela estava completamente preparada para fazer.



Anne tinha certeza de que os criados estavam se divertindo enquanto conversavam nos andares superiores. Billy e Morris, os dois lacaios que tinham servido o jantar, mantiveram agitada a mesa na sala dos criados ao contarem a conversa. Até o Sr. Turton entrar. Ele fez uma pausa na soleira da porta.

— Espero que não haja falta de respeito nesta sala.

— Não, Sr. Turton — disse Billy, mas uma das empregadas começou a rir.

— O Sr. e a Sra. Trenchard pagam nossos salários e, por isso, devem ser tratados com dignidade.

— Sim, Sr. Turton.

Os risos haviam diminuído quando Turton ocupou seu lugar à mesa e o jantar teve início. O mordomo baixou a voz ao falar com a governanta, a Sra. Frant, que estava sentada em seu lugar habitual, ao lado dele.

— É claro que eles não são o que fingem ser, e isso só fica mais evidente quando estão sozinhos.

A Sra. Frant era uma pessoa mais tolerante.

— Eles são respeitáveis, educados e honestos, Sr. Turton. Já vi coisas muito piores em residências chefiadas por nobres.

Ela se serviu de um pouco de molho de raiz-forte. Mas o mordomo balançou a cabeça e disse:

— Sou solidário ao Sr. Oliver. Criaram o menino como um cavalheiro, mas agora parecem se ressentir dele por querer ser um.

Turton não tinha problemas com o sistema social vigente, apenas com o lugar que ocupava nele.

Uma mulher de rosto anguloso que usava o uniforme preto das damas de companhia falou de seu lugar mais adiante na mesa:

— Por que a Sra. Oliver não deveria ter uma casa onde pudesse recepcionar pessoas? Ela trouxe dinheiro suficiente para a família. Acho que é injusto e ilógico da parte do Sr. Trenchard tentar enfiá-los em uma toca de coelho quando todos nós sabemos que ele quer ser visto como o chefe de uma grande família. Onde está o sentido nisso?

— Ilógico? Esta é uma ótima palavra, Srta. Speer — disse Billy, mas ela o ignorou.

— Foi a Sra. Trenchard que provocou a Sra. Oliver no jantar — falou Morris.

— Ela é tão ruim quanto o marido — emendou a Srta. Speer, servindo-se de uma grande fatia de pão e manteiga de um prato à sua frente.

A Sra. Frant tinha mais a acrescentar sobre o assunto:

— Bem, desculpe dizer isso, Srta. Speer, e fico feliz que você a considere uma boa patroa, mas acho a Sra. Oliver muito difícil de agradar. Você pensaria que ela é uma infanta de Espanha, com todos os seus ares e graças. Mas nunca tive qualquer problema com a Sra. Trenchard. Ela é direta no que quer e não tenho motivos para reclamar. — A governanta continuou defendendo seus patrões. — Quanto ao casal mais jovem... que quer casas e propriedades maiores e mais grandiosas que a de seus pais. O que fizeram para merecê-las? Isso é o que eu gostaria de saber.

— Cavalheiros não “merecem” suas casas, Sra. Frant. Eles herdam.

— Não vemos essas coisas da mesma maneira, Sr. Turton, por isso teremos que concordar em discordar.

A Srta. Ellis, criada da Sra. Trenchard, sentada à esquerda de Turton, não pareceu discordar do mordomo.

— Acho que o Sr. Turton está certo. O Sr. Oliver só quer viver de modo apropriado, e por que não deveria? Louvo seus esforços para melhorar de vida. Mas temos de ser solidários ao patrão. É difícil conseguir o que ele fez em uma única geração.

Turton assentiu, como se seu argumento tivesse acabado de ser provado.

— Concordo com você, Srta. Ellis.

E então a conversa se voltou para outros assuntos.



— Claro que você não pode contar a ela! O que está dizendo? — perguntou James Trenchard, que estava tendo grande dificuldade para se controlar.

Estava no quarto da esposa, onde costumava passar a noite, embora tomasse o cuidado de ter o próprio quarto de dormir e de vestir mais adiante

naquele andar, pois havia lido que esse era o ritual de hábito entre os casais aristocráticos.

O quarto em questão era outra câmara alta e arejada, pintada de rosa-claro, com cortinas de seda floridas. O quarto de James poderia ter sido um dos cômodos particulares do próprio imperador, mas, como todos os que Anne decorara para uso próprio, seu quarto era mais do que excelente. No momento, ela se acomodava na cama e os dois estavam sozinhos.

— Mas não devo nada a ela?

— O que deveria? Você mesma disse que ela foi grosseira.

Anne assentiu.

— Sim, mas a situação é mais complexa do que isso. É tudo muito peculiar. Ela sabia exatamente quem eu era e que o filho havia sido apaixonado por nossa filha. Por que ela não deveria saber? Sua irmã não tinha motivo para manter segredo.

— Então por que ela simplesmente não disse isso, com honestidade?

— Tive a mesma dúvida. Mas talvez ela estivesse tentando descobrir que tipo de pessoa eu era antes de admitir a conexão.

— Não parece que ela tenha admitido.

— Ela teria desaprovado ferozmente, se tivesse sabido na época. Disso podemos ter certeza.

— Mais uma razão para mantê-la longe.

James tirou o roupão de seda e o jogou com raiva em cima de uma cadeira.

Anne fechou o livro e o pôs com cuidado sobre a pequena mesa estilo Sheraton ao lado da cama. Ela pegou o apagador de velas.

— Mas se você estivesse lá quando ela disse “Não restará nada de nós...”, teria ficado tão tocado quanto eu. Juro.

— Você perdeu a razão se acha que devemos contar a ela. O que pode vir disso? A ruína da reputação de Sophia, o fim de nossas oportunidades, por nos envolvermos nesse escândalo...

Anne podia sentir a própria irritação aumentando.

— É disso que você não gosta. Da ideia de que uma lady Qualquer Coisa torça o nariz para você, porque você teve uma filha que não era melhor do que deveria.

Ele estava indignado.

— Entendo. E você então gosta da ideia de que Sophia seja lembrada como uma meretriz?

Isso a deixou em silêncio por um instante. Então ela voltou a falar, mais calma desta vez:

— É um risco, claro, mas eu pediria para ela guardar isso para si mesma. Claro que sei que não posso obrigá-la, mas acho que não temos o direito de esconder que ela tem um neto.

— Nós escondemos isso deles por mais de um quarto de século.

— Mas não os conhecíamos. Agora conhecemos. Pelo menos, eu a conheço.

James subira na cama ao lado da esposa e soprara sua vela. Deitou-se de costas para ela.

— Eu proíbo. Não vou permitir que a memória de nossa filha seja manchada. Certamente não pela própria mãe. E tire essa cadela da cama.

Anne sabia que não faria diferença prolongar a discussão, então ela delicadamente apagou a vela ao seu lado, acomodou-se sob as cobertas e pôs Agnes na dobra do braço. Mas o sono demorou a chegar.



A família havia retornado à Inglaterra antes de Sophia lhes contar. O fim da batalha consumira os esforços de James por algumas semanas, mas no fim ele trouxera todos de volta para Londres, para uma casa em Kennington que era melhor do que a morada anterior, mas dificilmente uma casa moderna. Ele continuou fornecendo provisões para o Exército, mas prestar serviço a um

Exército em tempos de paz não era o mesmo que lidar com o drama da guerra, e ficava cada vez mais evidente para Anne que ele estava entediado com o trabalho, entediado com o mundo em que atuava, entediado com a falta de possibilidades. Então James começou a notar a renovação da atividade dos construtores de Londres. A vitória sobre Napoleão e a paz que se seguiu tinham alimentado uma nova confiança no futuro do país. A figura do imperador francês havia pairado sobre todos eles, talvez mais do que tivessem reconhecido, durante vinte anos, e ele estava partindo para uma ilha distante no Atlântico Sul, sendo que dessa vez não voltaria. A Europa estava livre, e era hora de olhar para a frente. E assim amanheceu o dia em que James entrou em casa corado de entusiasmo. Anne estava na cozinha, supervisionando o estoque com sua cozinheira. Não havia necessidade disso. Sua vida e sua renda já tinham alcançado patamares mais altos do que antes, como James nunca cansava de ressaltar, e ver sua esposa de avental conferindo os mantimentos nunca era muito agradável para ele, especialmente quando ainda estava colhendo os frutos de suas experiências bem-sucedidas em Bruxelas. Naquela noite em particular, no entanto, nada poderia estragar seu humor.

— Conheci um homem extraordinário — disse ele.

— Foi? — perguntou Anne, olhando para o rótulo da farinha. Tinha certeza de que não era a que queria.

— Um homem que vai reconstruir Londres.

Anne não sabia na época, mas James estava certo. Thomas Cubitt, ex-carpinteiro naval, tinha inventado um novo método para gerenciar projetos de construção. Ele se encarregava de contratar e lidar com todas as diferentes áreas envolvidas: pedreiros, rebocadores, ladrilheiros, encanadores, carpinteiros, pintores. Os responsáveis pela obra só teriam de lidar com Cubitt e seu irmão, William. Todo o resto seria realizado por eles.

James fez uma pausa.

— Não é brilhante?



Anne conseguia perceber que havia um atrativo considerável neste sistema, que talvez tivesse um futuro brilhante, mas será que valeria a pena abrir mão de uma carreira perfeitamente estabelecida quando James não tinha nenhuma previsão concreta sobre isso? Ainda assim, ela logo percebeu que ele não se abalaria.

— Ele está construindo uma nova casa para a London Institution em Finsbury Circus. E quer ajuda com o financiamento e com a administração dos fornecedores.

— O que você tem feito a vida toda.

— Exatamente!

E foi assim que começou. James Trenchard tornou-se o fomentador, e tudo teria sido tão alegre quanto o badalo de sinos de casamento, se Sophia não tivesse soltado a notícia bombástica apenas um mês depois.

Ela entrou no quarto da mãe certa manhã e se sentou na cama. Anne estava diante do espelho enquanto Ellis terminava de arrumar seu cabelo. A menina esperou em silêncio até que o penteado ficasse pronto. Anne sabia que havia algo prestes a acontecer, algo grandioso, mas não estava ansiosa para começar a abordar o assunto. Por fim, no entanto, aceitou o inevitável.

— Obrigada, Ellis, pode ir.

A criada ficou curiosa, naturalmente. Pelo menos, mais curiosa do que a mãe, mas pegou algumas roupas para levar à lavanderia e fechou a porta ao sair.

— O que foi?

Sophia olhou para a mãe. Então, falou, com um arquejo sufocado:

— Vou ter um filho.

Certa vez, quando jovem, Anne tinha tomado um coice de pônei no estômago, e se lembrou da sensação ao ouvir aquelas palavras.

— Quando?

Parecia uma pergunta estranhamente prática, dadas as circunstâncias, mas ela não via sentido em gritar e se jogar no chão, mesmo que a vontade fosse

considerável.

— No fim de fevereiro. Eu acho.

— Você não sabe?

— No fim de fevereiro.

Anne fez as contas de cabeça.

— Devo agradecer a lorde Bellasis por isso?

Sophia assentiu.

— Sua estúpida, boba estúpida — disse Anne.

A menina balançou a cabeça novamente, sem demonstrar resistência.

— Como isso aconteceu?

— Achei que estivéssemos casados — justificou a menina.

Anne quase caiu na gargalhada. Em que conversinha sua filha tinha caído?

— Acho que vocês não estavam.

— Não.

— Não, é claro que não estavam. Nem perto disso.

Como sua filha poderia ter sido tão ridícula a ponto de achar que Bellasis realmente se casaria com ela? Anne sentiu uma súbita onda de fúria com relação a James. Ele havia encorajado a filha. Ele a tinha convencido de que coisas impossíveis eram possíveis.

— Conte tudo.

Não foi uma história estranha. Bellasis tinha declarado seu amor e convencido Sophia de que desejava se casar com ela antes de voltar à ativa. Com a notícia da marcha de Napoleão em Paris, ele a procurara, pedindo que permitisse que ele arranjasse um casamento que, no início, seria clandestino, mas que ele prometia contar a seus pais no momento certo. De todo modo, ela teria a prova da cerimônia se algo acontecesse com ele, e poderia reivindicar a proteção dos Brockenhurst, se fosse necessário.

— Mas você não sabia que precisaria da permissão de seu pai para que isso fosse legalmente possível? Você tem dezoito anos — disse Anne para

provocar mais autoflagelação em Sophia, mas a garota a encarou por um instante.

— Papai deu permissão.

Isso a fez sentir outro coice de põnei. Seu marido havia ajudado um homem a seduzir a própria filha? Sentia-se tão irritada que, se James tivesse entrado pela porta naquele momento, ela teria arrancado os olhos dele com as unhas.

— Seu pai *sabia*?

— Ele sabia que Edmund queria se casar comigo antes de voltar à ativa e deu sua permissão. — Sophia respirou fundo outra vez. De certa forma, era um alívio contar. Ela estava cansada de carregar o fardo sozinha. — Edmund disse que tinha encontrado um pastor para nos casar, o que ele fez, em uma das capelas do Exército que tinham sido erguidas. Logo depois o homem escreveu uma carta certificando o casamento e... foi então que aconteceu.

— Devo presumir que o casamento era falso.

Sophia assentiu.

— Nunca suspeitei, nem por um momento. Edmund falou sobre seu amor e nosso futuro, até que estávamos saindo do baile da tia dele na noite da batalha.

— Então, quando foi que você descobriu?

A menina se levantou e foi até a janela. Lá embaixo, seu pai estava subindo em uma carruagem, o que a deixou feliz, pois, com o pai fora de casa, a mãe teria algum tempo para se acalmar e pensar em um plano.

— Quando saímos da casa dos Richmond, havia um grupo de oficiais a cavalo, todos com uniformes da 52ª Infantaria Leve, os Oxfordshire, o regimento de Edmund...

— E?

— Um deles era o “clérigo” que nos casou. Aí está. — Ela suspirou fundo. — Ele era um soldado, amigo de Edmund, que dobrou a gola para me enganar.

— Ele disse alguma coisa?

— Não me viu. Ou, se viu, fingiu que não. Eu não estava perto e, é claro, assim que o reconheci, recuei.

Anne assentiu. A cena que presenciou quando elas saíram do baile fazia sentido de repente.

— Agora entendo o que a deixou naquele estado. Achei que fosse simplesmente por lorde Bellasis estar indo para a batalha.

— Quando vi o homem entendi que tinham me enganado. Eu não era amada. Não teria um futuro dourado. Eu era uma garota estúpida que tinha sido tratada como uma prostituta, enganada e usada, e sem dúvida eu teria sido jogada na sarjeta, onde Edmund achava que era meu lugar, se ele tivesse sobrevivido.

Seu rosto parecia bastante maduro à luz do dia e a amargura em seu discurso lhe fazia envelhecer dez anos.

— Quando você soube que estava carregando uma criança?

— É difícil dizer. Suspeitei um mês depois, mas eu não ia admitir, até que fosse inútil negar. Edmund estava morto, e, por um tempo, feito uma louca, fingi que nada tinha mudado. Eu não sabia como agir. Eu estava quase perdendo a razão. Confesso que tomei alguns remédios idiotas e paguei cinco libras a uma cigana pelo que tenho quase certeza de que era água com açúcar. Mas tudo falhou. Ainda estou *enceinte*.

— O que você disse a seu pai?

— Ele sabe que fui enganada. Contei a ele naquela manhã, em Bruxelas, quando me trouxe a notícia da morte de Edmund. Mas ele acha que consegui me livrar disso.

— Temos que pensar em um plano.

Anne Trenchard era uma mulher prática e uma de suas principais virtudes era que ela não se demorava em um desastre, mas procurava, quase imediatamente, remediar o que podia ser remediado e aceitar o que não podia. Sua filha devia ir embora de Londres. Ela teria uma doença ou um

relacionamento no norte que precisava de atenção. Estariam com uma história pronta antes do fim do dia. Sophia devia passar pelo menos quatro meses longe, e, agora que estava ciente disso, Anne reparou que a menina tinha encorpado. Não de modo totalmente perceptível ainda, mas para isso não demoraria muito. Não tinham tempo a perder.



Anne não foi gentil com James quando ele voltou naquela noite e ficou a sós com a esposa no próprio escritório.

— E você nunca pensou em me consultar? Quando um visconde rico propôs um casamento secreto, realizado por um pastor que ninguém poderia atestar, com uma bela moça de dezoito anos, de origem totalmente inadequada, você nunca pensou em falar com *ninguém* sobre quais poderiam ser os motivos dele? — Ela estava se esforçando para não gritar.

James assentiu. Já havia repensado isso diversas vezes.

— Parece muito óbvio quando você fala, mas Bellasis parecia um rapaz bom e que gostava dela de verdade...

— Você acha que ele teria confidenciado a você que pretendia seduzir sua filha?

— Suponho que não.

Anne quase cuspiu nele.

— Quando você deu permissão, ela foi arruinada.

Ele fez uma careta.

— Por favor, Anne. Você acha que não me arrependo?

— Acredito que vai se arrepender ainda mais agora.

Com o tempo, ela se lamentou por ter culpado tão inteiramente o marido pela ruína de Sophia. Porque, quando a garota morreu no parto, ele se lembrou da acusação e considerou a morte dela sua responsabilidade, um

castigo por sua vaidade, sua ambição e sua presunção. Parece que isso não o curou de qualquer uma dessas falhas, mas a culpa nunca o deixou.

Não houve sinal algum da tragédia que estava por vir, mas, como o médico disse à época, raramente havia. Anne e Sophia tinham subido para Derbyshire e ficaram hospedadas em uma casa modesta no limite de Bakewell, como a Sra. Casson e sua filha casada, Sra. Blake, uma viúva de Waterloo. Elas não tinham amigos ou conhecidos na área, mas de qualquer maneira não viam ninguém. E viveram com simplicidade. Nenhuma das duas levou as camareiras, e Ellis e Jane receberam salários até suas senhoras voltarem. Se estavam curiosas, Anne nunca soube. De qualquer forma, eram muito profissionais para demonstrar.

Não foi um período infeliz. A vida era agradável o suficiente por lá, onde se lia e caminhava no parque de Chatsworth. Elas fizeram perguntas e contaram com a ajuda de um médico conceituado, o Dr. Smiley, e ele tinha ficado satisfeito com o progresso de Sophia. Anne chegou a suspeitar de que ele soubesse a verdade, ou que pelo menos tivesse conhecimento de que elas não eram quem fingiam ser, mas era educado demais para ser abertamente curioso.

Antes de saírem de Londres, tinham combinado que James encontraria um lar adequado para o bebê. Até mesmo Sophia sabia que não podia ter esperança de ficar com o filho. A criança deveria ser devidamente cuidada, receber um nome, ser educada, mas sem conhecer a verdadeira identidade. Nenhum deles queria que o nome de Sophia fosse arrastado na lama, e Anne sabia que o marido também temia que as próprias tentativas de desenvolvimento acabassem frustradas por um escândalo público. Se seu filho tivesse gerado um bastardo, seria diferente, mas para uma filha esse era um crime sem perdão. James agiu rapidamente e, com a ajuda dos espões da empresa, encontrou um clérigo, Benjamin Pope, que morava em Surrey. Ele nascera cavalheiro, mas levava uma vida pobre, de forma que dinheiro extra seria bem-vindo. Para completar, o casal não tinha filhos e isso os entristecia.

Sophia aceitou a situação quando lhe fora explicada, não sem uma pontada de dor, mas aceitou. Munido dessa informação, James fez os arranjos finais, e o Sr. Pope concordou em adotar o bebê como o “filho de seu falecido primo”. Os Pope teriam uma generosa renda extra, que lhes permitiria viver razoavelmente bem, enquanto a criança seria educada e um relatório de seu progresso seria enviado regularmente para o escritório do Sr. Trenchard, para sua leitura.

Enquanto isso, o Dr. Smiley arranhou uma parteira experiente, fez todos os preparativos e foi à casa supervisionar o nascimento. E tudo deveria ter corrido bem, não fosse pelo fato de o médico, ao fim, após o menino estar em segurança, simplesmente não ter conseguido estancar o sangramento. Anne nunca tinha visto tanto sangue, e não havia nada que pudesse fazer, a não ser segurar a mão de Sophia e garantir a ela que em breve tudo ficaria bem e que não havia nada de errado. Ela nunca se esqueceu de como tinha simplesmente se sentado ali, mentindo, até que sua menina estivesse morta.

Ela passou semanas sem conseguir olhar para o bebê, o menino que tinha matado sua filha. O Dr. Smiley encontrou uma ama de leite e uma babá, e as duas garantiram que ele sobrevivesse, mas Anne ainda não conseguia olhá-lo. Havia contratado uma cozinheira e uma criada, quando chegaram, então a vida continuou, com dias vazios contados por refeições não consumidas, mas ainda assim ela não conseguia ver a criança. Até que certa noite o Dr. Smiley se aproximou dela na pequena sala onde ela estava sentada junto à lareira, olhando fixamente para o livro em suas mãos, e disse com gentileza que tudo o que restara de Sophia era seu filho. Então Anne se permitiu ser persuadida a segurar o bebê e, tendo o segurado, mal podia suportar deixá-lo ir.

Anne muitas vezes se perguntou se, caso tivesse ao menos aprendido a amar o menino mais cedo, teria tentado mudar o plano e insistido em criá-lo. Mas duvidava que James permitiria, e teria sido difícil descumprir os arranjos uma vez que estavam feitos. Por fim, a casa em Bakewell foi fechada e Anne viajou para o sul com a babá, que seguiu viagem para Surrey, com o

intuito de deixar o bebê na nova casa. A babá foi paga e a vida voltou ao normal. Isto é, sem Sophia. Houve uma despedida chorosa para Jane, cujos serviços não eram mais necessários. Anne lhe deu um bônus como despedida, mas ficou intrigada com o fato de a criada nunca ter demonstrado qualquer curiosidade sobre a morte da sua jovem senhora. Talvez tivesse adivinhado a verdade. Seria difícil esconder uma gravidez de uma dama de companhia.



Então os anos se passaram. O plano original era que Charles fosse treinado para a batina, e essa continuou sendo a meta até ele entrar na adolescência, mas muito cedo ele demonstrara ter talento para a matemática e, ao se aproximar do fim da juventude, anunciou que queria tentar a sorte na City. Era impossível que James não se sentisse lisonjeado pelo desenvolvimento do neto, pois o próprio sangue corria no rapaz, mas ainda não tinha conhecido ele. Podiam julgar o rapaz apenas pelos relatórios enviados pelo reverendo Pope. Na verdade, James queria ajudar o neto, mas ele não sabia como fazer isso sem abrir a caixa de Pandora que continha as revelações de suas origens. E assim ele se manteve afastado, dando-lhe uma mesada modesta que o Sr. Pope explicou a Charles ter sido presente de “simpatizantes”, e vivendo para as cartas que o reverendo mandava, quatro vezes por ano, tão regularmente quanto um relógio. O menino fora feliz. Tinham certeza disso. Pelo menos, não havia razão para pensar o contrário. Sob orientação dos Trenchard, disseram que seu pai havia morrido na batalha e sua mãe no parto, e que, por isso, ele fora adotado, mas isso era tudo. Ele parecia ter aceitado, e os Pope tinham se afeiçoado a ele, então não havia motivo de preocupação, mas, ainda assim, como Anne diria para si mesma noite após noite, ao se deitar no escuro, ele era seu neto e os avós não o conheciam.



E agora lady Brockenhurst tinha entrado em cena e complicado ainda mais as coisas. Anne podia não conhecer Charles Pope, mas pelo menos sabia de sua existência. Ela sabia que sua filha não tinha desaparecido da face da Terra sem deixar rastro. Lady Brockenhurst quase chorou quando falou de não ter herdeiros, enquanto ela, Anne, poderia ter lhe dito que seu filho era pai de um rapaz saudável e promissor. Ela sabia que James a proibiria, é claro. Em parte, por motivos com os quais ela não concordava, mas em outra, para proteger o nome da falecida filha, e isso ela não podia simplesmente ignorar. Hora após hora, ela ficou deitada com James roncando ao seu lado, incapaz de decidir o que fazer, até que, por fim, caiu em um sono inquieto, acordando cedo e sem se sentir revigorada.

Passou um mês marcado pelo sono agitado e pela tristeza antes de Anne se decidir por um curso de ação. Ela não gostava de lady Brockenhurst. Nem sequer a conhecia, mas não podia suportar a responsabilidade do segredo. Estava muito consciente de que, se suas posições fossem invertidas e ela descobrisse que lady Brockenhurst tinha escondido essa história, jamais a perdoaria. Então, um dia, sentou-se à bela mesa em sua pequena sala de estar no andar superior e escreveu: “Querida lady Brockenhurst, gostaria de visitá-la em um momento conveniente. Eu ficaria muito grata se a senhora pudesse encontrar uma hora em que ficássemos sozinhas.” Não foi difícil descobrir em qual casa da Belgrave Square eles moravam, pois seu marido a construía. Ela dobrou o papel, selou-o com cera, escreveu o endereço e foi pessoalmente entregá-lo ao mensageiro. Sua criada teria levado dez minutos para entregar a mensagem, mas Anne não estava ansiosa para ter todos os seus assuntos discutidos no andar de baixo.

Ela não precisou esperar muito. Na manhã seguinte, havia um bilhete na bandeja de café da manhã que Ellis pôs em seu colo. Ela o pegou.

- Foi entregue em mãos, senhora. Um laçao o entregou esta manhã.
- Ele disse alguma coisa?
- Não. Apenas o entregou e foi embora.

Naturalmente, a pergunta só atiçou a curiosidade de Ellis, mas Anne não tinha a intenção de dar qualquer pista. Pegou o pequeno abridor de cartas de prata que fora colocado na bandeja e abriu o envelope. Uma pequena e grossa folha de papel cor de creme, gravada com um B maiúsculo sob a coroa de um conde, continha uma breve mensagem. “Venha hoje às quatro horas. Vamos ficar a sós por meia hora. CB”

Anne não pediu uma carruagem. Lady Brockenhurst provavelmente não aprovaria, mas ela não queria nenhuma testemunha. O dia estava bastante agradável e a caminhada seria curta. Mais revelador ainda, Anne nem sequer tocou a sineta para pedir ajuda com a capa e a capota, apenas subiu para seu quarto vinte minutos antes da hora e as colocou ela mesma. Então desceu a escada e saiu. O laçao no hall segurou a porta para ela, então o passeio não seria completamente secreto, mas não poderia ser diferente naqueles dias, com olhares curiosos fixos neles desde que acordavam.

Lá fora, se arrependeu por um momento por não ter levado Agnes junto para a caminhada, mas então decidiu que isso só complicaria as coisas e saiu. O céu estava um pouco mais escuro do que pela manhã, mas ela virou à esquerda e andou até chegar a Belgrave Place, em seguida virou à esquerda de novo e, em menos de quinze minutos depois de ter saído, estava diante da Casa Brockenhurst. Era uma grande construção, na esquina da Upper Belgrave Street com a Chapel Street, um dos três palácios isolados nos cantos da praça. Ela hesitou, mas então viu que um laçao, descansando perto do portão de entrada, olhava para ela. Anne se empertigou e foi até a porta da frente. Antes que pudesse tocar o sino, a porta se abriu e outro laçao de libré a convidou a entrar.

— Sra. James Trenchard — apresentou-se ela.

— Lady Brockenhurst está esperando — respondeu o homem num curioso tom neutro, que não implicava aprovação nem reprovação, que os criados experientes sempre dominavam. — Está na sala de estar. Por favor, me siga.

Anne tirou a capa e a entregou a ele, para que colocasse em um dos sofás dourados no hall, e depois seguiu o homem pela ampla escadaria de mármore verde. Quando chegaram ao topo, o criado abriu uma das portas duplas e anunciou:

— A Sra. Trenchard.

Então a fechou e deixou Anne percorrer o amplo e colorido tapete Savonnerie até onde a condessa estava sentada, perto do fogo.

Ela assentiu.

— Entre, Sra. Trenchard, e sente-se perto de mim. Espero que não se importe com a lareira no verão. Acho que estou sempre com frio.

Era o mais próximo de uma saudação amigável que Anne achava que a anfitriã era capaz de dar. Ela se sentou em uma *bergère* Luís XV adamascada em frente à dona da casa. Acima da lareira havia o retrato de uma bela mulher no estilo do século anterior, com o cabelo preso no alto, empoada, exibindo decote de rendas e ancas. Com surpresa, ela percebeu que a foto era de lady Brockenhurst.

— Foi pintado por Beechey — disse a dona da casa com uma risada. — No meu casamento, em 1792. Eu tinha dezessete anos. Diziam que era uma boa aparência na época, mas ninguém poderia dizer isso agora.

— Eu já tinha notado que era você.

— Você me surpreende.

Ela ficou sentada, esperando pacientemente. Afinal, tinha sido Anne quem solicitou a conversa.

Não havia como fazer rodeios. O momento havia chegado.

— Lady Brockenhurst, tenho um segredo que jurei ao meu marido nunca revelar, e na verdade ele ficaria muito irritado se soubesse que estive aqui hoje... — Ela fez uma pausa. De alguma forma, não conseguia se obrigar a concatenar as palavras.

Lady Brockenhurst não queria ser arrastada para as complexidades do casamento dos Trenchard. Em vez disso, disse simplesmente:

— Sim?

Mesmo sem querer, Anne ficou impressionada. Havia algo muito poderoso na compostura de sua anfitriã, que já devia ter deduzido que algo importante estava prestes a ser revelado, mas, pela sua expressão, podia muito bem estar conversando com a esposa do vigário.

— No outro dia, a senhora comentou que quando tiver partido com seu marido, não restará mais nada de vocês.

— Sim.

— Bem, isso não é exatamente verdade.

Lady Brockenhurst se enrijeceu de forma quase imperceptível. Pelo menos agora Anne tinha toda sua atenção.

— Antes de morrer, Sophia deu à luz uma criança, um menino, filho de lorde Bellasis.

Nesse momento, as grandes portas duplas da sala de estar se abriram e dois lacaios entraram trazendo bandejas de chá. Eles começaram a arrumar uma mesa, cobriram-na com um pano e serviram tudo, da mesma forma que os criados da duquesa de Bedford tinham feito.

Lady Brockenhurst sorriu.

— Gostei desse ritual mais do que imaginei na época, e todos os dias me servem da mesma maneira, em algum momento depois das quatro horas. Tenho certeza de que a moda vai pegar.

Anne reconheceu isso e elas conversaram sobre os méritos de comer e tomar chá até que os homens tivessem terminado o trabalho.

— Obrigada, Peter. Nós mesmas nos serviremos hoje.

Para Anne era como se uma eternidade tivesse se passado, como se ela estivesse fisicamente mais velha, quando os criados saíram.

Lady Brockenhurst serviu chá para as duas e entregou a xícara.

— Onde ele está agora, esse menino?

Ela não demonstrava entusiasmo nem repulsa. Na verdade, não demonstrava nada. Como de hábito.

— Em Londres, e o “menino” é um homem. Fez vinte e cinco anos em fevereiro. Ele trabalha na City.

— Como ele é? Você o conhece bem?

— Nós nem sequer o conhecemos. Meu marido o deixou, logo após seu nascimento, sob os cuidados de um clérigo chamado Pope. Ele usa o nome Charles Pope. Nunca achamos que seria útil tornar públicas suas origens. Ele mesmo não sabe de nada.

— Vocês devem proteger a memória de sua filha, pobre moça. É claro que entendo isso. Devemos tentar não culpá-la quando ela é digna de pena. Você mesma disse que o clima em Bruxelas antes da batalha era tal que qualquer um podia perder a razão em algum momento.

Se isso era para ser uma defesa de Sophia, não foi eficaz.

— Não a culpo e ela não perdeu a razão — disse Anne com firmeza. — Lorde Bellasis a enganou, fazendo-a acreditar que estava casada com ele.

Isso não era nada do que lady Brockenhurst esperava. Ela se empertigou.

— *Perdão?*

— Ele a enganou. Ele a iludiu. Disse-lhe que tinha arranjado para que se casassem, então convenceu um colega oficial a se fingir de clérigo, e Sophia não descobriu a verdade antes que fosse tarde demais.

— Não acredito na senhora — falou lady Brockenhurst com convicção absoluta, incontestável.

Anne era tão firme quanto ela. Pousando a xícara, falou com calma:

— Claro que é um direito seu, mas estou dizendo a verdade. Foi só quando deixamos o baile, imediatamente antes de lorde Bellasis partir para se juntar a seu regimento, que Sophia reconheceu o parceiro dele. O falso pároco estava rindo e brincando com seus colegas oficiais, o mais distante possível de ser um clérigo. Ela quase desmaiou.

Lady Brockenhurst também pousara a xícara com firmeza no pires e estava de pé.

— Sei bem como é. Sua filha estava planejando prender meu pobre filho em sua rede, sem dúvida, incentivada pelos pais...

Anne interrompeu bruscamente:

— Agora é *minha* vez de ficar incrédula.

Mas lady Brockenhurst continuou:

— Quando Sophia soube que ele estava morto e que sua sedução não tinha dado em nada, inventou uma história que justificaria sua falha se o pior acontecesse, e aconteceu.

Anne estava com raiva, furiosa com essa mulher fria e sem coração, furiosa com o falecido lorde Bellasis, furiosa consigo mesma por ser tão cega.

— A senhora quer dizer que lorde Bellasis seria incapaz de tal comportamento?

— Digo com certeza. Ele nunca teria concebido tal ideia.

Lady Brockenhurst se deixava arrebatada pela própria performance. Tornara-se um monumento à indignação. Ela não dava valor para garotas do tipo de Anne, por isso não podia ver ou julgar a mulher com clareza. Mas Anne Trenchard era uma lutadora tão boa quanto ela.

— Lorde Berkeley não era padrinho dele?

Anne percebeu que o nome tinha sido um tapa na cara de lady Brockenhurst. Ela quase se encolheu.

— Como você sabia disso?

— Lorde Bellasis falou sobre ele. Disse que, quando lorde Berkeley morreu, em 1810, o filho mais velho dele perdeu o direito de usar seus títulos porque o pai não tinha se casado de fato com a mãe antes do nascimento do menino, como ela pensava. Soube-se mais tarde que ele pedira a um amigo para posar de sacerdote, então pôde atrair uma menina inocente para sua cama. Eles se casaram posteriormente, mas não puderam legitimar a criança. Você sabe que tudo isso é verdade. — Lady Brockenhurst ficou em silêncio. — Então não venha me dizer que lorde Bellasis nunca teria pensado em tal ideia.

Depois de uma pausa para se recuperar, lady Brockenhurst retomou a pose. Parando suavemente ao lado da chaminé, puxou a corda do sino enquanto falava:

— Vou dizer apenas isto: meu filho foi seduzido por uma garota inescrupulosa e ambiciosa, até onde sei, ajudada por seus pais igualmente ambiciosos. Ela quis usar o caos da guerra para realizar uma união que a levaria muito além até mesmo dos sonhos do pai. Mas ela falhou. Meu filho a tomou como uma amante. Não nego isso, mas e daí? Ele era jovem, e ela não passava de uma vagabunda bonita que se jogou em cima dele. E não vou pedir desculpas por isso, porque não me importo. Ah, Peter. Por favor, leve a Sra. Trenchard lá para baixo. Ela está de saída — ordenou a um laçao que tinha entrado em resposta ao sino. Ele esperou à porta.

É claro que Anne não podia retrucar na frente dele, mas, de todo modo, ela estava brava demais para falar, e apenas assentia para sua inimiga de modo a evitar dar ao criado qualquer pista sobre o que tinha acontecido. Anne começou a seguir para a porta, mas lady Brockenhurst ainda não havia terminado:

— Engraçado. Achei que você teria alguma história sentimental sobre meu filho para me contar. Um episódio feliz de seus últimos dias no mundo. Falou tão bem dele quando nos conhecemos...

Anne parou.

— Falei dele como eu o conhecia antes daquela noite. Nós nos divertíamos com ele. Eu não estava mentindo. E não queria magoá-la. Mas eu estava errada. A senhora acabaria sabendo a verdade em algum momento. Eu deveria ter sido mais honesta. Se serve de consolo, ninguém ficou mais surpresa do que eu ao saber do que ele era capaz. — Ela hesitou na porta. O criado tinha avançado à sua frente pela galeria, e, por um instante, elas ficaram sozinhas de novo. — Você vai guardar nosso segredo? — Ela odiava perguntar, mas era preciso. — Tenho sua palavra de honra?

— É claro que tem minha palavra. — A condessa sorriu com frieza. — Por que eu divulgaria a degradação do meu falecido filho?

Com isso, Anne precisou aceitar que permitira que lady Brockenhurst tivesse a palavra final sobre o assunto. Ela deixou a sala, desceu a escada e saiu na rua antes de se permitir parar e sentir plenamente sua fúria trêmula.



## Capítulo 3

# *Laços de família*



Lymington Park não era a sede mais antiga, mas sem dúvida era a mais grandiosa da dinastia Bellasis. Teve sua origem entre a aristocracia rural numa mansão modesta em Leicestershire, mas o casamento com uma herdeira, no início do século XVII, trouxera a propriedade de Hampshire como dote bem-vindo, e a família ficou feliz em se mudar para o sul. Uma desesperada súplica por fundos feita pelo rei Carlos I, no calor da Guerra Civil, tinha trazido a promessa de um condado, cumprida pelo filho do rei decapitado, quando ele voltou em glória na Restauração. Embora tenha sido o segundo conde quem decidiu que a casa existente não era mais adequada à posição da família e, então, um grande palácio paladiano, projetado por William Kent, tenha sido proposto. Deveria ser financiado por alguns investimentos razoáveis no início do Império, mas uma súbita desaceleração impediu que isso acontecesse, e assim foi o avô do atual conde que contratou o arquiteto George Steuart, na década de 1780, para projetar uma nova e ainda mais grandiosa fachada para a propriedade. O resultado não poderia ser descrito como aconchegante ou mesmo confortável, mas remetia a tradição e a altos cargos, e, quando Peregrine Bellasis, quinto conde de Brockenhurst, atravessava o grande salão, sentava-se na biblioteca com seus livros refinados e os cães a seus pés, ou quando subia a escada ladeada pelos retratos de seus ancestrais, ele sentia que era um ambiente apropriado para uma vida nobre. Sua esposa, Caroline, sabia como administrar um lugar como aquele, ou melhor, como montar a equipe certa para administrá-lo, e, embora seu entusiasmo pela casa, como todos os seus outros entusiasmos, tivesse sido enterrado com o corpo do filho, ela sabia fingir bem e assumir o comando do condado.

Naquela manhã, porém, os pensamentos dela estavam concentrados em outros assuntos. Agradeceu a criada, Dawson, quando a mulher pôs a bandeja de café da manhã sobre seus joelhos, observando um grupo de gamos se mover tranquilamente pelo parque na área externa. Caroline sorriu, e a estranheza da sensação causada pareceu paralisá-la por um instante.

— Está tudo bem, milady? — Dawson pareceu preocupada.

Caroline confirmou com a cabeça.

— Sim. Obrigada. Chamo quando estiver pronta para me vestir.

A empregada assentiu e saiu. Lady Brockenhurst cuidadosamente se serviu de café. Por que seu coração parecia mais leve? Tinha sido tão notável que uma megera houvesse tentado chantagear seu filho morto? Que esta era a razão para a existência do neto ela não tinha nenhuma dúvida, mas ainda assim... Ela fechou os olhos. Edmund adorava Lymington. Mesmo quando criança, conhecia cada centímetro da propriedade. Ele poderia ser deixado de olhos vendados em qualquer parte do local e encontraria o caminho de volta sem ajuda. Mas, na verdade, ele jamais seria deixado sem ajuda, pois cada guardião, morador e empregado tinham adotado o menino no próprio coração. Caroline sabia muito bem que nem ela nem seu marido eram amados, apenas respeitados. De certa forma. Não mais do que isso. Os moradores locais os consideravam frios e insensíveis, severos e até cruéis, mas tinham dado à luz um prodígio. Era assim que ela descrevia Edmund: um prodígio, um menino de ouro que era amado por todos que conhecia. Pelo menos, foi assim que ele começou a parecer conforme os anos vazios e solitários se arrastaram, até que passou a acreditar que, de todas as pessoas, ela tinha dado à luz o filho perfeito. Eles quiseram mais herdeiros, é claro. Mas acabou que, depois de três natimortos, apenas Edmund restara para ocupar os quartos das crianças no segundo andar. No entanto, ele bastava. Ela dizia isso a si mesma, e era verdade. Ele bastava. À medida que crescia, os moradores e aldeões aguardavam com mais expectativa o dia em que ele herdaria o título. Ela sabia disso, o que era ruim para sua reputação. Edmund era a esperança

deles de um futuro melhor, e talvez ele tivesse a possibilidade de lhes proporcionar um. Mas agora havia apenas Peregrine para aguentar e John para esperar, um homem velho, sem nenhum interesse por ser seguido por um pavão ganancioso e egoísta, que se importaria com eles tanto quanto se fossem pedras na estrada. Muito triste.

Ainda naquela manhã, Caroline estava se sentindo diferente. Ela olhou ao redor do quarto, que era forrado de seda listrada verde-clara, com um grande espelho dourado acima da lareira e um conjunto de gravuras nas paredes, perguntando-se o que a fazia se sentir diferente do normal. Então, com surpresa, percebeu que estava feliz. Essa sensação parecia tão perdida para ela que demorou algum tempo para identificá-la. Mas era verdade. Estava feliz por saber que seu filho tinha deixado uma criança. Não mudaria nada. O título, as propriedades, a casa de Londres e todo o resto ainda seriam de John, mas Edmund havia deixado um neto. Eles não poderiam conhecer esse homem? Não poderiam encontrá-lo e ajudá-lo? Afinal de contas, não seriam a primeira família nobre a ter um filho de consideração. Todos os bastardos do falecido rei foram recebidos na corte pela jovem rainha. Eles certamente poderiam tirar o filho de Edmund da obscuridade. Com certeza devia haver alguma propriedade fora da herança. Sua imaginação estava começando a captar uma infinidade de possibilidades. Aquela mulher cansativa não tinha dito que o menino fora criado por um clérigo, em uma família respeitável, e não por ela mesma e seu marido ordinário? Com um pouco de sorte, ele teria puxado ao pai, não à mãe. Poderia até mesmo ser um cavalheiro. É claro que ela sabia que dissera que não ia fazer nada que revelasse a verdade, mas era necessário cumprir a promessa quando tinha sido feita a alguém como a Sra. Trenchard? Ela estremeceu. Caroline Brockenhurst era uma mulher fria e esnobe — a própria teria admitido isso —, mas não era desonesta nem desonrada. Sabia que não poderia quebrar seu juramento e se transformar em uma mentirosa. Devia haver alguma outra saída desse labirinto.

Quando ela desceu, Lorde Brockenhurst ainda estava na sala de jantar, concentrado em seu exemplar do *The Times*.

— Estou começando a achar que Peel pode ganhar as eleições — disse ele, sem erguer os olhos. — Parece que Melbourne está fora. Ela não vai gostar disso.

— Acredito que o príncipe favoreça sir Robert Peel.

Seu marido resmungou.

— Ele faria isso. É alemão.

Lady Brockenhurst não tinha interesse em continuar o assunto.

— Você não esqueceu que Stephen e Grace virão para o almoço, não é?

— Eles vão trazer John?

— Acho que sim. O garoto está morando com eles.

— Droga. — Seu marido não tirou os olhos da página. — Suponho que vão pedir dinheiro.

— Obrigada, Jenkins. — Lady Brockenhurst sorriu para o mordomo a postos junto ao aparador. Ele balançou a cabeça e saiu. — Peregrine, será que não podemos ter nenhum segredo?

— Você não precisa se preocupar com Jenkins. Ele sabe mais sobre essa família do que eu jamais saberei.

Era verdade que Jenkins era cria de Lymington. Filho de um fazendeiro arrendatário que começara a trabalhar na casa da família como ajudante dos criados aos treze anos e nunca mais saíra de lá, ele havia subido de cargo ao longo dos anos até chegar ao estonteante posto de mordomo. Sua lealdade ao clã Bellasis era inabalável.

— Não me preocupo com ele. Simplesmente acho descortês testá-lo. Gostemos ou não, Stephen é seu irmão e seu herdeiro, e deveria ser tratado com respeito, pelo menos em público.

— Mas não em particular, por Deus. Além disso, só será meu herdeiro se sobreviver a mim, e vou garantir que isso não aconteça.

— Famosas últimas palavras.

Mas ela se sentou com o marido, conversando, ocupando-o com assuntos da propriedade, mais amigável do que tinha sido em meses ou mesmo anos, talvez porque se sentisse muito culpada pelas coisas que não estava lhe contando.



No fim das contas, o honorável reverendo Stephen Bellasis chegou cedo com sua família, pouco depois do meio-dia. A desculpa que ele deu no almoço para essa chegada adiantada foi que queria dar uma volta nos jardins antes de comer, mas Peregrine tinha certeza de que eles haviam feito isso apenas para irritá-lo. De qualquer forma, nenhum dos Brockenhurst estavam lá para receber os parentes quando chegaram.

Mais baixo que o irmão mais velho e consideravelmente mais pesado, Stephen Bellasis não tinha herdado nada do charme Brockenhurst que deixara Peregrine tão atraente na juventude, para não mencionar o falecido lorde Bellasis, que atraía olhares em um salão de baile com sua beleza máscula e misteriosa. Em contraste, a careca de Stephen se esforçava para segurar os poucos fios de cabelo grisalho que ele penteava de forma cuidadosa para o lado todas as manhãs, enquanto, abaixo de seu bigode estranhamente farto, comprido e grisalho, o queixo era fraco e suave.

Ele foi seguido por sua esposa, Grace, ao entrar no grande salão. A mais velha de cinco irmãs, Grace era filha de um barão de Gloucestershire e tinha crescido na esperança de conseguir algo melhor que um filho mais novo gordo e sem recursos. Mas ela havia superestimado o próprio valor no mercado de casamentos e, com seus olhos castanho-claros e lábios finos, como sua mãe lhe dissera repetidamente, era mesmo material para um segundo filho. Seu nascimento e sua educação poderiam ter significado que a jovem Grace definiria metas altas e almejaria uma ótima posição, mas sua

aparência e seu dote modesto asseguraram que ela não poderia ter esperança de alcançar um nível de destaque.

Enquanto tirava capa, capota e luvas e as entregava ao lacaio, ela observou o enorme vaso de lilases na mesa ao pé da ampla escadaria de pedra. Grace inalou seu perfume doce. Ela adorava lilases, e uma grande quantidade exposta em sua casa a agradaria imensamente. Mas o salão na casa paroquial era pequeno demais para algo tão grandioso.

John Bellasis passou pela mãe. Ela era sempre muito lenta, e ele estava impaciente para tomar alguma bebida. Entregando a bengala ao criado, ele foi direto para a sala de jantar, aproximando-se da coleção de decantadores de vidro lapidado na bandeja de prata à direita da lareira de mármore. Antes que Jenkins conseguisse alcançá-lo, ele pegou um e foi se servindo de uma grande dose de brandy, que tomou de uma só vez.

— Obrigado, Jenkins — disse ele, virando-se para o mordomo. — Você pode me servir a próxima.

Jenkins, correndo atrás dele pela sala, pegou uma pequena garrafa fechada.

— Soda, senhor? — ofereceu.

— Sim.

Jenkins não piscou. Ele estava acostumado com o Sr. John. Tornou a encher o copo com brandy, dessa vez misturado com soda, e o ofereceu em uma pequena bandeja de prata. John pegou o copo e seguiu para se juntar novamente aos pais, que foram acomodados na sala de estar do outro lado do corredor. Eles interromperam a conversa quando o filho entrou.

— Aí está você — disse Grace. — Estávamos nos perguntando que fim você tinha levado.

— Posso dizer que fim levarei — respondeu ele, apoiando a testa em um painel de vidro frio enquanto observava o parque lá fora — se eu não conseguir algum recurso.

— Bem, não demorou muito — disse lorde Brockenhurst. — Achei que chegaríamos ao pudim antes de você começar a pedir dinheiro.

Ele permaneceu de pé à porta com a esposa.

— Onde vocês estavam? — perguntou Stephen.

— Em Lower Farm — respondeu Caroline rapidamente, passando pelo marido e entrando. Ela deu um beijo rápido e frio em Grace enquanto a mulher se levantava para cumprimentá-la. — John? O que estava dizendo?

— Estou falando sério — afirmou John. — Não restou nada.

Ele se virou para encarar a tia.

— Não restou nada de quê? — perguntou Peregrine, com as mãos às costas enquanto se aquecia perto da lareira.

Embora esse dia de junho estivesse agradável e ensolarado, havia uma chama alta e bem-alimentada. Caroline gostava de manter cada cômodo tão quente quanto um orquidário.

— Tenho que pagar uma dívida com o alfaiate e o aluguel em Albany — justificou.

John balançou a cabeça, as mãos demonstrando surpresa, como se ele não tivesse qualquer responsabilidade sobre isso e as despesas houvessem sido jogadas em cima dele por um sujeito desconhecido e insensato.

— Albany? Sua mãe não paga isso? — perguntou o tio com uma estupefação fingida. — E *mais* dívidas com o alfaiate?

— Um homem na minha posição não pode passar a temporada sem roupas — respondeu John, dando de ombros e tomando um gole de sua bebida.

Grace assentiu.

— Não é justo esperar que ele pareça um maltrapilho. Especialmente agora.

Caroline ergueu os olhos.

— Por quê? O que está acontecendo agora?

Grace sorriu.



— Esse é o motivo pelo qual viemos...

— O *outro* motivo, você quer dizer — disse Peregrine.

— Prossiga — insistiu Caroline, impaciente para ouvir.

— John fez um acordo com lady Maria Grey.

Talvez para a própria surpresa, Peregrine ficou satisfeito com a notícia.

— A filha de lorde Templemore?

Stephen concordou com a cabeça. Gostava de marcar um ponto.

— O pai dela morreu. Seu irmão é o atual conde.

— Ela ainda é filha de lorde Templemore. — Mas Peregrine sorria enquanto falava. Percebeu que estava quase entusiasmado. — Isso é bom demais, John. Muito bem e parabéns.

John estava bastante irritado com o espanto evidente de seu tio.

— Por favor, não fique tão surpreso. Por que eu não deveria me casar com Maria Grey?

— Não há nenhuma razão. Nenhuma. É um bom casamento. Repito: muito bem, e estou falando sério.

Stephen bufou.

— É um bom casamento para ela. Os Templemore não têm dinheiro, e ela vai se casar com o futuro conde de Brockenhurst, afinal de contas. — Ele nunca resistia a reafirmar que o irmão e a cunhada não tinham filhos.

Peregrine olhou para ele, mas não respondeu. Nunca gostara de seu irmão Stephen, nem mesmo quando eram crianças. Talvez fosse por seu saudável rosto rosado. Ou pelo fato de que ele chorava muito, demandando atenção infinita. Houve uma irmã depois dos meninos, mas lady Alice não tinha nem seis anos quando foi levada pela coqueluche. Como resultado, Stephen, que era apenas dois anos mais novo que o irmão, tornara-se o bebê da família, um papel que sua mãe acabou incentivando bastante. John tomou outro gole do copo.

— O que você está bebendo? — perguntou Peregrine, olhando para o sobrinho.

— Brandy, senhor — respondeu John, mas sem tom de quem se desculpa.

— Você estava com frio?

— Não particularmente.

Peregrine riu. Ele não gostava muito de John, mas preferia ele ao pai. Pelo menos o sobrinho tinha coragem. Olhou de volta para Stephen com um desgosto mal disfarçado.

— Por que chegaram tão cedo?

— Como você tem passado? — respondeu o reverendo da poltrona, ignorando a pergunta. Ele estava com um joelho cruzado sobre o outro e balançava o pé direito. — O clima úmido não está afetando você?

O irmão negou com a cabeça.

— Está calor para mim.

— Está tudo certo em Lower Farm?

— Verificando suas futuras responsabilidades? — perguntou Peregrine.

— De jeito nenhum — respondeu Stephen. — É crime estar interessado em saber?

— É bom ver você, minha querida — mentiu Caroline, sentando-se perto de Grace.

Ela considerava a eterna rixa entre os irmãos cansativa e inútil.

— Que gentileza a sua. — Grace era uma mulher cujo copo estava sempre meio vazio. — Eu estava me perguntando se você teria algo para a festa da Igreja. Estou procurando bordados, lenços, pequenas almofadas, esse tipo de coisa. — Ela uniu as pontas dos dedos formando uma torre. — Temo que precisemos de muita coisa. — Ela fez uma pausa. — São tantas pessoas pedindo ajuda... Idosos, aleijados, jovens viúvas com filhos e sem ninguém para ganhar dinheiro. É de partir o coração.

Caroline assentiu.

— E as mulheres condenadas?

Grace olhou para o nada.

— Mulheres condenadas?

— Mães que nunca tiveram um marido.

— Ah, sim. — Grace franziu a testa, como se Caroline tivesse cometido algum tipo de indiscrição. — Nós geralmente preferimos deixar o pessoal da paróquia ajudá-las.

— Elas pedem sua ajuda?

— Às vezes. — O assunto estava deixando Grace desconfortável. — Mas tentamos resistir ao sentimentalismo. De que outra forma as demais garotas vão aprender, se não pelo triste exemplo das condenadas?

Em seguida, ela fugiu desse assunto e começou a comentar sobre seus planos para o bazar.

Enquanto a condessa ouvia Grace falar de propostas para jogos, barracas e brincadeiras, ela não conseguia deixar de pensar em Sophia Trenchard, grávida aos dezoito anos. Se tivesse aparecido, retorcendo as mãos e chorando, diante dessa comissão de rostos frios como pedra, Grace também a teria rejeitado? Provavelmente. E será que ela própria teria sido mais misericordiosa, se Sophia houvesse procurado a família em busca de ajuda?

— Vou encontrar algumas coisas que podem ser úteis — respondeu Caroline finalmente.

— Obrigada — disse Grace. — A comissão vai ficar muito grata.

O almoço foi servido na sala de jantar por Jenkins e quatro lacaios. Tudo estava bem diferente da época das enormes caçadas dos velhos tempos. Eles praticamente não receberam convidados desde a morte de Edmund. Mas, mesmo quando não havia ninguém presente além da família, Peregrine era um defensor das regras. Houve seis pratos — consomê, quenelle de peixe, codorniz, costeletas de carneiro com creme de cebola, sorvete de limão e pudim de groselha —, o que de certa forma parecia excessivo, mas Caroline sabia que o cunhado reclamaria até se lhe dessem o menor motivo para fazer isso.

Enquanto tomavam o consomê, Grace, fortalecida pela disposição incomum da condessa para ajudá-la com suas vendas, decidiu entretê-los com notícias da família:

— Emma vai ter outro filho.

— Que maravilha! Vou escrever para ela — disse Caroline, assentindo.

Emma tinha cinco anos a mais que o irmão John. Era uma mulher agradável, muito melhor do que o restante da família, e até mesmo Caroline ficou satisfeita ao ouvir a boa notícia sobre ela. Emma havia se casado com um baronete local, proprietário de terras, sir Hugo Scott, e os dois levavam a vida inocente e sem imaginação que era seu destino. A primeira filha de Emma, Constance, nascera gratificantes nove meses depois do casamento, e, desde então, Emma tivera um bebê a cada ano. Com este novo seriam cinco. Até o momento, tinha três filhas saudáveis, mas apenas um menino.

— Achamos que nasce no outono, embora Emma não tenha certeza. — Grace tomou um gole rápido do consomê. — Hugo está torcendo por um menino desta vez. Um herdeiro e um reserva, ele fica repetindo. Um herdeiro e um reserva — disse ela, rindo, muito alegre, mas, quando pôs a colher de volta na tigela de sopa, percebeu o olhar de Caroline e se calou.

Caroline não estava com raiva. Estava entediada. Havia perdido a conta do número de vezes que Grace ou Stephen a presentearam com histórias de seus numerosos netos barulhentos. Ela não tinha certeza se eles queriam ser cruéis ou se eram apenas totalmente sem tato. Peregrine sempre achou que eles eram desagradáveis de forma deliberada, contudo, Caroline estava mais inclinada a culpar a estupidez deles. Estava convencida de que Grace tinha o raciocínio lento demais para ser intencionalmente maldosa.

Os criados trocaram os pratos em silêncio. Eles estavam acostumados com o pouco esforço do lorde para conversas fiadas à mesa do almoço ou, na verdade, em qualquer momento, e na companhia do irmão ele sempre ficava particularmente taciturno. Tendo empregado uma quantidade considerável de energia para revitalizar a propriedade quando jovem, perdera o gosto por

ela quando o filho morreu e, no momento, em seus supostos últimos anos, estava mais inclinado a passar o tempo sozinho em sua biblioteca.

— Então — começou Stephen, tomando um gole vinho clarete —, eu estava pensando, querido irmão, se poderíamos ter uma conversa em particular depois do almoço.

— Uma conversa em particular? — perguntou Peregrine, recostando-se na cadeira. — Todos nós sabemos o que isso significa. Você quer falar sobre dinheiro.

— Bem. — Stephen pigarreou. Seu rosto pálido e suado brilhava ao sol que se derramava pelas janelas. Ele mexeu na cordinha usada para ajustar a cintura da calça, como se para afrouxá-la. — Não queremos aborrecer as senhoras.

A voz dele soava hesitante. Odiava estar naquela posição. Peregrine sabia exatamente o que o irmão queria, do que precisava. E pensar que foi apenas por acaso, por azar, que Stephen estava naquela posição... De que outra forma alguém poderia explicar o fato de ele ter nascido apenas dois anos depois do belo e antigamente popular Peregrine e mesmo assim ter que passar por essa situação humilhante?

— Bem, você não se importa em me aborrecer — disse Peregrine, servindo-se de um pouco de vinho do Porto e, em seguida, fez o decantador rodar pela mesa.

— Se pudéssemos apenas...

— Vamos lá. Diga logo.

— O que meu pai está pedindo é um adiantamento da minha futura herança — disse John, olhando para seu tio.

Peregrine bufou.

— Sua herança ou a dele?

John claramente não achava que o pai fosse sobreviver ao tio, nem qualquer outra pessoa na sala.

— Nossa herança — disse ele suavemente.

Peregrine tinha que admitir que o rapaz era bem-vestido e parecia em cada centímetro o herdeiro que pretendia ser. Peregrine apenas não gostava dele.

— Ele quer *outro* adiantamento da herança.

— Exato. Outro adiantamento.

John sustentou o olhar do tio. Não era fácil confrontá-lo.

Peregrine tomou um gole da bebida.

— Acho que meu irmãozinho já tirou lascas substanciais de seu futuro.

Stephen odiava ser chamado de “irmãozinho”. Tinha sessenta e seis anos, dois filhos vivos e logo teria cinco netos. Ele estava fervendo de raiva.

— Você vai concordar que a honra da família exige que mantenhamos as aparências. É nosso dever fazer isso.

— Não concordo nem um pouco — retrucou Peregrine. — Entendo que você deva viver com decência, como um vigário do campo. Só que, mais do que isso, o público não espera nem aprova qualquer tipo de extravagância em um homem de batina. Ficariam se perguntando com o que está gastando o dinheiro.

— Com nada que você não aprovaria. — Stephen estava se arriscando demais. Peregrine desaprovava muito se soubesse para o que era o dinheiro. — Você liberou recursos no passado.

— Muitas vezes. Muitas — disse Peregrine, balançando a cabeça.

Então foi por isso que seu irmão tinha sugerido o almoço, como se ninguém soubesse.

A conversa estava ficando constrangedora, e Caroline decidiu assumir o controle da situação.

— Conte-me um pouco mais sobre Maria Grey. — Parecia muito surpresa, de certa forma. — Achei que ela tivesse acabado de ser apresentada.

Grace se serviu de uma costeleta de carneiro.

— Não, não. Isso foi no ano retrasado. Ela já está bem velha agora. Tem vinte e um.

— Vinte e um. — Caroline pareceu um pouco melancólica. — Como o tempo voa... Estou surpresa que lady Templemore não tenha me falado nada.

Caroline e a mãe de Maria tinham sido amigas durante anos.

— Talvez ela estivesse esperando até que as coisas fossem devidamente arranjadas — respondeu Grace, sorrindo.

— E estão arranjadas agora. Eles têm um acordo.

Conscientemente ou não, o tom de lady Brockenhurst denunciou que ela achava improvável que o acordo não tivesse sido claramente realizado.

O sorriso de Grace se tornou mais firme quando ela apoiou a faca e o garfo.

— Há um ou dois detalhes para esclarecer, mas depois vamos fazer o anúncio de forma adequada.

Caroline pensou na moça bonita e inteligente que conhecia e em seu sobrinho pomposo e insistente, e, em seguida, como era inevitável, pensou no próprio belo filho, jazendo sob o solo, frio como pedra.

— Então, como você vê, nós, quero dizer, John, precisa de fundos — disse Stephen, olhando com admiração para a esposa.

Ela tinha acertado ao jogar aquela carta. Peregrine, sem dúvida, não poderia recusar o pedido de dinheiro. Seria muito ruim para a imagem dos Brockehurst se ele mantivesse alguém da própria família na penúria. Ainda mais quando as condessas estavam dispostas a discutir isso entre elas quase imediatamente.

Por fim, depois de terem comido os pudins e os sorvetes de limão, de terem bebido o café na sala de estar, de terem visitado os jardins, Stephen, John e Grace foram embora. Garantiram dinheiro suficiente para pagar os alfaiates, bem como as outras dívidas que Stephen deixara de mencionar. Peregrine se retirou para a biblioteca.

Com tristeza, ele se sentou ao lado do fogo em sua grande poltrona de couro, tentando ler um pouco de Plínio. Preferia o Velho ao Jovem, pois

gostava de pensar sobre fatos da história e da ciência, mas naquela tarde as palavras não estavam dançando para fora da página, elas meio que nadavam diante de seus olhos. Ele tinha lido o mesmo parágrafo três vezes quando Caroline entrou.

— Você estava quieto no almoço. Qual é o problema? — perguntou ela.

Peregrine fechou o exemplar e continuou sentado em silêncio por um instante. Ele olhou em volta do cômodo para os retratos enfileirados nas estantes de mogno, os homens de aparência austera com perucas, as mulheres apertadas em seus vestidos de cetim, seus antepassados, sua família, que tinham lhe emprestado seu sangue, o último de sua linhagem direta. Então voltou o olhar para a esposa.

— Por que meu irmão, um homem que nunca disse nem fez qualquer coisa que tivesse o mínimo de valor, vive para ver seus filhos casados e seus netos reunidos em volta de sua cadeira?

— Ah, meu querido...

Caroline se sentou ao lado dele e pôs a mão em seu joelho magro.

— Desculpe — disse Peregrine, balançando a cabeça enquanto seu rosto corava. — Estou sendo um velho tolo. Mas às vezes não consigo não me revoltar com a injustiça de tudo isso.

— E você acha que não me revolto?

Ele suspirou.

— Você já se perguntou como ele estaria agora? Casado, é claro, e bem mais gordo. Com filhos inteligentes e filhas bonitas.

— Talvez ele tivesse tido filhas inteligentes e filhos bonitos.

— A questão é que ele não está aqui. Nosso filho, Edmund, se foi e Deus sabe que não entendo por que isso teve que acontecer conosco. — Peregrine Brockenhurst sofria com a típica inquietude dos ingleses quando se tratava de discutir as próprias emoções, e isso às vezes podia ser mais pungente que a fluência. Ele pegou a mão da esposa e a apertou. Seus olhos azul-claros estavam marejados. — Desculpe, querida, estou sendo muito



tolo. — Ele olhou para a esposa com algo que parecia ternura. — Acho que não consigo deixar de me perguntar qual é o sentido de tudo isso. — Então deu uma risada seca, recuperando a compostura. — Não me dê ouvidos. Devo parar de beber vinho. Essa bebida sempre me deixa infeliz.

Caroline acariciou as costas da mão dele. Teria sido muito fácil lhe dizer a verdade, contar que ele tinha um neto que poderia herdar sua posição. Mas ela não conhecia todos os fatos. Será que Anne Trenchard dissera a verdade? Ela precisava investigar. E tinha prometido àquela mulher que ficaria em silêncio. Em sua defesa, Caroline era uma pessoa que normalmente cumpria as promessas que fazia.



Nenhuma quantidade de valeriana parecia aliviar a terrível dor de cabeça de Anne. Ela sentia como se seu crânio estivesse sendo cortado ao meio com uma faca de aço. Sabia a causa e, embora não fosse propensa a dramas, reconhecia que sua solitária caminhada para casa na Eaton Square depois da conversa com lady Brockenhurst tinha sido uma das mais difíceis de sua vida.

Ao chegar ao número 110, ela tremia tanto que, quando bateu à própria porta, não conseguiu dar qualquer tipo de explicação sobre o estado em que se encontrava. Billy pareceu terrivelmente perplexo ao abrir a porta. De onde voltava sua senhora, tremendo feito gelatina? Onde estava Quirk, o cocheiro? Tudo estava bastante confuso e ofereceu muito a ser discutido lá embaixo, na sala dos criados, enquanto eles esperavam para comer mais tarde naquela noite. Mas ninguém estava mais confuso do que a própria Anne enquanto subia lentamente a escada em direção ao seu quarto.



— Era como se ela estivesse em transe — disse sua criada, Ellis, quando se sentou à mesa naquela noite. — Apenas abraçava a cadela e se balançava na cadeira.

Os anos não tinham sido muito gentis com Ellis. Depois dos dias inebriantes de Waterloo, quando as ruas de Bruxelas fervilharam com soldados bonitos que gostavam de conversar um pouco com criadas, ela considerou Londres um pouco calma demais para seu gosto. Mencionava sua amiga Jane Croft, ex-criada da Srta. Sophia nos velhos tempos, que atualmente estava muito bem como governanta no campo, e sempre ameaçava ir embora para tentar algo similar. Mas, verdade seja dita, ela sabia que seria uma boba se partisse. Ansiava por um emprego em uma casa mais ilustre e ficava incomodada por não trabalhar para uma família com títulos, mas os Trenchard pagavam a seus empregados mais do que a maioria dos aristocratas de que ela já tinha ouvido falar, e a comida servida no andar de baixo era significativamente melhor do que em qualquer outro lugar pelo qual ela já tivesse passado. A Sra. Babbage tinha um orçamento adequado e servia carne em quase todas as refeições.

— Ela não está errada em ser discreta — disse Billy, esfregando as mãos enquanto inalava o cheiro do cozido de carne e batatas que vinha da grande panela de cobre no meio da mesa. — Quero dizer, quem já ouviu falar de uma senhora andando sozinha pelas ruas desse jeito? Ela saiu para fazer alguma coisa que não queria que o senhor soubesse, com certeza.

— Você acha que ela tem um amante espetacular? — perguntou uma das criadas, rindo.

— Mercy, vá para o seu quarto!

A Sra. Frant estava à porta, com as mãos nos quadris, vestindo uma saia preta e uma camisa da mesma cor de gola alta, onde havia um camafeu verde-claro preso. Ela trabalhava para os Trenchard havia apenas três anos, mas estivera a serviço por tempo suficiente para saber que era um emprego

que valia a pena manter, e por isso não aturava nenhum absurdo no andar de baixo.

— Desculpe, Sra. Frant. Eu só estava...

— Você só estava subindo sem jantar e, se eu ouvir mais uma palavra, estará na rua amanhã, sem referências para um próximo emprego.

A menina fungou, mas não tentou qualquer outra defesa. Enquanto ela se afastava, a Sra. Frant ocupou seu lugar.

— Agora, vamos conversar com educação, mas nossos patrões não serão o tema da conversa.

— Tudo bem, Sra. Frant — Ellis estava ansiosa para mostrar que não considerava estar sob o comando da governanta —, mas é muito incomum a patroa ter uma dor de cabeça a ponto de precisar de valeriana. Não a vejo tão mal desde que ela e a Srta. Sophia foram visitar aquela prima doente em Derbyshire.

As duas mulheres trocaram um olhar penetrante.



Em vez de ter qualquer explicação, tudo o que James Trenchard podia fazer era especular por que sua esposa estava na cama e por que havia pedido que a ceia fosse mandada para seu quarto. Presumiu que tivesse algo a ver com Charles Pope e sua recusa em permitir que Anne compartilhasse a existência do jovem com lady Brockenhurst, e, embora não tivesse mudado de ideia sobre isso, estava ansioso para voltar às boas com a esposa de modo decente. Então, quando encontrou, entre as cartas da última remessa, o convite para uma recepção em Kew Gardens, ele decidiu que o levaria até ela imediatamente, na esperança de que isso a animasse. James sabia bem que ela gostava muito de jardinagem e era uma entusiástica patrocinadora de Kew.

— Eu poderia ir também — sugeriu ele alegremente, enquanto a observava revirar o convite nas mãos.

Ela estava recostada em travesseiros e também muito pálida, mas ficou interessada, ele foi capaz de perceber.

— Até Kew? — retrucou Anne. — Você mal consegue percorrer a extensão dos jardins de Glanville!

Mas ela estava sorrindo.

— Vai ver Susan gostaria de ir.

— Susan não gosta de flores e não vê beleza em nada que não brilhe na vitrine do Sr. Asprey. Ela me fez levá-la para conhecer a nova loja na semana passada. Quase não consegui arrastá-la de volta para a carruagem.

— Posso imaginar. — James assentiu, sorrindo. — Isso me faz lembrar... Depois de nossa conversa no jantar naquela outra noite, fiquei me perguntando se eu deveria ajudar Oliver a progredir um pouco mais nos negócios. Ele está vagando meio sem rumo no momento, e talvez precise de alguma orientação. Tenho um encontro com William Cubitt amanhã para falar sobre o projeto da Isle of Dogs e, se Oliver quiser se envolver, como deu a entender, achei que poderia tentar pedir a inclusão dele nesses planos.

— Mas você acha que ele estava falando sério? — perguntou Anne. — Não parece nem um pouco o tipo de coisa que Oliver faria.

— Talvez ele devesse ser um pouco menos exigente sobre o que lhe interessa.

James não queria ser repressor, mas o desdém com que Oliver tratava a ideia do comércio e do trabalho duro o irritava.

— Bem, suponho que não vá doer — disse Anne. — Você pode pedir.

Não era exatamente a reação que James esperava. Seria quase uma imposição pedir que William Cubitt desse a seu filho uma participação maior no negócio: um negócio pelo qual, até o momento, Oliver tinha demonstrado pouco interesse e pouco talento. Considerando sua parceria lucrativa, era uma jogada ousada.

Anne conseguia perceber a preocupação dele e sentia o mesmo, mas não tinha energia para lutar. Sempre se orgulhara de sua habilidade para julgar

uma situação; compreendia bem as pessoas e não falava da própria vida. Não era dessas mulheres bobas que ficam indiscretas depois de uma taça de champanhe. Então, no que estivera pensando ao contar a verdade para lady Brockenhurst? Tinha ficado intimidada pela condessa? Ou simplesmente vinha carregando o fardo sozinha havia muito tempo? O fato é que ela tinha contado um segredo de magnitude inimaginável, um segredo que poderia lhes causar danos ilimitados, para uma completa desconhecida, uma mulher sobre quem sabia muito pouco ou nada. Ao fazer isso, tinha dado a lady Brockenhurst a munição para derrubar toda a própria família. A pergunta era: essa munição seria usada? Anne tocou a sineta para Ellis levar Agnes para seu passeio noturno.



No dia seguinte, James saiu de casa cedo. Ele costumava dar uma olhada na esposa antes de sair, mas ela havia dormido tão mal que se levantara no meio da noite para tomar um ar e provavelmente não acordaria antes do meio-dia. Mesmo assim, ele não estava muito preocupado. Fosse o que fosse, ela ia superar. Ele estava muito mais preocupado em encontrar William Cubitt. Tinha que chegar ao escritório, terminar seus afazeres da manhã e ir para a reunião, que era ao meio-dia.

Cubitt tinha escolhido o Athenaeum para o encontro, e James estava determinado a chegar cedo para que pudesse dar uma olhada ao redor. Ouvira falar que as regras de adesão ao clube estavam menos rigorosas — precisava-se de fundos — e ele havia se candidatado. James não era membro de nenhum clube de cavalheiros, e isso o exasperava.

Ao chegar ao número 107 de Pall Mall, ele admirou as colunas impressionantes diante do prédio, chegou até a atravessar a rua para ver a homenagem ao friso do Partenon no topo da fachada. Era difícil acreditar

que Decimus Burton tinha apenas vinte e quatro anos quando projetou aquele lugar.

James entrou e entregou luvas e bengala para o garçom que o recebeu, e estava ansioso para saber com quem poderia falar sobre sua candidatura. Já fazia algum tempo que tinha abordado a intenção pela primeira vez, e não recebera notícias. Talvez tivesse sido recusado. Mas não teriam lhe dito? Isso era muito cansativo. Ele olhou em volta com inveja para o vasto hall com sua escadaria imperial magnífica, desembocando no primeiro andar para alcançar os dois lados do grande espaço.

— James! — disse William, pulando da cadeira para cumprimentar seu amigo. — Que bom ver você. — Magro, com cabelo grisalho farto, William Cubitt tinha um rosto gentil e esperto, com grandes olhos que ficavam semicerrados quando escutava com atenção. — Você viu o novo Reform Club no caminho? Não é lindo? Um rapaz inteligente, esse Charles Barry. Não conheço direito a política do lugar — acrescentou, erguendo uma sobrancelha. — Lá é cheio de liberais, todos empenhados em criar problemas, mas o clube é uma bela realização mesmo assim. — Tendo construído Covent Garden, Fishmongers' Hall, o pórtico para a estação Euston e muito mais, Cubitt invariavelmente comentava os detalhes que quase ninguém notava. — Você observou as nove janelas altas na fachada? Muito ousado — comentou, entusiasmado. — E o tamanho? Põe o pequeno Travellers Club no chinelo. Você gostaria de beber alguma coisa? Gostaria de ir até a biblioteca?

A biblioteca do clube, uma câmara enorme ocupando a maior parte do primeiro andar, forrada de estantes que abrigavam uma esplêndida coleção, só deixava James ainda mais ansioso para fazer parte do lugar. Com que direito eles o mantinham fora? Foi com grande dificuldade que se forçou a se concentrar no que estava sendo dito, mas, por fim, se acalmou e, com uma taça de vinho Madeira, ele e Cubitt conversaram sobre os planos, as ideias e as mudanças que William tinha em mente para a “Cubitt Town”.

— Vou mudar o nome — disse ele, voltando a se sentar. — Mas é assim que se chama, por ora.

— Então, o plano é expandir o cais, abrir empresas locais e construir casas para aqueles que trabalham ali perto?

— Exatamente. Há cerâmica, produção de tijolos, cimento. Todo o trabalho sujo, mas que precisa ser feito, e quero ser a pessoa que vai fazer — comentou Cubitt. — Mas também queremos casas para os contadores e auxiliares de escritório, e espero que possamos convencer alguns gerentes a morar lá, se nós conseguirmos criar áreas suficientemente salubres. Resumindo, queremos reinventar por completo o lugar e reconstruí-lo como uma comunidade inteira.

— Há muito trabalho a ser feito — disse James.

— Sem dúvida. Vamos ter que drenar a terra primeiro, é claro, mas sabemos muito bem como fazer isso depois de construir Belgravia, e tenho grandes esperanças de que isso vá nos deixar orgulhosos, no fim das contas.

— Você acha que haveria espaço para Oliver? É o tipo de coisa de que ele adoraria participar. — James se esforçou para dizer isso em tom casual.

— Oliver?

— Meu filho. — James sentiu a própria voz vacilar.

— Ah, esse Oliver. — Por um instante, o clima pareceu palpável, de tão pesado. — Pode ser que ele já tenha tido tempo de se aprimorar no nosso tipo de negócio, mas nunca achei que ele fosse muito interessado em arquitetura — disse William. — Ou em construção. Não estou dizendo que me oponho à contratação dele, entende, mas as demandas de um projeto tão grande quanto este podem ser um pouco maiores do que as que ele estaria disposto a assumir.

— Não, ele está ansioso para se envolver nisso — insistiu James, tentando acabar com o próprio constrangimento e pensando nos comentários de Anne. — Ele está extremamente interessado. Mas, às vezes, não é muito bom em... se expressar.

— Entendo.

Contudo, não era possível dizer que William Cubitt parecia convencido.

James conhecia William e seu irmão mais velho, Thomas, havia quase vinte anos, e durante esse tempo se tornaram próximos, não só como parceiros de negócios, mas como amigos. O trio fizera muito dinheiro, e todos tinham motivo para ficar felizes, mas, mesmo a contragosto, esta era a primeira vez que James pedia a um dos irmãos qualquer coisa parecida com um favor. Ele esfregou a têmpora direita. Se bem que isso não era verdade. Já havia pedido para aceitarem Oliver. Obviamente, o rapaz não tinha causado uma impressão muito favorável, e aqui estava James, abusando da própria sorte.

William semicerrou os olhos. Para ser sincero, ele estava um pouco surpreso, não esperava esse pedido. Conhecia Oliver desde que ele não passava de uma criança, e, durante todo seu tempo de trabalho na empresa, o rapaz nunca lhe fizera sequer uma pergunta sobre o desenvolvimento da Bloomsbury, de Belgravia ou de qualquer um dos seus contratos anteriores. Oliver tinha trabalhado nos escritórios. Mais ou menos. Mas, ao que parecia, sem entusiasmo ou mesmo interesse. Dito isto, William gostava de James Trenchard. Ele era um homem inteligente, tenaz, trabalhador e totalmente confiável. Podia ser pomposo às vezes, e suas implacáveis ambições sociais o tornavam um pouco ridículo, mas todos têm fraquezas.

— Muito bem. Vou procurar um jeito de envolvê-lo no projeto — disse Cubitt. — Acho que é importante as famílias trabalharem juntas. Meu irmão e eu fazemos isso há anos, então por que você e seu filho também não deveriam fazer? Vamos tirá-lo do escritório e arrumar uma função para ele no local. Estamos sempre precisando de bons gerentes. Diga para ele me procurar na segunda-feira que vamos incluí-lo no projeto Isle of Dogs. Você tem minha palavra.

Ele estendeu a mão, e, sorrindo, James a apertou. Mas se sentia menos confiante com relação ao resultado do que gostaria.





Uma vez recuperada, Anne só deixaria de ir à reunião em Kew se pegasse tifo. Os jardins tinham sido abertos ao público apenas no ano anterior, em 1840, em grande parte devido ao entusiasmo do duque de Devonshire, que, como presidente da Sociedade Real de Horticultura, era o principal responsável pelo projeto. Ele foi apoiado pelo crescente entusiasmo dos jardineiros de todo o país. Parecia que a jardinagem era a prática perfeita para todas as classes de ingleses na década de 1840. Anne Trenchard tinha sido uma das principais patrocinadoras do projeto, o que sem dúvida contou para sua inclusão na sociedade. Apesar de suas preocupações em relação à lady Brockenhurst e de sua habitual reticência social quando seguia as ordens de James, Anne estava realmente animada.

Jardinagem não era bem um passatempo para Anne: era sua paixão, sua obsessão. Tinha começado a desenvolver interesse por todas as coisas da horticultura logo após a morte de Sophia, e achava terapêutico supervisionar e estudar as flores que pareciam lhe conceder um pouco de paz. Mesmo sem intenção, James a encorajara quando, certa tarde em Bloomsbury, deparou com um livro extremamente raro e caro, o *City gardener*, de Thomas Fairchild, publicado em 1722, e desde então ele continuou alimentando a biblioteca de jardinagem dela.

Mas foi a compra de Glanville, em 1825, que realmente lhe deixou mais entusiasmada. Havia algo naquela mansão elisabetana dilapidada que ela simplesmente adorava, e nunca se sentia mais feliz do que quando travava profundos debates com Hooper, o jardineiro-chefe. Juntos, eles replantaram os pomares, organizaram uma boa horta, que agora fornecia comida para a casa e toda a propriedade, e, essencialmente, recriaram os terraços malcuidados, usando as práticas do século anterior e também recriando as formas originais e os jardins do período em que a casa foi construída. Ela mandou até providenciarem uma estufa, na qual conseguia cultivar marmelo

e pêsegos. Estes últimos não nasciam em quantidade notável, mas eram perfumados e perfeitos, e fizeram Hooper participar da Exposição da Sociedade Real de Horticultura em Chiswick no ano anterior.

Ela, naturalmente, conheceu muitas pessoas na fraternidade de jardinagem ao longo dos anos, entre eles Joseph Paxton, no início, um novato talentoso, com ideias extraordinárias e quase revolucionárias. Ela ficara muito animada quando ele lhe contou que havia sido convidado para trabalhar nos jardins do duque de Devonshire, em seu palacete à beira de Londres, a Chiswick House. Mais tarde, ficou ainda mais satisfeita quando Paxton se mudou para Chatsworth, o grande palácio do duque em Derbyshire, onde ficou responsável por supervisionar a construção de uma estufa de mais de noventa metros quadrados de área. Anne não conhecia o duque pessoalmente, claro, mas, como presidente da Sociedade Real de Horticultura, ele, com certeza, era tão apaixonado por jardins quanto ela.

Era Paxton que ela esperava encontrar naquele dia em Kew. Ela foi armada de perguntas sobre seus marmeleiros, pois ele sabia tudo sobre o crescimento em estufa. Os jardins estavam movimentados quando ela chegou. Centenas de senhoras vestindo trajes em belos tons pastel com capotas e guarda-sóis passeavam pelos gramados, admirando os novos leitos e percursos, desenhados para atender ao crescente entusiasmo das multidões que saíam de Londres sempre que o sol brilhava. Anne estava a caminho do Laranjal quando encontrou quem procurava.

— Sr. Paxton. Esperava mesmo encontrá-lo aqui — disse ela, estendendo a mão.

— Sra. Trenchard. — Ele balançou a cabeça, com um sorriso largo. — Como a senhora está? E como estão seus pêsegos premiados?

— Que memória! — disse Anne.

Eles logo começaram a discutir as especificidades dos marmelos e sobre como era difícil fazer com que dessem frutos em um clima tão cruel, e o que os juízes esperariam encontrar se ela os inscrevesse na exibição da Sociedade

Real de Horticultura. Na verdade, estavam tão envolvidos na conversa que não repararam nos dois indivíduos de aparência distinta se aproximando.

— Aí está você, Paxton — declarou o duque de Devonshire. — Procurei-o por toda parte. — Era um homem alto e elegante, com cabelo escuro, nariz comprido e grandes olhos amendoados, e irradiava bom humor. — Já soube da notícia?

— Que notícia, Sua Graça? — perguntou Paxton.

— Todos os frutos do Laranjal foram levados. — Claramente era uma notícia maravilhosa. — Dá para acreditar? É muito escuro lá dentro, ao que parece. Foi construído no ângulo errado. Não tinham a vantagem do seu planejamento.

Ele sorriu quando se virou para Anne, que estava alegre, claramente esperando ser apresentada. Foi nesse momento que Anne notou quem acompanhava o duque e olhava para ela por baixo da capota.

— Vossa Graça, milady — disse Paxton, dando um passo para trás. — Permita-me lhes apresentar uma excelente jardineira e bem-conhecida integrante da Sociedade, a Sra. Trenchard.

— Prazer, Sra. Trenchard — respondeu o duque com um aceno cortês. — Já ouvi falar sobre a senhora. Não menos importante que Paxton. — Ele olhou para a mulher que estava ao seu lado. — Permita-me...

— A Sra. Trenchard e eu já nos conhecemos — disse lady Brockenhurst, com olhos inexpressivos.

— Que ótimo! — declarou o duque, franzindo ligeiramente a testa enquanto olhava de uma para outra. Ele não entendia como sua amiga, lady Brockenhurst, poderia conhecer aquela mulher, mas estava feliz que a conhecesse. — Vamos ver o que fizeram com a estufa?

Seguindo na frente, ele partiu em ritmo acelerado, com Paxton e as duas mulheres atrás. O duque não tinha como saber disso, mas sua acompanhante orgulhosa havia sido tomada por uma emoção que deixava seu coração apertado. Esta era sua chance.

— Sra. Trenchard — disse ela. — Aquele homem sobre quem estávamos falando outro dia...

O coração de Anne quase saiu pela boca. O que ela deveria dizer? O segredo fora revelado. Por que fingir o contrário?

— Charles Pope? — falou um pouco rouca e sem se surpreender.

— Ele mesmo. Charles Pope — disse Lady Brockenhurst, assentindo.

— O que tem ele? — perguntou Anne.

Ela olhou em volta para os grupos familiares, homens anotando em blocos de papel, mulheres tentando controlar os filhos, e, não pela primeira vez em casos assim, perguntou-se como as pessoas conseguiam tocar a vida como se nada de extraordinário estivesse acontecendo a poucos metros delas.

— Esqueci onde ele mora, o Sr. Pope.

Paxton as observava. Algo no tom de voz delas lhe dizia que ele estava testemunhando uma revelação, que segredos estavam sendo questionados e respondidos. Anne notou a curiosidade do homem e quis suprimi-la.

— Não tenho certeza do endereço.

— E o dos pais dele?

Por um instante, Anne pensou que deveria simplesmente ir embora, pedir desculpas aos outros, alegar uma dor de cabeça, até desmaiar. Mas lady Brockenhurst não ia aceitar nada disso.

— Lembro que o pai era clérigo.

— O reverendo Benjamin Pope.

— Era aí que eu queria chegar. Não doeu muito, não é? — O sorriso frio de lady Brockenhurst poderia ter congelado o ambiente. — E o condado?

— Surrey. Mas eu realmente só posso dizer isso. — Anne estava desesperada para fugir da mulher que tinha seu destino na palma das mãos. — Charles Pope é filho do reverendo Benjamin Pope, que mora em Surrey. É o suficiente.

E assim foi.



Não demorou muito para que Caroline Brockenhurst rastreasse seu neto. Como todos da nobreza, ela tinha muitos amigos e conhecidos entre o clero, e vários deles estavam dispostos a ajudá-la a encontrar este rapaz que, ela logo descobriu, estava fazendo nome na City. Ela ficou sabendo que ele era ambicioso, que tinha planos. Havia comprado uma fábrica em Manchester e estava à procura de um fornecimento regular de algodão cru para expandir a produção, talvez no subcontinente indiano ou em algum outro lugar. De qualquer maneira, era um sujeito dinâmico, cheio de ideias e empreendedor. Ele só precisava de um pouco mais de investimento. Isso, pelo menos, foi o que a investigação de Caroline lhe rendeu.

Quando lady Brockenhurst bateu na porta do escritório de Charles Pope, estava surpreendentemente calma. Ela tinha sido bastante prática ao falar com seu cocheiro, Hutchinson, instruindo-o a levá-la até o endereço em Bishopsgate. Ela o mandara esperar e disse que meia hora devia ser suficiente. Em sua mente, seria um encontro rápido. Não havia pensado nos detalhes nem ensaiado o que diria. Era quase como se ela não ousasse acreditar que a história da Sra. Trenchard fosse mesmo verdade. Afinal, por que deveria ser?

— *A condessa de Brockenhurst?* Ela está aqui?

O rapaz saltou da cadeira quando o auxiliar abriu a porta e anunciou o nome. Ela estava lá, de pé à porta, olhando para ele.

Por um momento, Caroline não conseguiu se mover. Ficou encarando o rosto dele: seus cachos escuros, os olhos azuis, o nariz fino, a boca cinzelada. Era o rosto de seu filho, Edmund, mais bem-humorado talvez, mais forte sem dúvida, mas seu querido Edmund renascido.

— Estou procurando o Sr. Charles Pope — disse ela, sabendo muito bem que estava olhando para o próprio.

— Eu sou Charles Pope. — Ele sorriu, seguindo na direção dela. — Por favor, entre. — Ele fez uma pausa e franziu a testa. — Está tudo bem, lady Brockenhurst? Parece que a senhora viu um fantasma.

Na verdade, o assombro tinha sido culpa dela mesma, pensou, enquanto ele a ajudava a se acomodar em uma cadeira do outro lado da mesa. Ela deveria ter considerado o assunto adequadamente em vez de marcar uma hora no calor do momento, com o pretexto de investir em seu empreendimento. Teria sido mais fácil se Peregrine a tivesse acompanhado. Mas aí, novamente, ela poderia ter chorado, e já havia feito isso o suficiente ao longo da vida. Ela também precisava ter certeza. Ele lhe ofereceu um copo de água e ela aceitou. Não havia desmaiado exatamente, mas suas pernas bambearam com o choque. É claro que havia grandes chances de o filho de Edmund se parecer com o pai. Por que ela não pensara nisso e se preparara?

— Então — disse ela, por fim —, fale-me um pouco sobre o lugar de onde você veio.

— De onde eu vim?

O rapaz pareceu perplexo. Presumira que fosse falar sobre seu negócio com a condessa. Como ela ouvira falar dele e de sua fábrica de algodão, ele não tinha certeza. Parecia estranho uma grande dama se interessar por essas coisas, mas ele sabia que ela era bem relacionada e sem dúvida era rica o bastante para investir em sua fábrica.

— Não é uma história muito interessante — continuou ele. — Sou de Surrey, filho de um vigário.

— Entendo.

Ela estava se colocando em uma posição desconfortável. Que comentário poderia fazer? Como explicaria o motivo pelo qual sabia das origens do rapaz? Mas ele aceitou a pergunta pelo que parecia ser, sem questionar as motivações da mulher.

— Bem, na verdade, meu verdadeiro pai morreu antes que eu nascesse. Então, o primo dele, o reverendo Benjamin Pope, me criou. Eu o considero meu pai, mas, infelizmente, ele também se foi.

— Sinto muito.

Caroline quase estremeceu com a dor que as palavras dele lhe causaram. Ela estava sentada diante de seu neto e ouvia atentamente. Parecia muito estranho que ele acreditasse que seu pai era um vigário. Se ao menos soubesse quem era seu verdadeiro pai... Ela queria enchê-lo de perguntas, principalmente para ouvir o som de sua voz, mas o que havia a dizer? Era como se ela estivesse com medo de encerrar o encontro, de acordar no dia seguinte e descobrir que ele, Charles Pope, não existia mais, nunca existira e que tudo tinha sido um sonho. Porque este rapaz era tudo que ela poderia ter esperado de um neto.

Por fim, depois que ela prometeu investir uma quantidade significativa de dinheiro no negócio dele, era hora de partir. Lady Brockenhurst foi até a porta e então parou.

— Sr. Pope — disse ela. — Vou fazer uma recepção na quinta-feira em minha casa. Geralmente faço isso na segunda quinta-feira de cada mês durante a temporada, e estava me perguntando se o senhor gostaria de ir.

— Eu?

Se ele estivera surpreso antes, agora estava estupefato.

— Começa às dez. Não serviremos jantar, pois já teremos comido antes, mas haverá uma ceia à meia-noite, então não há necessidade de fazer uma refeição antes, se o senhor não quiser.

Charles não era, em sentido algum, membro da sociedade, mas sabia o suficiente sobre isso para perceber que essa era uma grande honraria, de fato. Por que ele mereceria tal convite?

— Não estou entendendo muito bem...

— Sr. Pope, estou convidando o senhor para uma festa na quinta-feira. É tão incompreensível assim?

Ele não era desprovido de espírito aventureiro. Sem dúvida, tudo seria explicado em algum momento.

— Eu ficaria encantado, milady — respondeu.



Logo deixou de ser segredo que um laçao de libré chegara à Eaton Square com o cartão convidando o Sr. e a Sra. Trenchard para uma *soirée* oferecida pela condessa de Brockenhurst. Anne esperara James chegar para discutir o assunto com ele. Não tinha nenhuma vontade de ir à casa daquela mulher. E por que tinham sido convidados? Lady Brockenhurst deixara seus sentimentos perfeitamente claros em Kew Gardens. A condessa era arrogante, desagradável, e Anne não queria ter nada a ver com ela. Ainda assim, seria difícil James recusar o convite. Os Brockenhurst eram exatamente o tipo de gente com quem seu marido tanto queria passar tempo. Antes que ela conseguisse avaliar mais a questão, houve uma batida na porta.

— Mãe?

Susan entrou, exibindo um sorriso bonito no seu belo rosto, suas intenções completamente nítidas. Ela se inclinou para acariciar a pequena cadela, o que era sempre um prenúncio.

— Entendi errado ou você foi convidada para jantar com a condessa de Brockenhurst? — perguntou ela, balançando de leve os cachos do cabelo.

Aparentemente, isso era para dar um ar de inocência juvenil, ao qual sua sogra era imune.

— Não para jantar. Para uma recepção após o jantar, embora eu me atreva a dizer que haverá algo para comer mais tarde — respondeu Anne. — Mas não tenho certeza se iremos.

Ela sorriu e esperou que Susan reagisse. A pobre menina era tão previsível!



— Não vamos?

— Nós mal a conhecemos. E é difícil ficar entusiasmada com algo que começa tão tarde.

O rosto de Susan se contorceu em agonia.

— Mas com certeza...

— O que você está tentando me perguntar, minha querida?

— Apenas pensei que nós pudéssemos... estar incluídos no convite.

— Mas não estão.

— Por favor, não me faça implorar. Afinal, Oliver e eu moramos na mesma casa que vocês. Não deveríamos fazer parte da sociedade que vocês frequentam? Seria tão terrivelmente difícil pedir?

— Você quer dizer que está convencida de que deveríamos ir.

— Papai acha que deveriam.

Susan tinha melhorado o discurso. Esse era um bom argumento. James não permitiria que ela recusasse, e Anne sabia que ouviria para sempre se não pedisse que Oliver e sua esposa os acompanhassem. Simplesmente não valia a pena permitir que o clima ficasse desagradável na casa.

Então, naquela noite, Anne se sentou à escrivaninha, pegou a caneta e escreveu uma resposta à lady Brockenhurst pedindo, nos termos mais educados, que seu filho e a esposa dele, Susan, tivessem permissão para acompanhá-los. Quando pegou a cera para selar o envelope, sabia que seu pedido seria considerado um abuso e, possivelmente, vulgar, mas também que lady Brockenhurst não se negaria a acatar o pedido.

No entanto, o que Anne não esperava era a mensagem que veio com a resposta. Quando recebeu a carta, deixou-a cair. Seu coração bateu tão acelerado que ela mal conseguia respirar. Precisou reler a carta. Lá, junto do outro cartão “Em casa” em nome do Sr. e da Sra. Oliver Trenchard, havia um bilhete que dizia simplesmente:

“Também convidei o Sr. Charles Pope para se juntar a nós.”

Capítulo 4

*Em casa em Belgrave Square*



Eram quase dez horas. As mãos de Anne Trenchard tremiam e seu estômago estava embrulhado de entusiasmo. Ela se olhou no espelho, silenciosamente desejando que Ellis se apressasse e desse logo os toques finais em seu cabelo. Usava uma tiara e podia sentir alguns grampos espetando seu couro cabeludo. Ela ficaria com dor de cabeça antes que a noite terminasse. Sabia disso.

Olhou para o relógio dourado acima da lareira. Dois querubins de aparência emburrada se olhavam. A Belgrave Square ficava a menos de cinco minutos de carruagem. Seria indelicado chegar com mais de meia hora de antecedência, mas ela achava que não conseguiria esperar tanto tempo.

Era raro Anne sentir qualquer entusiasmo quando se tratava de compromissos sociais. Mas era mais raro ainda encontrar o próprio neto pela primeira vez em vinte e cinco anos.

Será que lady Brockenhurst poderia ter dito a verdade na carta? Anne quase não conseguia se obrigar a acreditar. Como ele se pareceria?, perguntou-se ela, ajustando seu diamante *collier de chien*. Ele tinha olhos azuis, como os de Sophia, mas todos os bebês nascem com os olhos dessa cor, então talvez tenham mudado. Ela lembrava-se do cheiro dele, quente e doce, remetendo a leite, das pernas pouco resistentes, dos joelhos com covinhas e do aperto forte de sua mãozinha. Também vieram à sua mente todas as emoções que vivenciara: a raiva e a terrível e dolorosa tristeza quando ele fora tirado dela. Era algo além da compreensão como que um pequeno ser humano indefeso conseguia provocar tais sentimentos. Ergueu Agnes, que estava aos pés da dona. Havia algo de reconfortante em seu amor

incondicional ou era apenas a necessidade de ser alimentada que a mantinha fiel? Culpada por essa dúvida, Anne beijou o nariz da cadela.

— Você está pronta? — perguntou James, enfiando a cabeça careca pela porta. — Susan e Oliver estão no hall.

— Não queremos ser os primeiros a chegar.

Mas Anne sorriu ao perceber a animação do marido. Não havia nada de que ele gostasse mais do que passar uma grande noite fora, e poucos eventos eram mais grandiosos do que uma recepção na casa dos Brockenhurst.

— Não seremos. Uma multidão foi para o jantar.

Isso era verdade. Eles estavam no segundo nível de convidados. Ela sabia que James teria vendido a alma para estar na lista dos convidados para o jantar, mas estava muito animado para deixar isso estragar as coisas naquele momento. Era estranho o modo que, em sua ânsia de ser recebido na casa dos Brockenhurst, ele parecia ter esquecido a verdadeira conexão entre as famílias. Aparentemente eles agiriam como se não houvesse ligação alguma, nenhuma criança. É claro que ele teria um choque quando soubesse que Charles Pope estava presente, mas não havia sentido em perturbá-lo naquele instante. Ela se levantou.

— Muito bem. Ellis, você poderia buscar meu leque, por favor? O novo Duvelleroy.

Apesar da generosa remuneração de James, Anne tinha pouco interesse em moda, mas leques eram uma de suas poucas extravagâncias. Na verdade, ela tinha uma coleção. Os Duvelleroy eram dos melhores. Pintados à mão e feitos com requinte, ela os guardava para ocasiões especiais. Ellis colocou-o em sua mão. Havia a pintura de uma imagem da nova família real francesa, levada ao trono por uma revolução, uma década antes. Ela olhou para o rei gordo e idoso. Por quanto tempo ele manteria aquela coroa conturbada e escorregadia?, perguntou-se ela. Mas, a propósito, por quanto tempo ela conseguiria manter o próprio segredo? Por quanto tempo eles continuariam desfrutando a sorte antes que tudo desabasse sobre a cabeça de todos?

A impaciência de James invadiu suas reflexões.

— Não podemos deixar os cavalos pegarem um resfriado.

Ela assentiu e, segurando o leque próximo ao busto, tentou controlar os próprios nervos enquanto seguia o marido, que andava alegremente na direção da escada. Ela esperava e rezava muito para que ele entendesse a motivação que a levava a quebrar seu silêncio. Não houvera escolha, disse a si mesma. Talvez, com o tempo, ele a perdoasse. Ela estivera errada ao pensar que ele havia tirado Sophia e Bellasis da mente, o que percebeu quando chegaram ao pé da escada.

— Não se esqueça. — Ele pôs com delicadeza a mão na manga do vestido dela. — Você não deve mencionar nada sobre aquele outro assunto. Eu a proíbo terminantemente.

Ela assentiu, mas ficou decepcionada.

Sem dúvida, assim que fosse apresentado ao Sr. Pope, ele saberia que o segredo fora revelado. Pela centésima vez, ela estava dividida entre a raiva e um formigamento de expectativa.

Anne percebeu que não era a única entusiasmada. Susan estava consideravelmente mais animada que o habitual. Seu cabelo castanho-avermelhado tinha sido preso no alto e ela usava um conjunto de colar, bracelete e brincos, todos de pérola. Mais especificamente, sua boca, em geral com expressão azeda, esboçava um sorriso. Ela enfim conseguira invadir a cidadela e, sem dúvida, ia tirar o máximo proveito. Passara três dias com a costureira dando os retoques finais em seu traje. Poderia ser um tanto inadequado para a idade de uma jovem senhora, mas estava bonita. Anne tinha que admitir isso.

— Como seu cabelo está lindo... — disse ela, em tom agradável. Estava determinada a começar a noite com o pé direito, mas tinha feito uma má escolha.

Susan usava estrelas de diamantes no cabelo que de fato eram lindas, mas a moça estava com uma expressão confusa.

— Não tenho uma tiara — contou ela. — Ou estaria usando.

— Temos que dar um jeito nisso — disse James, rindo. — Agora, todos a bordo.

E ele os conduziu para a calçada, onde a carruagem esperava junto ao meio-fio. Anne escolheu ignorar a observação da nora. Com certeza não havia nada mais cansativo do que o escrutínio constante de Susan. Quanto dinheiro Anne tinha gastado no chapeleiro? Quantas safiras havia naquele broche? Essa era uma das coisas que Anne achava mais difíceis com relação a dividir a casa com o filho e sua esposa cada vez mais consumista.

No final, levou poucos minutos para os dois casais Trenchard chegarem à casa dos Brockenhurst, na esquina da Belgrave Square. Um lacaios abriu a porta, conduzindo-os por sofás dourados no hall e pelo chão de mármore preto e branco até a magnífica escadaria de malaquita verde, ladeada por mais lacaios imóveis. Enquanto subiam para a sala de estar, já conseguiam ouvir a conversa animada dos outros convidados.

— Quantas pessoas será que eles convidaram para jantar antes de nós? — sussurrou Susan para o marido, enquanto erguia um pouco a saia.

— Sem dúvida parece que a casa está cheia.

Anne não precisava ter se preocupado que eles fossem chegar muito cedo. A sala de estar já estava apinhada quando passaram pelas portas duplas. Entre a neblina de sedas pálidas e o farfalhar de tafetá, Anne conseguiu distinguir algumas pessoas familiares, mas a maioria era desconhecida. Enquanto esperavam que o mordomo os anunciasse, seu olhar percorreu de novo a sala, espiando os grupos e os casais concentrados nas próprias conversas, na esperança de ver o rosto dele. Mas que rosto? Ela sorriu para si mesma ao perceber que tinha certeza de que o reconheceria, mesmo não tendo pista alguma. Ela estava convencida de que haveria algum detalhe revelador que o entregaria — o formato do queixo ou as sobrancelhas finas e longas de Sophia — e que a ajudaria a reconhecê-lo, mesmo que estivesse do outro lado de uma sala lotada.

— Que bom que vocês vieram — disse a condessa, aproximando-se e saindo do lado de um grande vaso de perfumados lírios cor-de-rosa.

— Lady Brockenhurst.

Anne sabia que sua fala tinha soado um pouco assustada. Ela estava tão concentrada procurando Charles Pope que era incapaz de pensar em outra coisa. Lady Brockenhurst percebeu o olhar ansioso de sua convidada percorrendo a sala, esta mulher que tinha mantido por tanto tempo a existência de seu neto em segredo. Chegara a sua vez de ficar no escuro. Caroline precisou usar toda sua força de vontade para não parecer triunfante.

— Que lindas flores. — Anne tentou se recuperar. O que ela realmente queria era agarrar essa mulher difícil pelo braço e a encher de perguntas. Ele vem mesmo? Como ele é? Como você o encontrou? Em vez disso, acrescentou: — E que perfume celestial.

— Elas chegaram de Lymington esta manhã. — Lady Brockenhurst também estava feliz por desempenhar seu papel. — Acho que ainda não conheço seu marido.

— Lady Brockenhurst — disse Anne, dando um passo para o lado —, permita-me apresentar o Sr. Trenchard.

Ele não era o que a condessa esperava. Era pior. Não que ela alguma vez tivesse imaginado como seria a aparência dele. Sabia que era comerciante, por isso não esperava muito, mas ele era menor do que imaginara e, sem dúvida, mais redondo. Ao longo dos anos, ouvira a irmã falar muito sobre a beleza de Sophia, de modo que só podia supor que a menina herdara as qualidades da mãe.

— Lady Brockenhurst, é muito gentil da sua parte nos convidar à sua encantadora casa — disse James fazendo uma espécie de semirreverência, tão desajeitada quanto imprópria.

O sorriso de Anne endureceu. Seu marido simplesmente não conseguia se conter. Havia algo na forma que ele curvava os joelhos, em sua subserviência, que, mesmo depois de tantos anos, ainda demonstrava a

qualquer pessoa que ele — e ela, por conseguinte — não pertencia às salas de estar de Belgravia.

— Não foi nada — respondeu Lady Brockenhurst. — Duvido que a casa guarde alguma surpresa, Sr. Trenchard, pois foi o senhor que a construiu.

James riu com um entusiasmo um pouco exagerado.

— Permita-me apresentar meu filho, o Sr. Oliver Trenchard, e sua esposa.

Susan avançou para a frente e curvou a cabeça.

— Condessa — disse ela, fazendo Anne estremecer com tamanha vulgaridade. — Que bela sala de estar.

Lady Brockenhurst assentiu de volta e disse, com cuidado, sem deixar seu tom de voz demonstrar aprovação ou desaprovação:

— Sra. Trenchard.

A menina era muito bonita. Seu vestido azul-claro e as fitas combinando contrastavam de forma inteligente com seu cabelo grosso castanho-avermelhado. Mas foi o marido dela que despertou seu interesse. Então este era o irmão mais novo de Sophia: muito jovem para ter ido ao baile da duquesa de Richmond, mas certamente com idade suficiente para ter conhecido seu filho.

— Diga-me, Sr. Trenchard — começou ela —, o senhor compartilha dos mesmos interesses de seu pai?

— Oliver trabalha para mim — interrompeu James, antes de perceber o olhar de sua nora. — Ou melhor, *comigo* — corrigiu-se. — Começamos um novo projeto, o desenvolvimento da Isle of Dogs.

Lady Brockenhurst se manteve inexpressiva.

— Isle of Dogs?

— No leste de Londres.

— Leste de Londres?

A condessa parecia cada vez mais confusa. Era como se estivessem discutindo sobre alguma civilização recém-descoberta no outro lado de



Zanzibar. James não percebeu.

— Estamos criando um novo aterro, com propriedades comerciais e de trabalhadores rurais e até casas para os gestores. E estamos expandindo as docas. Não há espaço para os navios. — Anne tentou encontrar o olhar dele. Poderia, por favor, parar de falar de negócios? Mas ainda assim ele continuou: — Eles precisam de novos lugares para carregar e descarregar, com todo o comércio vindo do mundo inteiro. Quanto mais o Império expande, mais...

— Entendo. — Lady Brockenhurst sorriu com firmeza. — O senhor faz isso parecer muito animador. Mas pode me dar licença?

E, sob o pretexto de fazer outra apresentação, lady Brockenhurst se afastou, deixando Anne, James, Oliver e Susan de pé na entrada da sala, ignorados pelo resto dos convidados. Sozinhos.

— Que tipo de pessoa deixa todas as lareiras acesas no auge do verão? — murmurou Susan, balançando o leque. — Está sufocante aqui. Oliver, vamos dar uma volta.

James fez menção de sair com o filho e a nora, mas Anne tocou seu braço, indicando que ele deveria permanecer. Ele olhou para ela com curiosidade.

— Prefiro ficar aqui — disse ela. — Para assistir às chegadas. Pode haver alguém que conhecemos para nos fazer companhia.

Anne olhou para a porta. Enquanto falava, uma moça requintada com cabelo cacheado e louro e pele branquíssima chegou, escoltada por sua mãe igualmente atraente.

— A condessa de Templemore — anunciou o mordomo. — E lady Maria Grey.

Lady Templemore usava um vestido de seda azul com gola de renda, as saias largas e pregueadas sobre a anágua. Mas foi a filha que chamou a atenção de todos na sala. Seu vestido era claro, cor de creme, lindamente drapeado nos ombros, que eram tão suaves quanto perfeitos, como os de

uma das esculturas em mármore de lorde Elgin. Seu cabelo louro estava repartido ao meio, preso bem alto para trás e dois grandes cachos, um de cada lado do seu rosto em formato de coração, emolduravam-no com perfeição. Anne observou a dupla abrir caminho entre os convidados até a sala de estar menor, contígua.

— Sr. Trenchard?

James se virou abruptamente e deu de cara com um sujeito inchado que parecia espremido no fraque. O recém-chegado tinha o rosto grande, brilhante, um longo bigode grisalho e o nariz comprido marcado por veias, como os galhos de uma árvore. Ali estava um homem que claramente gostava de noitadas e muito vinho do Porto.

— Sou Stephen Bellasis.

— Sir.

— O reverendo Sr. Bellasis é irmão de nosso anfitrião — disse Anne com firmeza.

Não havia muito que ela não soubesse sobre a família Brockenhurst.

Grace permaneceu tensa atrás do marido. Seus olhos castanho-claros pareciam um pouco distantes enquanto olhava para o nada. Sua boca era uma linha fina retesada e seu vestido de seda marrom sem dúvida já tivera dias melhores.

— Sra. Bellasis — disse James, assentindo. — Permita-me apresentar minha esposa, a Sra. Trenchard.

Anne assentiu educadamente. Grace olhou para ela, observando Anne e seu vestido. Ela conseguiu dar um pequeno sorriso que não chegou a seus olhos.

— Soube que você é o homem de Cubitt — disse Bellasis, parado com um pé na frente do outro. — Responsável por transformar da noite para o dia as ruas de Londres em uma colunata branca.

— Leva um pouco mais de tempo do que isso. — James estava acostumado com essa crítica. Ele a recebera em diversas ocasiões nas salas de

estar de Londres e perdera a conta de quantas vezes teve que rir da acusação de estar sufocando a capital, transformando-a em “bolos de casamento”. — O que fazemos parece ser popular, reverendo.

— Motim é popular, senhor. Revolução é popular. Que tipo de comparação é essa?

— Você não admira a casa dos Brockenhurst?

— O tamanho e a altura dos cômodos são bons o suficiente. Mas não posso dizer que prefiro isso à casa dos meus pais em Londres.

— E onde fica?

— Na Hertford Street, em Mayfair.

James assentiu.

— Acho que as novas casas são mais adequadas para recepções.

— Então foi assim que o senhor fez sua fortuna? A partir da vontade das pessoas de se exibirem?

Grace sabia que Stephen estava irritado apenas com o fato de que aquele homenzinho estranho tinha muito mais dinheiro do que eles, mas jamais seria honesto o suficiente para admitir isso, nem para si mesmo.

James foi silenciado por essa pergunta, mas Anne assumiu o comando:

— Céus, os cômodos estão mais cheios ainda.

Pela primeira vez, Grace estava preparada para ajudar:

— Lady Brockenhurst nos deu a entender que os senhores conheciam nosso sobrinho, lorde Bellasis.

— É verdade — confirmou James, grato pelo resgate. — Nós o conhecíamos bem. Mas já faz muito tempo.

— E compareceram ao famoso baile?

— Se está se referindo ao baile da duquesa de Richmond, sim, estávamos lá.

— Que interessante. Parece lendário hoje em dia, não é? — disse Grace, sorrindo.

Ela tinha feito o suficiente para reparar os danos causados pela grosseria de seu marido.

Anne assentiu e comentou:

— Lendário e trágico. É terrível pensar no pobre lorde Bellasis, na verdade pensar em todos aqueles jovens galantes que deixaram o salão de baile para morrer.

Stephen tinha começado a se arrepender de sua impertinência. Por que havia atravessado a sala para insultar este homem que poderia lhe ser útil?

— Você está certa, é claro. A perda de Edmund foi terrível para esta família. Agora resta apenas meu filho John para nos livrar da extinção, pelo menos na linhagem masculina. Ele está ali, conversando com a menina bonita de azul.

James olhou para o outro lado da sala e reparou no homem imerso em uma animada conversa com Susan. Ela estava tocando a borda de uma taça de champanhe com o indicador e rindo, enquanto olhava para ele.

— E a menina bonita de azul é minha nora — acrescentou James, observando John se inclinar e tocar brevemente a mão de Susan. — Ele parece estar entretendo-a.

— John está prestes a anunciar o próprio noivado. — Grace provavelmente disse isso para acalmar qualquer sugestão de impropriedade, mas é claro que surtiu o efeito oposto.

Anne não conseguiu evitar um sorriso. Ela só esperava que a pobre moça, quem quer que fosse, tivesse noção de que se casaria com um homem que gostava bastante de mulheres.

— Que emocionante para você — disse ela.

— Podemos saber o nome da escolhida? — perguntou James, ansioso para demonstrar familiaridade com esta nobre companhia.

— Lady Maria Grey — disse Grace, olhando para a outra sala. — A filha do falecido conde de Templemore.

Ela sorriu com a satisfação de que tudo estava resolvido.

— Que boas notícias — falou James, com inveja. — Não é? Anne?

Se Anne sentia algo em relação àquela menina encantadora que vira chegar mais cedo, era pena. Ela parecia boa demais para aquele janota. Mas Anne não respondeu. Estava distraída com a chegada de um rapaz que aparecera de repente à porta. Alto, moreno, com olhos azul-claros e sobranceiras bem delineadas. Só podia ser ele. Era a imagem de Edmund Bellasis. Poderia ter sido irmão gêmeo do pai. A boca de Anne ficou seca e os nós de seus dedos se tornaram brancos quando ela apertou a taça. Ele parou no limiar, aparentemente nervoso de entrar na festa, vasculhando a sala com os olhos, claramente à procura de alguém.

Lady Brockenhurst se aproximou dele sem pressa, com sua graciosidade, declinando duas conversas no caminho, para cumprimentar o convidado. Anne observou o alívio evidente no rosto do rapaz quando a anfitriã finalmente apareceu. E então eles se viraram e começaram a ir na direção dela. Como iria reagir? O que iria dizer? Tinha imaginado essa cena muitas vezes, não apenas desde a chegada da carta de lady Brockenhurst, mas por anos antes disso. Como seria quando se conhecessem?

— Sra. Trenchard — começou lady Brockenhurst enquanto se arrastava em sua direção como um galeão de velas infladas. Sua voz exalava certa vitória. Ela não a continha. — Permita-me lhe apresentar um novo conhecido. — Ela fez uma pausa. — Sr. Charles Pope.

Mas a reação do Sr. Pope não foi nem um pouco como a esperada. Em vez disso, ele olhou além de Anne, para onde James estava, boquiaberto.

— Sr. Trenchard — disse o rapaz. — O que está fazendo aqui?

— Sr. Pope — disparou James e deixou cair o copo.

O barulho alto fez todo o burburinho da festa ser interrompido por um instante, e todos se viraram e olharam para o grupo reunido perto da porta. No meio dele estava James, furioso, incomodado, mortificado e completamente desorientado, com suas bochechas coradas e os lóbulos das orelhas ainda mais vermelhos.

Naturalmente, a primeira a se recuperar foi lady Brockenhurst.

— Bem, isso é surpreendente — disse ela, enquanto a conversa na sala era retomada e dois lacaios se reuniam em torno do grupo, num turbilhão de eficiência, varrendo o vidro do chão de parkê. — Aqui estava eu, pensando que o Sr. Pope fosse meu segredo, e descobro que vocês se conhecem, Sr. Trenchard. Que engraçado. — Ela riu. — Há quanto tempo?

James hesitou.

— Não. Não muito.

— Há um tempo — disse Charles, exatamente no mesmo momento.

— Não muito? Há um tempo? — repetiu lady Brockenhurst, olhando de um para outro.

Anne se virou para encarar o marido. Ela não sentia um golpe tão forte no estômago desde que Sophia anunciara a gravidez, muitos anos antes. Mas ali estava novamente. De alguma forma, daquela vez foi ainda mais arrasador. Décadas de jantares túrgidos e recepções insípidas, homens e mulheres falando baixo com ela e mal tentando esconder o desprezo, tinham ensinado Anne a esconder os sentimentos, mas a expressão dela naquele momento era algo que James nunca tinha visto nos mais de quarenta anos de casamento. A sensação de traição, de injustiça, a fúria contra o fingimento do único homem em quem ela achava que podia confiar, estavam lá para serem claramente lidos nos sensíveis olhos cinzentos dela.

— Sim, querido, conte-nos — disse ela, quando conseguiu falar. — Há quanto tempo conhece o Sr. Pope?

James tentou fazer tudo parecer o mais normal possível. Tinham se conhecido quando o rapaz começara a trabalhar na City. O pai de Charles era um velho amigo e pediu que James desse alguns conselhos ao garoto sobre como gerir as coisas quando ele decidiu se mudar para Londres. James ficara impressionado com o rapaz e, quando soube do seu plano de assumir uma fábrica em Manchester, sentiu que ele poderia ser útil, pois o ajudaria a encontrar novos fornecedores de algodão cru.

— Onde é que se compra algodão agora? — perguntou lady Brockenhurst, juntando-se a James em seus valentes esforços para fazer a conversa parecer normal. — Na América, suponho.

— Prefiro comprar da Índia, quando possível — disse Charles.

— Já negociei com a Índia — falou James, mais relaxado, de volta ao normal —, conheço um pouco sobre o lugar, por isso me pareceu muito natural tentar ajudar. — Ele quase riu, como se para demonstrar a facilidade com que os dois tinham ficado amigos.

— E fez isso? — perguntou Anne.

— Fiz o quê?

— Ajudou. — A voz dela estava fria como aço.

— Ah, muito — respondeu Charles, sem reparar nos olhares e nos burburinhos que fluíam de um lado para outro. — Aprendi contabilidade em Guildford, e comecei a trabalhar com negócios lá, então, naturalmente, achei que estivesse pronto para qualquer coisa, mas, quando cheguei a Londres, não demorou muito para eu perceber que estava participando de um jogo muito diferente. A intervenção do Sr. Trenchard me resgatou e me ajudou a colocar meu negócio para funcionar. Eu não teria conseguido sem a ajuda dele. É o mesmo empreendimento em que a senhora está interessada, lady Brockenhurst.

— De que maneira a senhora está “interessada”? — indagou Anne, se virando para a anfitriã.

Mas Caroline não seria pega tão facilmente.

— Londres não é um lugar pequeno? — disse ela, batendo palmas de alegria.

— Perdoe-me, mas não estou entendendo muito bem. — Anne estava achando mais difícil do que nunca controlar a raiva. — O senhor e meu marido estão...? — Ela estava literalmente sem palavras.

— Trabalhando juntos? — acrescentou Charles, esperançoso. — Estamos, de certo modo, fico feliz em dizer.

— E há quanto tempo isso está acontecendo?

— Há uns nove ou dez meses, acho. Mas o Sr. Trenchard foi um bom amigo do meu pai por anos.

James o interrompeu:

— O pai do Sr. Pope me pediu para ajudar seu filho, não muito antes de morrer. Ele era um velho amigo, e então, naturalmente, levei o pedido muito a sério, e fiquei feliz por fazer isso.

Mas lady Brockenhurst tinha outros planos. Ela segurou Charles pelo cotovelo e o conduziu. Tinha o neto ao seu lado, o filho de Edmund, e nada estragaria aquele momento.

— Sr. Pope — disse agradavelmente —, você deve conhecer lorde Brockenhurst.

Os Trenchard foram deixados sozinhos. Por um instante, Anne encarou James.

— Anne, eu... — James estava no auge da persuasão.

— Não consigo falar com você — sussurrou ela e começou a se afastar.

— Mas  *você*  sabia que ele estaria aqui — disse James. — Por que não me contou? — Anne parou. Ela não podia mentir. Ao contrário do marido, aparentemente. Ele continuou com seu argumento: — Você estava esperando vê-lo. Ficou surpresa porque eu já o conhecia, entendo isso, mas você esperava que ele estivesse aqui. Em outras palavras, ignorou minhas instruções e contou tudo a nossa anfitriã.

— Abaixei a voz — sussurrou Anne quando dois convidados se viraram para eles.

— Achei que tivéssemos um acordo.

O pescoço de James estava começando a ficar vermelho de novo.

— Você não está em condições de me dar sermão sobre coisa nenhuma — disse Anne, se afastando. — Trabalha com nosso neto e não me disse nada.



— Não trabalho com ele. Não exatamente. Investi em seu negócio. Dei-lhe conselhos. Você não acha que Sophia iria querer isso?

— Sr. Trenchard! Aí está você! Estava procurando o senhor — disse a voz suave do reverendo Sr. Bellasis. — Por favor, permita-me lhe apresentar meu filho, o Sr. John Bellasis.

James estava confuso. O que significava a presença de Charles Pope ali? E por que Stephen Bellasis estava fazendo tanta questão de lhe apresentar seu filho? Será que todo mundo sabia que ele era o pai de Sophia? Que ele e lordes Brockenhurst tinham um neto bastardo em comum? Seu coração estava disparado quando John deu um passo à frente, a mão direita estendida.

Do outro lado da sala de estar, lady Brockenhurst estava conduzindo Charles pela festa. Era quase como se ela não pudesse deixar de exibi-lo, e, se fosse uma pessoa menos controlada, teria pedido silêncio e anunciado a presença do rapaz para toda a sala. Em vez disso, ela ficou desfilando o rapaz como se fosse um campeão, enquanto ele sorria e assentia afavelmente, conforme ela ia disparando nome após nome para ele. Para quem conhecia bem lady Brockenhurst, foi uma situação estranha. Ela não era o tipo de mulher que promove favoritos, que encontra patinhos feios e os vende para o mundo como cisnes. O Sr. Pope parecia um sujeito bastante agradável, considerando-se que era um comerciante, e ninguém lhe desejou mal. Mas o que lady Brockenhurst pretendia ao exaltar as virtudes desse desconhecido comerciante de algodão?

Exceto ir embora da festa, havia pouco que Anne pudesse fazer a não ser circular, conversando e passando o tempo até que pudesse voltar para casa. Caso se retirasse, geraria fofocas, e isso era a última coisa de que os Trenchard precisavam no momento.

Ela observou lady Brockenhurst apresentar Charles aos grandes nomes de Londres. Que belo homem ele era: muito seguro, muito realizado e aparentemente bastante paciente e gentil. O reverendo Sr. Pope e sua esposa tinham, obviamente, lhe dado boas maneiras e educação. Sophia o teria

amado. Anne estava radiante de orgulho, mas então se conteve. Do que ela podia se orgulhar? Ela, a avó que lhe dera para adoção...

Enquanto isso, John estava desesperado para se livrar da companhia daquele homenzinho absurdo que insistia em lhe explicar — em detalhes — os meandros de seus negócios na East End. Claro que John estava interessado no dinheiro, não podia haver dúvidas sobre isso, mas o esforço para ganhá-lo não exercia nenhum fascínio sobre ele. Que sorte, então, concluíra havia muito tempo, que fosse o provável herdeiro de uma significativa fortuna. Seu pai ficava fascinado com qualquer homem capaz de ganhar dinheiro, porque o próprio era *incapaz* disso, mas para John as coisas eram bem diferentes. Tudo o que ele realmente precisava fazer era esperar. E, enquanto esperava, quem poderia culpá-lo por querer se divertir? O entretenimento favorito de John não era jogar. Ele tinha visto a miséria que esse vício infligira ao pai, então preferia a companhia das mulheres... quanto mais bonitas, melhor. Fora da sociedade, isso era relativamente simples, apesar de caro, de se arranjar. Mas, em se tratando de senhoras respeitáveis, ele tendia para as casadas. Esposas entediadas eram mais propensas a ceder e, tendo feito isso, não ficavam em posição de pedir mais do que ele quisesse dar. A ameaça de escândalo e ruína era o suficiente para manter as mulheres mais firmes no próprio lugar.

Ele não permitira que seu iminente noivado com Maria Grey mudasse muito seu comportamento. Ela era linda e ele ficava feliz por isso. Mas, se fosse sincero, diria que ela estava se mostrando muito mais exigente, e até mesmo — ele hesitou diante da palavra — mais *intellectual* do que ele previra. Ele estava começando a suspeitar que ela o achava... mais uma vez, seria *chato* o termo que ele estava procurando? Era um conceito estranho uma moça atrevida achar que ele, John Bellasis, um dos homens mais cobiçados de Londres, era entediante para o seu gosto. À luz disso, e mesmo que Maria estivesse na sala, de modo que ele poderia estar em apuros a qualquer

momento, não teve como ignorar os encantos mais evidentes de Susan Trenchard.

Enquanto conversava alegremente com um diplomata de um país do qual nunca ouvira falar, ela notou que ele estava se escondendo. Ele piscou, e é claro que ela sabia o suficiente para reprovar o gesto, mas foi difícil demonstrar desaprovação, então começou a rir. Seu companheiro ficou confuso a princípio e depois ofendido quando viu John pairar atrás deles. Sem muita demora, ele se desculpou e se foi.

— Nós nos encontramos de novo — disse John, se aproximando.

— Verdade, Sr. Bellasis. — Susan sorriu, as fitas no cabelo tremendo com prazer. — Agora você me fez ofender o agradável barão não sei de quê. Sinceramente, eu estava me comportando muito bem.

— Aposto que sempre se comporta bem, infelizmente. — Ele riu. — Depressa! — disse ele de repente e a puxou pela porta para uma sala de jogos que estava muito mais vazia do que a sala de estar que tinham deixado. — Aquele chato estava vindo na nossa direção e levei meia hora para me livrar dele da última vez.

Susan seguiu o olhar dele.

— Aquele chato é meu sogro — disse ela.

— Coitada de você.

Ele riu e, mesmo contra a vontade, ela também.

— Conheço seu tipo. Você é daqueles homens que me fazem dizer coisas que não quero.

— E espero convencer você a *fazer* coisas que não quer.

Ele a olhou nos olhos enquanto falava, e ela se deu conta de que estava se metendo numa grande confusão.

John se perguntou se deveria fazer mais algum avanço. Estava inclinado a pensar que já tinha feito o bastante para uma noite. Ela era uma mulher muito bonita, e não parecia inacessível, mas não havia pressa. Não lançara mais que um olhar para o marido durante o tempo que passara conversando

com John, então ele podia seguramente classificá-la como uma esposa entediada. Mas era melhor se afastarem. Não havia sentido em causar fofoca antes que qualquer coisa tivesse de fato acontecido.

Maria Grey estava vagando um pouco sem rumo pelos cômodos. Viu a mãe conversando com uma tia idosa e, em vez de se juntar a elas para ouvir o comentário usual sobre como era estranho que ela tivesse crescido tanto desde a última vez que se encontraram, decidiu ocupar-se por um momento admirando o retrato acima da lareira, que Beechey pintara da jovem condessa de Brockenhurst. Mas não demorou muito para ser vencida pelo calor e buscar refúgio no terraço.

— Sinto muito — disse ela ao sair para o ar frio da noite de junho. — Eu não queria perturbá-lo.

Charles Pope olhou ao redor ao ouvir o som de seus passos. Ele observava a praça, pensativo, por cima da balaustrada de pedra branca.

— Não está me perturbando — comentou. — Temo que eu é que a esteja incomodando. Se preferir ficar sozinha...

— Não.

— Desconfio que sua mãe prefira que fique. Ou pelo menos não a sós com um estranho a quem não foi apresentada. — Mas ele parecia estar se divertindo ao dizer isso.

Maria ficou bastante intrigada com ele.

— Minha mãe está conversando com a tia dela que não vai soltá-la sem lutar.

Dessa vez, ele riu.

— Então talvez seja melhor nos apresentarmos. Charles Pope — disse ele, estendendo a mão, que ela segurou.

— Maria Grey. — Ela sorriu.

Houve uma pausa e ambos voltaram a atenção para a praça abaixo. As calçadas estavam quase vazias, mas as ruas continuavam ladeadas por carruagens, os cavalos de vez em quando raspavam o chão, e o barulho

familiar das ferraduras atingindo a pedra só podia ser ouvido de onde eles estavam.

— Então, por que está se escondendo aqui? — perguntou ela, por fim.

— É tão óbvio o que estou fazendo?

Ela se flagrou observando o rosto do homem, e não havia como negar que ele era atraente. Ainda mais porque, ao contrário de John, não parecia estar ciente disso.

— Senti muita pena de você quando estava desfilando por aí com nossa anfitriã. Como você os conheceu? São parentes?

Charles negou com a cabeça.

— Céus, não. — Olhou para ela, para aquela moça bonita que se mostrava muito confiante no que, para ele, parecia um ambiente desconfortavelmente estranho. — De forma definitiva, esse não é meu hábitat natural. Sou um homem muito comum.

Ela não demonstrou se abalar com a revelação.

— Bem, pelo visto lady Brockenhurst não concorda com você. Nunca a vi tão animada. Ela não é uma mulher conhecida pelo entusiasmo.

— Você está certa ao pensar que ela está interessada em mim, mas não sei lhe dizer o motivo desse interesse. Ela quer investir num negócio em que estou trabalhando.

Isso era realmente extraordinário. Ela quase engasgou.

— Lady Brockenhurst quer investir em um *negócio*?

Se ele tivesse lhe dito que a anfitriã queria andar na lua, ela não teria ficado mais surpresa.

Ele deu de ombros.

— Eu sei. Também não entendo, mas ela parece muito animada com a ideia.

— Qual é a ideia?

— Comprei uma fábrica em Manchester. Agora preciso de mais suprimentos de algodão cru, e para isso devo ter um pouco mais de recursos.

Também tenho a hipoteca da fábrica e acredito que valeria a pena diminuí-la e aumentar minha dívida com lady Brockenhurst, se ela concordar. No fim, ela é quem sairá ganhando. Tenho certeza disso.

— Claro que tem.

Maria Grey estava tocada pelo óbvio desejo dele de causar uma boa impressão.

Pela expressão dela, ele percebeu que a jovem estava se divertindo. Será que estava sendo muito mal-educado? Que interesses essa linda moça poderia ter em seus negócios? Não lhe ensinaram a nunca discutir sobre dinheiro? Muito menos com uma dama?

— Não sei por que falei isso. Agora vejo que lhe contei tudo o que há para saber sobre mim.

— Nem tudo. — Ela o observou. — Achei que a produção de algodão na Índia estivesse passando por uma crise terrível. Ouvi dizer que o transporte estava muito caro para valer a pena. A maioria das fábricas não mudou para o algodão americano?

Foi a vez dele de ficar surpreso.

— Como sabe disso?

— Eu me interesso pela Índia. — Ela sorriu. Sentiu-se bem por tê-lo surpreendido. — Tenho um tio que serviu lá como governador de Bombaim. Infelizmente, eu era muito nova para visitá-lo, mas até hoje ele fala dos prós e contras do país. Ainda lê os jornais indianos, mesmo que cheguem a ele três meses depois de publicados.

Ela riu e ele ficou maravilhado com a perfeição e a brancura dos dentes da moça.

Charles assentiu.

— Nunca estive lá, mas acredito que seja um país com um grande futuro.

— Dentro do Império.

Ela disse isso com aprovação? Ele não conseguiu saber.

— Dentro do Império agora, mas não para sempre — falou. — Qual é o nome do seu tio?

— Lorde Clare. Ele ficou lá de 1831 a 1835. Costumava trazer sedas que eram as melhores que eu já tinha visto e pedras preciosas que eram simplesmente deslumbrantes. Você sabia que eles têm poços com profundidade de mais de mil passos? E que há cidades em que os céus ficam cheios de pipas? E templos feitos de ouro. Ouvei dizer que eles não enterram os mortos como nós. Eles os queimam ou os fazem flutuar pelo rio. Eu sempre quis ir à Índia.

Charles fitou seus límpidos olhos azul-claros, admirando a suavidade de seus lábios e a curva de seu queixo rígido. Ele nunca tinha conhecido uma moça tão encantadora.

— Você sabe com que parte da Índia vai lidar? — continuou ela, bastante consciente do olhar dele e ainda sem saber o que fazer a respeito disso.

— Ainda não tenho certeza. Com o norte, acho...

— Ah. — O entusiasmo fez as bochechas dela corarem, e ele pensou que nunca vira alguém tão adorável. — Se eu fosse você, faria questão de visitar o Taj Mahal, em Agra. — Ela quase suspirou com esse pensamento. — Dizem que é o mais belo monumento ao amor já construído. Um imperador mugal ficou tão arrasado por causa do sofrimento pela morte da esposa favorita que ordenou sua construção. Acho que ele tinha muitas esposas, o que desaprovamos totalmente, claro. — Ela riu, e ele riu junto. — Mas ela era a favorita. O mármore do castelo supostamente muda de cor... Fica rosa pela manhã, branco leitoso à noite e dourado quando é iluminado pela lua. A lenda diz que o tom reflete o humor de qualquer mulher que olha para a construção.

Charles Pope estava petrificado. O modo como ela se movia, como falava, sua inteligência, a sedução consequente do fato de parecer não se dar conta da própria beleza.

— E quanto aos homens que olham para o castelo? — perguntou Charles. — O que isso diz sobre eles?

— Que quando perderam a mulher certa, acham mais difícil substituí-la do que imaginam.

Eles ainda estavam rindo quando ouviram uma voz:

— Maria?

A garota se virou.

— Mamãe.

Lady Templemore estava de pé à porta, com sua silhueta destacada.

— Estão nos chamando para a ceia — disse ela, olhando para Charles dos pés à cabeça. Ficou evidente que ele não recebera a aprovação dela. — Está na hora de nos encontrarmos com John. Mal falei com ele a noite toda.

E um momento depois elas tinham ido embora. Charles continuou olhando para onde Maria estivera, e a fantasia só foi quebrada quando lady Brockenhurst o encontrou no balcão e insistiu que ele a acompanhasse na ceia que estava sendo servida.

Os convidados se amontoaram na sala de jantar, onde pequenas mesas redondas estavam cobertas com toalhas de linho, candelabros de prata, pratos finamente decorados e decantadores de vidro lapidado. Charles nunca vira nada tão opulento. Ele sabia que as coisas eram bem-feitas na sociedade, e ouvira falar que lady Brockenhurst era conhecida por suas recepções, mas jamais esperaria algo naquelas proporções.

— Sr. Pope — disse ela, indicando o lugar ao lado do seu. — Venha e sente-se ao meu lado.

Havia apenas quatro lugares à mesa. Ele olhou freneticamente ao redor da sala. Sem dúvida, a anfitriã ia querer que outra pessoa se sentasse no lugar de honra. Ele se sentiu corar. Ela bateu na cadeira com seu leque fechado e sorriu para ele. Não havia nada mais que ele pudesse fazer a não ser aceitar. Lacaios circulavam pela sala enquanto convidados chegavam e saíam, e em pouco tempo Charles estava mergulhando sua colher num prato de sopa fria.



Em seguida, serviram mousse de salmão, codorniz, um pequeno cervo, abacaxi, sorvetes e, por fim, frutas cristalizadas: tudo à nova moda, *à la Russe*, com os lacaios trazendo cada prato e se posicionando à esquerda dos convidados para que eles se servissem. E durante todo o tempo, lady Brockenhurst estava encantada, incluindo Charles em todas as conversas que podia e, em determinado momento, até mesmo interrompendo o marido que passava para que ele ouvisse sobre os planos de Charles.



— O que minha cunhada está querendo? — queixou-se Stephen Bellasis a seu filho, que estava sentado do outro lado de Anne Trenchard. Consequentemente, ela foi inserida na conversa contra sua vontade. — Por que ela está fazendo tanto alarde por causa daquele rapaz maçante?

John balançou a cabeça.

— Não consigo entender.

— Há pelo menos três duques na sala, mas, quando olham para o lugar à direita de nossa querida anfitriã, eles o veem ocupado por... por quem, exatamente? Quem é ele? — Enquanto falava, Stephen se esforçava para comer uma codorniz.

John se virou para sua vizinha.

— Acho que a Sra. Trenchard sabe a resposta. Ele não trabalha para o seu marido, Sra. Trenchard?

Anne ficou bastante surpresa, porque, até o momento, o Sr. Bellasis não tinha deixado claro que sabia quem ela era.

Ela negou com a cabeça.

— Não, ele não trabalha para o meu marido. Trabalha para si mesmo. Eles se conhecem. No máximo têm algum interesse em comum, mas é só.

— Então você não sabe explicar o fascínio de lady Brockenhurst.

— Temo que não.

Anne olhou para a mesa. Caroline Brockenhurst estava jogando de forma perigosa. Até John Bellasis notara a atenção que ela dispensava ao neto, e Anne se preocupava. Será que lorde Brockenhurst sabia? Se não, quanto tempo levaria para saber, considerando que sua esposa estava disposta a ser indiscreta? Quanto tempo levaria para que o segredo fosse revelado? Quanto tempo até que a reputação de Sophia fosse destruída e tudo pelo que tinham trabalhado estivesse em ruínas a seus pés? Ela captou o olhar do marido. Ele estava sentado em frente a ela, ladeado por Oliver e pela cansativa Grace. James encontrou o olhar da esposa e assentiu para a situação perigosa que se desenrolava diante deles.

— Acredito que sua tia esteja interessada em uma das empresas do Sr. Pope — sugeriu Anne, por fim, deixando de lado a codorniz e desejando ter ficado com a mousse de salmão. Pelo menos era macia o bastante para engolir. Do jeito que as coisas iam, ela mal conseguia comer.

— Tenho negócios com o açougueiro local — disse John, indignado —, mas não o convido para a mesa da ceia.

— Não acho que o Sr. Pope seja como um açougueiro local — opinou Anne, tão diplomática quanto possível.

— Não? — retrucou John, olhando para Susan do outro lado da sala e sorrindo.

Ela tinha ficado muito zangada por ter perdido a última cadeira à mesa e estava tentando se contentar com um grupo de políticos que a ignorava. Mas, naquele momento, depois do sorriso de John, sentia-se prestes a sair cantando.



Estava quase na hora de partir quando Anne conseguiu ter uma conversa a sós com sua anfitriã. Mesmo assim tivera que alcançá-la no patamar da escadaria principal e puxá-la para o espaço de uma janela entre duas colunas.

— O que você está fazendo? — sussurrou.

— Estou conhecendo o neto que você escondeu de mim por vinte e cinco anos.

— Mas por que tão publicamente? Não percebe que metade dos convidados está se perguntando quem esse rapaz desconhecido poderia ser?

A condessa sorriu com frieza.

— Claro. Isso deve preocupá-la.

E então Anne percebeu a armadilha em que havia caído. Lady Brockenhurst tinha prometido que a identidade de Charles permaneceria em segredo e era obrigada a manter sua palavra, mas não evitaria que os outros adivinhassem a verdade. Seu filho tivera um caso em Bruxelas antes de morrer. O que isso dizia sobre ele que a sociedade não perdoaria? Nada. Ele teve um caso quando era solteiro. Poucos homens nesses salões lotados não tinham feito o mesmo. O filho bastardo de um cavalheiro talvez fosse tão pouco aceito na sociedade quanto fora um século antes, mas mesmo assim não era novidade. E se alguém arriscasse um palpite, a Sra. Trenchard com certeza não esperaria que lady Brockenhurst mentisse, não é? Ela podia não dar a informação voluntariamente, mas não se podia esperar que a negasse.

— Você quer que eles descubram — disse Anne, quando tudo ficou claro para ela. — Quer que eles descubram e que nós testemunhemos isso.

Caroline Brockenhurst olhou para ela. Já não detestava a mulher como no início. Anne a levara a Charles, e ela devia ser grata por isso, ou pelo menos devia perdoá-la. Caroline olhou para o hall.

— Acho que os Cathcart estão indo embora — falou. — Com licença, vou me despedir.

E então se afastou, descendo tão suavemente a escada que parecia estar planando pelos degraus.



A viagem de volta à Eaton Square pareceu uma eternidade. Todos os passageiros na carruagem estavam tão ocupados pensando nos eventos da noite que ninguém disse uma palavra. O cocheiro, Albert Quirk, era um homem que normalmente se interessava mais pelos elementos mutáveis e pela força do conhaque que mantinha na frásqueira do que pelos caprichos da família a quem servia, mas esta noite ele não pôde deixar de notar o humor.

— Se é assim que ficam quando vão a uma festa — disse ele à Sra. Grant enquanto tomava uma grande caneca de chá sentado à mesa dos criados —, seria melhor ficarem em casa. Não concorda, Srta. Ellis?

Mas a criada não disse nada, apenas continuou pregando um botão.

— Você não vai arrancar nenhuma informação da Srta. Ellis — advertiu a Sra. Grant, amarga.

— Que é como deve ser com a criada de uma dama — disse o Sr. Quirk.

Ele aprovava a Srta. Ellis.



James decidira que o ataque era a melhor defesa. Flagrado em suas relações secretas com Charles, resolveu culpar a esposa por todo o fiasco. Se ela tivesse mantido o segredo deles, nada teria acontecido.

O que era verdade, claro, só que isso convenientemente o absolvía de levar uma vida dupla, conhecendo o neto, desfrutando de sua companhia e deixando a esposa no escuro.

Anne mal conseguia olhar para ele. Ela estava com a impressão de que o marido que conhecia e amava tinha sido misteriosamente levado por fadas malvadas e um inimigo havia surgido em seu lugar.

Oliver estava igualmente chateado com sua esposa, porém, por motivos mais tradicionais. Ela o ignorara a noite inteira, insistindo no flerte com John

Bellasis, que mal se dignara a notar Oliver. Ele também estava furioso com o pai. Afinal, quem era aquele tal de Pope? E por que o rosto de seu pai se iluminou quando o rapaz entrou na sala?

Quanto a Susan, ela estava dividida entre ficar deprimida pela melancolia da família na qual entrara pelo casamento e ficar encantada com o mundo com o qual havia sonhado por tanto tempo e enfim fora autorizada a ver. Aquelas salas de estar e escadas, as galerias douradas e as salas de jantar, todas vastas, magníficas e tomadas por uma multidão reluzente cujos nomes remetiam a uma viagem através da história da Inglaterra... E havia John Bellasis. Ela olhou para Oliver. Dava para ver que ele estava procurando briga, mas ela não se importava. Observou seu rosto flácido e estúpido e pensou com saudade naquele outro rosto, muito diferente, para o qual olhava até poucos minutos antes. Sabia que o marido estava zangado, mas isso era porque não estava acostumado com os modos da alta sociedade inglesa. Ninguém mais se ressentiria de uma mulher casada e respeitável por um flerte casual, uma incrível noite na companhia de um desconhecido espirituoso e bonito. Ela fez uma pausa enquanto pensava naquela palavra. Será que ele sempre seria um desconhecido? Aquilo seria tudo o que estaria destinada a saber sobre o Sr. John Bellasis? O cocheiro parou. Eles tinham chegado.



— Obrigado, William. Eu cuido das coisas agora. Pode ir.

Oliver gostava de falar com os empregados como se ele estivesse em alguma peça no teatro Haymarket. Mas Billy estava acostumado com isso e gostava muito de servir. Mesmo que fosse ao Sr. Oliver. Havia diferença entre limpar a prataria e esperar junto à mesa, e ele tinha certeza de que conseguiria um emprego como camareiro quando quisesse ir embora. Isso seria um passo na direção certa, sem dúvida.

— Muito bem, senhor. Gostaria de ser acordado pela manhã?

— Venha às nove. Vou me atrasar para o trabalho, mas acho que posso ser perdoado por isso depois da noite que tive.

Naturalmente, Billy teria adorado saber mais alguns detalhes, mas o Sr. Oliver já estava com a roupa de dormir, então ele tinha perdido sua chance. Tentaria abordar o assunto no dia seguinte. Com um ligeiro aceno de cabeça, ele se retirou, fechando a porta suavemente atrás de si. Oliver esperou alguns instantes, entregando-se à irritação com tudo: Susan, Charles Pope, seu camareiro estúpido que nem era um camareiro de verdade, apenas um laçao. Então, quando achou que Billy já tinha saído da galeria, escapuliu de seu quarto de vestir e entrou sem bater no quarto de Susan.

— Ah! — reagiu Susan. Ele tinha conseguido assustá-la. — Achei que você tivesse ido para a cama.

— Que noite horrível. — Ele cuspiu as palavras, como se arrancasse a rolha de um barril, o que, de certo modo, tinha feito mesmo.

— Achei divertida. Não se pode reclamar das pessoas que estavam lá. Metade do Gabinete Nacional devia estar no salão, e tenho certeza de que vi a marquesa de Abercorn conversando com um dos ministros das Relações Exteriores. Pelo menos acho que era ela, só que estava muito mais bonita do que no retrato que tiraram na...

— A noite foi deplorável! E você a tornou ainda pior!

Susan respirou fundo. Ia ser uma noite daquelas. Ela estava bastante ciente de sua criada, Speer, pairando, imóvel, junto à porta. Ela estava quieta para que eles se esquecessem de que ela estava lá. Susan sabia muito bem disso.

— Pode ir, Speer — disse ela, mantendo a voz firme e delicada. — Eu a chamo daqui a pouco. — A criada, decepcionada, se retirou. Susan se virou para Oliver: — Muito bem, o que aconteceu?

— Você saberia se não tivesse passado a noite inteira encarando aquele pervertido perfumado.

— O Sr. Bellasis estava de perfume? Não notei.

Mas o comentário dele despertou o interesse dela porque ficou claro pela expressão do marido que John não era o principal motivo de sua raiva.

— Comporte-se como uma vadia e será tratada como tal. Você não tem carta branca, sabe disso. Só porque é estéril, isso não lhe dá passe livre.

Susan ficou em silêncio por um instante, organizando os pensamentos. Aquilo estava se tornando mais desagradável do que ela esperava. Olhou com calma para Oliver.

— Você deveria ir para a cama. Está cansado.

Ele se arrependeu do que tinha dito. Ela o conhecia bem o suficiente para saber disso. Mas, sendo Oliver, não pediria desculpas. Isso nunca aconteceria. O que fez foi mudar de tom:

— Quem é aquele tal de Pope? De onde veio? E por que meu pai está investindo no negócio desse sujeito? Quando foi que ele investiu no meu negócio?

— Você não tem um negócio.

— Então quando foi que ele investiu em *mim*? E por que lady Brockenhurst o estava conduzindo pela sala o tempo todo feito um pônei em exposição? Como ele conseguiu isso, sendo que ela mal nos dirigiu uma palavra civilizada durante toda a noite?

A voz dele falhou e, por um momento, Susan se perguntou se ele na verdade estava chorando.

Oliver recomeçou a andar pelo quarto. Susan o observou, pensando na própria experiência na casa dos Brockenhurst. Ela realmente havia se divertido. John tinha sido muito agradável. Fez com que ela se sentisse atraente, mais atraente do que se sentia havia anos, e ela tinha gostado da sensação.

— Gostei do reverendo Sr... — Ela lançou um olhar questionador ao marido. Sua mente ficou em branco. — Bellasis. Claro. O pai do Sr. Bellasis. Eles pareceram uma boa família.

Ela estava tentando trazer sua longa e pública conversa com John para um território mais neutro. Felizmente, Oliver estava suficientemente ocupado com sua raiva pelo Sr. Pope para aceitar a explicação não declarada de seu comportamento.

— Você sabe quem ele é? Quero dizer, além de ser pai daquele homem?

— Se eu sei?

Ela não tinha certeza de aonde a conversa os levaria.

— O reverendo Sr. Bellasis!

Oliver olhou para a esposa. Será que ela realmente não sabia quem ele era? Ele não tinha desperdiçado completamente seu tempo desde a ascensão do pai, e entendia a verdade por trás da lenda da maioria das tradicionais famílias aristocráticas, mas acreditava que tinha levado Susan consigo. Ela teria alguma ideia?

— Ele é o irmão mais novo de lorde Brockenhurst. Seu herdeiro, se bem que, mais provavelmente, seu filho John será o herdeiro, pois lorde Brockenhurst parece consideravelmente mais saudável que o irmão mais novo.

— John Bellasis vai ser o próximo...?

Susan estava deslizando por uma encosta açucarada de seus sonhos, perdida na própria fantasia.

— O próximo conde de Brockenhurst. Sim — declarou Oliver. — O único filho do atual conde morreu em Waterloo. Não há mais ninguém.



Já eram quase três horas da manhã quando lady Brockenhurst finalmente se sentou à penteadeira, tirando os brincos de diamante, enquanto sua criada, Dawson, retirava os grampos de seu cabelo.

— Parece que todos se divertiram muito, Sua Graça.



Dawson tirou os últimos grampos com cuidado e ergueu a tiara pesada. Caroline balançou a cabeça. Gostava de usar suas joias e tinha gosto pela glória, mas era um alívio quando as tirava e ficava livre. Ela coçou o couro cabeludo e sorriu.

— Acho que correu tudo bem — declarou ela, animada.

Houve uma leve batida na porta. A cabeça de lorde Brockenhurst apareceu.

— Posso entrar?

— Por favor — respondeu a esposa.

Ele entrou no quarto, escorregando para uma poltrona próxima.

— Que alívio quando eles se foram.

— Estávamos falando sobre como tudo correu bem.

— Suponho que sim. Mas há um número limitado de vezes em uma noite que se pode perguntar sobre a saúde de outra pessoa, ou se alegrar com a notícia da gravidez da rainha, ou perguntar como vão passar o verão. Quem era aquele sujeito do comércio de algodão? E o que ele estava fazendo aqui?

Caroline observou o rosto do marido pelo espelho. Será que ele tinha se dado conta? Não conseguiu perceber como Charles e seu belo Edmund eram parecidos? Aqueles olhos. Aqueles dedos compridos. A maneira como ria. O menino era um Bellasis puro. Não ficara óbvio?

— Você quer dizer o Sr. Pope?

— Pope? Era esse o nome? — Peregrine alisou o bigode e estremeceu um pouco. Seus sapatos estavam apertando. — Sim. — Ele refletiu, olhando para uma das aquarelas de Lymington Park da esposa. — Eu o achei agradável e mais interessante do que as mulheres com quem você me forçou a ficar conversando sem parar na ceia, mas ainda não entendo por que ele estava em nossa sala de estar.

— Eu me interessei por ele.

— Mas por quê?

— Bem. — Caroline fez uma pausa, e Dawson também.

A criada segurava uma escova na mão direita, outra na esquerda, e sua cabeça estava inclinada em expectativa. Esse era um dos aspectos mais interessantes do seu trabalho: ajudar sua senhora a se despir depois de uma noite rodeada pela sociedade. As línguas estavam sempre soltas por um pouco de vinho e os pedacinhos a que ela conseguia ter acesso se tornavam ótimos assuntos de discussão na sala dos criados.

— Veja bem...

Então Caroline notou o olhar de Dawson e se conteve. Não havia nada que quisesse mais do que contar a verdade ao marido, mas tinha dado sua palavra. Será que a promessa se aplicava entre maridos e esposas?, perguntou-se ela. Eles não estariam quebrando um voto ao guardar segredos um do outro? A Bíblia não dizia isso? Mas, mesmo que estivesse certa, Caroline se deu conta de que não seria certo lançar Charles em uma onda de fofocas dos criados. Dawson até podia ser normalmente discreta, mas nunca dá para contar com a discrição de uma criada. Ela também poderia facilmente espalhar a notícia por toda Belgravia antes que o filho do açougueiro trouxesse o bacon às cinco da manhã.

Os criados realmente eram piores que os ratos, o modo como iam de casa em casa, espalhando fofocas a quem quisesse ouvir sabe-se lá o quê. Ela sabia quanto eles falavam lá embaixo, mesmo os que eram leais. Não. Ela não podia contar ao marido naquele momento, independentemente se fosse ou não contar depois. Então Caroline fez o que sempre fazia quando as coisas ficavam complicadas: mudou de assunto.

— Maria Grey cresceu e ficou muito bonita — disse ela. — Ela costumava ser muito séria, a cabeça sempre enfiada em um livro. Agora parece encantadora.

— Aham — concordou Peregrine. — Sorte do John. Espero que ele a mereça.

Ele tirou os sapatos, tentando reunir energia para ir se deitar.

— Ela parece ter aceitado bem a morte do pai.

— Foi terrível.

Dawson pegou de novo uma escova de cabelo e continuou desembaraçando os fios de lady Brockenhurst. Ela já ouvira a história sobre como lorde Templemore tinha caído do cavalo e batido a cabeça em uma pedra durante uma caçada.

— Lady Templemore era só elogios a Reggie.

— Reggie?

— Seu filho. Ela estava me contando que ele está meio que administrando a propriedade. E só tem vinte anos. Diz que seu agente é um homem bom, mas mesmo assim...

Peregrine resmungou.

— Ele vai precisar de mais do que um bom agente se quiser manter a propriedade a salvo dos oficiais de justiça. Soube que o pai os deixou enterrados em dívidas.

Caroline suspirou, solidária.

— Elas estavam usando vestidos novos esta noite, mãe e filha. Fiquei bastante surpresa com isso. Se bem que acho que sabiam que John viria, e não ficaria bem parecer que estão na miséria. Certamente não na frente de um pretendente.

Peregrine apoiou a cabeça nas mãos, tomado por uma súbita onda de tristeza. Havia algo na chegada do verão, com tanta esperança no ar, tantas pessoas indo de um baile de gala a outro, todo mundo cheio de planos para escapar do calor da cidade. E ver John à noite, flertando com a bela nora do curioso Sr. Trenchard... Quantos anos ele tinha? Trinta e dois ou trinta e três? Não era muito. Edmund teria quarenta e oito agora, um homem ainda no auge da vida. Mas ele não fugiria para a costa norte da França ou para as montanhas em volta dos lagos italianos. Ele estava preso em seu túmulo, como todos os rapazes galantes que tinham morrido naquela manhã de junho havia muito tempo. Peregrine tivera esperança de que a mudança para a

nova casa na Belgrave Square, com seus esplêndidos cômodos para recepções, lhes desse um novo sopro de vida, uma energia renovada. Mas, de alguma forma, naquela noite ele sentiu que tinha acontecido o contrário, que ver aquela frivolidade, as roupas, as conversas, os diamantes, só servira para ilustrar a loucura da vida humana, que sempre termina em um túmulo frio e solitário. Ele se levantou e seguiu para a porta.

— É melhor eu me recolher. Dia agitado amanhã.

Caroline pôde sentir a tristeza do marido, que pairava sobre o quarto como uma nuvem. Ela queria contar a novidade, agora que tinha certeza. Edmund tinha um filho. Temos alguém a quem amar outra vez.

— Meu querido. — Ele olhou para trás. Ela fez uma pausa. — Durma bem. Talvez as coisas pareçam diferentes pela manhã.



James Trenchard temia o dia seguinte. E o outro também, aliás. Ele temia todo o tempo que levaria até o escândalo explodir. Era como um relógio avançando lentamente em direção ao dia do juízo, concluiu ele, deitado na cama, olhando para a cornija branca acima. Era como a granada de um soldado esperando para estourar. Não admirava que ele não conseguisse dormir. Estava deitado havia uma hora, ouvindo o silêncio. Sabia que Anne também não estava dormindo. Deitada ao seu lado, de costas para ele, parecia rígida. Ele podia sentir a tensão dela.

Tinham vindo para casa em silêncio. James desapareceu em seu quarto de vestir, enquanto Anne levou a cadela para fora e depois se recolheu nos próprios aposentos. Em geral, ela não era especialmente falante, mas até Ellis tinha ficado surpresa com o silêncio. Os sutis pedidos da criada para que contasse detalhes da festa de lady Brockenhurst foram ignorados, e, logo que pôde, Ellis terminou seu trabalho e saiu. Quando James apareceu, Anne já estava na cama, com as cobertas em torno do corpo, fingindo que dormia,

com a cadela aninhada em seus braços. Descalço, com seu traje de dormir, ele estava prestes a sair do quarto e voltar para seu esplêndido aposento, algo que fizera poucas vezes nos quarenta anos de casamento. Em vez disso, subiu na cama, apagou a vela e se deitou de costas para Anne, com os olhos bem abertos. Não havia sentido em evitar o confronto que acabaria acontecendo, afinal um culpava o outro pelo próprio sofrimento. Eles estavam morrendo de raiva, furiosos com o comportamento desleal e hipócrita um do outro.

— Charles deve saber — disse ele, por fim, incapaz de guardar sua opinião por mais tempo.

— Não!

Anne se sentou na cama, acordando Agnes no susto.

Ela via o perfil do marido, iluminado pela lâmpada a gás da rua. Às vezes, sentia falta da completa escuridão da noite na cidade nos tempos de sua juventude. Esta meia-luz onipresente parecia manter o mundo em um eterno crepúsculo. Mas Londres era mais segura atualmente, claro, e isso devia ser uma coisa boa.

James não havia terminado:

— Ela o acomodou ao lado dela no jantar. À direita dela. Todos notaram. O restante da família Bellasis certamente notou. Foi como anunciar no *The Times*. Tinha a intenção de chamar a atenção para ele, pois por que faria isso se não quisesse que a notícia se espalhasse? Se ele ainda não sabe a verdade, saberá em questão de dias, se não de horas.

— Há quanto tempo você está em contato com ele?

James nem sequer lhe concedeu a cortesia de uma resposta.

— Como você sabe que ela ainda não contou a ele? Por que mais seria convidado? Ele deve saber. Pessoas como Charles Pope não são chamadas para jantares íntimos na Belgrave Square para compartilhar um faisão com metade da nobreza. Pessoas como Charles Pope não se sentam ao lado da condessa de Brockenhurst. Pessoas como Charles Pope nem *conhecem* a condessa de Brockenhurst. Normalmente, a condessa de Brockenhurst não

dedicaria a Charles Pope nem sequer um minuto do seu dia, *muito menos o convidaria a se sentar ao lado dela no jantar!* — James também se sentou, e seu tom de voz ficava cada vez mais alto enquanto ele encarava a esposa.

— Fale baixo! — sussurrou Anne.

Oliver e Susan dormiam no cômodo acima do deles. Cubitt podia ter instalado conchas no teto dessas casas para evitar que os ruídos passassem entre os andares, mas elas não eram tão espessas.

— Quanto a esse absurdo de ela investir no negócio dele...

— Por que é absurdo? Você fez o mesmo. Tem apoiado ele há meses. — O tom dela não era apaziguador.

— Sou homem. Lady Brockenhurst não tem dinheiro algum. Pelo menos, nada que possa investir sem a permissão do marido. E por que ele daria uma quantia se não soubesse o motivo do interesse dela? É tudo disparate e tolice, e vai resultar na ruína dos Trenchard!

Não era por acaso que James tinha se dado tão bem no ambiente anárquico e livre dos tempos de guerra em Bruxelas. Quando ele precisava jogar pesado, fazia isso. Ainda era o filho de um comerciante do mercado, mais do que capaz de lutar pelo seu espaço. E, no momento, estava encurralado. Tudo o que ele ganhara e pelo que lutara estava prestes a ser destruído por sua esposa. Sua própria esposa, entre todas as pessoas.

— Eu simplesmente não podia deixá-la acreditar que ela e o marido eram os últimos da linhagem deles — disse Anne, alisando os lençóis em volta dela.

— Por que não? Eles passaram os últimos vinte e cinco anos pensando isso. Certamente já estavam acostumados! — O rosto dele começava a ficar vermelho de novo. Depois de ter liberado a fúria, não conseguiria recuperar o controle. — E o que mudou? Charles Pope não pode fazer a menor reivindicação à família. Ele não tem direitos. É um bastardo, embora não vá lhe agradecer por ter tornado público esse fato!

— Eles têm um neto. Precisavam saber disso.

— Foi por esse motivo que fomos convidados, então? — perguntou ele.  
— Foi isso? — Mas Anne permaneceu em silêncio. Já apresentara seus argumentos. — Assim poderíamos observá-la desfilando Charles na nossa frente, sem podermos falar com ele? Foi a vingança dela?

— Você pôde falar com ele. São velhos amigos. — A voz dela era fria como gelo.

— Claro, já sabemos que a presença dele lá não foi surpresa para você.

— Sim — respondeu Anne. De certa forma, foi quase um alívio admitir.  
— Sim, eu sabia que ele estaria lá. E se você acha que vou aceitar uma palavra de reprovação, é melhor repensar antes de falar. Você é tão culpado quanto eu.

— Eu? — Trenchard pulou da cama. — O que *eu* fiz?

— Você tem mantido contato com nosso neto, você o conheceu, está até trabalhando com ele, e nunca achou por bem dizer a mim, sua esposa, a mãe da mulher que o deu à luz. — A voz dela estava falhando. Anne podia ouvir e, por mais que quisesse soar forte e resoluta, as lágrimas continuavam insistindo em sair. — Você falou com ele. Você o tocou. E nunca tinha me contado. Vivi na ignorância por mais de vinte anos, me perguntando todos os dias como ele devia ser, como seria a voz dele, mas você o conhecia e não me disse nada. Não se passou uma hora sem que eu tivesse me arrependido de entregá-lo a uma família desconhecida. Abri mão do nosso lindo neto porque você tinha medo de que, se nós o criássemos, fosse receber menos convites para jantar. E agora você me engana desta forma detestável e dolorosa!

Claro que, neste discurso, Anne tinha convenientemente esquecido que ficara feliz com o plano de se livrar do bebê não amado quando ele nasceu e Sophia já estava morta. James pensou em lembrá-la, mas desistiu. Isso provavelmente foi sábio. Viu as lágrimas dela brilhando enquanto escorriam pelas bochechas. As mãos dela puxavam os lençóis.

— A ignorância de lady Brockenhurst não seria desculpa para a crueldade de manter o segredo. Era hora de ela saber. Ela tinha que saber.

Não havia sentido em dizer mais nada. James entendia isso, mas não pôde resistir ao golpe final.

— Seu sentimentalismo vai desabar em cima de nós. Quando o nome de nossa filha for arrastado na lama, quando ela ficar com fama de promíscua, quando todas as portas que lutamos tanto para abrir se fecharem para nós, então você só poderá culpar a si mesma.

Com isso, James Trenchard se virou, dando as costas para a esposa, que chorava, e fechou os olhos.



## Capítulo 5

### *A atribuição*



Susan Trenchard estava deitada na cama ouvindo os sinos da Igreja de Todos os Santos, em Isleworth. De vez em quando, escutava os barulhos do rio: barqueiros chamando uns aos outros, um remo atingindo a água. Ela olhou ao redor do quarto. Era decorado como se pertencesse a uma grande casa, e não a um alojamento, com cortinas de brocado pesado, uma lareira clássica e uma bela cama de dossel que ela achou bastante confortável. Outra mulher poderia ter ficado assustada ao descobrir que John Bellasis tinha uma pequena casa em Isleworth com uma sala exclusiva para refeições, um quarto grande e luxuosamente decorado e quase mais nada além de uma área de serviço e, provavelmente, um quarto para o homem quase mudo que cuidava de tudo. O fato de o criado não ter feito nenhuma pergunta quando eles chegaram, mas simplesmente ter preparado um delicioso almoço antes de levá-los ao quarto onde as cortinas já tinham sido fechadas e o fogo, aceso, podia significar que ele conhecia muito bem a natureza daquele encontro para deixar tudo bastante confortável. Mas Susan estava contente demais, satisfeita demais — na verdade, mais satisfeita do que estivera em anos —, para encontrar defeitos naquela alegria. Ela se espreguiçou.

— Deveria se vestir — disse John ao pé da cama, abotoando a calça. — Vou jantar na cidade e você deve voltar a tempo de se trocar.

— Temos que ir?

Ainda na cama, Susan ergueu o corpo. Seus cachos castanhos serpenteavam sobre os ombros brancos delicados. Mordeu o lábio inferior carnudo enquanto olhava para John. Naquele estado de espírito, ela realmente ficava quase irresistível e sabia disso. John se aproximou e se sentou ao lado dela, passando o indicador pela lateral de seu pescoço,

traçando a curva de sua clavícula, e Susan fechou os olhos. Ele segurou seu queixo e a beijou.

Susan Trenchard havia se revelado uma conquista extraordinária. O encontro deles na *soirée* da tia de John tinha sido bastante fortuito e totalmente casual, mas ela acabou sendo sua melhor descoberta nesta temporada. Ele realmente acreditava que ela o manteria entretido durante semanas.

Ele precisava agradecer à criada de Susan, Speer, pela facilidade da aventura dos dois. Para uma mulher magra, de aparência triste, ela estava preparada para ser uma importante cúmplice na sedução da patroa. Não que Susan realmente precisasse de um grande encorajamento, ainda mais diante de alguém tão experiente nas artes do quarto quanto John. Ele sempre tivera olhar afiado para uma mulher propensa a se desvirtuar. Seu tédio e sua falta de afeto pelo marido tinham ficado óbvios para ele assim que se aproximou dela naquela noite, na casa dos Brockenhurst. Para ser capaz de roubá-la do aparentemente fraco Oliver Trenchard, mesmo com alguma demora, ele sabia que tudo o que precisava fazer era bajulá-la um pouco, dizer como era bonita e franzir a testa demonstrando interesse por suas opiniões. No fim, as mulheres são mesmo criaturas muito simples, pensou ele naquele momento, observando os olhos azul-claros dela. Elas podem tremer de indecisão, demonstrar choque e consternação diante dessa ideia, mas ele sabia que esses eram os estágios pelos quais se sentiam obrigadas a passar. A partir do momento em que alguma começava a rir de suas piadas, ele sabia que poderia tê-la quando quisesse.

Após o primeiro encontro na Belgrave Square, ele enviara uma carta. Pelo bem da discrição, a mandara por correio, com o novo selo vermelho de um centavo. Nela declarou, com os mais floreados e românticos termos, quanto tinha gostado da conversa que tiveram e que achava que ela tinha uma beleza rara. Era impossível tirá-la da cabeça, ele se entusiasmou, sorrindo ao imaginá-la lendo suas palavras.

Ele havia sugerido que se encontrassem para tomar chá no Hotel Morley's, na Trafalgar Square. Era um estabelecimento bem frequentado, mas em geral por ninguém muito próximo de John. O convite tinha sido um teste. Se Susan fosse o tipo de mulher que podia inventar uma desculpa para atravessar Londres e se encontrar com ele no meio do dia, então era uma mulher liberta da verdade, capaz de levar uma vida dupla e na qual, portanto, valia a pena investir. Ele mal conseguiu conter seu triunfo quando ela entrou pela porta de vidro giratória do hotel, acompanhada por Speer.

Deve-se dizer, claro, que John estava completamente enganado quanto à maior parte de suas conclusões. Ele acreditava tanto em seus poderes de sedução que nunca lhe ocorreu que Susan Trenchard não precisava ser seduzida. A verdade era que, quando ficara sabendo das perspectivas deslumbrantes de John, e considerando a atração muito verdadeira que sentiu por ele no primeiro encontro, Susan tinha decidido que primeiro seria amante dele e, em seguida, se as coisas dessem certo, avaliaria até que ponto a situação poderia ir. Ele deveria ter notado, pelo simples fato de ela ter contado o segredo para sua criada — o que precisava ter feito, porque ela a acompanharia até o hotel —, que era uma participante ativa, e não passiva, do plano. Susan sabia muito bem que ninguém questionaria uma esposa saindo de casa com sua criada. Havia diversas razões legítimas para ela passear por Londres ou por qualquer outro lugar, fazer compras, almoçar, visitar alguém, desde que estivesse acompanhada por uma criada. Ter a confiança de Speer havia garantido o sucesso do esquema de Susan. Ela certamente permitiria que John se desse o crédito de seduzi-la e levá-la a pecar — todos os homens gostam de sentir que estão conduzindo a dança —, mas a verdade era que isso não estaria acontecendo se Susan não tivesse tomado a decisão de seguir o mau caminho.

No dia em questão, ela disse a Oliver que ia encontrar uma velha amiga de escola que morava no campo e iria a uma exposição na National Gallery. Oliver nem sequer se deu o trabalho de perguntar o nome da mulher com

quem ela se encontraria. Apenas pareceu feliz por ela estar se mantendo ocupada.

Com muito tato, Speer desapareceu assim que elas entraram no hall do hotel, deixando a patroa se aproximar sozinha de John. Ele estava sentado em um canto, ao lado de um piano de cauda, com uma palmeira florescendo em um vaso logo atrás dele. Era mais atraente do que ela lembrava, muito mais do que o infeliz do próprio marido. Enquanto seguiu caminho por entre mesas e cadeiras, ela descobriu, para sua surpresa, que estava um pouco nervosa pois o momento tinha finalmente chegado. Não era a perspectiva de ter um caso. Já fazia alguns anos que sabia que, mais cedo ou mais tarde, acabaria tendo um, pois os contatos ocasionais com Oliver haviam se tornado muito insatisfatórios. E ela ainda era estéril... algo que lhe causara bastante sofrimento no passado, mas que atualmente tinha utilidade. Ela se permitiu sorrir. O nervosismo devia ser tudo o que lhe restava de seu recato de menina, um fragmento que de alguma forma sobrevivera ao endurecimento da mulher em que ela se transformara. Manteve a cabeça baixa para evitar contato visual com os grupos de senhoras sentadas bebendo chá. O Morley's não era o tipo de hotel que alguém de seu círculo íntimo frequentasse, John se certificara disso pelo menos, mas cuidado nunca era demais. A capital era um lugar pequeno, e uma reputação podia acabar arruinada em uma tarde.

Ela se sentou rapidamente, de costas para o salão, e olhou para John. Bem versado nesses assuntos, ou ele achava que era, John tomou para si a responsabilidade de deixá-la à vontade, o que ela permitiu. Susan sabia muito bem que para ele desfrutar por completo da experiência, precisava da emoção de conquistar uma mulher virtuosa, e ela queria que ele se divertisse muito. O rosto dela, corado de timidez, desempenhou seu papel, e, com certeza, não demorou muito para que ele sugerisse que os dois se encontrassem de novo, mas desta vez em circunstâncias um pouco diferentes.

A verdade era que Oliver Trenchard não era marido suficiente para Susan. Durante os primeiros cinco anos de casamento eles haviam tentado, sem sucesso, conceber, mas depois disso Oliver a deixara sozinha. Ela não o culpava totalmente. Certa vez, ficou claro que não haveria criança, e eles não se gostavam o bastante para que algum dos dois considerasse atraente a ideia de ter relações. Não era algo que discutissem, a não ser que houvesse um eventual insulto no meio de uma discussão ou durante uma conversa em particular com os lábios contraídos em seu quarto depois do jantar, especialmente se Oliver tivesse bebido demais. Mas o que ela havia descoberto era que, por ser uma mulher estéril, perdera a influência sobre o marido e nunca conseguiria ter muito controle sobre os sogros. A partir disso concluiu-se que, se ela não tomasse cuidado, talvez acabasse sem nada. Até mesmo seu pai tinha perdido o interesse por ela. Susan poderia ter culpado sua extravagância por isso, pelo menos em parte, mas preferiu estabelecer uma relação da decepção dele com sua incapacidade de ser mãe. Ele não teria descendentes, e ela não tinha certeza se ele seria capaz de perdoá-la por isso. Os outros Trenchard, por sua vez, sem dúvida ficariam felizes se alguma doença tirasse sua vida, permitindo que Oliver encontrasse outra esposa que encheria os quartos das crianças na Eaton Square. Talvez tenha sido a percepção dessa amarga realidade que deixou Susan inclinada a acreditar que estava na hora de trilhar o próprio caminho se algum dia quisesse se sentir realizada. Naturalmente, a jornada levou tempo — chegar ao otimismo passando pela desilusão rumo à determinação de encontrar uma vida própria —, e foi justamente quando essas ideias estavam formadas por completo que ela conheceu John Bellasis.

Assim, quando, naquela tarde, John sugeriu uma viagem até Isleworth, onde ele mantinha “alguns cômodos que permitem escapar do tumulto de Londres”, Susan fingiu mal sua hesitação. Tudo o que tinha de fazer era inventar uma desculpa para passar o dia em Isleworth. Ela decidiu não mentir sobre seu destino, pois podia ser vista por alguém e não havia

necessidade de correr o risco de ser pega. No fim das contas, ela decidiu dizer que estava pensando em comprar um pomar e queria ver o que estava em oferta. Muitas das grandes casas de Londres tinham pomares lá, para o fornecimento de frutas frescas até o final do verão e o outono, e embora Oliver tivesse resmungado que seria ele quem fecharia a compra, não fez objeções. Para completar sua imagem de inocência, viajaria com Speer e arranjará um lugar para a criada esperar até que ela estivesse pronta para ir embora.

E foi exatamente o que fizeram. Speer esperaria a partir das três horas no Bridge Inn na beira do rio, um pouco afastado do alojamento de John. Assim que isso foi resolvido, a criada se afastou, deixando o assistente de cocheiro sem entender nada. Até os criados tinham sido informados sobre a compra do pomar, o que daria a Susan a desculpa para muitas visitas no futuro.

— Eu estava pensando que poderia dar um descanso ao meu cavalo e voltar com você — disse John, acariciando a bochecha dela com o polegar.

— Não seria adorável? — respondeu ela, se espreguiçando de forma sonolenta. — Se ao menos pudéssemos...

— Não podemos?

Ele estava surpreso. Ela deu um sorriso lânguido, prometendo mais em ocasiões melhores.

— Vou viajar com minha criada na carruagem do meu marido.

A princípio, John não entendeu qual era o problema. Por que não poderiam deixar a criada ao lado do cocheiro e voltar felizes para a cidade? Ele não se importava de ser visto com uma bela mulher casada na carruagem do marido dela. Mas, quando parou para pensar, até ele percebeu que causaria um grande problema para Susan se ela fosse reconhecida, e a expressão dela deixou claro que os dois não voltariam juntos. Por um segundo, John quase vislumbrou que ela era tão forte quanto ele, e que tinha quase o mesmo controle sobre os acontecimentos, mas então essa percepção sumiu, e tudo o que ele viu foi uma mulher rindo, recostada nos travesseiros,

com os olhos meio fechados, loucamente apaixonada por ele. John se sentiu confortável com isso, portanto não a pressionou mais.

Com um suspiro, que demonstrou que Susan sentia o mais ardente desejo de que eles ficassem juntos para sempre, ela se levantou da cama e vestiu sua roupa íntima. Andou descalça até a janela, arrastando os pés pelo luxuoso tapete turco, e pegou o espartilho.

— Speer está me esperando no Bridge Inn. — Ela contraiu os lábios, tímida. — Então preciso de ajuda com isto.

John ergueu as sobrancelhas e fez uma careta, suspirando também. Ela riu e ele se aproximou, embora na verdade considerasse as complexidades da moda feminina terrivelmente cansativas.

— Tenho que apertar?

— Não. Só fazem isso nas comédias no teatro. Os cadarços estão amarrados, mas pode ser difícil fechar os ganchos na frente.

Ele levou mais de cinco minutos até fechar os malditos ganchos, e depois ela pediu ajuda para fechar os importunos botõezinhos em toda a extensão das costas do vestido. Estava ficando muito quente no quarto, e seus dedos suavam enquanto ele lutava com a seda amarela.

— Da próxima vez — sugeriu ele com delicadeza — seria uma boa ideia você usar algo menos... complicado.

— Não posso andar de robe pelas ruas. Nem mesmo por você. E você não reclamou tanto quando me ajudou a me despir.

Mais uma vez, John teve uma leve suspeita de que ela estava zombando dele. De algum modo, ele estava seguindo suas ordens, e não o contrário. Porém, novamente deixou para lá.

— Devemos nos encontrar em Londres da próxima vez? — sugeriu John, conferindo o relógio de bolso. — Ou pelo menos em algum lugar mais perto?

Susan assentiu.

— E essas novas linhas de trem vão fazer uma diferença enorme.



— Em que sentido?

Ela sorriu.

— Só quis dizer que poderemos nos encontrar num lugar distante e voltar a tempo para o chá. Dizem que não vai levar mais do que uma ou duas horas para chegar a Brighton, e apenas cinco ou seis até York. Essa perspectiva me deixa até sem fôlego.

Ele não tinha tanta certeza.

— Não sei por que tudo tem que ficar sempre mudando. Estou perfeitamente feliz com as coisas do jeito que estão.

— Bem, eu não mudaria nada na tarde que acabamos de ter. — Ela impulsionou a vaidade de John do jeito que ele gostava. E Susan, claro, sabia o que estava fazendo. — E agora tenho mesmo que ir. — Ela o beijou mais uma vez e, antes de se afastar, deixou a língua tocar os lábios dele, uma promessa para o próximo encontro. — Não me faça esperar muito — sussurrou no ouvido dele.

Antes que John respondesse, ela saiu pela porta e seguiu até o hall, onde o criado silencioso esperava para vê-la sair. Essa, sem dúvida, era uma rotina que não lhe causava nenhuma surpresa.

O único desafio de Susan era sair do alojamento de John e chegar ao Bridge Inn. Depois disso, teria sua criada e sua carruagem, e estaria tão serena e adequada quanto qualquer senhora da cidade. Estava usando um véu mais grosso que de costume, de modo que ninguém que a visse pudesse ter certeza de que era mesmo ela, mas controlou o nervosismo e andou com calma até o hotel e a segurança. Speer esperava discretamente, com uma xícara de chá vazia à sua frente. Ela se levantou quando Susan se aproximou.

— Fui dar uma caminhada, senhora.

— Fico feliz. Eu detestaria imaginar você parada num lugar público a tarde inteira.

— Fui ver um agente, e ele me deu algumas descrições de jardins à venda. — Ela pegou os panfletos de três ou quatro propriedades de pomares

e jardins. — Achei que pudessem ser úteis.

Susan não disse nada ao pegar os papéis, dobrá-los com cuidado e guardá-los em sua bolsa de mão. Seu álibi era tão sólido quanto uma rocha.



Existe algo como uma série de derrotas?, perguntava-se Stephen Bellasis vagamente ao ver seus contadores serem expulsos mais uma vez pelo revendedor. Todo mundo fala de uma série de vitórias, uma onda de sorte, mas e quanto a uma onda de *azar*? Porque, se era uma onda, então devia chegar ao fim, mas parecia que suas derrotas nunca acabavam. Ele já havia perdido um bom negócio naquela tarde. Uma pequena fortuna, na verdade. Enquanto seu filho se divertia em Isleworth, Stephen já estava mil libras mais pobre no Jessop's Club, logo depois da Kinnerton Street.

O Jessop's não era um daqueles clubes aos quais homens ambiciosos aspiravam se associar; era um daqueles lugares onde os perdulários acabavam indo parar. Fétido, sujo e estendendo-se por quatro andares, era composto por várias salas escuras nas quais jogadores muito diferentes eram servidos de bebida de má qualidade, enquanto torravam todo o dinheiro que lhes restava, ou todo o dinheiro que tinham conseguido mendigar, pegar emprestado ou roubar dos outros. Esse era um outro lado de Belgravia.

Alguns anos antes, Stephen tinha sido membro do Crockford em St. James's, onde os importantes e bons iam para um simples jantar de muita diversão. Mas William Crockford era um homem astuto, que tinha estudado as histórias e os membros das grandes famílias do país, e sabia quanto eles valiam. Sabia a quem podia ou não estender uma longa linha de crédito. Não é necessário dizer que o Honorável Reverendo Stephen Bellasis não durou muito tempo no Crockford. De algum modo ele se convenceu de que não havia necessidade de um chef francês extravagante e de pessoas inteligentes para acompanhar seus jogos e começou a frequentar

estabelecimentos menos majestosos. Foi ficando cada vez mais afeiçoado ao Victoria Sporting Club, na Wellington Street, cujos membros não falavam de apostas, mas de “jogos”, e depositou suas fichas nos corredores em Ascot ou Epsom. Infelizmente, ele parecia ter com os cavalos a mesma sorte que tinha com as cartas.

Mas ele adorava a sensação da vitória! Não era preciso muito, apenas um sopro de vitória, algumas libras em um vencedor, e ele estaria fora de novo. Às vezes, para desfrutar de encantos nos tranquilos Argyll Rooms, onde ele celebrava em seu estilo inimitável com uma garrafa de vinho do Porto e a chance de se enfiar sob a saia de uma bela dançarina. Em outras ocasiões, ele era mais ousado, seguia para leste até o Rookery, perto do Seven Dials, aonde nem mesmo a polícia ia, se pudesse evitar. Como um homem arriscando a vida por capricho, bebia nos bares que encontrava por lá, conversando com ladrões e prostitutas, de vez em quando deixando a noite seguir por um rumo assustador, imaginando se a manhã o encontraria morto na sarjeta com uma faca na lateral do corpo, ou de volta a sua cama, ao lado da esposa que não lhe dava prazer algum.

Naquele dia, no entanto, a vitória não estava à vista. Ele não era de todo ruim no uíste, um jogo no qual podia se dar relativamente bem e muitas vezes recuperava algumas de suas perdas, pensou, enquanto embaralhava as cartas. Mas, de alguma forma, naquela tarde, nada estava funcionando. Dona Sorte definitivamente o abandonara, e ele estava começando a se arrepender de ser tão descuidado com o próprio dinheiro.

Na verdade, Stephen não só estava arrependido, como estava apavorado. Mil libras era uma grande quantia em dinheiro e ele não tinha como pagar, a menos que conseguisse recuperá-lo. Conforme continuava perdendo, a sala mal iluminada tornava-se cada vez mais claustrofóbica. A temperatura no porão com painéis escuros estava sufocante, e ele puxou o colarinho em volta do pescoço suado. Stephen nunca usava as faixas de clérigo para jogar, mas o grosso lenço de pescoço com que as substituíra parecia sufocá-lo. O

gim que tinha bebido também não estava ajudando, nem a fumaça constante do cachimbo do conde Sikorsky. Stephen mal conseguia respirar.

Três outros jogadores estavam sentados em volta da grudenta mesa de carteados, dois deles conhecidos de Stephen. Havia Oleg Sikorsky, o aristocrata russo que estava ficando velho e tinha uma propriedade em ruínas na Crimeia que já não podia mais se visitar. Sikorsky falava sem parar sobre os bons e velhos tempos em São Petersburgo, tomando champanhe no Fontanka, enquanto gastava aos poucos a fortuna da avó, uma senhora respeitável que, segundo ele, fora confidente do czar Alexandre I. Ao seu lado estava o capitão Black, oficial da Guarda Grenadier e amigo de John. Ele era novo na mesa, depois de ter contraído o “vírus” do jogo de seus homens. Tinha a mente ágil e era bom em lembrar truques, mas também era propenso a movimentos bruscos e gestos extravagantes que raramente resultavam em uma grande vitória, embora Deus soubesse que estava se saindo bem o bastante naquela tarde. O quarto jogador era o Sr. Schmitt, um homem grande como um urso, cujo crânio aparentemente tinha sido amassado por um martelo durante uma luta em algum momento de sua juventude desperdiçada. Por mais estranho que fosse, ele sobrevivera ao ataque, cuja evidência era uma reentrância assustadora na testa. Schmitt tinha descoberto um bem-sucedido negócio de financiamentos, motivo pelo qual estava ali. Ele não só gostava de jogar, como também facilitava os hábitos dos outros. E naquele dia estava sendo muito generoso com Stephen. Em suma, sua generosidade fez com que Stephen ficasse lhe devendo mil libras.

— Acho que devo parar — declarou Oleg, soprando seu cachimbo repulsivo. — Preciso descansar. Vou ao teatro hoje à noite.

— Não pode parar! — protestou Stephen, o coração começando a disparar enquanto pegava o resto do seu gim. — Você é minha dupla! Estamos prestes a entrar numa maré de sorte!

— Maré de sorte? — zombou Schmitt. Ele apoiou os antebraços pesados na mesa e encarou Stephen. — Você quer dizer como a Armada Espanhola?

— Desculpe, Bellasis — o conde Sikorsky esfregou o rosto por trás dos óculos —, mas não tenho escolha. Não tenho mais recursos e já estou devendo ao Sr. Schmitt pela semana passada.

— Duzentos guinéus — disse Schmitt. — Mais os trezentos de hoje. Quando vai pagar?

— Não devemos incomodar os outros com isso — falou o conde, claramente relutante em compartilhar os detalhes de sua dívida.

— Quando vai pagar? — insistiu Schmitt.

— Sexta-feira. E agora tenho mesmo que ir — disse Oleg balançando a cabeça.

— Bem, se você está fora, Oleg, também devo me retirar — concluiu Black. — Não é sempre que um homem ganha setecentas libras em um dia. — Ele riu e, arrastando a cadeira de madeira no chão de pedra, se levantou um pouco cambaleante. Eles tinham passado três horas sentados em volta da mesa, e demorou algum tempo até que o sangue voltasse a circular por suas pernas. — Não tenho certeza se alguma vez já fui tão bem assim. — Ele juntou o dinheiro, formando um maço com a pilha de notas largas. — Que azar — disse, dando tapinhas nas costas de Stephen. — Vejo você semana que vem?

— Não! — exclamou Stephen bem alto. Todos ouviram um indício de pânico em sua voz. Como se tentasse salvar uma situação que já estava perdida, Stephen deu uma risada destemida. — Por favor, não. — Ele ergueu a mão, balançando-a de brincadeira, tentando assumir o controle. — Vamos lá, não podemos jogar mais uma partida? Tem certeza? Só vai levar vinte minutos. Oleg, você pode ir daqui direto para o teatro. Black, você não pode simplesmente deixar a mesa, precisa dar ao seu colega a chance de recuperar algum dinheiro! — Ele olhou de um para outro, seus pequenos olhos escuros implorando. — Só mais uma partida. Não é pedir muito...

A voz de Stephen falhou. Ele estava ciente de como soava patético, mas não conseguia evitar. Precisava fazer alguma coisa. Os homens estavam se

levantando, saindo da mesa, deixando-o ali no porão escuro com Schmitt. E não dava para saber o que o sujeito seria capaz de fazer. Stephen já lhe devera dinheiro, mas nunca uma quantia tão alta, e sempre conseguira pagar Schmitt.

Ele continuou sentado enquanto o capitão Black e o conde Sikorsky subiam a escada, seus passos nos degraus de madeira soando estranhamente altos e ecoando no espaço vazio. A cera do candelabro de bronze barato gotejava de forma pausada em cima da mesa diante dele.

— Então, Vossa Senhoria — disse Schmitt, sarcástico, levantando-se da cadeira e esticando o corpo enorme.

— Pois não? — retrucou Stephen, balançando a cabeça de forma desafiadora.

Não se deixaria intimidar por esse homem assustador. Ele tinha contatos, lembrou a si mesmo, amigos em posições altas.

— Ainda precisa resolver a questão das mil libras.

Stephen se encolheu, esperando que o homem estalasse os dedos ou socasse a mesa. Mas Schmitt não fez nada disso. Apenas andou pelo chão de pedra, os pregos na sola das botas fazendo um barulho estridente.

— Somos dois cavalheiros — começou Schmitt.

Stephen resistiu à tentação de dizer que Schmitt, por ser um agiota com a cabeça amassada, talvez não fosse.

— Também sou um sujeito legal e estou preparado para agir de forma razoável — continuou ele.

— Obrigado — respondeu Stephen, só que mal deu para ouvir.

— Então você tem dois dias para arranjar o dinheiro. Dois dias para me entregar. — Ele fez uma pausa e, com um gesto súbito, quebrou na mesa a garrafa de gim vazia, bem na frente de Stephen, que se sobressaltou na cadeira. — Dois dias — sibilou Schmitt, com o crânio de formato estranho curvado sobre Stephen, e a garrafa quebrada ainda em sua mão. — Dois dias

— repetiu, aproximando a ponta do caco de vidro do pescoço do outro sujeito.

Stephen saiu correndo de lá mais rápido do que se esperaria de um homem pequeno, gordo e que bebeu muito gim, e continuou correndo até chegar à esquina da Sloane Street. Só então, quando estava de pé, ofegante e bufando, encostado em um muro, percebeu que havia algo errado. Duas senhoras fazendo um passeio de fim de tarde o evitaram. Um homem se aproximou, mas logo atravessou a rua. Ele passou a ponta dos dedos pelo rosto. Estava molhado. Pegou o lenço e secou a pele. O pano ficou coberto de sangue. No reflexo da vitrine de uma loja ali perto ele viu que tinha cortes em todo o rosto, feitos por pequenos cacos de vidro.



No dia seguinte, as coisas pareciam um pouco melhores. Ou no mínimo o rosto de Stephen parecia, pelo que ele observou no espelho. Foram só alguns cortes pequenos, disse a si mesmo, nada muito grave, nada muito notável... O que foi uma sorte, pois, com o chapéu na mão, estava prestes a encontrar seu irmão de novo. A última coisa de que precisava era que sua aparência estivesse minimamente comprometida.

Lá embaixo, na sala de jantar fria de sua casa na Harley Street, o clima entre Stephen e Grace estava congelante. Nenhum dos dois gostava realmente de morar ali. A casa tinha sido presente de casamento da mãe de Grace, mas, como a maioria das coisas associadas a Grace, estava um pouco desbotada e gasta nas bordas. Com tanto progresso e tantas construções na capital, às vezes Stephen achava que a Harley Street seria deixada para trás. A casa em si era estreita, escura e sempre fria, não importava o clima lá fora. Se era por causa da parcimônia de Grace em acender as lareiras, ou pela falta de criados para manter os fogos acesos, o resultado era o mesmo. Os convidados costumavam tremer ao entrarem. Não que eles recebessem muita gente ali.

Mas, de vez em quando, Grace convidava algumas senhoras da paróquia, ou de um de seus comitês de caridade, porém, em geral, Stephen jantava fora e Grace comia sozinha.

Eles viviam com uma quantidade mínima de criados: uma cozinheira e uma ajudante de cozinha, um mordomo que também fazia as vezes de camareiro, uma criada principal que também vestia Grace e duas outras que pareciam sair mais cedo numa regularidade impressionante. Grace se convencera de que era por causa dos baixos salários que ofereciam, mas começava a suspeitar de que Stephen pudesse estar por trás de várias partidas apressadas. A verdade era que não conseguiam arcar com a vida em Londres e, se tivessem algum juízo, teriam vendido a casa anos atrás e se mudado contentes para Hampshire, economizando para seus padres o dinheiro que tinham. Mas lhes faltava juízo. Ou, pelo menos, faltava a Stephen, pensou Grace ironicamente. Nenhum juízo, nenhuma ambição e, Deus sabe, nenhuma intenção de exercer suas funções paroquiais, por mais simples que fossem. Ela tomou seu café da manhã insosso. Grace sempre se orgulhava de não tomar café da manhã na cama como as outras mulheres casadas que conhecia, mas naquele dia quase se arrependeu. Pelo menos seu quarto era quente. Ela pegou o envelope em cima da mesa.

Não desviou os olhos da carta da filha quando o marido desceu a escada. Ela sabia que ele tinha saído para jogar no dia anterior e que provavelmente havia perdido. Soube pelo jeito que ele suspirou ao se sentar. Se tivesse ganhado, teria batido palmas e esfregado as mãos ao entrar na sala. Haveria alegria em seus passos. Em vez disso, ele mal se deu o trabalho de comer. Levantou a tampa da bandeja gasta e observou os ovos mexidos ressecados.

— Emma está bem — disse Grace, por fim, erguendo os olhos para o rosto dele e se encolhendo de susto. — Meu Deus, o que aconteceu com você?

— Nada, nada. Uma janela se quebrou perto de mim. Como estão as crianças? — perguntou ele, se servindo de uma fatia de bacon morno.



— Ela disse que Freddie está tossindo.

— Bom, bom.

Ele afundou na cadeira.

— Por que isso é bom? — Grace olhou para o outro lado da mesa escura. — Por que é bom que o menino não esteja bem?

Stephen ficou olhando para ela por um instante.

— Eu estava pensando em visitar meu irmão hoje.

— Isso tem algo a ver com como você passou a tarde de ontem? — perguntou Grace, se levantando da cadeira.

— Não foi um dos meus melhores dias — falou ele, sem erguer os olhos, como se estivesse verbalizando algum pensamento que não fazia sentido para a esposa.

Para Grace, aquilo não era um bom sinal. Via de regra, Stephen nunca admitia nenhum tipo de derrota ou fracasso. Na verdade, ele raramente admitia que apostava.

— Quão ruim foi, exatamente? — questionou ela, lembrando que não restava muita coisa em sua escassa caixa de joias que pudessem vender.

Graças a Deus ela já havia pagado o aluguel do quarto de John em Albany, embora não entendesse por que ele não morava com os pais na Harley Street.

— Não há nada com que se preocupar. — Stephen tinha recuperado o autocontrole, e sorria delicadamente para a esposa. — Vou resolver tudo esta tarde.

— Resolva seu rosto primeiro.



Quando chegou à casa na Belgrave Square, Stephen fez uma pausa antes de anunciar sua chegada. De pé na larga rua pavimentada, observando os degraus que levavam à porta preta brilhante, ladeada por colunas dóricas

brancas, ele balançou a cabeça para a injustiça de tudo aquilo, entoando o mesmo refrão que estava sempre em sua cabeça. Por que, por um erro de nascimento, Peregrine morava em um local tão esplêndido, enquanto ele tinha que se contentar com uma casa apertada e suja? Não era de admirar que apostasse, pensou Stephen. Quem não apostaria se a vida tivesse lhe dado um golpe tão amargo? Era realmente uma surpresa que ele buscasse conforto nos braços de mulheres sem moral? Era mesmo culpa dele ser viciado na emoção e no perigo do jogo?

Stephen bateu à porta. Um jovem criado de uniforme a abriu e o conduziu à biblioteca para aguardar seu irmão.

— Que prazer inesperado! — declarou Peregrine, entrando cinco minutos depois, sem qualquer pressa. — Eu estava prestes a ir para o White's.

— Então fico feliz por ter chegado a tempo — disse Stephen.

Stephen não tinha certeza de como começar a conversa, embora soubesse muito bem que seu irmão já esperava o que viria.

— O que aconteceu com seu rosto? — perguntou Peregrine, olhando para as pequenas cicatrizes nas bochechas do irmão.

— Tive uma experiência ruim no barbeiro — respondeu Stephen.

Parecia melhor que a história da janela quebrada, mas os dois sabiam que não era verdade.

— Lembre-me de nunca ir lá — pediu Peregrine, caindo na gargalhada e se sentando à escrivaninha. — Então, a que devo essa honra?

Ambos sabiam que ele estava provocando. Stephen sempre queria só o dinheiro dele, mas Peregrine precisava ouvir o irmão dizer isso em voz alta. Se ia dar alguma coisa a ele, exigia que antes houvesse o máximo de humilhação.

— É que estou com um problema — começou Stephen, inclinando a cabeça.

Ele esperava que, se mostrasse remorso, ou caso se curvasse diante do irmão, Peregrine fosse mais generoso.

— De quanto é o problema?

— Mil libras.

— *Mil* libras?

Peregrine estava genuinamente chocado. Todo mundo gostava de um pouco de emoção de vez em quando. O duque de Wellington, um velho amigo seu, era perfeitamente capaz de gastar mais de mil libras em uma noite jogando uíste no Crockford, mas ele podia se dar o luxo de fazer isso. Stephen tinha mesmo perdido mil libras? Peregrine ergueu as sobrancelhas. Não esperava uma quantia tão grande. Sem falar que fazia pouco tempo que lhe dera quase isso, depois do almoço em Lymington.

— Normalmente eu não pediria...

— Sim, mas a questão é que normalmente você *pede* — interrompeu Peregrine. — Na verdade, faz isso com frequência. Não me lembro de quando foi a última vez que veio à minha casa *sem* pedir dinheiro. — Ele fez uma pausa. — Não.

— Não? — Stephen ficou confuso.

— Não. Não vou dar. Fui claro o bastante? — Será que Stephen estava ouvindo direito? — Não desta vez.

— O quê? — Stephen não conseguia acreditar. A falsa humildade sumiu da sua expressão e foi substituída por simples fúria. — Mas você precisa me dar! Precisa! Você é meu irmão, e eu preciso! Tenho que conseguir esse dinheiro!

— Deveria ter pensado nisso antes de apostar. Você jogou com um dinheiro que não tinha, e este é o resultado.

— Eu não apostei! Não foi nada disso que aconteceu!

Os punhos roliços de Stephen estavam cerrados. Esse não era o resultado que ele havia imaginado. Sua cabeça estava zumbindo. Se não havia

apostado, qual seria sua desculpa? O que poderia dizer que tinha acontecido com o dinheiro?

— Nós dois sabemos que isso é mentira — disse Peregrine, muito calmo.

Seu irmão era intolerável, desprovido do menor traço de responsabilidade, uma desgraça para seu sangue. Por que deveria continuar financiando o desperdício da vida dele?

— Como ousa me acusar de estar mentindo? — Stephen inflou o peito. — Sou um homem de batina!

— Digo que você está mentindo porque é verdade. — Peregrine balançou a cabeça. — Não vou mais pagar por nenhuma das suas dívidas. Você tem o bastante com a herança e a Igreja, ou deveria ter, e sua esposa lhe provê recursos extras. Você tem que aprender a viver com suas posses.

— Viver com minhas posses! — Stephen estava prestes a explodir. — Como se atreve? Quem você pensa que é? Só porque é dois anos mais velho que eu, você ficou com o título, a casa, as propriedades e todo o dinheiro...

— Todo, não.

— Já pensou em como isso é injusto? Já? — Stephen falava depressa e cuspiendo. — E tem a audácia de me dizer para viver com meus recursos?

— A vida não é justa — reafirmou Peregrine. — Isso eu admito. Mas foi nesse sistema que nós dois nascemos. Ninguém nunca lhe disse para esperar mais do que recebeu. Muitos homens achariam bom ser clérigo e morar em uma grande paróquia, sem ter que fazer nada de janeiro a dezembro.

— Bem, um dia John será o herdeiro. — Stephen ergueu o queixo, triunfante. — Meu filho, e não o seu, terá tudo.

Foi um golpe baixo, mas Peregrine decidiu sair por cima:

— E quando isso acontecer, eu gostaria de lembrar que, por definição, você estará morto e vai ser tarde demais para ele assumir o financiamento dos vícios do pai.

Stephen o encarava com os dentes cerrados e seu rosto ferido estava muito vermelho. Ele sentiu tanta raiva que ficou sem palavras.

— Muito bem — disse ele, por fim. — Bom dia para você, irmão!

Ele saiu, batendo a porta com força suficiente para derrubar um pedaço do gesso da parede.

Do lado de fora, no patamar da escada, Stephen parou por um instante. Ele não tinha ideia do que fazer em seguida. Peregrine não o seguira, não havia corrido atrás dele e colocado um maço de notas em sua mão. O que ele devia fazer? Não tinha como pagar a dívida. Quanto a Schmitt, só de pensar nele, Stephen estremecia. Estava andando de um lado para outro, pensando se deveria entrar de novo e implorar, dizer ao irmão que sentia muito, apelar para sua bondade. Precisava de um plano. Deveria ficar? Ou ir embora? Apertou o próprio queixo, imerso em pensamentos.

O som de uma risada ecoou; era de uma mulher. Ele olhou para a escada reluzente. Vinha da sala de estar de Caroline. Será que ela tinha escutado a discussão dos irmãos?, perguntou-se ele. Estava rindo dele? Definitivamente estava rindo. Será que estava se deleitando com a ruína dele? Stephen atravessou a galeria, seguindo em direção à porta. Lá estava ela, aquela mulher detestável, rindo ao longe... E era a voz de um homem que ele ouvia? Quem poderia estar divertindo tanto lady Brockenhurst? Ele se ajoelhou para encostar a orelha direita no buraco da fechadura. Então a porta se abriu.

— Meu Deus! Stephen! Você quase me fez ter um ataque cardíaco! — Caroline apertou o peito, em choque. — O que está fazendo abaixado aí?

— Nada — disse Stephen, levantando-se com um pouco de dificuldade e semicerrando os olhos. Quem era aquele rapaz de cabelo escuro? Parecia familiar. Suas bochechas estavam coradas, como se ele tivesse sido pego em flagrante. Caroline continuava olhando para ele. — Eu só estava... — Sua voz falhou.

— Você se lembra do Sr. Pope? Ele estava aqui na outra noite — disse Caroline, dando um passo para trás e apresentando orgulhosamente seu convidado.

— Sim, eu lembro.

Stephen assentiu. Muito bem, ele se lembrava do sujeito. Era o rapaz que se sentara ao lado dela, no lugar de honra. Era o homem com quem ela tinha circulado na festa. Ele estava trabalhando em algo com aquele idiota pomposo do Trenchard. E lá estava ele de novo.

— Charles acabou de me contar tudo sobre os planos que tem. Ele é proprietário de uma fábrica de tecido em Manchester.

Ela estava radiante. Para Stephen, isso parecia muito estranho.

— Você está interessada em fábricas de tecido em Manchester?

— Lady Brockenhurst está patrocinando meus negócios — disse Charles, sorrindo, como se isso explicasse tudo.

— Está? — questionou Stephen olhando de um para o outro.

— Sim — disse ela, sem dar maiores explicações. Em vez disso, conduziu Charles para a escada. — Já lhe atrasei demais. — Ela deu uma risadinha e passou por Stephen para seguir Charles pela escada. — Gostei muito da nossa conversa, Sr. Pope. Estou ansiosa pelo nosso próximo encontro.

No corredor, o criado entregou o casaco a Charles e segurou a porta enquanto ele saía. Caroline ergueu os olhos, mas em vez de se juntar de novo ao cunhado, entrou na sala de jantar e fechou a porta. Stephen só desceu depois de alguns minutos. Ele tinha a incômoda suspeita de que o que acabara de testemunhar e sua necessidade de dinheiro poderiam, de alguma forma, ser combinados a seu favor, mas ainda não sabia como.



Charles Pope estava animado quando saiu da casa dos Brockenhurst para a forte luz do sol na Belgrave Square. Seu encontro com a condessa tinha corrido bem, e ela lhe prometera mais dinheiro do que ele esperara, o dobro da quantia que havia proposto originalmente. É claro que a questão que o

incomodava era: por quê? E também por que o Sr. Trenchard teria sido tão generoso em adiantar o depósito para a fábrica em condições tão vantajosas? Sua nova patrocinadora lhe permitiria estabelecer fontes de algodão na Índia e expandir o negócio de uma forma que ele achava que levaria uma década para conseguir. Mais uma vez: por quê? Isso era muito intrigante. Ele se sentia verdadeiramente honrado por ter sido convidado à casa de lady Brockenhurst, e ela o fizera se sentir bem-vindo. Mas não deixava de se perguntar o que poderia ter feito para merecer essa sorte.

— Alguém parece muito satisfeito consigo mesmo.

Charles se virou e estreitou os olhos ao sol.

— Você?

— Eu?

A garota sorriu.

— Lady Maria Grey, se não me engano?

Ele tinha perguntado por ela depois da festa, indicando-a para a anfitriã, e então conhecera sua posição. Tinha sido um choque. Se tivera esperanças de que ela estivesse ao seu alcance, soube de uma tacada só que não estava. Ainda assim, era bom vê-la de novo. Não podia negar isso.

— A própria. E você é o Sr. Pope. — Ela usava um casaco azul-escuro abotoado por cima da saia larga e um gorro enfeitado com flores da mesma cor. Ele pensou que nunca tinha visto nada tão bonito. — E posso perguntar por que está tão alegre? — Ela deu uma risada agradável.

— Apenas negócios. Você vai achar o motivo muito bobo — disse Charles.

— Você não tem como saber. Por que os homens sempre presumem que as mulheres só se interessam por fofocas e moda?

Eles se entreolharam. Alguém tossiu de leve. Charles se virou e viu uma mulher de preto. Devia ser a criada de lady Maria, pensou ele. Claro. Ela nunca teria autorização para sair desacompanhada.

— Desculpe — respondeu Charles, juntando as mãos como se fizesse uma súplica. — Não quis ofender. Simplesmente não achei que o financiamento de uma fábrica de tecido seria divertido.

— Eu que devo julgar isso, Sr. Pope. — Ela sorriu. — Então, me conte um pouco mais sobre sua fábrica e seu tecido e, se eu achar o assunto cansativo, vou tapar a boca com a minha mão enluvada e bocejar, e aí sim você vai perceber que falhou. Que tal?

Ela inclinou a cabeça para o lado. Charles sorriu. Maria Grey era diferente de qualquer mulher que ele conhecia. Era bonita e encantadora, sem dúvida, mas também direta, desafiadora e possivelmente muito teimosa.

— Vou aceitar o desafio — respondeu Charles. — Você está indo a algum lugar?

— Estou indo para a nova biblioteca de Londres. Eu estava pensando em me associar. O Sr. Carlyle é amigo da minha mãe e falou muito sobre seus méritos, que, segundo ele, são muito superiores aos da biblioteca do Museu Britânico, apesar de eu achar difícil de acreditar. Ryan está me acompanhando.

Ela acenou para a mulher que estava com ela, mas a Srta. Ryan não parecia muito confortável com o modo como as coisas estavam progredindo. Por fim, ela falou:

— Milady...

— O que foi?

Mas a criada ficou em silêncio, então Maria a levou para um canto. Voltou em um instante, sorrindo.

— Ela acha que minha mãe não vai aprovar se formos vistos andando juntos e conversando.

— Não vai?

— Provavelmente não. — Mas essa resposta parecia indicar que a aventura proposta não ia deixar de acontecer. — Para onde você vai?

— Eu ia voltar para o escritório.



— E onde fica?

— Bishopsgate, na City.

— Então podemos acompanhar você em parte do caminho. A biblioteca fica no número 49 da Pall Mall, assim não vamos desviá-lo do seu trajeto. E, enquanto caminhamos, pode nos explicar o mundo do algodão e exatamente o que está planejando fazer na Índia, do modo mais divertido possível. Depois podemos nos separar e cada um cuidar do próprio negócio.

E assim, pela próxima meia hora, enquanto os três seguiam pelo Green Park, Charles Pope explicou os detalhes do negócio de algodão. Contou como pretendia expandir, e depois comentou sobre o novo tear que tinha um sistema de trava automático que era acionado quando os fios se rompiam. Durante todo o tempo, Maria percebeu seu entusiasmo e o fervor em sua voz, apreciando o movimento de seus lábios. No instante em que chegaram à esquina do Green Park com a Piccadilly, Maria sabia quase tudo sobre a colheita, o fornecimento e a tecelagem do algodão.

— Você venceu! — declarou ela, girando a sombrinha lilás no ombro.

— Venci o quê? — Charles estava confuso.

— Não tive que disfarçar um único bocejo. Você foi ao mesmo tempo instrutivo e divertido. Parabéns! — Ela riu, batendo palmas com as mãos enluvadas. Ele fez uma reverência. — Eu adoraria conhecer seu escritório um dia desses — disse ela.

— Se sua mãe acha que nós dois não devemos andar juntos — ele olhou para Ryan, que estava com o rosto petrificado —, temo que seja difícil acreditar que ela consideraria uma visita a Bishopsgate o tipo de...

— Bobagem. Se você está dizendo que lady Brockenhurst tem interesse na sua empresa, então por que eu não poderia ir visitá-la pessoalmente?

— Não estou entendendo a conexão — confessou Charles, franzindo a testa.

Mas Maria tinha falado sem pensar. E engasgou na resposta:

— Eu estou... noiva do sobrinho dela.

— Ah.

Era uma tolice o fato de ele se sentir decepcionado. Pior do que decepcionado, sentir como se tivesse perdido uma pérola muito valiosa. O que ele estava pensando? Que uma moça tão bonita e inteligente quanto Maria Grey não teria pretendentes? Claro que estava noiva. Além do mais, era filha de uma família nobre, e ele era um zé-ninguém, filho de outro zé-ninguém. Mas, ainda assim, tudo o que conseguiu dizer foi:

— Ah.

— Talvez lady Brockenhurst e eu façamos a visita juntas — continuou Maria, um pouco animada demais.

— Nada me daria mais prazer. — Charles Pope sorriu e ergueu o chapéu. — Ao trabalho — declarou, então desejou-lhes um bom-dia, se virou e seguiu pela Piccadilly.



John Bellasis estava no Mr. Pimm's Chop House, no número 3 da Poultry Street, tomando uma caneca de cerveja, quando seu pai entrou pela porta e se sentou à sua frente. John tinha ido visitar um amigo corretor cujo escritório ficava na esquina da Old Jewry, como fazia em quase todas as terças-feiras. Ele já estava pensando em formas de expandir e investir a fortuna que ganharia. Era importante ser visto em movimento, dizia a si mesmo, para que aqueles a quem ele devia dinheiro acreditassem que acabariam sendo pagos.

— Aí está você — anunciou Stephen.

— Bom dia, pai. Como você sabia onde me encontrar?

— Você está sempre aqui — disse Stephen, inclinando-se para a frente.

— Então... — Ele bateu as mãos com força na mesa. — Ele disse não.

— Quem?

John largou a caneca e empurrou o prato com ossos de cordeiro.

— Seu tio, claro. — Stephen ajustou o elástico da calça. — O que eu faço? — Ele sabia que seu tom estava ficando estridente, mas é que estava entrando em pânico. — Tenho dois dias... quer dizer, um dia agora.

— Quanto você pediu a ele?

John não tinha dúvidas sobre o motivo do estresse do pai. Sempre tinha a ver com dinheiro e dívidas.

— Mil libras. — Stephen baixou os olhos para o prato de John para conferir se havia algo que valia a pena pegar. Seus dedos remexeram os ossos e, por fim, escolheram uma cenoura amanteigada fria. — Estou devendo a Schmitt.

— Schmitt? Aquele bruto! — John ergueu as sobrancelhas e suspirou. — Então é melhor pagar a ele.

— Eu sei — concordou Stephen, mastigando a cenoura. — Consegue pensar em alguém que poderia me ajudar?

— Você está falando de um agiota?

— Claro que estou falando de um agiota. Se puder pegar a quantia com ele para pagar Schmitt, eu ganharia alguns dias para negociar um empréstimo ou algo assim. Será uma quantia alta, mas se eu conseguir emprestadas pelo menos quinhentas libras, então ganharei mais um tempo.

— Conheço alguns. Mas não tenho certeza se você conseguiria essa quantidade de dinheiro tão depressa assim. Por que não vai a um banco? — John tamborilou na mesa os dedos com as unhas aparadas. — Eles sabem quem somos, sabem que a família é dona de uma fortuna que algum dia será minha. Você não conseguiria um empréstimo alegando isso?

— Já tentei. — Stephen não estava escondendo nada. — Eles acham que meu irmão está muito saudável e que vai ser uma longa espera.

John deu de ombros.

— Conheço um polonês, Emile Kruchinsky, que mora perto da East End. Ele conseguiria arranjar o dinheiro a tempo.

— Quanto ele cobra de juros?

— Cinquenta por cento.

— *Cinquenta!* — Stephen inflou as bochechas de ar e soprou, enquanto observava a garçonete se debruçar para limpar a pequena mesa de madeira do outro lado. Seu traseiro balançava de um lado para outro enquanto ela se movia. — É um pouco demais.

— É a taxa usada para emergências — respondeu John. — Eles ficam com você nas mãos e sabem disso. Não tem mesmo mais nada para vender?

— Só a casa da Harley Street, que está hipotecada. Duvido que fosse nos restar um centavo.

— Então você tem que convencer o banco ou visitar o polonês — disse John, fungando.

— Sabe quem vi na Belgrave Square hoje, na casa do seu tio? — perguntou Stephen, franzindo a testa. — Aquele homem, Charles Pope.

— O protegido de Trenchard? O que estava na festa? — John parecia confuso. — Por que ele estava lá de novo?

— E eu lá sei? — Stephen balançou a cabeça. — Mas estava. Ele e sua tia estavam rindo, na sala de estar privativa dela. Eu os flagrei assim que saíram. Achei tudo muito estranho. O rapaz corou quando eu o vi. Corou de verdade.

— Você não acha que eles estão tendo um caso, não é? — brincou John.

— Por Deus, não. — Stephen engasgou enquanto se recostava na banquetta. — Mas tem algo acontecendo ali, escute o que estou dizendo. Ela está investindo no negócio dele.

— Está? — John se empertigou. Ele ficou subitamente interessado no assunto. — Por que ela se interessaria por qualquer negócio, ainda mais pelo de um desconhecido que surgiu do nada?

— Exatamente — concordou o pai. — E eles pareceram muito íntimos para duas pessoas que acabaram de se conhecer. Você lembra como ela desfilou com ele pelas salas na *soirée*? Foi quase inadequado. Uma mulher na posição dela e um rapaz tão jovem...

— Quem é ele? Alguém tem alguma informação sobre suas origens? Precisa haver algo que consigamos descobrir.

— Não que eu saiba. Não gosto da aparência dele, e sem dúvida não gosto da influência que ele tem sobre lady Brockenhurst. Está fazendo papel de boba.

— Você sabe quanto ela investiu?

— Bem, o jovem Sr. Pope parecia incrivelmente contente quando foi embora — observou Stephen. — Então imagino que deva ser uma boa quantia. Por que ela está dando dinheiro a um estranho enquanto meu querido irmão se recusa a ajudar pessoas do próprio sangue?

— Exatamente — disse John, assentindo.

Os dois ficaram sentados à mesa de madeira, em silêncio por um instante, contemplando a injustiça da situação.

— Temos que descobrir quem é esse homem — disse Stephen, por fim.

— Acho que posso ajudá-lo — afirmou John.

— Como?

Stephen observou o filho do outro lado da mesa.

— Estou ficando amigo da Sra. Trenchard mais jovem — arriscou John.

— Ela me disse que seu sogro conhece Pope há um tempo.

O pai continuava olhando para ele.

— Amigo como?

— Esbarrei com ela na National Gallery e tomamos um chá.

— É mesmo?

Stephen conhecia seu filho muito bem. John balançou a cabeça.

— Foi tudo perfeitamente respeitável. Ela estava lá com a criada. Eu poderia perguntar a ela o que mais sabe.

— Perguntar a criada?

— Perguntar a Sra. Trenchard, quis dizer, mas talvez essa não seja uma ideia ruim. Criados sempre descobrem tudo. E o que quer que esteja acontecendo com Charles Pope, quero saber o que é. Para começar, só

temos a informação de que ele tem negócios com aquele caipira do James Trenchard, e agora, de repente, minha tia exigente está dando dinheiro a ele, dinheiro que um dia, por causa de um vento frio na direção certa, deveria ser nosso. É tão absurdo que queiramos saber por quê?

Stephen negou vigorosamente com a cabeça.

— Os Trenchard devem ter a resposta.

— E quando a descobrirmos, poderemos traçar a conexão com minha tia.

Stephen assentiu.

— Tem que haver uma história entre eles. Entre o Sr. Pope e Caroline, ou talvez entre ele e Peregrine. E, se nós descobrirmos, então talvez, como Caroline está sendo tão mão aberta com suas finanças, ela pague para manter a informação em segredo.

— Você está sugerindo subornar minha tia? — perguntou John, olhando para o pai. Pela primeira vez, o rapaz estava quase em choque.

— Estou, sim. E você vai nos ajudar descobrindo os segredos da casa dos Trenchard.

Stephen começou a balançar a perna direita para cima e para baixo debaixo da mesa.

Essa poderia ser a resposta para todas as suas preces.



Dois dias depois, John entrou na taberna The Horse and Groom, em Groom Place. Ficava a apenas alguns minutos de caminhada da Eaton Square e das grandes casas de Belgravia, mas ainda assim era um mundo diferente.

Ele tinha conseguido marcar um breve encontro com Speer na calçada em frente à casa dos Trenchard. Sob o pretexto de combinar outro encontro com Susan, ele havia colhido informações com a criada sobre onde os membros da família Trenchard gostavam de aproveitar os momentos de

folga. É claro que ela sabia que ele estava aprontando alguma coisa, e, por um instante, John considerou pedir que ela investigasse um pouco para ele, mas suspeitava que Susan e a criada compartilhavam a maioria das conversas que tinham e ainda não queria que Susan ficasse muito a par de seus assuntos. Ela era encantadora, claro, mas a velocidade com que fora parar em sua cama o deixou cauteloso. Sem dúvida, não era uma mulher prudente, e ele não tinha certeza de quanto poderia confiar nela. Até que finalmente a criada sugeriu que, se ele quisesse alguma ajuda de alguém de dentro da casa, deveria começar com o Sr. Turton, o mordomo, e ele sempre bebia no The Horse and Groom, na esquina. A princípio, John ficou surpreso. O mordomo, em geral, era quem recebia melhor salário e, portanto, era o mais leal dos criados da casa. Mas ele decidiu que Speer devia saber do que estava falando.

Ao entrar na taberna, o cheiro de cerveja derramada e de serragem úmida foi devastador. John estava acostumado a algumas das áreas mais desagradáveis da cidade, mas até mesmo ele achou o The Horse and Groom um pouco demais para seu gosto.

Pediu uma caneca de cerveja, e parado em um canto, com as costas viradas para a parede, ficou aguardando. Speer dissera a ele que o Sr. Turton sempre ia lá tomar rapidamente um drinque por volta das cinco horas, e, de fato, às cinco em ponto, quando o relógio do bar estava badalando, um homem alto, magro, de rosto pálido, usando um casaco preto e sapatos pretos lustrosos, entrou pela porta. Parecia bastante deslocado naquele local, mas, ainda assim, enquanto puxava uma cadeira, o barman se aproximou com uma garrafa de gim e serviu a bebida em um pequeno copo, sem que uma palavra sequer fosse trocada. Turton assentiu. Ele podia não ser um sujeito entusiasmado, mas sem dúvida era um cliente regular e um homem de hábitos.

— Sr. Turton, não é? — perguntou John.

Turton pousou o copo de gim e então ergueu o olhar para ele.

— Talvez. — De perto, o sujeito parecia exausto. — Conheço você?

— Não — disse John, sentando-se diante dele. — Mas acho que podemos fazer negócios.

— Você e eu?

Turton ficou ligeiramente nervoso.

Ele tinha o costume de vender a parte estranha da carne, furtar um pouco de queijo de boa qualidade ou algumas garrafas de um bom vinho tinto que ninguém nunca notara. Ele e a cozinheira, a Sra. Babbage, tinham um acordo. Ela exagerava um pouco nas compras, nada muito drástico: alguns faisões extras enviados de Glanville, um pouco mais de carneiro do que seria necessário, e ele vendia as sobras. Era bem conhecido no pub. Ficava lá sentado das cinco às seis da tarde e fazia os próprios negócios. Naturalmente, dava uma parte à Sra. Babbage. Talvez não tanto quanto ela merecia, mas era ele que corria o risco. Tudo o que ela precisava fazer era cometer um erro deliberado com os pedidos de compras, e ninguém nunca faria uma acusação com base nisso. Ele, por sua vez, trabalhava para os Trenchard havia quase vinte e cinco anos, tendo se juntado à família pouco depois da morte de sua filha, então confiavam nele. A única pessoa em quem ele realmente precisava ficar de olho era a Sra. Frant. Ela era uma intrometida irritante, sempre metendo o bedelho em tudo. Ele e Sra. Babbage tinham um bom esquema, e ele estava determinado a não permitir que a governanta tivesse a chance de destruí-lo. Ele olhou John de alto a baixo, observando as roupas caras e a corrente de ouro de um relógio de bolso. Não parecia um homem que precisasse de um pedaço de presunto.

— Duvido que tenhamos muitos negócios em comum, senhor — afirmou ele.

— Ah — disse John —, mas é aí que você se engana. — Tomou um gole da cerveja. — Estou à procura de ajuda num assunto particular, e você pode ser o homem certo para o serviço. Haveria uma pequena recompensa, claro.



— Pequena? Quanto?

John sorriu.

— Depende dos resultados.

Isso chamou a atenção de Turton. Estava indo tudo muito bem, vendendo um pedaço de carne aqui e outro ali, mas uma quantidade respeitável de dinheiro, um pé-de-meia, realmente seria muito bem-vinda. Então permitiu que o jovem cavalheiro lhe pagasse outro gim enquanto ouvia com atenção o que ele queria.

Quarenta minutos mais tarde, os dois saíram do The Horse and Groom e voltaram para a Eaton Square. Turton pediu que John o esperasse na esquina dos cavaliços. Ele voltaria em alguns minutos. Disse que tinha a pessoa perfeita, alguém que trabalhava havia anos na casa e que estava sempre interessada em ganhar um dinheiro extra.

— É uma mulher que sabe o que é melhor para ela — disse ele, antes de sumir na esquina. — Pode escrever o que estou dizendo.

John ficou na rua, sob uma lamparina, com o colarinho levantado e o chapéu bem enfiado na cabeça. Ali era perto demais da casa dos Trenchard para que ele se sentisse confortável. Queria que o homem se apressasse. A última coisa de que precisava era esbarrar com Susan, ou com o próprio Trenchard, aliás.

Por fim, Turton voltou com uma mulher gorda ao seu lado. Ela usava um chapéu preto e um xale de renda marrom bem caro.

— Senhor — disse Turton, com a mão estendida. — Esta é a Srta. Ellis. A criada da Sra. Trenchard. Ela trabalha na casa há trinta anos. O que ela não sabe sobre as idas e vindas dessa família não é algo com que valha a pena se preocupar.

Turton achava irritante não ter como conseguir esse dinheiro sem a ajuda da Srta. Ellis, mas ele sabia que não havia outro jeito. Ele e o Sr. Trenchard se davam muito bem, mas de maneira nenhuma eram confidentes, enquanto a Srta. Ellis... Ela e a Sra. Trenchard eram unha e

carne. Era surpreendente que a senhora nunca tivesse suspeitado de que tudo que Ellis precisava para trair seus segredos era de uma oferta boa o bastante e no momento, com sorte, ia receber uma.

— Ah, Srta. Ellis — disse John, balançando a cabeça devagar.

Estava chateado porque Speer não o levou a Ellis logo de início. Suspeitava que ela se ressentisse da superioridade de Ellis na casa, e quanto a isso tinha razão. A partir de então, ele teria que pagar o suficiente para manter os dois felizes, o que era chato, mas Turton estava certo. Os criados diretos dos patrões conseguiam descobrir os segredos da família mais rápido do que ninguém. Ele ouvira dizer que metade dos grandes poderes pagavam os criados para espionar. Sorriu para Ellis, que aguardava em silêncio.

— Eu queria saber se poderíamos chegar a um acordo.

Capítulo 6

*Um espião entre nós*



James Trenchard estava sentado a uma escrivaninha imperial particularmente delicada, com detalhes dourados, em seu escritório na Gray's Inn Road. A sala ficava no primeiro andar, acima de uma firma de advocacia no topo de uma escadaria, e era forrada por painéis, com algumas fotos solenes e uns móveis impressionantes. Mesmo que nunca dissesse isso, James se considerava um cavalheiro-comerciante. A maioria de seus contemporâneos teria julgado a expressão um paradoxo, mas esse era seu ponto de vista e gostava que seu em torno refletisse isso. Havia desenhos de Cubitt Town à mostra, cuidadosa e previamente dispostos em uma mesa redonda num canto da sala, e um belo retrato de Sophia pendurado acima da lareira. Pintado durante a estadia deles em Bruxelas, mostrava a filha em sua melhor aparência: jovem e confiante, olhando diretamente para o observador, ela usava um vestido creme e estava com o cabelo arrumado ao estilo da época. Era um bom retrato, muito bom mesmo, e uma vívida lembrança da garota que ele conhecera. Por esse motivo, provavelmente, Anne se recusara a pendurá-lo na Eaton Square, pois a deixava muito triste, mas James gostava de olhar para sua querida filha perdida, de se lembrar dela nos raros momentos de solidão e tranquilidade.

Naquele dia, no entanto, ele se flagrou contemplando uma carta na escrivaninha. Havia sido entregue na presença da sua secretária, mas ele queria ler em particular. No momento, a revirava nas suas mãos gorduchas, observando a letra floreada e o papel creme espesso. Não precisava abrir para saber de quem era, pois havia recebido um envelope idêntico para ser informado de que estava na lista de candidatos ao Athenaeum. Esta seria a resposta de Edward Magrath, secretário do clube. Prendeu a respiração. Ele

queria tão desesperadamente ser aceito que mal tinha coragem de ler. Sabia que o Athenaeum não era o que a maioria das pessoas considerava um clube da moda. A comida era notoriamente ruim e a sociedade o via como um ponto de encontro de Londres para uma variedade de clérigos e acadêmicos. Mas ainda era um lugar onde cavalheiros se encontravam, isso ninguém poderia negar, com a diferença de que, com suas regras ligeiramente revolucionárias, o clube também admitia homens eminentes em Ciências, Literatura ou Artes. Havia também membros do serviço público, sem que nascimento ou educação significativos servissem de pré-requisitos.

Essa política fazia com que seus membros fossem bem mais diversificados que os dos clubes de St. James's. William Cubitt fora aceito por isso, e James não tinha ajudado a ele e seu irmão a construir metade da Londres moderna? Isso não era um serviço público? William o indicara para se associar meses antes, e, quando não tiveram notícias, James o perturbara para que reforçasse a indicação. Ele sabia que não era o candidato ideal, mesmo com as regras mais liberais do clube, afinal ser filho de um comerciante não era o tipo de linhagem mais admirada pelos bastiões do Establishment. Mas Deus seria tão cruel a ponto de fazer com que ele fosse rejeitado? James sabia que nunca teria chance de se associar ao White's, ao Boodle's, ao Brook's ou a qualquer um dos clubes realmente elegantes, mas não merecia isso? Além do mais, ouvira dizer que o Athenaeum precisava de dinheiro, o que ele tinha, e muito. É claro que havia o risco de ser desprezado e ridicularizado, e Anne jamais entenderia que um lugar desses poderia lhe proporcionar o que sua casa não proporcionava, mas ainda assim ele precisava dessa sensação de pertencimento ao grande mundo, e se tudo o que tinha de oferecer era dinheiro, que fosse. Que dinheiro bastasse.

Para ser justo consigo mesmo, havia uma parte de James, mesmo que pequena, que sabia que sua ambição era absurda. Que a aprovação de má vontade de tolos e janotas não acrescentaria nenhum valor real a sua vida, mas ainda assim... Ele não podia controlar sua paixão secreta pela aceitação.

Essa era a engrenagem que o movia, e ele precisava viajar o mais rápido e ir o mais longe possível.

A porta se abriu e sua secretária entrou.

— O Sr. Pope está lá fora, senhor. Ele gostaria de ter a honra de uma conversa.

— Gostaria? Então faça-o entrar.

— Espero não estar atrapalhando, Sr. Trenchard — disse Charles, entrando bruscamente —, mas sua funcionária disse que o senhor estava aqui e tenho algumas novidades.

Seu sorriso era muito caloroso e seus modos, muito encantadores como sempre.

— É claro. — James assentiu, largando a carta na escrivaninha. Ele se levantou para apertar a mão do rapaz, pensando no prazer que sentia quando simplesmente olhava para o neto. — Por que não se senta?

— Se o senhor não se importa, não vou me sentar. Estou muito agitado.

— Ah, é?

— Lady Brockenhurst foi gentil a ponto de me escrever para contar quanto ela e o marido querem investir. E acredito que tenho todo o dinheiro de que preciso.

Ele estava claramente quase explodindo de alegria, mas se conteve. Era um rapaz muito educado, não havia dúvida disso.

— Ninguém tem todo o dinheiro de que precisa — disse James, sorrindo, mas estava muito emocionado.

Ver o rapaz tão cheio de energia e entusiasmo, seus sonhos prestes a se tornarem realidade, fez com que ele achasse difícil sentir qualquer coisa além de satisfação. Ainda assim, não podia se iludir. A estranheza da situação — uma grande dama da alta sociedade investindo uma fortuna nos interesses comerciais de um desconhecido sem importância — ia acabar gerando comentários, e, combinada às atenções inexplicáveis que lady Brockenhurst

havia dedicado a Charles em público na outra noite, não demoraria muito até que alguém ligasse os fatos.

Charles não tinha terminado.

— Com seu investimento, senhor, e o dela, tenho tudo de que preciso para pagar a hipoteca, financiar novos teares, reequipar a fábrica e melhorar nossa produção de modo geral. Posso planejar minha visita à Índia, organizar as entregas de algodão cru, nomear um agente lá e depois me sentar e observar nossa produção passar para a vanguarda da indústria. Não que eu vá me sentar, é claro — acrescentou, rindo.

— Claro que não.

James também estava sorrindo. Mas, por dentro, xingava a si mesmo por não ter se comprometido a financiar o empreendimento por completo, eliminando assim a necessidade de que a condessa interviesse. Ele poderia ter feito isso com facilidade, mas achou que facilitaria demais as coisas para Charles, que o rapaz devia aprender algo sobre como fazer negócios no mundo moderno. Mesmo assim, estava com vontade de dar um chute em si mesmo. Mas, de todo modo, lady Brockenhurst teria encontrado outra forma de entrar na vida de Charles. Como já sabia quem ele era, nada a manteria afastada por muito tempo.

Por que — por quê? — Anne sentira que tinha de contar a ela? Mas mesmo que lhe fizesse essa pergunta pela milésima vez, entendia que estavam num caminho sem volta. Sua queda não demoraria muito a chegar.

— Bem — ele deu uma risada agradável —, confesso que estou um pouco surpreso. Quando ouvi na outra noite que a condessa estava interessada nos seus negócios, eu me perguntei se isso seria provável, e suponho que duvidei que ela fosse manter a promessa. Mas ela manteve, sim. Eu estava errado e, sinceramente, fico feliz por isso.

Charles assentiu, ansioso.

— Vou estocar algodão cru, sempre que conseguir obtê-lo, até arranjar o suficiente para um ano de produção. Depois disso, vou para a Índia, encaixar

a última peça do quebra-cabeça. Então acredito que estarei pronto.

— Pronto, mesmo. E você ainda não tem ideia do motivo do interesse de lady Brockenhurst? Ela nunca disse por que quer ajudar? Parece tão estranho...

— Concordo. — Charles balançou a cabeça em descrença. — Ela gosta de mim. Me “aprova”, seja lá o que isso significa. Ela me convida para ir à casa dela, mas nunca explicou como ouviu falar de mim, para início de conversa.

— Bem, bem. A cavalo dado não se olham os dentes.

— Não. E um dia vou descobrir a verdade. Só me disse que a lembro alguém de quem ela gostava muito. Mas esse não pode ser o verdadeiro motivo, não é? — indagou ele, erguendo as sobrancelhas diante dessa hipótese.

— Acredito que não. Deve haver mais que isso.

Que belo mentiroso eu sou, pensou James. Eu mesmo não suspeitava disso, mas sem dúvida posso fitar os olhos de um homem e mentir para ele com a mesma facilidade com que escrevo meu nome. A cada dia que passa, aprendemos mais sobre nós mesmos.

Distraído, ele pegou a carta na escrivaninha e a abriu. Era mesmo de Edward Magrath. Ele passou os olhos pelos primeiros parágrafos até a última frase e lá estava: “E temos o grande prazer de aceitá-lo como membro do Athenaeum.” Ele sorriu, mas, ironicamente, se perguntou quanto tempo levaria até que o procurassem pedindo sua renúncia.

— Boas notícias, senhor?

Diante da lareira, Charles o observava.

— Fui aceito no Athenaeum — disse ele, largando a carta na escrivaninha.

Que amarga ironia: justamente quando enfim se tornara um deles, pelo menos em parte, tudo ao seu redor estava prestes a ruir. Caroline Brockenhurst jamais manteria sua palavra. Ou, se fizesse isso, os outros



adivinhariam a verdade. Para começar, ela deve ter contado ao marido, para que ele concordasse com o investimento. Mas nisso James errara completamente. Ela só precisara dizer a lorde Brockenhurst que queria que eles apoiassem o jovem Pope e ele ficou feliz em deixá-la conduzir as coisas, como sempre tinha feito, em todas as empreitadas. Mas James tinha razão em uma coisa: se ficassem sabendo da notícia, a informação chegaria a toda Londres em um dia, e Sophia ficaria marcada como uma vadia, e ele, James Trenchard, seria o pai de uma prostituta. A pena que Anne sentira da condessa seria sua ruína.

Com a espada de Dâmocles sobre a cabeça, James Trenchard decidiu que deveria aproveitar ao máximo esse momento, pois tinha certeza de que não ia durar. Então convidou Charles para almoçar em seu novo clube, para comemorar, e eles saíram sob o sol brilhante. Ao se sentar ao lado do neto na carruagem, com Quirk tomando as rédeas, a caminho de Pall Mall, James não pôde deixar de pensar que aquele poderia estar sendo um dos dias mais felizes da sua vida. Afinal de contas, ali estava ele, prestes a entrar nos salões do que, sem dúvida, seria o clube mais elegante que teria a chance de frequentar, com o filho de Sophia ao seu lado. Com esse pensamento, ele se permitiu sorrir.



Entrando no grande hall, com a esplêndida escadaria dominando o espaço, o piso de mármore, as estátuas, as colunas brancas e douradas, o coração de James batia um pouco mais acelerado. A imponência que tinha sido tão ameaçadora antes, quando ele viera como convidado de William Cubitt, de repente se transformara nas boas-vindas de um velho amigo.

— Com licença, senhor — veio a voz de um homem de aparência informal, todo vestido de preto, exceto pela camisa branca. Com cabelo

grisalho e olhos azul-claros penetrantes, fazia James se lembrar de Robespierre. — Posso ajudá-lo, senhor?

— Meu nome é Trenchard — disse James, pegando a carta no bolso. — James Trenchard. — Ele balançou o papel diante do rosto do homem. De repente, sua confiança pareceu tê-lo abandonado. — Sou membro novo daqui.

— Ah, sim, Sr. Trenchard. — O homem sorriu e se inclinou, educadamente. — Bem-vindo ao clube. Vai almoçar conosco hoje?

— Certamente — confirmou James, esfregando uma mão na outra.

— Com o Sr. Cubitt, senhor?

— Sr. Cubitt? Não.

James ficou confuso. Por que eles achavam que William estaria ali?

O funcionário do clube era muito presunçoso. Ele franziu de leve a testa, para demonstrar um ligeiro desalento.

— É costume que o primeiro almoço de um novo membro seja com a pessoa que o recomendou, senhor.

Estava ficando difícil suportar seu ar de superioridade.

— É uma regra? — perguntou James, seu sorriso se tornando mais rígido.

— Não é regra, senhor. Apenas costume.

James sentiu a velha pontada familiar de raiva no peito. Por um lado, tudo o que queria era ser considerado um membro daquela sociedade, mas, por outro, gostaria de reduzi-la a pó.

— Então hoje devemos deixar de lado esse costume. Estou aqui com meu... — ele fez uma pausa e tossiu brevemente —, com meu convidado, o Sr. Pope.

— É claro, senhor. Gostaria de ir direto para a sala de refeições ou prefere se sentar em uma sala de estar antes?

James estava recuperando o controle:

— Acho que vamos direto comer. Obrigado.

Ele sorriu para Charles, de volta ao centro da própria vida.

Foram conduzidos pelo hall, passando pela escadaria enquanto seguiam para a sala de refeições. Com grandes janelas de guilhotina com vista para o verde exuberante dos Jardins Waterloo, a sala era arejada e espaçosa, e, quando lhes ofereceram uma mesa no canto direito e perguntaram se gostariam de beber algo, James estava começando a se sentir bastante relaxado.

Pedi duas taças de champanhe e colocou o grande guardanapo de linho branco no colo. Era um sonho antigo e maravilhoso se tornando realidade, e, enquanto o garçom servia a bebida, James observou o restante da sala: os grupos de homens almoçando juntos, os grandes vasos de flores, as pinturas de cavalos de corrida penduradas em uma das paredes ao lado. Por que todos os cavalheiros fingiam ter interesse em cavalos?, perguntou-se, pegando sua taça.

— A sua saúde e ao seu novo empreendimento. — Ele tentou bater sua taça na de Charles, mas então lembrou que não devia fazer isso e puxou-a de volta. Será que Charles tinha percebido seu erro? Se sim, não demonstrou. Claro, pensou James, meu neto é muito cavalheiro para se preocupar com essas coisas. Por um instante, quase invejou o mais jovem. — Estou muito orgulhoso de você — disse, e era verdade. Seu neto era o homem que James tanto queria ser, mas no fundo sentia que jamais seria. Tranquilo, imperturbável, relaxado naquele ambiente, Charles podia ficar um pouco inseguro nos cômodos da casa dos Brockenhurst, mas não ali, onde muitos homens proeminentes trabalhavam para ganhar a vida. James se perguntou se deveria contar a verdade. Logo a notícia se espalharia e o rapaz ficaria sabendo, de qualquer modo. Não seria melhor lhe dizer quem era, ali, naquele momento, num ambiente agradável e tranquilo, em vez de deixá-lo descobrir através de fofocas em uma festa?

— Não é qualquer tipo de homem que monta um negócio desses tão rápido quanto você. Só um sujeito focado e determinado, que trabalha duro,

com um bom senso de realidade. Vejo muito de mim em você.

— É um grande elogio, Sr. Trenchard — respondeu Charles, rindo e trazendo James de volta ao presente com um choque.

É claro que ele não poderia contar ao rapaz naquele momento, antes de o segredo ser revelado. Talvez ninguém descobrisse. Talvez lady Brockenhurst enlouquecesse. Ou morresse. Talvez houvesse outra guerra contra a França. Qualquer coisa podia acontecer.

— Quer dizer... muito bem — acrescentou James, precipitadamente, antes que fosse dominado pelas próprias emoções. — E, em termos de negócio — continuou como podia, de forma brusca, pegando alguns papéis no bolso interno do seu casaco —, acho que os lucros, apesar das despesas iniciais, podem ser imensos. Portanto, imagino que não vá esperar muito por um retorno. As pessoas precisam de algodão, isso é fato. — Ele alisou os papéis. — E se observar bem essa coluna...

— Com licença, senhor.

James ergueu o olhar. Diante dele estava o mesmo homem que os recepcionara no clube.

— Sinto muitíssimo, Sr. Trenchard, mas documentação de negócios não é permitida em nenhum local deste edifício. E isso é uma regra. Sinto muito — acrescentou ele, para o caso de sua descortesia ter sido excessiva.

— Tudo bem.

As orelhas de James ficaram vermelhas. Será que ele não tinha o direito de desfrutar de um momento de dignidade na frente do seu neto? Precisava ser totalmente humilhado?

— Foi culpa minha — disse Charles. — Pedi para o Sr. Trenchard me mostrar. Não sou membro, então espero que perdoe minha ignorância.

— Obrigado, senhor.

O funcionário do clube se afastou. James observou o rapaz sentado à sua frente. Levou um susto ao perceber que o menino nunca saberia da insegurança que havia atormentado a vida de seu avô. O rapaz não se sentiria

prejudicado pela facilidade dos outros com as regras da sociedade e nunca se sentiria à deriva em uma reunião social.

— Eles são muito impertinentes, devo dizer — comentou Charles. — Deveriam ficar orgulhosos de qualquer membro que tenha alguns papéis de negócios para mostrar.

Trenchard baixou o olhar para a mesa. Charles o estava defendendo. Naturalmente, isso devia significar que ele sentia pena de seu benfeitor, mas que também sentia carinho suficiente para querer poupar seus sentimentos. Havia uma boa dose de conforto naquele pensamento. Então o primeiro prato chegou, os dois começaram a comer e o restante do almoço transcorreu sem incidentes. Comeram salmão, perdiz e bolas de neve de maçã, seguidas por uma fatia de queijo cheddar e um cubo de marmelada. Estou almoçando com o meu neto, pensou James, e seu coração acelerou ao ponto de ele achar que poderia arrebentar seu colete.

— Não achei tão ruim, e você? — Ele terminou o cálice de vinho do Porto que tinham pedido com o queijo. — Considerando a reputação da cozinha daqui.

— Achei excelente, senhor. — Charles estava sério. — Mas tenho que ir. Eu não deveria ficar tanto tempo assim fora.

James empurrou a cadeira e se levantou.

— Então iremos juntos.

Eles seguiram sem pressa até o hall, onde encontraram um Oliver Trenchard extremamente irritado.

— Oliver? Como soube onde eu estava?

— Perguntei no seu escritório. Estou aqui há vinte minutos.

— Por que não pediu para me chamarem?

— Porque me disseram a hora que você chegou, e eu não imaginava que fosse levar uma hora e meia no *almoço*. Quando se tornou sócio?

A petulância dele foi constrangedora. Que tipo medíocre ele parecia ao lado de seu sobrinho secreto, pensou James, enquanto esperava

pacientemente que Oliver controlasse o próprio temperamento.

— Peço desculpas se o fiz desperdiçar seu tempo — disse ele. — O Sr. Pope e eu estávamos comemorando algumas boas notícias.

— Sr. Pope? — Oliver virou a cabeça. A raiva havia obscurecido sua visão e ele não tinha visto o rapaz parado ali perto. — Sr. Pope? Por que  *você*  está aqui? — Oliver mal conseguia se conter.

— Estávamos almoçando juntos. — Charles tinha um tom conciliador e agia da forma mais educada que conseguia, mas isso não fez efeito.

— Por quê?

— O Sr. Pope recebeu uma notícia maravilhosa — anunciou James. — Consegui todo o investimento de que precisava para a empresa dele. E eu tinha acabado de descobrir que fora aceito como membro deste clube, então viemos aqui comemorar.

— Mais investimento? — perguntou Oliver, olhando de um para o outro.

— Seu pai tem sido incrivelmente gentil e encorajador — disse Charles, mas se o objetivo era aplacar a onda de raiva de Oliver, não funcionou.

— Mas você já estava contando com o dinheiro do meu pai. Não foi isso que vieram comemorar hoje.

— Não. Hoje recebi a maravilhosa notícia de que outro investidor quer adiantar tudo de que preciso e mais.

Oliver o encarou.

— Você parece muito propenso a fazer as pessoas enfiarem as mãos nos bolsos, Sr. Pope. O que faz para inspirar tanto entusiasmo? Suponho que devamos nos lembrar de como a condessa de Brockenhurst desfilou com você pela sala de estar como se fosse um novilho premiado. Se eu tivesse o seu dom, Sr. Pope, seria o fim dos meus problemas.

— Já chega! — James estava se sentindo culpado. A verdade nua e crua era que ele preferia descaradamente o neto bastardo a seu filho legítimo. Só podia imaginar que Oliver estivesse com ciúmes porque suspeitava da

preferência do pai, e nesse caso tinha razão. Então acrescentou de forma severa: — Se lady Brockenhurst decidiu apoiar o Sr. Pope, isso não é da nossa conta...

— Lady Brockenhurst? — Dessa vez a expressão de Oliver foi de simples espanto. — Então num minuto lady Brockenhurst demonstra um ligeiro interesse em seus negócios e, no seguinte, ela lhe dá “todo o investimento de que precisa”? Minha nossa, que virada no jogo. — Sua voz destilava veneno.

James se xingou. Ele deixara escapar a informação sem querer. Bem, já era tarde demais. Não poderia retirar o que disse.

— Sim, ela acredita no meu negócio — retrucou Charles. — Tem fé nele e espera um retorno.

— É um projeto muito bom — confirmou James. — Ela tomou uma sábia decisão.

— É mesmo?

Os olhos de Oliver se estreitaram. Houve uma pausa. Charles se remexeu, desconfortável, trocando o peso de um pé para o outro.

— Obrigado pelo almoço, Sr. Trenchard — disse o rapaz, por fim. — Mas agora devo deixá-los, senhores.

Antes de sair do clube, acenou brevemente com a cabeça para Oliver, que se virou para o pai.

— Pode, por favor, me esclarecer qual é o apelo que esse homem tem? — O rapaz ergueu as sobrancelhas, fingindo surpresa. — Simplesmente não entendo por que meu próprio pai e agora a condessa de Brockenhurst dariam dinheiro para algum caipira insistente que surgiu do nada. O que há por trás disso? Tem alguma coisa nesse negócio que vocês não contaram.

— Você está enganado. Ele é talentoso, e tem um bom negócio. — Mesmo enquanto falava, James sabia que não estava respondendo à pergunta. — E o falecido pai dele, o reverendo Sr. Pope, era um velho amigo meu...

— Tão amigo que nunca ouvi falar dele.

— Não ouviu? — James sorriu com firmeza. — Bem, ele era, sim, e me pediu para cuidar de seu filho assim que Charles veio para Londres e arranhou emprego no comércio de algodão. Naturalmente, quando eu soube que o pai dele tinha falecido, me senti ainda mais responsável e quis ajudá-lo o máximo que pude.

— Bem, você com certeza conseguiu, não foi? — A voz de Oliver estava quase estridente. — Ajudou um bocado o “Charles”. — Seu tom de escárnio estava deixando James desconfortável. — Na verdade, você o ajudou bem mais do que a seu filho. Aqui — disse, empurrando um maço de papéis para o pai —, vim lhe entregar isto.

Ele não se preocupou em esperar que James os pegasse e tirou a mão cedo demais, portanto as folhas caíram no chão, deixando James cercado por um mar de papéis.

— Sr. Trenchard. — O castigo de James, vestido de preto, se aproximou depressa. — Deixe-me ajudá-lo.

Juntos, eles se agacharam e recolheram as folhas cheias de números e cálculos, para a evidente reprovação de dois membros idosos a caminho da rua.



James não voltou para o escritório. Ele estava muito abalado com a grosseria de Oliver. Mas, ao chegar na Eaton Square, tinha superado a fúria inicial provocada pelo comportamento inaceitável do filho e começara a sentir certa tristeza. Se ao menos tivesse feito tudo diferente, pensou. Se nunca houvessem dado o menino de Sophia, será que qualquer interesse por seu nascimento não teria desaparecido há muito tempo? Ele não poderia ter apreciado um almoço como o daquele dia, sem medo da exposição, com todo o prazer de um avô ao ver seus descendentes prosperando? Mas será que Charles teria se tornado o homem gentil que era atualmente se os



Trenchard o tivessem criado? Esse pensamento o obrigou a fazer uma pausa e lhe causou sofrimento. Seria possível que os Pope houvessem feito um trabalho melhor do que aquele que os próprios avós teriam conseguido?

— Você parece muito sério — observou Anne, sentada à penteadeira quando ele entrou pela porta aberta.

— Pareço? — Ele parou no limiar. — Almocei com o Sr. Pope hoje. Ele lhe mandou lembranças. — Se Anne ficou surpresa, não fez nenhum comentário. James não conseguiu ver que Ellis estava no quarto, atrás da patroa. Antes que Anne pudesse alertá-lo, ele continuou: — Talvez não a surpreenda saber que lady Brockenhurst ofereceu o investimento que faltava para ele dar continuidade a seu negócio.

Em vez de responder a ele, Anne se virou para a criada:

— Obrigada, Ellis. É só isso, mas leve o cor-de-rosa com você. Veja se consegue tirar a mancha.

James ficou repassando as próprias palavras em sua cabeça quando a empregada saiu do quarto com um vestido pendurado no braço e se afastou, em direção à escada dos fundos. Será que ele dissera algo que os incriminava? Achava que não. Entrou no quarto de Anne e fechou a porta.

— Deveríamos ter uma senha para quando não for seguro falar — disse ele.

Anne assentiu.

— Que triste pensar que temos tantos segredos a ponto de precisarmos disso. — Ela parou para pegar Agnes e começou a acariciar suas orelhas. — Conte-me mais sobre seu almoço.

— Charles foi cheio de novidades ao meu escritório. Eu o levei ao Athenaeum.

— Você foi aceito? Por que não me contou?

— Só fiquei sabendo esta manhã. Enfim, ela vai dar o resto do dinheiro de que ele precisa.

— Entendo.

— Entende? — Seu tom de voz deixou bem claro que aquele era um momento bastante delicado para eles.

— Entendo que vai ser difícil explicar, se ficarem sabendo.

— Não será preciso explicação alguma. Não da parte dela, pelo menos. As pessoas vão perceber a verdade e ela vai confirmar.

Anne franziu a testa. Ela sabia, mais ainda que James, que lady Brockenhurst estava ansiosa para que as notícias corressem, para que ela e o marido pudessem desfrutar do neto sem subterfúgios. Ela dera sua palavra que não contaria ao mundo, mas não poderia negar se o mundo lhe contasse.

— Suponho que haja uma chance de não estabelecerem uma relação com Sophia. — James tentava se agarrar a um último fio de esperança.

Anne balançou a cabeça.

— Sua atenção ao rapaz vai deixar clara essa relação. E, sem dúvida, alguém se lembrará dos dois juntos em Bruxelas. Não. Assim que a notícia de que ele é filho de lorde Bellasis se espalhar, não vai demorar muito até que saibam quem é a mãe. — Ela se levantou com a cadela ainda nos braços. — Vou falar com Caroline. Vou agora mesmo falar pessoalmente com ela.

— De que isso vai adiantar?

— Não sei. Mas não pode fazer mal algum. E, como tudo isso é culpa minha, cabe a mim tentar evitar um desastre.

James não comentou a admissão de culpa da esposa, mas sua raiva havia passado. Eles eram assim. Até ele percebia que não fazia sentido ficar remoendo o assunto. E até aquele momento não tinha considerado como seu interesse pelo rapaz poderia ser usado contra o neto.

— Devo mandar um recado para Quirk não desatrelar os cavalos, se ainda não tiver feito isso?

— Vou caminhando. Não é longe.

— Devo ir com você?

— Não. E não se preocupe. Ninguém vai ameaçar a virtude de uma matrona de sessenta e poucos anos.

Ela colocou o chapéu, pegou um xale e saiu antes que ele tivesse tempo de dizer mais alguma coisa.



A breve caminhada até a Belgrave Square era curta demais para Anne mudar de ideia, mas quando estava na calçada em frente à casa dos Brockenhurst, perguntou-se o que exatamente ia pedir. Anne não costumava ser imprudente, normalmente refletia bastante sobre as coisas, ponderando com cuidado os prós e contras. Mas algo em lady Brockenhurst a tornava impulsiva. A prepotência da mulher era irritante.

Quando bateu à porta, Anne já não se importava com quanto sua visita pareceria inusitada. Estava irritada, o que era verdadeiramente justificado. Se lady Brockenhurst não estivesse em casa, ela encontraria um banco para se sentar e esperar. Olhou para os jardins no meio da praça. Considerando sua paixão por jardinagem, ficava um pouco incomodada com o fato de nem seu marido nem o Sr. Cubitt terem pensado em pedir sua opinião quando os jardins estavam sendo desenhados, mas, ainda assim, eles eram bons o suficiente. Em seguida, a porta foi aberta por um lacaio que ficou claramente intrigado ao vê-la ali. Ele não tinha sido informado de que esperavam alguém.

— Vossa Graça está em casa? — perguntou Anne, entrando logo no hall.

— Quem devo anunciar?

— Sra. James Trenchard.

— Muito bem, Sra. Trenchard. — O lacaio se curvou e se virou para subir a escada. — Por favor, espere aqui. Vou ver se ela está em casa.

Anne sorriu diante das palavras escolhidas pelo rapaz. O que ele queria dizer era que ia ver se lady Brockenhurst estava disposta a recebê-la. Ela se sentou por um segundo em um dos sofás dourados, para se levantar em seguida. Para sua surpresa, percebeu que estava bastante animada com a

perspectiva de um confronto com a condessa. Seu sangue fervia, especialmente depois da breve caminhada. Ela observou a ampla escadaria e fixou o olhar nas portas duplas fechadas da sala de estar lá em cima. Atrás delas, com certeza havia uma discussão acontecendo. Viu a maçaneta se mover e imediatamente se virou de costas, fingindo analisar o retrato de um dos antepassados de lorde Brockenhurst, pintado por Lely. Ele parecia um pouco presunçoso com uma peruca alta e um pequeno king charles spaniel a seus pés.

— Sra. Trenchard? — chamou o lacaio, surgindo ao seu lado. Anne se virou, exibindo um sorrisinho. — Pode vir por aqui, por favor?

Anne entregou a ele seu xale e suas luvas, e o seguiu escada acima.

— Sra. Trenchard. — A voz da condessa ecoou assim que a porta foi aberta. — Lamento que tenha perdido o chá. Pode trazer um pouco de chá para a Sra. Trenchard, Simon?

O lacaio fez uma ligeira reverência.

— Não, por favor, não se incomode — disse Anne. — Não quero nada. — Mais uma vez, o homem se curvou e saiu. Ela avançou mais pelo tapete Savonnerie cor-de-rosa. — É muito gentil da sua parte me receber, lady Brockenhurst — continuou, da forma mais alegre e confiante que conseguiu. — Prometo que não vou tomar muito seu tempo. Estou aqui...

Caroline Brockenhurst não precisava que lhe dissessem que sua visitante estava disposta a brigar, então a interrompeu antes que ela prosseguisse:

— Sente-se, Sra. Trenchard. — Indicou uma poltrona adamascada. — Lembra-se de lady Maria Grey, da minha pequena recepção?

Anne olhou na direção da janela, para a bela moça loura que estava de pé ali, vestindo um traje verde-claro. Tinha achado que estavam a sós. Por um instante, sentiu uma breve gratidão pelo fato de a condessa tê-la silenciado antes que disparasse seus segredos.

A garota sorriu.

— Eu me lembro de você da festa, mas acho que não fomos apresentadas.

— Não — respondeu Anne. — Acho que não fomos.

— Fico muito feliz que tenha conseguido aparecer — disse lady Brockenhurst, dando a impressão de que pensava exatamente o contrário.

— Eu estava passando aqui em frente — contou Anne, acomodando-se diante da condessa. — E queria conversar sobre um assunto, mas isso pode esperar.

— Vou deixá-las a sós — disse Maria.

— Não é necessário. — Anne sorriu. — Não tem importância mesmo.

Na verdade, estava se sentindo desconfortável. Como não podia advertir a condessa sobre a tola generosidade que despendia a Charles, não havia motivo para ficar ali. Perguntou-se em que momento poderia ir embora sem que parecesse estranho.

— Lady Maria estava me contando que anteontem encontrou meu jovem protegido, Charles Pope. Ele estava passando pela praça. Acho que devia estar saindo aqui de casa. Lembra-se dele da recepção? — Enquanto falava, ela olhava diretamente nos olhos de Anne. O que estava fazendo?

— Charles Pope? Acho que sim. Sim. — Anne observou a anfitriã mexer em seu leque e abri-lo e fechá-lo duas vezes. Será que estava esperando para ver a reação de Anne? Estava cutucando seus sentimentos por esporte? Se fosse este o caso, Anne estava determinada a desapontá-la. — Ele é muito encantador.

— Concordo — disse Maria, animando-se, sem perceber o jogo que se desenrolava à sua frente. — Encantador e divertido. Acabamos andando juntos até a biblioteca de Londres. Acho que minha criada não aprovou. E mamãe, quando soube, *com certeza* não aprovou, mas aí já era tarde. — Ela riu alegremente. — Quem é ele? Como você o encontrou?

— Agora não me recordo. — Caroline deve ser uma boa jogadora de cartas, pensou Anne. Ela não deixa nada transparecer. — Mas lorde

Brockenhurst e eu nos interessamos por ele. Acreditamos que será um grande homem.

Maria assentiu, ansiosa.

— Ele me contou sobre seus planos e sua intenção de viajar para a Índia. Já foi à Índia, Sra. Trenchard? — Anne balançou a cabeça enquanto Maria prosseguia: — Eu adoraria ir. Todas aquelas cores. Todo aquele caos. Meu tio me disse que é muito bonito lá. Mas nunca viajei para lugar nenhum — declarou, melancólica. — Bem, passei muito tempo na Irlanda, temos uma propriedade lá, mas isso não é bem no exterior, não acha? — Ela sorriu para as outras. Nenhuma das duas disse algo. Diante desse silêncio, a menina continuou: — Eu adoraria visitar a Itália também. A verdade é que adoraria fazer o mesmo *Grand Tour* que os rapazes costumavam fazer para ver o *David*, de Michelangelo, e passear pelos corredores da Uffizi. Você deve ser apaixonada por arte, lady Brockenhurst. Mamãe diz que você pinta lindamente.

— É mesmo? — Anne ficou surpresa, e disse as palavras antes de pensar como soariam.

— É tão surpreendente assim? — indagou lady Brockenhurst.

— Mas você ainda não explicou o que despertou seu interesse pelo Sr. Pope — disse Maria.

Anne se perguntou se a moça percebia como estava se entregando.

— Não consigo lembrar quem foi que nos apresentou — respondeu Caroline com cuidado —, mas lorde Brockenhurst e eu gostamos de incentivar jovens talentos quando podemos. Não temos filhos vivos, como sabe, mas gostamos de ajudar os filhos dos outros.

Anne olhou para ela. Provavelmente havia verdade naquilo, pensou. Mesmo que, nesse caso, suas palavras escondessem mais do que revelassem.

— O Sr. Pope sugeriu que eu visitasse o escritório dele — arriscou Maria.

— É mesmo? Isso foi bastante atrevido da parte dele. — Lady Brockenhurst estava inexpressiva. Algo passava por sua cabeça enquanto olhava para a garota.

Será que estava elaborando um plano?, perguntou-se Anne. Mas, nesse caso, qual seria?

— Bem — respondeu Maria, corando de leve —, talvez eu mesma tenha sugerido, mas ele não me desencorajou.

Sua cabeça estava inclinada para o lado, e ela baixou o olhar. Seus longos cílios piscaram algumas vezes e suas bochechas coraram. Sabia que não estava se comportando de forma inteligente. Ela era prometida a outro. Sua mãe havia deixado muito claro que seu futuro era com John Bellasis. A propriedade na Irlanda da qual se gabara antes tinha dívidas e, embora seu irmão estivesse fazendo o melhor que podia com o que seu pai deixara, haviam lhe dito, sem deixar margem para dúvidas, que sustentar a mãe na velhice era tarefa dela. Maria hesitou, prestes a admitir o que realmente queria, mas, se lady Brockenhurst tinha se interessado por Charles e se pudesse ser convencida...

Anne olhou para a condessa. Será que ela notara a cor da moça e o modo que ficava mexendo o leque? Sem dúvida, era muito corajosa. Anne gostava dela.

— Bem. — Lady Brockenhurst fez uma pausa. Maria Grey estava noiva do sobrinho de seu marido, e era óbvio que de acordo com as normas sociais ela não devia encorajar esse tipo de encontro. Mas Anne estava certa. Caroline Brockenhurst tinha os próprios planos. Ou, pelo menos, tinha naquele momento. — Se você quer ir, não vejo por que não. Já o encontrei lá, no entanto temos mais coisas a tratar desde minha última visita.

Maria mal podia acreditar no que estava ouvindo.

— Sério?

Aquilo era maravilhoso. A tia de John Bellasis estava sugerindo que fossem encontrar o Sr. Pope na City?

— Acho que não devemos marcar um encontro formalmente — sugeriu lady Brockenhurst com delicadeza. — O Sr. Pope se sentiria na obrigação de fazer um esforço especial e, pela sua situação, minha querida — ela olhou para Maria —, acho que seria mais fácil se fosse algo espontâneo.

Todas sabiam o que ela queria dizer. Uma visita espontânea seria muito mais fácil de explicar a lady Templemore, se fosse preciso.

— Posso ir com vocês? — perguntou Anne, o tom de voz inocente como uma rosa.

Caroline olhou para ela. Era muito estranho ter esse segredo compartilhado com uma mulher com quem não tinha mais nada em comum. Ainda assim, *era* um segredo compartilhado... pelo menos, até o momento. Anne tinha certeza de que Caroline estava cansada da farsa. Ela preferiria ter tudo às claras. A sociedade acharia divertido comentar sobre como Edmund tinha sido um patife e fazer graça nos jornais, além disso não haveria mais nenhum preço a pagar. Mas, do mesmo modo que começara a amar Charles, tinha vaga consciência da ruína póstuma que sofreria a vagabunda que o dera à luz, e até um resquício de compaixão por sua mãe.

— É claro — disse ela. — Se você quiser.

Anne ficou sentada em silêncio. Ia encontrar seu neto, teria outra chance de falar com ele. Quando o conheceu na festa, havia se enchido de alegria, mas, como James ficou muito irritado, ela não se atreveu a ter com o neto nada que sequer se assemelhasse a uma conversa. Poderia conhecê-lo, pois o envolvimento de James em seu negócio era uma explicação perfeitamente adequada para isso. Claro que, quando a verdade viesse à tona, sua ligação estava fadada a passar por um escrutínio mais pesado, mas no momento tinha uma chance de vê-lo e falar com ele mais uma vez, pelo menos antes que a tempestade desabasse. Ela não podia resistir.

— Eu gostaria muito — ouviu-se dizer. — Talvez possamos fazer algumas compras enquanto estivermos lá e tornar isso um passeio adequado.



E assim o assunto foi resolvido. Anne sentiu-se entusiasmada com essa perspectiva enquanto voltava andando para casa no frio do início da noite. Mesmo que fosse mais um segredo que teria que esconder do marido.



Naquela noite, o clima em torno da mesa de jantar na casa dos Trenchard foi turbulento. James estava cansado e pensativo, e Oliver estava igualmente deprimido. O dia deveria ter sido triunfante, pai e filho almoçando juntos no novo clube de James. Em vez disso, o pai tinha escolhido levar Charles Pope, um sujeito vindo do nada, que estava consumindo a atenção dele, assim como o seu dinheiro. Pope parecia ser o homem do momento, ganhando o apoio da condessa, sendo convidado para encontros íntimos na casa dos Brockenhurst... Era o suficiente para deixar qualquer um com inveja. E Oliver, de fato, era muito invejoso.

Susan estava mais ansiosa do que deprimida. Não ouvira uma palavra sequer de John Bellasis desde seu encontro em Isleworth. Esperava uma carta, pelo menos. A criada lhe informara que, certa vez, na rua, ele havia falado com Speer, sob o pretexto de que estava ansioso para marcar outro encontro, ainda que nenhum convite ou nenhuma sugestão tenha surgido. Susan obrigou Speer a acompanhá-la a Albany, e elas passaram a maior parte de uma tarde andando para cima e para baixo em Piccadilly, feito duas prostitutas, na esperança de esbarrar com ele, mas não teve sorte. Suas bochechas ficaram quentes com essa lembrança. Não conseguia sequer sentir o gosto da comida que mastigava enquanto se perguntava se tinha cometido um erro, indo tão prontamente para a cama com ele. Será que havia cedido com muita facilidade? Franziu a testa. O problema era que ela realmente gostava de John Bellasis. Ele era bonito e conquistador, isso sem mencionar que estava prestes a herdar um grande nome e uma fortuna considerável. No geral, ele era o homem perfeito com quem poderia fugir da família tediosa à

qual estava presa. Ela olhou para o marido, que remexia sua comida. Em comparação a Oliver, John tinha sido um amante generoso, vigoroso. Susan suspirou de forma involuntária.

— Você está bem, minha querida? — perguntou Anne.

— Sim, mãe — respondeu Susan. — Claro.

— Parece distraída.

— Acho que não estou muito bem desde o dia que passei em Isleworth. Devo ter contraído alguma doença de uma das pessoas que conheci lá. — Para fazer as palavras parecerem mais autênticas, ela estremeceu.

— Sinto muito — respondeu Anne, observando detalhadamente a nora. Havia algo diferente nela, algo novo em seu comportamento, mas Anne não sabia identificar o que era.

— Como foi com lady Brockenhurst? — perguntou James, remexendo as lagostas no prato. Ele tampouco estava com fome.

Anne observou os rostos glaciais de Billy e Morris, que estavam a postos, cada um de um lado da lareira.

— Muito bem, obrigada.

— E ela não se incomodou por você ter aparecido sem avisar?

— Você foi ver lady Brockenhurst? — Susan estava claramente chateada por ter perdido essa oportunidade. Anne assentiu. — O sobrinho dela estava lá, por acaso?

— O Sr. Bellasis? — Anne franziu a testa. — Não. — Que pergunta estranha para Susan fazer. — Não estava lá, mas a noiva dele, sim.

— A noiva dele? É mesmo? — perguntou Susan, enrijecendo um pouco.

— Lady Maria Grey — disse Anne. — É uma lindinha. Gostei dela.

— Ela estava na recepção — observou Oliver, acenando para Billy, pedindo mais sopa. — Não me pareceu muito notável.

— E você falou com a condessa? — perguntou James.

— Nós conversamos — respondeu Anne, sorrindo com a indiscrição do marido.

Por que ele estava fazendo aquelas perguntas na frente dos criados, ou mesmo de Susan e Oliver?

A verdade é que a ansiedade fez com que ele esquecesse por um instante que precisavam ser discretos. O olhar de Anne o colocou de novo na linha.

— Que bom — disse ele. — Vamos falar sobre isso mais tarde.

Anne sorriu.



Ellis estava agachada no chão, aos pés de Anne, com uma abotoadeira na mão direita, soltando as botas de couro. Ela havia escutado o tagarela do Billy falar que sua patroa tinha visitado lady Brockenhurst e ficou intrigada.

— Teve uma tarde agradável, milady?

Ellis não tinha certeza de quais informações o Sr. Bellasis lhe pagara para conseguir ou o que a Sra. Trenchard sabia sobre esse homem, Charles Pope. No entanto, sabia que havia um segredo entre o patrão e sua esposa que eles não queriam que o mundo soubesse. Ellis descobrira isso quando fora dispensada naquela tarde. E, como resultado de ficarem sozinhos para discutir o assunto, a Sra. Trenchard tinha saído de casa sem avisar. Agora Ellis sabia aonde ela fora.

— Tive — respondeu Anne, retirando o pé direito da bota. — Obrigada — acrescentou, mexendo os dedos dentro da meia-calça de seda. — Sabe, não parecem estar melhorando.

Anne claramente não estava sendo tão reveladora com as informações quanto Ellis esperara que fosse. Ela tentou de novo:

— Acho que as botas não foram feitas para longas caminhadas, milady.

— Não fui longe — respondeu Anne, tirando os brincos e se olhando no espelho. — Só até a Belgrave Square.

Ela notou Agnes sentada perto da sua cadeira e a aninhou nos braços.

— Ah, é? — Ellis fez uma pausa entre os botões, com o ganchinho na mão.

— Sim — disse Anne. Ela estava mais pensando alto do que falando com Ellis. Na verdade, estava animada com os planos de conhecer o escritório de Charles. Era óbvio que não podia contar isso a James, mas queria conversar com alguém. — O que você sabe sobre Bishopsgate?

— Bishopsgate, madame? — Ellis ergueu o olhar. — Por que a senhora ia querer ir a Bishopsgate?

Ela tirou a segunda bota.

— Por nenhum motivo. — Anne tinha acordado antes de começar a dar todo tipo de informação à criada curiosa. — Vou apenas visitar uma pessoa que tem escritório lá. Mas faz anos que não vou para aquelas bandas. Estava me perguntando se haveria algum lugar em particular aonde eu deveria ir enquanto estivesse na região.

— Deve haver alguns armazéns onde a senhora pode comprar coisas baratas — disse Ellis. — Vou procurar saber. Quando vai ser?

— Não tenho certeza. Em um ou dois dias. — Anne não queria responder a mais nenhuma pergunta. Estava ciente de que já dissera o bastante. — Amanhã podemos dar uma olhada no velho vestido de luto de bombazina? Quero ver se tem salvação ou se devo encomendar outro. É preciso ter sempre um traje de luto decente no guarda-roupa.

Ellis assentiu. Percebeu que a conversa sobre Bishopsgate estava encerrada.



John Bellasis recompensou muito bem Ellis por sua informação. Não era sempre que uma criada recebia uma moeda de ouro por algo que ouvira enquanto desabotoava os sapatos da patroa. Mas quando John ficou sabendo que os patrões dela tiveram uma conversa particular que levou a Sra.

Trenchard a visitar lady Brockenhurst e, por fim, descobriu o plano de ir a Bishopsgate, ele quase riu. Estava chegando a alguma conclusão. Sabia muito bem quem trabalhava em Bishopsgate; pelo menos, quem trabalhava lá e despertava o interesse tanto de lady Brockenhurst quanto dos Trenchard. O relato que seu pai fizera sobre a visita à casa dos Brockenhurst tinha deixado John ansioso para descobrir tudo o que pudesse sobre o jovem Sr. Charles Pope.

— Mas ela não mencionou o nome do Sr. Pope?

— Não que eu lembre, senhor. Não dessa vez.

— Mesmo assim, deve ter algo acontecendo entre Pope e a condessa — disse ele enquanto se levantava e bebia o resto de uma pequena dose de gim do lado de fora do The Horse and Groom. — Além do investimento dela, quero dizer.

— É o que o senhor pensa? Eu acharia muito difícil de acreditar — disse Ellis, de baixo de seu xale, que ela havia enrolado cuidadosamente para esconder o rosto. Colocara-o na última hora, para o caso de ser vista conversando com o Sr. Bellasis. Tinha que pensar na própria reputação.

— Não me entenda mal. Não pretendo descobrir exatamente o que está havendo entre eles, mas há alguma coisa. — Ele assentiu com firmeza, como se tivesse comprovado seu argumento. — E posso garantir que será algo que vai surpreender a todos nós.

— Se o senhor diz...

Ellis chupou os dentes e cruzou os braços. Gostava de uma boa história, mas não tinha certeza se gostaria desta.

— Escreva o que eu digo — insistiu John. — Ele é um novo-rico ambicioso e está tirando vantagem dela de alguma forma.

— Como assim “tirando vantagem”, senhor?

— Isso é o que temos que descobrir — declarou John, com firmeza, pousando o copo. — E, quando ficarmos sabendo, tenho certeza de que ela vai pagar uma fortuna para mantermos segredo.

Ellis ficou boquiaberta.

— Uma fortuna?

— E você pode me ajudar a conseguir isso.



Na tarde seguinte, Ellis estava diante da entrada do porão da casa dos Brockenhurst. Sentia-se nervosa e não se importava em admitir isso. O Sr. Bellasis tinha sugerido que ela entrasse em contato com a criada de lady Brockenhurst para ver o que conseguia descobrir sobre as atividades da patroa e por que estava recebendo à tarde um rapaz bonito como Charles Pope em sua sala de estar privativa, com as portas fechadas. O Sr. Bellasis tinha sugerido que ela iniciasse a conversa perguntando se a Sra. Trenchard havia deixado o leque lá após a recepção. Não que isso tivesse ocorrido, é claro. Na verdade, Ellis estava com o leque no bolso, caso fosse necessário “encontrá-lo”. Ela ajeitou o casaco comprido e o chapéu, preparando-se para bater à porta.

— Pois não?

Um jovem criado estava parado ali, usando o uniforme verde-escuro dos Brockenhurst.

— Meu nome é Srta. Ellis — começou ela. — Sou a criada da Sra. James Trenchard.

— Quem? — perguntou o garoto.

Ellis mordeu o canto da boca, irritada. Se trabalhasse para uma duquesa não estaria mais esperando na soleira da porta.

— Sra. James Trenchard — insistiu. — Ela veio à recepção de sua patroa outro dia, e acha que deixou o leque aqui.

— É melhor falar com o Sr. Jenkins.

O porão da casa dos Brockenhurst fervilhava de atividades. Os cômodos e os corredores eram mais amplos que qualquer um na Eaton Square,

portanto havia mais espaço e luz natural. Era impressionante, e Ellis sentiu uma leve pontada de inveja enquanto se sentava em uma cadeira de madeira dura, do lado de fora da despensa, no andar de baixo.

Ninguém lhe deu muita atenção. Todos tinham afazeres a cumprir. Pela porta aberta diante dela, observava três lacaios polindo a prataria. Na frente deles, em uma mesa coberta com uma toalha de feltro cinza-clara, havia uma coleção impressionante. Pratos de entrada, bandejas, molheiras, sopeiras, bules, chaleiras e pelo menos duas dúzias de pratos de jantar estavam empilhados enquanto os homens trabalhavam neles. Não era um serviço que Ellis invejasse. Era preciso enfiar os dedos em potes com um pó vermelho suave misturado com amônia e esfregar a prataria até que brilhasse, que os dedos ficassem com bolhas, ou as duas coisas. Ainda assim, eles pareciam gostar da tarefa, talvez porque isso lhes desse a chance de conversar.

— Se esperar aqui — disse o rapaz —, vou buscar o Sr. Jenkins.

Ellis assentiu. Por uma janela interna à direita, viu a cozinheira trabalhando arduamente na cozinha. Inclinação sobre uma tábua, ela sovava uma massa, cercada por uma grande coleção de panelas de cobre pendurada nas paredes ou empilhada nas prateleiras. A cozinheira pegava a massa e a jogava, batendo palmas ao fazer isso, criando uma nuvem de farinha. A poeira pairava ao seu redor, iluminada pelo raio de sol que brilhava através da janela.

— Srta. Ellis?

Ela se sobressaltou. Estava tão hipnotizada pela cozinheira que não escutara o Sr. Jenkins se aproximar em silêncio.

— Sr. Jenkins.

Ela se levantou.

— Pelo que entendi, a senhorita está procurando alguma coisa, é isso?

— Sim, senhor, o leque da minha patroa. Ela acha que pode ter deixado aqui depois da recepção da condessa na outra noite. Será que pode ter se misturado aos de Sua Graça? Se eu pudesse falar com a criada dela...

— Lamento, mas ninguém encontrou nenhum leque. Sinto muito.

Jenkins se virou para a porta dos fundos, pronto para conduzi-la para fora.

— Ah... — Por um instante, Ellis ficou desconcertada. Ela precisava falar com a criada de lady Brockenhurst ou a visita teria sido inútil. — A Sra. Trenchard também me pediu para falar com a criada sobre o cabelo de Sua Graça...

— O cabelo dela? — questionou Jenkins, cujas sobrancelhas grisalhas se ergueram devagar.

— Sim, senhor. Ela ficou muito impressionada com o penteado na festa e gostaria que eu perguntasse como é possível conseguir aquele efeito.

Ela sorriu, triunfante. Jenkins franziu a testa. Não era a primeira vez que ouvia esse tipo de pedido. Criadas trocavam dicas de moda o tempo todo.

— Muito bem, vou ver se a Srta. Dawson está ocupada — respondeu ele. — Faria a gentileza de esperar aqui? Ela pode estar com a patroa e, nesse caso, não poderei fazer nada.

Dez minutos depois, a criada Dawson apareceu. Particularmente, achou o pedido um pouco impertinente, mas também estava lisonjeada, pois se orgulhava de suas habilidades de cabeleireira. Passava horas penteando o cabelo falso para a patroa, sempre verificando se a cor tinha desbotado, para se certificar de que a combinação seria perfeita, e, secretamente, ficou encantada por alguém ter notado. Pouco depois, Ellis foi escoltada até a escada dos fundos e ao longo de corredores até que atravessaram uma porta coberta por um tecido de lã perto da entrada dos aposentos de lady Brockenhurst.

No segundo andar, com grandes janelas de guilhotina que tinham uma vista generosa para os jardins e a praça, os aposentos de lady Brockenhurst eram arejados e confortáveis. Ela não só tinha um quarto enorme, com uma cama de dossel, algumas belas cadeiras douradas e uma mesa, como também uma segunda sala de estar privativa e, claro, um quarto de vestir próprio.



— Você gosta de aquarelas? — perguntou Dawson, olhando para Ellis enquanto a conduzia pelo quarto. — A maioria foi pintada por Sua Graça. Esta é a casa deles — ela indicou uma imagem com seu dedinho —, Lymington Park. Está na família desde 1600.

— Imagine só. Não parece tão velha assim.

Ellis não podia se importar menos com a casa ou os quadros.

— Foi reformada duas vezes. A propriedade tem mais de dez mil acres. — Dawson, sem dúvida, sentia um orgulho irracional das posses de seus patrões, como se, de alguma forma, refletissem glória sobre ela mesma. E, na cabeça de Dawson, refletiam mesmo.

— É de fato muito impressionante — disse Ellis. — Deve ser maravilhoso trabalhar para uma família tão nobre. — Ela fez uma pausa. — Se ao menos eu tivesse essa sorte...

Praticamente assim que entraram no quarto de vestir, Ellis se deu conta de que sua tarefa seria difícil, se é que era viável. Dawson fazia o tipo antiquado, que trata a vida dos patrões como se fosse dela mesma. Firme, com um rosto largo e ritmo lento, ela era simpática, mas obviamente não era fofoqueira, pelo menos não com quem não fosse um de seus confidentes na sala dos criados, tampouco seria desleal. Fazia muito tempo que trabalhava lá, e já estava de olho no pequeno salário que receberia ao se aposentar. Não tinha nada a ganhar sendo indiscreta com uma desconhecida.

— Eu trabalhava para a antiga condessa — disse ela.

— Duas gerações de condessas. Quanta sorte! — comentou Ellis, efusiva, tentando parecer encantadora. — E você deve ter viajado bastante, muito mais do que eu, e visto várias coisas interessantes.

Dawson assentiu.

— Não posso reclamar. Tive uma vida boa com esta família.

Ellis olhou para ela. Dawson era aquele tipo raro, a serva feliz. Ela não queria vingança por mil desfeitas. Não achava que os deuses a tivessem abandonado, deixando-a em servidão. Estava contente. Era um conceito

difícil para Ellis entender. Não que ela não gostasse da Sra. Trenchard, exatamente. Apenas não considerava que ela pertencia à mesma raça que a sua. Apesar dos vários anos juntas, a injustiça implícita em suas relativas posições significava que Ellis teria pouca consciência em relação a trair sua patroa. Ela merecera todo o dinheiro que poderia ter ganhado de Anne. Merecera por anos de trabalho incessante, mentindo, se humilhando e sendo obrigada a fingir que estava feliz em servir, sendo que o tempo todo desejava que seus patrões estivessem no fundo do mar. Era capaz de mentir na cara de Anne sem pensar duas vezes. Roubaria dela se achasse que poderia fazer isso sem ser pega. Tinha esperança de que a criada de lady Brockenhurst fosse semelhante, de que a perspectiva de fazer mal à condessa seria aproveitada por uma grata companheira de cativo. Mas, diante da lealdade de Dawson, Ellis teve que tomar a difícil decisão sobre o que fazer.

— Não admira que você saiba tanto sobre cuidados com cabelo — disse Ellis com um sorriso radiante. — Você é o tipo de pessoa com quem eu realmente poderia aprender, mesmo na minha idade. — Ela ria enquanto falava, e Dawson riu junto. — Minha senhora ficou muito encantada com o cabelo da condessa. — Ellis sabia que era uma mentirosa convincente. Treinara em uma escola difícil.

— Ficou mesmo? — perguntou Dawson, levando a mão ao peito, lisonjeada.

— Ah, sim — continuou Ellis. — Mas, me diga, como foi que você conseguiu aqueles cachinhos perfeitos na frente das orelhas?

— É um segredinho. — Dawson abriu a gaveta da penteadeira para revelar uma vasta coleção de ferros para cabelo e papéis de cachear. — Encontrei isso em Paris há muito tempo e uso desde então. — Ela pegou um ferro muito fino, de aparência delicada. — Eu o esquento no fogo.

— Como? — A voz de Ellis tinha um tom respeitoso.

— Tenho essa geringonça que se encaixa na lareira.

Ela indicou uma bandeja de aquecimento de latão.

— Qual será a próxima coisa que vão inventar? — perguntou Ellis, imaginando quanto tempo levaria até conseguir alguma informação relevante.

— É maravilhoso quando paramos para pensar como fazíamos isso há trinta anos. Embora — acrescentou Dawson — a coisa mais importante talvez seja um bom fornecimento de cabelo. Gosto de Madame Gabriel, na Bond Street. Ela dispõe de boas fontes. Diz que a maior parte do cabelo que ela tem lá vem de freiras, não de meninas pobres, e acho que isso contribui para a qualidade. O cabelo é mais grosso e tem mais brilho.

Enquanto Dawson continuava explicando a técnica de aquecer o cabelo sem destruí-lo, que os papéis perfumados também eram importantes para evitar acidentes, Ellis aproveitou para dar uma olhada no cômodo. Na penteadeira, entre as janelas altas, havia um pequeno retrato de um oficial, vestindo um uniforme de pelo menos vinte anos atrás.

— Quem é esse? — perguntou.

Dawson seguiu seu olhar.

— É o pobre lorde Bellasis, filho de Sua Graça. Morreu em Waterloo. Foi uma tragédia nesta casa. Sua Graça nunca se recuperou. Não de verdade. Ele era seu único filho, sabe.

— Que tragédia.

Ellis observou mais de perto o retrato. A resposta de Dawson servira de desculpa para que ela se aproximasse e olhasse com mais atenção.

— É um belo retrato. Foi pintado por Henry Bone. — Mais uma vez, o orgulho de Dawson pelas posses da família ficou evidente.

Ellis semicerrou os olhos. Aquele rosto parecia curiosamente familiar. Havia algo nos cachos pretos e nos olhos azuis que lembrava alguém que costumava visitar a casa deles muito tempo atrás. Foi em Bruxelas? Considerando que ele morreu em Waterloo, isso faria sentido... Então, se lembrou. Ele era amigo da Srta. Sophia. Ela se recordava de como era bonito. Era muito estranho ver a foto dele na penteadeira de lady

Brockenhurst. Mas ela não disse nada. Ellis nunca dava informações a menos que fosse obrigada.

— Sua Graça gostou da festa do outro dia? — indagou Ellis.

— Ah, acho que sim. — Dawson assentiu.

— Minha patroa gostou. Bastante. Disse que conheceu muitas pessoas gentis.

— Não é todo mundo que entra na casa dos Brockenhurst — comentou Dawson, alegremente, esquecendo por um instante que ela mesma jamais seria uma convidada ali.

— Teve um rapaz que a impressionou muito. Qual era mesmo o nome dele? Sr. Pope, talvez? — perguntou Ellis, e ficou aguardando.

— Sr. Pope? Ah, sim — confirmou Dawson. — Um jovem cavalheiro muito simpático. Ele é um grande preferido de Sua Graça. Os dois se conhecem há pouco tempo, mas ele tem vindo aqui com frequência.

— É mesmo?

Ellis sorriu. Dawson parecia confusa. O que a mulher estava querendo dizer? Ela começou a guardar o equipamento de fazer cachos.

— Sim — disse, com firmeza. — Minha patroa e lorde Brockenhurst se interessaram pelo negócio do rapaz. Eles gostam de incentivar os jovens. São muito generosos nesses casos.

A última declaração não era bem verdade — ou, pelo menos, não até aquele momento —, mas Dawson não ia permitir que essa desconhecida deduzisse que estivesse acontecendo qualquer coisa inapropriada.

Ela que arranje as próprias dicas de cabelo se é assim que quer agir, pensou, fechando a gaveta com força.

— Que admirável. — Ellis sabia que tinha dado um passo em falso e estava ansiosa para remediar a situação. — Eu nunca tinha ouvido falar disso. Uma grande dama interessada nos negócios de um jovem promissor. A Sra. Trenchard administra muito bem as coisas, mas eu não acreditava que ela pudesse ser chamada de mulher de negócios ou algo assim.

— Pode parecer estranho, mas é verdade. — Dawson estava mais calma. Ellis tinha conseguido abrandar sua indignação. — Ela vai à City daqui a um ou dois dias para visitá-lo. Em seu escritório. Não faria o investimento se não tivesse certeza absoluta no que está investindo. Sei disso muito bem.

— Ela vai mesmo dar dinheiro a ele? Deve ser um rapaz encantador. — Ellis não conseguiu se conter e, como consequência, a expressão de Dawson começou a se fechar de novo.

— Não sei o que uma coisa tem a ver com outra. Sua Graça tem muitos interesses. — Ela quase mencionou que a patroa ia levar lady Maria, para mostrar que não havia nada de errado, mas, em seguida, perguntou-se por que estava dando informações da família a uma desconhecida. Ela finalmente fechou a cara. — E isso é tudo o que há para ser dito sobre o assunto. Acho que está na hora de você ir, Srta. Ellis. Estou muito ocupada e tenho certeza de que você também. Bom dia. — Ela se levantou. — Imagino que consiga encontrar o caminho para a escada dos fundos.

— Claro. — Ellis tentou apertar a mão da outra mulher. — Você foi muito gentil e generosa. Obrigada.

Mas dessa vez não conseguiu recuperar o terreno perdido.

— Não foi nada — disse Dawson, se afastando. — Tenho que voltar ao trabalho.

No corredor, Ellis se deu conta de que seria difícil voltar a ter acesso à casa dos Brockenhurst, mas não estava muito preocupada. A Srta. Dawson jamais entregaria algum segredo se pudesse evitar. Isso estava claro. Além do mais, Ellis tinha informações concretas para levar ao Sr. Bellasis, pelas quais ele pagaria um bom preço. A pergunta era: o que ele faria em seguida?

Capítulo 7

*Homem de negócios*



Quando a carruagem de lady Brockenhurst parou em frente à casa na Eaton Square, Ellis mal conseguiu conter sua curiosidade. De pé à janela do quarto de vestir da Sra. Trenchard, embaçando a vidraça com a respiração, ela se esforçou para ver a movimentação na rua. A condessa, usando um elegante chapéu de plumas e carregando uma sombrinha, estava inclinada para a frente, dando instruções a seu cocheiro. Ao lado dela na carruagem, também protegida do sol quente por uma delicada sombrinha com franjas, estava lady Maria Grey. Ela usava uma saia listrada azul-clara e branca, com um casaco azul-marinho justo, de estilo militar. Seu rosto estava emoldurado por um chapéu azul combinando, com renda bege na borda. Ou seja, Maria estava encantadora, como tinha sido sua intenção. Elas não desceram para a calçada. Em vez disso, um dos cocheiros foi até a porta e tocou a campainha.

Ellis sabia que tinham vindo buscar sua patroa, então seguiu para a escada o mais rápido que pôde, levando tudo de que ela precisaria. A Sra. Trenchard já estava esperando no corredor.

— Ainda vai precisar de mim esta manhã, senhora? — perguntou a criada, segurando um casaco comprido verde.

— Não, obrigada.

— Espero que esteja indo a algum lugar agradável, senhora.

— Agradável o suficiente.

Anne estava muito concentrada na perspectiva do que a aguardava para ter prestado atenção ao comentário. E, aliás, conseguira esconder seu destino de James, então era pouco provável que fosse revelá-lo para a criada.

Claro que Ellis sabia muito bem aonde elas iam, mas teria gostado de uma confirmação. Ainda assim, se ficou frustrada, não demonstrou.

— Que bom, senhora. Espero que se divirta.

— Obrigada.

Anne assentiu para o laçao, que abriu a porta. Ela também levava uma sombrinha, apenas por prevenção. Estava totalmente pronta.

Assim que ela embarcou, lady Brockenhurst e Maria sorriram. Maria havia mudado de lugar, sentando-se de costas para os cavalos, uma verdadeira cortesia considerando-se que era para alguém de classe inferior, e Anne apreciou o gesto. Nada ia estragar aquele dia. Lady Brockenhurst não era sua companhia favorita no mundo, mas elas tinham algo em comum — nenhuma das duas negaria isso —, e naquele dia, de certa forma, iam celebrar isso.

— Tem certeza de que está bastante confortável, minha querida? — perguntou a condessa, e Anne assentiu. — Então vamos.

O cocheiro tomou as rédeas e a carruagem se afastou.

Caroline Brockenhurst tinha decidido ser agradável com a Sra. Trenchard. Assim como Anne, ela estava ansiosa para ver o rapaz outra vez, e descobriu que sua piedade por aquela mulher cujo mundo estava à beira do colapso era, no mínimo, mais forte do que antes. Ela achava que não demoraria muito para que a história fosse revelada, e depois disso a memória de Edmund seria fortalecida, enquanto que a de Sophia Trenchard seria arruinada. Era mesmo muito triste. Até ela tinha noção disso.

Anne observou o muro dos jardins do Palácio de Buckingham quando passaram pelo local. Como a estruturação do mundo deles era estranha... Uma moça de vinte e poucos anos era o auge da ambição social. Estar na presença de uma jovem dessas era o ponto alto que buscavam homens como James, inteligentes, talentosos, bem-sucedidos, como se isso fosse um coroamento glorioso depois de uma vida de sucesso. Mas o que a moça tinha feito? Nada. Apenas nascido. Anne não era uma revolucionária. Não tinha nenhuma vontade de que o país fosse subvertido. Ela não gostava de repúblicas e ficaria contente em se curvar diante da rainha se houvesse a



oportunidade, mas ficava impressionada com a falta de lógica do sistema que a cercava.

— Ah, vejam. Ela está em Londres — disse Maria, erguendo o olhar.

Era verdade. A bandeira real balançava no telhado do Palácio, nos fundos do pátio. Anne observou o grande pórtico de colunas com alpendre envidraçado, criado para proteger a família real enquanto seus membros entrassem e saíssem das carruagens. Pensando bem, era bastante público. Mas eles devem estar acostumados a ser alvos de curiosidade.

A carruagem seguiu caminho, e pouco depois Anne estava admirando os esplendores da Carlton House Terrace, que, mesmo dez anos depois de concluída, ainda a impressionava com a inovação e a magnificência de seu design.

— Ouvi dizer que lorde Palmerston ficou com a número 5 — disse Maria. — Você conhece as casas?

— Nunca entrei em nenhuma delas — respondeu Anne.

Mas nada silenciaria Maria. Ela estava tão animada quanto uma criança em uma loja de brinquedos, e todos sabiam por quê.

— Ah, gosto da aparência do velho duque de York. Não sei bem por que ele é celebrado de forma tão vívida, mas fico feliz que seja. — Tinham chegado à passagem entre os terraços, onde uma grande escadaria levava a uma coluna alta com uma estátua do segundo filho do rei George III. — Qual será o tamanho da estátua?

— Isso eu posso dizer — falou Anne. — Eu estava aqui há cinco anos, quando a ergueram. A obra tinha mais que o dobro da altura de um homem. Mais de três metros e meio, talvez quatro.

Anne sorriu para Maria. Gostava da moça, sem dúvida. Gostava dela por gostar de Charles, por mais que não pudesse haver um final feliz, mas também gostava dela por si só. Maria tinha bom humor e ousadia, e se pertencesse a outra classe social poderia ter feito coisas interessantes. Claro

que não havia muitas oportunidades para a filha de um conde com recursos limitados, mas isso não era culpa de Maria Grey.

Por um instante, Anne sentiu um pouco de pena por James estar perdendo tudo aquilo. Ele alegaria que estava ocupado o dia inteiro, mas teria vindo. Gostava da companhia do neto — o neto que ele conhecia muito melhor do que ela —, e não se incomodava em esconder isso de ninguém. Nem mesmo de Oliver.

Mas Anne não tinha contado a ele sobre o passeio. Na verdade, ela o deixara pensar que sua visita a lady Brockenhurst convencera a condessa a recuar e ser mais discreta com a atenção que dedicava a Charles. Por isso, esta visita ao escritório dele, *en pleine vue*, numa carruagem formidável, transportando sua esposa e uma bela jovem da sociedade, teria deixado seu marido horrorizado. Anne sabia muito bem que Caroline Brockenhurst não tinha interesse em manter seu segredo, que seria divulgado, e que essa exibição só apressaria a revelação, pela qual James acabaria culpando Anne. Foi por isso que não dissera nada a ele? E, se fosse, se sentia culpada? Afinal, ele havia mentido para ela durante anos ou, se não mentiu, pelo menos não dissera a verdade. Chegara a vez dela. Mas, acima de qualquer coisa, ela simplesmente queria ver o neto outra vez.

As três mulheres conversavam enquanto seguiam pelas ruas de Londres rumo à City e ao escritório de Charles Pope, em Bishopsgate.

— Achou seu leque? — perguntou lady Brockenhurst a Anne enquanto desciam em Whitehall.

— Meu leque?

— Aquele belo Duvelleroy que você usou na recepção. Notei como era bonito. Que pena perdê-lo.

— Mas não o perdi — retrucou Anne, comovida pelo fato de a condessa se lembrar de seu leque.

— Não estou entendendo. — Lady Brockenhurst pareceu confusa. — Sua criada foi à minha casa outro dia para procurá-lo. Pelo menos, foi o que

minha criada me contou.

— Ela foi? Ellis? Que estranho. Vou perguntar a ela quando voltar para casa.

Ellis vinha se comportando de forma estranha, refletiu Anne. Sabia-se muito pouco sobre os empregados, mesmo os criados pessoais. Eles conversavam e riam tanto quanto eram incentivados, e às vezes podiam se tornar amigos. Ou era o que parecia. Mas o que realmente se sabia sobre qualquer um deles?

Pouco depois, a carruagem deixou de vez a Londres moderna para trás e elas passaram pelas ruas antigas, serpenteantes e lotadas da antiga City, cuja aparência não mudara quase nada desde que os Plantageneta ocuparam o trono. Anne ficou impressionada com o fato de algumas áreas serem muito sujas, mesmo quando eram bem próximas das vias principais. O cocheiro, Hutchinson, tinha se esforçado ao máximo para ficar longe das partes menos salubres da cidade, porém, quanto mais avançavam, mais forte era o cheiro de esgoto a céu aberto e mais estreitas e desagradáveis as ruas se tornavam.

O fim da viagem estava se aproximando, e elas passaram por um desorganizado mercado de barracas do lado de fora da Igreja de St. Helen. As calçadas e os becos estavam repletos de comerciantes, todos berrando de suas carroças de madeira, e os gritos abafavam a conversa na carruagem.

— Ervilhas! Seis centavos o pacote!

— Arenques defumados de Yarmouth, três por um centavo!

— Coelhos saborosos! — gritou um rapaz ao passar ao lado da carroça, erguendo um punhado dos pobres bichos peludos, que se contorciam em agonia enquanto ele os balançava pelos pés.

— Por que são mantidos vivos, coitados? — comentou Maria, suspirando, mais para si mesma do que para o rapaz. Mas ele olhou diretamente em seus olhos.

— De que outra forma os manteríamos frescos, senhorita?

Ele continuou encarando Maria, talvez surpreso pela visita de uma linda criatura de um planeta distante, antes de limpar lentamente o nariz nas costas da mão e se virar para abordar outra carruagem atrás da delas.

Havia meninos e meninas por toda parte, a maioria sem sapatos, brincando com qualquer coisa que surgisse na sua mão: caixas velhas, tijolos, conchas vazias de ostras espalhadas pelos paralelepípedos. Um deles, inclusive, tinha uma argola antiga, perdida por algum privilegiado, sem dúvida, mas essas crianças brincando eram as verdadeiras pessoas de sorte. As outras não tinham tempo de se divertir. Estavam muito ocupadas tentando vender qualquer coisa que tivessem ao alcance. Anne observou um menino malvestido — que, pela aparência, não devia ter mais do que seis anos — abrir caminho pela multidão segurando uma corda com cebolas sujas, na esperança de vendê-las. Em um canto, ela notou uma idosa sentada em um degrau de pedra, com uma cesta de urze e ovos à frente. Apesar do sol, o casaco preto e grosso estava apertado em torno do seu corpo, e a mulher apoiava a cabeça grisalha na parede áspera. Assim que as três chegaram ao escritório de Charles Pope, seus sentidos estavam silenciados pela miséria e pela fome que tinham testemunhado.

Maria foi a primeira a quebrar o silêncio:

— Detesto ver crianças descalças, coitadinhas. Devem estar com tanto frio...

Ela balançou a cabeça.

— Concordo — respondeu Anne, tocando o joelho de Maria para demonstrar compreensão.

Isso era muito sentimental para Caroline Brockenhurst.

— Mas o que podemos fazer? Nenhuma caridade parece provocar qualquer diferença.

— Elas precisam de mais do que nossa caridade — disse Maria. — Precisam que as coisas sejam diferentes.

E, embora tenha ficado em silêncio, Anne balançou de leve a cabeça, concordando.

O escritório de Charles Pope ficava no segundo andar de um edifício desconexo e bastante antigo, que já devia ter sido uma casa particular, mas havia muito tempo fora entregue à séria atividade de fazer dinheiro. As salas ficavam no alto, de forma que eram longe o bastante da rua para que o ruído que vinha lá de baixo fosse dissipado. Depois de subir vários lances da escada íngreme, elas entraram e mal tinham anunciado sua presença quando uma porta se abriu lá dentro e Charles apareceu.

— Lady Brockenhurst — disse ele, com um sorriso largo, enquanto se aproximava para cumprimentá-las. — Que surpresa maravilhosa.

Era mesmo. Ele mal podia acreditar.

Caroline ficou alegre com a evidente alegria dele. Ela havia considerado avisá-lo, mas queria avaliar o local, e, se tivesse lhe dado tempo, ele, sem dúvida, tentaria criar uma boa impressão, talvez enganosa. Ela escrevera para prepará-lo para sua primeira visita, mas não desta vez. Claro que havia a possibilidade de que ele estivesse fora, mas ela decidiu arriscar. Não tinha como saber que Anne Trenchard estaria menos disposta a descobrir que haviam escolhido o dia errado para o passeio e por isso enviara seu criado, Billy, na véspera para perguntar se o Sr. Pope estaria no escritório na tarde do dia seguinte, mas sem revelar nomes. Então Charles tinha sido informado de que alguém ia aparecer, mas não sabia quem. Ellis soube disso tudo por meio de Billy depois que elas saíram, e assim ganhara mais uma informação para o Sr. Bellasis, embora Anne, é claro, estivesse completamente alheia ao subterfúgio em torno dela.

Em Bishopsgate, Caroline estava mais interessada na reação de Charles à presença de Maria Grey.

— Não acredito que você está aqui — disse ele sem pensar. E então, para disfarçar, acrescentou: — Todas vocês.

Se antes Caroline suspeitava que havia algo entre eles, depois disso teve certeza. Pelo menos sabia que alguma coisa *poderia* acontecer, se permitissem.

— Lady Brockenhurst me disse que ia passar por aqui e me convidei para acompanhá-la. Espero que você não se importe — disse Maria.

— De jeito nenhum. Nem um pouco. Muito pelo contrário.

Maria assentiu, com a mão estendida, para a qual ele olhou fixamente. Deveria apertá-la? Ou beijá-la? Sua saia azul e branca destoava dos confins monótonos do local de trabalho de Charles. Seu cabelo cacheado louro, os belos lábios... Ele mal conseguia encará-la nos olhos.

— Você é muito gentil, se realmente não se incomoda com a nossa invasão — disse Caroline depressa.

Será que lady Brockenhurst está tentando disfarçar meu constrangimento?, perguntou-se ele. Está tão óbvio assim? Ele estava dolorosamente ciente de que Maria era noiva do sobrinho de lady Brockenhurst. Mas ela não parecia desaprovar.

Maria se recuperou primeiro.

— Estamos indo nos encontrar com um comerciante de seda — balbuciou alegremente. — Nicholson and Company. — Ela tinha as próprias razões para esconder seu motivo para ter ido. — Simplesmente não conseguimos resistir à oportunidade de lhe fazer uma visitinha no caminho.

Ele corou quando ela pegou a sombrinha e a apoiou ao lado.

— O que posso oferecer? Chá? Vinho? — perguntou Charles, dando uma olhada ao redor da sala como se pudesse encontrar uma garrafa sedutora milagrosamente colocada em uma prateleira, escondida e esquecida, a coisa certa para entreter damas refinadas em uma tarde como aquela. Então ele viu Anne, que estava parada atrás das outras.

Lady Brockenhurst deu um passo à frente.

— Permita-me lhe apresentar Charles Pope. A Sra. Trenchard é a esposa do Sr. Trenchard, que tem lhe ajudado — disse a condessa, sorrindo.

O pêndulo do poder balançava de um lado para outro. Menos de um mês antes, ela nem sequer sabia que tinha um neto. Anne Trenchard o guardara em segredo durante um quarto de século. Mas lá estava ela apresentando os dois. A ironia era encantadora.

Charles olhou para a Sra. Trenchard. A mulher tinha um rosto agradável e gentil e olhos benevolentes que pareciam analisá-lo por baixo do chapéu. Havia algo nela que lhe dava a impressão de que já se conheciam, mas ele não sabia dizer de onde. Então lembrou:

— Conversamos um pouco na casa de lady Brockenhurst na outra noite — comentou ele.

Anne deu um sorriso alegre e disse:

— Conversamos, claro.

Na realidade, ela queria chorar, abraçá-lo e segurá-lo próximo de si. Mas, mesmo sem poder fazer isso, sentiu-se feliz. O sorriso não era falso.

— Você conheceu muitas pessoas naquela noite — comentou a condessa, rindo com delicadeza.

Anne a encarou. Lady Brockenhurst parecia estar gostando bastante da situação constrangedora.

— Seu marido já falou de você — continuou Charles. — O Sr. Trenchard tem sido meu benfeitor de forma lisonjeira, incrível, até. Sou muito grato a ele por toda a ajuda que me deu, e é um prazer receber a esposa dele aqui. — O sorriso de Charles também era bastante sincero. — Por que não vêm a meu escritório?

Ele as conduziu até sua sala, onde havia um sofá e algumas cadeiras. Elas se sentaram depois de Charles ter recolhido os papéis e esboços espalhados pelo local.

— Lembro que nossa conversa foi interrompida quando meu marido deixou a taça cair — comentou Anne, sorrindo. Ela havia repassado aquele momento várias vezes em sua mente.

— Seu marido tem sido muito bom para mim, Sra. Trenchard — prosseguiu Charles. — De verdade. Ele demonstrou uma generosidade excepcional. E fê. — O rapaz assentiu. — Na realidade, se não fosse por ele, eu jamais poderia sonhar em ter uma fábrica de algodão própria. Ele literalmente mudou minha vida.

Não que lady Brockenhurst tenha feito objeção a nada disso, mas havia certa indignação velada em seu rosto que Charles reconheceu de imediato. Ela não se importava de compartilhar o papel de benfeitora com aquele homem cansativo.

— Estou igualmente em dívida com a senhora, lady Brockenhurst — acrescentou Charles depressa. — A senhora e o lorde Brockenhurst construíram a ponte sobre o rio que me separava do meu futuro. Agora, graças aos senhores, pude realmente dar o pontapé inicial. — Enquanto dizia essas palavras, considerou-as boas o bastante.

— Que puxa-saco — disse Maria. — Se eu não o conhecesse bem, acharia que estava tentando nos vender alguma coisa.

Essa não era a resposta que ele esperava, mas então ela riu e bateu palmas diante da expressão dele, bem no instante em que a porta se abriu e sua assistente trouxe uma bandeja de chá, e em seguida o momento havia ficado para trás. Mas Caroline não deixou passar nenhum desses detalhes.

— É a Índia? — perguntou Maria, olhando para um grande mapa emoldurado que ocupava quase uma parede inteira da sala.

— É, sim.

Charles ficou contente em voltar para um assunto mais seguro.

Ela se levantou para observar o mapa mais de perto.

— É novo?

Charles se juntou a ela.

— O mais recente. São atualizados o tempo todo. Quanto mais províncias são mapeadas, mais detalhados ficam os mapas.

— Que maravilha.



— Gostou de verdade? — perguntou Charles, sorrindo. Estava quase irritado consigo mesmo. Tinha plena consciência do seu desejo de impressionar a moça com sua seriedade e seu senso de propósito, mas, em vez disso, sempre que ela falava com ele, Charles começava a sorrir feito um palhaço de circo. — Eu tinha um em que os territórios eram marcados de acordo com o regulamento. Os principados nativos eram pintados de verde e as partes controladas pela Companhia das Índias Orientais, de rosa. Mas este mapa aqui se baseia mais nas características geográficas. Como pode ver, fizeram um ótimo trabalho com os rios, as montanhas e os desertos.

— É difícil imaginar um país tão grande assim — disse Maria, passando a luva de pelica creme pela superfície de vidro. — Bengala — leu. — Punjab. Caxemira... — Ela suspirou. — Deve ser um lugar muito selvagem e romântico.

— Algumas partes do país, sem dúvida, são muito selvagens e incivilizadas. Há tigres — disse Charles sabiamente, esperando parecer um especialista. — E também elefantes, cobras e macacos. Além disso, há muitas religiões e línguas diferentes. É um mundo em si mesmo, na verdade.

— Eu adoraria ver um tigre na selva — disse Maria, virando-se para encará-lo. Ela estava tão perto que ele pensou que poderia sentir o calor da respiração dela em sua bochecha.

— Quando isso acontecer, garanta que esteja nas costas de um elefante.

Ela arquejou.

— É assim que eles se deslocam?

— Eles usam elefantes do mesmo modo que usamos carruagens — respondeu Charles, sabendo que devia se afastar, mas não queria. Se Maria Grey se sentisse desconfortável, pensou, ela que recuasse. Mas a moça não fez isso. Suas saias, que caíam sobre a anágua rígida, roçavam nos joelhos dele. Charles se empertigou. — Ao que parece, são animais inteligentes e muito dóceis, mas montá-los é como estar em um barco, onde a pessoa balança com as ondas.

— Posso imaginar — respondeu ela, semicerrando os olhos.

— E aqui em cima — Charles passou a mão na área superior do mapa — é uma parte da rota da seda, que começa na China e passa por essas montanhas e pela Europa.

— E agora é a vez do algodão.

Maria estava se divertindo muito, mais ainda do que imaginara. Por quê?, perguntou a si mesma. Seria só a presença daquele homem? Poderia ser apenas isso?

— Tenho a sensação de que o comércio do algodão vem crescendo há algum tempo — comentou Anne, aproximando-se do mapa.

— Isso mesmo, Sra. Trenchard — confirmou Charles. — E, com o tempo, a Índia vai acabar dominando.

— Pelo que sei, as plantações nos estados do sul dos Estados Unidos são as principais produtoras do momento. — Maria claramente tinha ido armada de informações.

— Onde você leu isso?

Ela corou.

— Não lembro. Em algum lugar.

A verdade era que tinha devorado cada livro ou publicação em que pusera as mãos. Ela só queria ter algo a dizer quando o encontrasse novamente.

— Prefiro achar fornecedores na Índia — disse Charles.

— Por quê? — perguntou Anne, genuinamente interessada.

Ela estava tão acostumada ao eterno rancor que Oliver sentia do mundo e com as queixas de Susan que quase havia se esquecido do tipo de conversa que é possível ter com os jovens quando estão começando a se aventurar nesse sério negócio de ser adulto. Ao contrário de seu filho, aquele rapaz tinha senso de propósito e determinação para o sucesso. Ele era revigorante.

— Os americanos mantêm os preços baixos porque usam escravos, mas sou seguidor de Wilberforce e Clarkson. Sou contra o lucro com a

escravidão, seja como for. — Enquanto as mulheres assentiam, ele ergueu a mão. — E, antes que elogiem minha virtude, há também um interesse particular nessa minha decisão. Acredito que a escravidão não consiga durar no mundo moderno, e, quando for abolida, os Estados Unidos não serão capazes de competir com a Índia. No dia em que isso acontecer, prefiro que meu negócio esteja bem estabelecido, para estarmos em vantagem.

Anne e lady Brockenhurst se entreolharam. Charles Pope era um rapaz muito bom. Anne não podia culpar a outra mulher por querer reconhecê-lo publicamente. E, ao ver o interesse de Maria Grey nele... Será que um bom casamento estava mesmo fora de questão? Ela percebia que lady Brockenhurst já estava fazendo planos para o jovem casal, sem se importar com a existência do sobrinho de seu marido, e, afinal, as filhas do velho rei com aquela atriz tinham feito bons casamentos: condessa de Erroll, viscondessa de Falkland, lady De L'Isle... E o filho bastardo do duque de Norfolk não tinha se casado com lady Mary Keppel dez anos depois de Anne e James terem voltado de Bruxelas? Ela tinha certeza de que havia lido isso. Esse caso não servia de modelo? O que Sophia ia querer que eles fizessem? Essa era a pergunta que tinham de repetir a si mesmas. Ela notou que Charles a observava, então perguntou a ele, alegre:

— Você sabe quais regiões da Índia vai visitar, Sr. Pope? Qual é o potencial de desenvolvimento lá? Um rapaz como o senhor deve ser cheio de ideias.

— Ele é — confirmou Maria, animada, juntando as mãos. — E ter conseguido isso tão jovem... — Ela fez um gesto com a pequena mão enluvada para indicar o escritório. Não tinha consciência de como estava se entregando.

— Estou curiosa com relação a você, Sr. Pope — disse lady Brockenhurst, andando até a mesa dele, que estava cheia de pilhas de papel, documentos e algumas caixas marrons amarradas com cordão vermelho. — Você é um modelo de dinamismo e diligência e, ainda assim, ao contrário da

maioria das pessoas que tem o mesmo estilo de vida que o seu, não nasceu para isso. No curso normal das coisas, o filho de um vigário do interior... você é filho de um vigário, pelo que sei... até poderia ter se alistado ao Exército ou à Marinha, porém o mais provável seria que estivesse pregando como cura, na esperança de que alguém se espelhasse em seu estilo de vida.

Anne se perguntou o que lady Brockenhurst estava querendo. Se Charles demonstrava alguma qualidade inata, certamente era por influência de James, e não pelo lado Bellasis de sua ascendência. Nenhum Bellasis teria se dado o trabalho de equilibrar despesas desde as Cruzadas. Por um instante, ela sentiu um grande orgulho do marido. Ele poderia ser cansativo em sua ânsia por melhorar de vida, mas ainda assim era um homem inteligente, com um verdadeiro talento para os negócios.

— Como você sabe que sou filho de um vigário?

Era uma boa pergunta. A condessa hesitou, mas apenas por uma fração de segundo.

— Você me disse. Da última vez que estive aqui.

— Ah. — Charles assentiu. — Bem, ele não era um vigário comum, o que provavelmente explica tudo. Era um homem excepcional.

— Era?

— Não faz muito tempo que faleceu.

Claro que ele tinha morrido. Anne esquecera. Quando James lhe contara, ela imaginara que ele havia lido no *The Times*, mas, no momento, questionava isso. Será que James tinha interrompido a troca de correspondência com ele?, perguntou-se. Vinte e cinco anos de cartas, relatando o progresso de Charles durante todo esse tempo. Embora, assim que James estabeleceu contato com o próprio Charles, o papel do Sr. Pope na transmissão de informações deva ter sido reduzido a quase nenhum. Ainda assim, ele parecia ter sido um bom homem.

— Pelo visto, ele foi uma ótima pessoa — disse Anne.

— Venho tendo muita sorte — retrucou Charles.

Em seguida, o rapaz observou uma pintura pendurada atrás de sua mesa. O modelo era idoso, com alguns cabelos grisalhos, e estava todo vestido de preto. As faixas brancas de um clérigo apareciam sob o rosto magro, que estava quase de perfil, talvez pensando em coisas mais elevadas. Na mão direita, ele segurava um livro, que, olhando bem, se revelou ser a Bíblia. Os destaques de giz tinham sido realizados com esmero, e o quadro fez Anne se lembrar da obra de George Richmond. A verdade era que, no fim das contas, ela era grata ao reverendo Sr. Pope. Talvez o aumento em sua renda tivesse sido o incentivo inicial para receber uma criança indesejada, mas estava evidente que ele havia se afeiçoado ao menino e lhe dera uma boa base para tocar sua vida.

— É um belo retrato — disse lady Brockenhurst, observando a imagem. — Pelo menos, é o tipo de retrato que sugere bastante semelhança, por mais que eu não tenha conhecido o modelo. Ele parece inteligente e gentil. Espero que tenha sido.

— Ele era essas duas coisas e muito mais. Acho que lhe falei sobre ele quando nos conhecemos.

— Fale outra vez.

Que bela mentirosa ela era. Anne quase a admirava por isso. Esse é o problema de uma situação como a nossa: faz de todos nós mentirosos, pensou. Naquela sala, ela e lady Brockenhurst eram a personificação da mentira, ambas posando de inocentes diante do neto ingênuo. Até mesmo Maria era uma mentirosa, se ainda fingia que ia se casar com John Bellasis quando estava claro que não ia... pelo menos, não por vontade própria. Só Charles não mentia, a menos que esperasse esconder que estava perdidamente apaixonado por Maria Grey.

— Eu não era filho biológico dele. — Charles estava muito à vontade. Afinal, não tinha motivo para se sentir desconfortável. — Minha mãe morreu no parto e meu pai tinha falecido pouco antes em uma batalha, ou foi o que me disseram. Meu pai era primo do Sr. Pope, e ele e sua esposa,

minha mãe, como a considero, sentiram que deviam ficar comigo. Não tinham filhos, e assim talvez os dois lados tenham saído ganhando, mas a verdade é que eles foram muito bons para mim, e ela é gentil e carinhosa até hoje.

— E quanto ao Sr. Trenchard? Qual foi o papel dele nisso tudo? — perguntou Anne, curiosa para saber como fora o primeiro contato.

— Originalmente eu estava destinado à Igreja, como lady Brockenhurst comentou. Mas, conforme fui crescendo, meu pai percebeu que meus talentos eram outros, então conseguiu me colocar como aprendiz em um banco. Quando vim pela primeira vez a Londres, logo vi que esse não era um mundo que eu entenderia com facilidade. Por isso, meu pai perguntou ao Sr. Trenchard se ele poderia ser meu guia até que eu me adaptasse. Ele e meu pai eram amigos havia muitos anos.

Anne observou lady Brockenhurst. Ela estava gostando de conhecer a história secreta de seu neto.

— Que sorte o reverendo Sr. Pope ter amigos no mundo dos negócios.

— Ele tinha amigos de todos os estilos de vida. Felizmente, o Sr. Trenchard se interessou pela minha história e tem estado de olho em mim desde então. Quando decidi sair do banco, tive a ideia de comprar uma fábrica de tecidos e o procurei. Ele concordou em apoiar meu instinto, o que tornou isso possível, e agora lorde e lady Brockenhurst foram gentis o bastante para me dar o que preciso para implementar totalmente a operação.

— A fábrica já está em funcionamento? — perguntou Maria, pois sentiu que tinha ficado em silêncio por muito tempo.

— Sim, mas com uma presença ainda tímida, usando o algodão cru que consigo encontrar. Agora quero colocar em prática um acordo mais estável que vai permitir minha expansão. Foi isso que lady Brockenhurst tornou possível. Devo pedir mais chá?

— Não será necessário. Obrigada.

Anne estava sentada no sofá com Maria, enquanto a luz do sol entrava pelas grandes janelas fechadas, formando listras no piso de madeira.

Charles recolheu os utensílios de chá e os colocou de volta na bandeja. Anne observou seus movimentos fluidos e graciosos. Era incrível que o bebê chorão e gorducho que ela havia segurado brevemente nos braços um quarto de século antes tivesse crescido e se tornado um homem tão bonito e confiante.

Ao seu lado, Maria também observava Charles Pope. Seu pai era um soldado, pensava, primo de um vigário... O que havia de errado nisso? Ele podia não ser um bom partido, mas pelo menos era um cavalheiro. Claro que John Bellasis herdaria uma grande fortuna, mas Charles não faria a própria fortuna? E isso não poderia acontecer antes de Bellasis ter direito aos seus bens? Lorde Brockenhurst parecia bem para viver ainda muitos anos. E, enquanto pensava nisso, ela continuava falando, fazendo uma pergunta atrás da outra sobre o negócio de Charles e seus esquemas, absorvendo cada palavra que ele dizia. Quanto tempo levaria para chegar à Índia? Ele viajaria sozinho? Como saberia se suas fontes eram confiáveis quando chegasse lá?

— No início, o que mais importa não é a confiabilidade, e sim a qualidade — explicou ele, andando pelo escritório, entusiasmado. — A situação na Índia está difícil, e atualmente a maior parte do algodão produzido é de baixa qualidade, mas quando encontramos o fornecedor certo é preciso se comprometer com ele. Só então poderemos começar a melhorar o negócio. O clima está perfeito, por isso deve ser possível.

— Ouçam, ouçam! — Uma voz veio da porta, acompanhada de uma lenta e alta batida de palmas. — Muito bem, rapaz!

John Bellasis estava encostado no batente da porta do escritório. Charles olhou para ele, surpreso.

— Senhor? — disse. — Posso ajudá-lo?

O homem lhe parecia familiar, mas agia com orgulho e, de certo modo, com hostilidade, como se ele e Charles já fossem inimigos. Os olhos de John

estavam semicerrados e a boca, rígida. Ele era a própria imagem da arrogância.

— John? — disse lady Brockenhurst. — O que está fazendo aqui?

— Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta, minha querida tia. — Mas ele não esperou resposta. — Lady Maria, em carne e osso. Bom dia para você — continuou John, ignorando totalmente Charles enquanto atravessava o escritório em direção a Maria, que estava paralisada de choque.

Como se desse voz a seus pensamentos, lady Brockenhurst voltou a falar:

— Como soube onde nos encontrar?

— Eu não soube. Pelo menos, não todas vocês. Eu esperava vê-la aqui, tia, mas não...? — Ele lançou um olhar inexpressivo a Anne. — Desculpe.

— Sra. Trenchard — disse Charles.

— Sra. Trenchard, é claro. Sei quem a senhora é. — O mais irônico era que ele sabia mesmo. Afinal, tinha se sentado à mesa com ela na *soirée* de sua tia, mas não quis admitir isso. — E encontrar lady Maria aqui é uma bênção. — Seu tom de voz dava a impressão de que ele não considerava a presença de Maria no escritório de Charles exatamente uma bênção. Muito pelo contrário.

A princípio, quando recebera o bilhete de Ellis lhe pedindo que fosse a Piccadilly, ficara furioso com a impertinência dela em mandar chamá-lo, mas assim que ouviu o que Billy tinha dito a ela, que era o dia da visita a Bishopsgate, reconheceu que ela agira de forma sensata. Quem era o Sr. Pope, este sujeito que veio do nada e tão misteriosamente chamara a atenção delas? Precisava descobrir a fundo o que aquele homem tinha com elas. Seria chantagem por algum delito desenterrado do passado de seu tio? Mas como isso explicaria o interesse dos Trenchard? Ele dera uma moeda a Ellis e lhe agradecera.

“A Sra. Trenchard não disse mais nada que pudesse explicar o motivo da visita?”, perguntara ele.



“Ela não mencionou nada sobre isso, senhor. Foi o laçao quem me contou. Ela costuma ser muito reservada.”

“É mesmo? Bem, vamos ver se essa reserva vai continuar quando eu jogar a Sra. Trenchard e minha amada tia na cova dos leões.

“Você vai me entregar, senhor?”

Ellis ainda não estava pronta para perder o emprego. Partiria quando fosse conveniente para ela, não antes.

“Não se preocupe. Se você fosse demitida, não seria mais útil para mim.”

O problema, claro, seria como explicar o fato de ter seguido Anne Trenchard, uma mulher que mal conhecia, a um compromisso sobre o qual ele não tinha informações.

Rapidamente seguira até a casa dos Brockenhurst e, por sorte, o lorde estava lá. Não demorou muito para que John fizesse o tio lhe dizer que Caroline tinha ido a Bishopsgate se encontrar com o jovem Sr. Pope. John se deu por satisfeito.

“Vocês dois estão muito interessados nesse sujeito.”

“Caroline acha que ele é promissor, e o rapaz me parece bom o suficiente.”

Peregrine nunca faria objeção a qualquer entusiasmo da esposa. Desde a morte de Edmund, era raro que ela se sentisse assim.

“Isso é muito estranho”, dissera John. “Estou a caminho de Bishopsgate agora mesmo. Não é uma grande coincidência? Talvez eu a encontre lá.”

Ele sabia qual era o endereço do escritório de Pope. Já conseguira essa informação por meio de sua pesquisa, e lorde Brockenhurst jamais lembraria que ele não tinha perguntado. Com o álibi estabelecido, parou uma carruagem e seguiu.

E lá estava ele, de frente para seu inimigo, com a Sra. Trenchard, Maria Grey e sua tia no meio.

— Sinto muito, mas já terminamos o chá, a menos que queira que eu peça mais, Sr...?

O fato de não ter sido reconhecido por Charles irritou profundamente John. Como aquele novo-rico se atrevia a não se lembrar dele do jantar? Quem era aquele sujeito detestável que parecia fascinar tanto as senhoras? Esse costumava ser o papel de John. Seu pai tinha razão sobre aquilo: havia algo muito estranho — e profundamente desestimulante — na forma como sua tia estava se comportando com aquele zé-ninguém. Para ser mais direto, o dinheiro estava sendo desviado dele e de seu pai, e ele não gostava nada disso. Até o momento, seu futuro parecera relativamente fácil de prever. Ele tinha que pedir empréstimos apenas até a morte do tio, e, depois, a herança de seu pai — ou mais provavelmente dele próprio — ajeitaria as coisas e tudo ficaria bem. Mas a chegada do Sr. Charles Pope ameaçava uma reviravolta.

— Você já conheceu o sobrinho de lorde Brockenhurst, o Sr. Bellasis, na *soirée* — disse a condessa, se levantando.

Ela estava irritada com a intromissão de John. Isso ficou óbvio. E sutilmente abalada. Ela e Anne se entreolharam. O encontro tinha acabado. Era hora de ir embora.

— Sr. Bellasis, claro — falou Charles, assentindo brevemente, um pouco desapontado. Então, aquele era o noivo de Maria. — Peço desculpas. Havia muitas pessoas, fiquei bastante sobrecarregado.

— Não pareceu. — John olhou para Charles na cadeira. O homem não tinha nenhuma recomendação e ainda assim sua tia havia atravessado Londres para tomar um chá naquele escritório sem graça. — Então, aqui estamos nós — disse ele, tamborilando de leve as pontas dos dedos.

— É isso que gostaríamos de saber — interveio Maria. — Por que *you* está aqui? — Ela sorriu enquanto falava, mas não era um sorriso genuíno.

Lady Brockenhurst fez coro.

— Sim, John. Por que está aqui?

— Passei na sua casa esta manhã e meu tio me disse que a senhora estava em Bishopsgate. Eu tinha um compromisso por aqui e estava curioso para

ver o Sr. Pope outra vez. Ele é um homem misterioso. Pelo menos, para mim. Metade da minha família e agora a esposa de um dos mais famosos empreiteiros de Londres vieram juntas bater à sua modesta porta, e eu gostaria de saber por quê. Espero que possa chamá-la de “modesta” sem ofender, senhor — disse ele com falsa humildade.

Charles deu um sorriso forçado.

— É claro.

John continuou:

— Quando eu soube que a senhora estava a caminho daqui, tia, me pareceu a oportunidade perfeita.

Charles sentiu que era hora de se impor, para acalmar as coisas.

— Não se preocupe, Sr. Bellasis. É um mistério para mim também. Por que todo mundo parece ter se interessado muito pela minha prosperidade? — Dessa vez, Charles deu um sorriso mais sincero. — Pode ter certeza de que não faço ideia do motivo.

— Eu estava pensando... — John se virou para Maria. — Vou para Epsom na quinta-feira. Um primo meu tem um cavalo de corrida e achei que você e lady Templemore gostariam de me acompanhar.

— Vou perguntar a mamãe, claro, mas imagino que ela não seja muito fã de corridas.

— E você, Pope? Gosta de cavalos?

— Não muito — respondeu Charles.

Seu coração se encheu de alegria porque Maria tinha recusado a chance de passar um dia com aquele homem. Será que ele poderia considerar isso um sinal?

— Não, imagino que não — disse John, aproximando-se para ficar de frente para o mapa da Índia, com as mãos nas costas. — Sua cabeça provavelmente está cheia demais com algodão. — Ele riu para fingir que o insulto tinha sido uma brincadeira.

Lady Brockenhurst começou a se mover em direção à porta.

— Está na hora de deixar o Sr. Pope cuidar de seus negócios. E nós, senhoras, temos nossos próprios assuntos. Irá às compras conosco, John?

— Acho que não, tia. A menos que não confiem em vocês mesmas para tomar as decisões certas. — Mas ele sorriu ao dizer isso. — Como falei, tenho um compromisso.

Lady Brockenhurst assentiu. Ele claramente não gostaria de passar o restante do dia no armazém de algum comerciante de seda, mas ela não o culpava por isso.



No fim das contas, John Bellasis realmente tinha outros planos. Ele havia marcado um encontro com Susan Trenchard mais tarde naquele dia no Hotel Morley's, na Trafalgar Square. Em última análise, tinha de admitir que nada aliviava a humilhação e a irritação de forma mais eficaz do que dormir com a esposa de outro homem.

Tinha reservado o quarto no nome de uma mulher, mesmo que falso, e quando abriu a porta do quarto vinte e sete no primeiro andar encontrou Susan esperando por ele. Vira a criada dela, Speer, aguardando pacientemente no hall do térreo, então sabia que ela estava lá. Susan dissera que não tinha tempo para viajar até Isleworth, e os dois sabiam que ele não a convidaria para Albany. Ainda não. Seus aposentos não condiziam com a imagem preguiçosa, luxuosa e aristocrática que ele gostava de passar. Conforto em Isleworth era viável para seu orçamento. Conforto em Piccadilly, não. Ou pouco. Ele mencionava seu endereço sempre que podia, lembrando o ouvinte que lorde Byron tinha morado no conjunto A2, mas nunca recebera ninguém lá, nem mesmo seus amigos. Então, dessa vez, pagara por um quarto no Morley's. A despesa seria um aborrecimento, mas, no final da tarde, quando estava deitado na cama, nu e satisfeito, ele foi forçado a admitir que Susan valia a pena. Em raras ocasiões tinha se deparado

com uma amante tão entusiasmada. A maioria das mulheres com quem dormira ficara tediosamente preocupada com os riscos da concepção e do escândalo inevitável em que se envolveriam, mas Susan Trenchard não parecia se incomodar com nenhuma dessas coisas. Ela era submissa e completamente prestativa, e John gostava disso... e adorava dela.

— Susan, minha querida — murmurou ele ao rolar na cama, virando-se para ela, se aproximando e começando a beijar seu braço.

— Isso é muito bom.

Susan teve a impressão de que ele estava prestes a fazer um pedido, como um favor, ou talvez dar uma ordem. Ela já o conhecia. Sabia de seu egoísmo. De sua ganância. E, apesar de tudo isso, quando estava indo encontrá-lo, sentia seu coração batendo acelerado. Não tinha certeza se era amor ou luxúria, porém era mais do que jamais sentira por Oliver. Então ela esperou pelas ordens dele. Ela o agradaria, se pudesse.

Ele a observava.

— Tenho que tomar cuidado. Estou me afeiçoando a você.

Não era exatamente um elogio, mas Susan considerou como se fosse.

— Fico feliz.

— Preciso que faça algo por mim — disse John.

— Claro. Se eu puder.

— Preciso que descubra mais sobre Charles Pope.

— O quê? — Ela se sentou. O clima havia mudado. — Você também, não. Todo mundo parece obcecado por esse homem miserável! Isso está deixando Oliver louco.

— Reluto em concordar com seu marido no que quer que seja, mas essa é exatamente a questão — disse John, sentando-se ao lado dela. — Não sei o que é, mas tem algo nele que não me inspira confiança. O sujeito parece exercer controle sobre minha tia, e, quando fui ao escritório dele esta tarde, encontrei sua sogra lá. E também Ma...

— E também...?

— Não importa.

Isso a fez sorrir, e não era a reação que ele esperava. Ela sabia qual era o nome que ele quase dissera. De certo modo, ficou até feliz ao perceber que ele tinha consideração por seus sentimentos. Um dia poderia precisar usar isso contra John.

— Por que você foi ao escritório dele? — perguntou Susan. — Ele também exerce controle sobre você?

— Eu queria saber por que todas elas estão atrás dele. Por que o escolheram como protegido.

— Em vez de você?

Susan riu.

— Não estou brincando. — O tom de voz de John estava severo e frio. Era capaz de mudar num instante.

— Não — concordou Susan.

Mas ela não era um animal de estimação dele. Já estava se perguntando se essa situação não poderia ser distorcida a seu favor.

— O que mais me aborrece — começou ele, enquanto virava de costas para ela e se sentava na beirada da cama — é não saber por qual motivo aqueles dois deram tanto dinheiro a Charles.

Observando seu perfil, ela percebia facilmente que isso o aborrecia de verdade.

— Como vai lady Maria?

— Por quê?

— Por nada em especial. Mas se você a viu esta tarde...

Ela o desafiou a negar, mas ele ficou em silêncio.

Ambos sabiam que ele se irritava quando ela se intrometia na sua vida pessoal, mas ele revelara que a moça estivera no escritório de Charles, e ela gostava de provocá-lo. Susan poderia lhe causar problemas, se assim decidisse, e de vez em quando ela gostava de lembrá-lo dessa possibilidade.

— Para sua informação, ela está muito bem. Não está na hora de você voltar?



Mas Maria Grey não estava muito bem naquele momento, ou pelo menos não estava levando a melhor sobre sua mãe na discussão que havia sido deliberadamente causada por John. A caminho do seu encontro com Susan, ele encontrara tempo para passar no clube em St. James's e escrever um bilhete para lady Templemore, lamentando que ela não gostasse de corridas. No fim, pediu para marcarem outro passeio em breve.

— Por que você disse que não gosto de corridas? — Lady Templemore não se mexia enquanto falava.

Ela não era uma mulher inteligente, mas seu instinto lhe garantia que estava acontecendo alguma coisa que ela não aprovaria, se ao menos soubesse o que era.

Maria quase se contorceu sob o olhar da mãe.

— Você gosta?

— Tanto quanto de qualquer outra atividade inútil para passar o tempo.

Maria encarou a mãe.

— Então o responda e aceite o convite.

— Por nós duas?

— Não, por nós duas, não. Por você.

Ambas sabiam o que estavam discutindo, embora nenhuma delas tivesse admitido ainda.

— Espero que você não esteja achando que pode voltar atrás em sua palavra — disse lady Templemore, e ficou esperando a resposta da filha.

Mas Maria não disse nada. Apenas continuou sentada ali, na bela sala de estar da mãe, em silêncio, retorcendo as mãos. Não confirmaria nem negaria a sugestão da mãe, o que era terrível. Lady Templemore temera isso e, por

um instante, ficou tentada a trazer da Irlanda o irmão da moça, mas não tinha certeza de que Reggie ficaria ao seu lado, e não ao lado da irmã. No fim das contas, ele não tinha nada a ganhar com a fortuna de John. Era ela, Corinne Templemore, que pretendia lucrar com a segurança de ter um genro com dinheiro e posição para lhe dar, em sua velhice, o conforto que ela achava que merecia.

— Não protegi você desde criança? Não mereço ter um pouco de segurança no fim da vida? Você não vai ter que esperar muito para se ver livre de mim.

Ela engoliu um soluço e se recostou na *bergère* adamascada, esperando para ver se suas palavras teriam o efeito esperado. Não tiveram.

— Mamãe, a senhora é forte como um touro e vai enterrar todos nós. Quanto a cuidar de você, certamente farei isso como puder, então não tem o que temer.

Corinne secou os olhos.

— Você estará cuidando de mim se acabar se casando com John Bellasis. É tudo o que peço. Qual é o problema com ele?

— Não tenho certeza de quanto gosto dele ou se ele gosta de mim. — Parecia um argumento perfeitamente razoável para Maria, mas sua mãe não aceitaria nada disso.

— Hunf. Besteira! — As lágrimas cessaram quando lady Templemore voltou aos negócios. — Um jovem casal deve aprender a gostar um do outro conforme vão se conhecendo. Eu mal conhecia seu pai quando me casei com ele. Como poderia, se nunca tivemos permissão para nos encontrar desacompanhados antes do noivado? Mesmo depois, podíamos nos sentar juntos no sofá, mas nunca fora do alcance do ouvido de nossos acompanhantes. Nenhuma moça de nossa estirpe conhece o marido antes de se casar com ele.

Maria ficou encarando a mãe.



— E seu casamento com meu querido pai deve servir de modelo para me encorajar a aceitar a situação com John? — Isso foi um golpe baixo, e, de certa forma, Maria lamentou ter que usá-lo.

Mas estava chegando o momento em que teriam de encarar o fato de que ela não se casaria com John Bellasis. Maria podia ter questionado isso antes, mas, depois daquela tarde, não tinha mais dúvidas, então já podia começar a preparar o terreno.

Claro que não tinha provas das intenções de Charles com relação a ela. Isso era verdade. Ou melhor, nenhuma prova anunciada. Mas tinha certeza de que eram seu noivado e sua posição que o estavam impedindo. Não era tão burra a ponto de não perceber quando um homem estava atraído por ela, e estava confiante de que, quando quisesse, poderia fazer Charles avançar. Não estava preocupada com seu irmão. Reggie podia gostar da ideia de que sua irmã se tornasse uma condessa, mas ele não a obrigaria a fazer nada contra a própria vontade. E ele gostaria de Charles. Maria tinha bastante confiança nisso. Não, o maior desafio seria convencer sua mãe a deixá-la ser cortejada pelo proprietário de uma fábrica em Manchester, em vez de um conde, e ela sabia que não seria fácil. Mas era preciso começar do início.

— Você deu sua palavra a ele.

Na verdade, enquanto ouvia os argumentos da mãe, Maria achou muito estranho que tivesse *dado* sua palavra a John Bellasis. No que ela estava pensando? Talvez tivesse sido porque até então nunca se apaixonara e não conhecia o significado da palavra. Será que estava apaixonada naquele momento? Maria supôs que sim.

— Eu não seria a primeira mulher a mudar de ideia — disse ela.

— Você não vai jogar fora um belo futuro. Não vou permitir isso. Eu a proíbo.

Lady Templemore se sentou, exasperada.

Observando isso, Maria decidiu deixar o assunto de lado. Por enquanto. Ela devia dar tempo para que sua mãe entendesse aos poucos que o desejado

casamento jamais aconteceria, mas não era preciso ter pressa. Enquanto repetia em pensamento essas palavras, Maria percebeu que estava sorrindo. Pela primeira vez, admitiu que planejava uma verdadeira *mésalliance* para si mesma. Seu coração estava disparado por causa da grandiosidade do esquema, mas o fato é que era isso que pretendia fazer, e tinha a intenção de levar a ideia adiante.



Susan normalmente não teria aceitado o convite de Anne para acompanhá-los em uma viagem a Glanville. Ela desprezava o lugar. Não havia nada na grande casa elisabetana nem em seus belos jardins no coração de Somerset que ela achasse interessante ou mesmo confortável.

Para começar, a viagem até lá seria árdua, e envolveria um planejamento cuidadoso e infinitas quantidades de roupa de cama, enquanto Quirk conduziria a grande carruagem, parando em estalagens no caminho para almoçar ou jantar, dormir e preparar os cavalos para o próximo percurso. Era uma jornada de, no mínimo, dois dias, mas Anne Trenchard preferia fazer em três. Ela dizia que estava velha demais para ter seus ossos sacudidos numa viagem apressada, e gostava de fazer paradas para que Agnes pudesse correr. Sem dúvida, uma nova ferrovia traria mudanças em breve, mas por enquanto as coisas continuavam as mesmas. Então Susan ficaria presa em uma carruagem, discutindo as questões mais delicadas da jardinagem durante três dias inteiros... ou até mais, se chovesse e o cocheiro atolasse na lama.

Mas a principal razão para sua resistência a Glanville era que ela não via nenhum sentido na viagem. Assim que se chegava lá, o que havia para fazer? Apenas conversar mais sobre jardinagem, caminhar pelos tais jardins e comer sem parar sentados à comprida mesa de jantar. De vez em quando, esses jantares contavam com a presença de várias autoridades locais, interessadas em conhecer James Trenchard na esperança de convencê-lo a investir algum

dinheiro e financiar suas causas dignas. Não viam quase ninguém da classe alta do condado. Como todos sabem, pensou Susan com ironia, o alpinismo social é notoriamente mais difícil no campo. Em Londres, as pessoas se importam menos com quem você é, desde que se vista de forma adequada e diga as coisas certas. No campo, são menos indulgentes. Ela bocejou só de pensar nisso.

Mas daquela vez John a convencera de que seria uma boa ideia. Enquanto passavam o restante da tarde juntos na cama, ele esboçara seu plano. Ela ia descobrir exatamente quem Charles era e por que James Trenchard estava tão interessado em financiá-lo, sem mencionar a curiosa aliança sendo formada entre a tia de John e a sogra de Susan. Devia haver algo em tudo isso que pudesse lhe ser útil. De qualquer modo, naquele momento era interessante para Susan que John Bellasis ficasse em dívida com ela.

Oliver talvez tenha sido quem ficou mais surpreso por Susan ter aceitado o convite para passar um mês no campo com seus pais. Normalmente, haveria birras e lágrimas. Talvez ele até tivesse que comprar alguma coisa com o joalheiro, para servir como mais um argumento para sua submissão. Mas não daquela vez.

A reação dela o agradara. Verdade seja dita, ele descobrira recentemente que gostava mais da vida em Glanville do que em Londres. Ele tinha se esforçado bastante, ou era o que achava, para demonstrar interesse pelos negócios do pai, mas a verdade era que se sentia mais disposto para a vida tradicional de um proprietário rural. E por que não deveria se sentir assim? Eles o haviam criado como um cavalheiro e este era o resultado. Gostava de caça e tiro, de todas as tradições, na verdade, e do convívio simples da vida no campo, muito mais do que das horas que passava debruçado sobre projetos e contas no escritório de seu pai ou de William Cubitt. Ele percorria a propriedade, conversando com os moradores, ouvindo suas preocupações. Isso o fazia se sentir ocupado, valorizado e capaz. Houve um

tempo em que ele aceitara que não moraria em Glanville quando seus pais morressem, que Susan insistiria em algo maior, mais grandioso e mais perto de Londres, mas, ultimamente, conforme ele e a esposa seguiam caminhos separados, Oliver tinha começado a considerar se seria possível entrar em algum acordo. Mas, por outro lado, ele não tinha herdeiro, e a vida em uma casa como a de Glanville exigia continuidade.

Estava com o coração leve quando a carruagem passou, enfim, pelos portões altos cor de mel. No final do longo caminho de entrada ficava a bela casa de três andares, conservada em um estado muito melhor do que quando sua mãe a vira pela primeira vez, em 1825. Por um grande capricho, James tinha instruído sua esposa a “encontrar um lugar” para a família no campo. Claro que ele esperava que ela fosse comprar algo impressionante, mas conveniente, uma propriedade decente em Hertfordshire, ou no Surrey, ou pelo menos em algum lugar relativamente perto de Londres. Mas Anne tinha outras ideias. Ela soube que era o que estava procurando, o que sempre havia procurado, de certa forma, assim que pôs os olhos em Glanville, um belo exemplo da arquitetura de transição quando a moda passava do gótico medieval para o renascentismo clássico, com seus jardins e parques cercados por milhares de acres de terras agrícolas. Dito isto, havia também o grande telhado cheio de goteiras, além de mofo e de quase todos os tipos de insetos, de forma que, a princípio, James recusara. Não era de jeito nenhum o que ele tinha em mente. Oliver não sentia qualquer vontade de morar em Somerset e imaginara uma casa que não precisasse ser quase totalmente reconstruída. No entanto, aquela foi uma das poucas vezes em sua vida que Anne havia insistido em algo.

Atualmente, quase vinte anos depois, os dois a consideravam sua maior conquista. Anne havia restaurado a casa de forma cuidadosa, apaixonando-se por suas peculiaridades: os macacos de pedra que escalavam as empenas holandesas, os Nove da Fama em seus nichos na fachada leste. Às vezes, James achava que essa dedicação servia para compensar alguma outra coisa.

Se Anne não tinha sido capaz de salvar a própria filha, então, pelo menos, poderia salvar esta gloriosa casa antiga. E quanto mais ela se esforçava, quanto mais entusiasmo e vida dava à propriedade, mais o lugar brilhava.

Seu verdadeiro triunfo foi a criação dos jardins a partir do nada, e, quando a carruagem parou na frente da casa, o chefe dos jardineiros, Hooper, já estava esperando por ela. Mas antes que o cumprimentasse, era preciso que os rituais fossem realizados, então Turton, que tinha viajado à frente deles, deu um passo adiante para abrir a porta.

— Madame — disse o mordomo quando Anne desceu os degraus, com a cadela nos braços. — Fizeram boa viagem? — Seu tom de voz denotava cansaço.

Para falar a verdade, no que dizia respeito a Glanville, ele sentia o mesmo que a Sra. Oliver. Também odiava a viagem, mas gostava menos ainda da qualidade dos criados locais com os quais tinha que lidar durante esse tempo desperdiçado no campo. Diferentemente da maioria dos aristocratas, cuja residência principal era em suas propriedades, os Trenchard se estabeleceram em Londres. Assim, seus principais funcionários ficavam lá, e apenas um grupo reduzido ia e voltava de Somerset. Turton, Ellis, Speer e Billy, o lacaio, que também era incumbido de vestir Oliver, eram os únicos que acompanhavam a família a Glanville. Antigamente a cozinheira, a Sra. Babbage, fazia a viagem, mas a tensão e as brigas que sua presença criava na cozinha se tornaram muito incômodas, e Anne decidiu contratar uma mulher local, a Sra. Adams, que era muito mais alegre e exigia uma quantidade menor de ingredientes vindos da capital. Por consequência, a comida era significativamente mais simples no campo, o serviço, um pouco mais lento, e Turton sempre passava a impressão de que estava no purgatório.

— Obrigada, Turton. Espero que todos tenham conseguido se acomodar.

— Estamos fazendo o possível, apesar de tudo — respondeu ele com tristeza.

Mas Anne não se deixaria abalar pelos problemas dos criados logo em sua chegada. Ela sabia como Turton se sentia, mas sua opinião era a de que, se fosse para Glanville sobreviver, precisaria do apoio da comunidade local e isso significava, antes de mais nada, empregar os filhos e as filhas dos arrendatários e das pessoas que trabalhavam na propriedade. Para onde mais os jovens iriam? Eles precisavam de trabalho, e era dever da propriedade oferecê-los, e se Turton escolhesse se irritar com isso, seria problema dele, não dela.

— Ah, Hooper — disse ela, esfregando as mãos e se aproximando do jardineiro. — Quais novidades tem para mim?

— Minha querida — chamou James Trenchard —, você não vai entrar? Deve estar cansada.

— Daqui a um minuto. Só quero saber o que aconteceu no jardim enquanto estávamos fora. Além disso, Agnes precisa passear.

— Não se desgaste — disse James, entrando com os outros.

Mas, na verdade, ele não se importava. Adorava ver a esposa feliz, e ela sempre se sentia assim em Glanville.



Mais tarde naquela noite eles se sentariam para jantar onde antes eram as despensas. A casa era velha demais para ter uma sala de jantar adequada, especialmente considerando que os moradores originais comiam com a família no grande salão. Mas Anne decidira que sua afinidade com a era elisabetana tinha limites, e, enquanto consertavam o telhado, também derrubaram a parede entre esses dois cômodos para criar uma sala de refeições que comportasse a família. As paredes eram revestidas de painéis e uma lareira de tamanho considerável fora erguida para complementar as

grandes janelas com vista para o pátio do leste. De certa forma, ela amava ainda mais aquela sala porque a criara quando se apropriou da casa.

Estava andando pela galeria em direção à escada quando Ellis surgiu atrás dela, carregando um xale.

— A senhora pode precisar disto, milady.

Ellis estava de bom humor. Sempre ficava animada no campo. Diferentemente de Turton, Ellis gostava de se sentir superior. Era raro conseguir desfrutar disso, mas ali, nos confins de Somerset, ela se tornava a fonte de todo o conhecimento a respeito do *beau monde*. Poderia contar sobre os passeios em Londres, descrever as lojas novas, detalhar as tendências da moda. Na verdade, não havia nada de que ela gostasse mais do que compartilhar as últimas notícias sobre lorde Fulano e lady Sicrana, enquanto os funcionários ficavam sentados ao redor da mesa na sala dos criados no andar de baixo. O volume de trabalho também era menor no campo. Havia menos recepções e saídas noturnas, por isso quase não era necessário ficar até tarde sentada no quarto da patroa, esperando a Sra. Trenchard voltar para casa.

Quando Anne entrou na sala de estar, James estava inquieto próximo ao fogo. Ela sabia o que isso significava.

— Por que não chama Turton? Veja se podemos adiantar tudo. Eu gostaria de me deitar cedo, se possível.

— Você não se importaria? — perguntou ele, se levantando, ansioso, e tocou a sineta.

Susan e Oliver já tinham descido e, sem que ninguém precisasse lhe dizer, Anne percebeu que a tagarelice de Susan estava irritando James. Ele provavelmente esperava encontrar algum alívio na taça de um bom vinho tinto. Anne olhou para a nora, que, sem dúvida, estava muito animada. Em geral, ficava mal-humorada em Glanville, mas naquela noite fez um esforço fora do comum. Speer havia prendido seu cabelo em um coque, ela usava uma roupa de seda amarelo-clara e exibia lindas esmeraldas nas orelhas.

Assim que sentiu que tinha a atenção de Anne, Susan começou:

— Você nunca vai adivinhar quem eu vi em Piccadilly outro dia.

Ela não queria ter essa conversa enquanto eles faziam hora no sofá, mas não havia sentido em esperar mais.

— Nem vou tentar adivinhar — disse Anne, com um sorriso simpático, enquanto acariciava Agnes, que choramingava ao lado de sua cadeira.

— O Sr. Bellasis.

— Ah, o sobrinho de lorde Brockenhurst?

— O próprio. Nós o conhecemos na casa dos Brockenhurst naquele dia. Enfim, eu estava caminhando com Speer, indo me encontrar com o fabricante de luvas, e ele apareceu de repente.

— Imagine só.

Anne estava começando a entender que aquilo levaria a algum lugar, mas não sabia se era aonde gostaria de ir. Felizmente, o mordomo entrou naquele exato momento e não demorou para que todos estivessem acomodados à mesa de jantar.

Susan se conteve até o primeiro prato ser trazido e todos se servirem, mas depois não teve jeito. Assim que os criados se afastaram da mesa, ela retomou:

— O Sr. Bellasis me contou que viu você e a tia dele no escritório do Sr. Pope.

— *O quê?* — disse James, largando o garfo e a faca.

— Ah. — Susan levou a mão à boca, demonstrando um falso espanto. — Falei algo que não devia?

— Claro que não. — Anne estava muito calma. — O Sr. Trenchard se interessou por esse rapaz, então, quando lady Brockenhurst sugeriu que fôssemos visitá-lo, concordamos. Eu estava curiosa.

— Não tanto quanto estou agora — disse Oliver, e Anne notou, com desapontamento, que ele devia estar bebendo havia algum tempo antes que



ela descesse. — Por que meu querido pai tem o dobro de interesse nas atividades do Sr. Pope do que no nosso trabalho em Cubitt Town?

— Não tenho. — James estava prestes a repreender Anne, mas, de repente, ficou na defensiva, discutindo com o filho. — Gosto do Sr. Pope. Acho que os planos de negócios dele são bons e sensatos, e espero ganhar dinheiro com isso. Tenho investimentos em diversas áreas. Você já devia saber.

— Claro que sei — respondeu Oliver. — Mas eu gostaria de saber se você leva todos os gerentes desses novos negócios para almoçar em seu clube. Ou se lady Brockenhurst desfila todas as oportunidades de investimento pela sala de estar.

Isso estava irritando James.

— Gosto do Sr. Pope e o admiro. Eu queria que você tivesse metade da dedicação dele.

— Não se preocupe, pai. — Oliver tinha desistido de se controlar. — Sei muito bem que o Sr. Pope tem todas as qualidades que faltam em seu filho.

Susan decidiu não jogar mais lenha na fogueira. Sem sombra de dúvida, ela havia comprovado que, naquela discussão, o Sr. Pope tinha uma presença extremamente importante, embora misteriosa, mas achava que não devia mais insistir no assunto. Em vez disso, podia muito bem recuar e deixar seu marido ridículo fazer papel de bobo.

— Sente-se, Oliver — disse Anne, pois o filho estava de pé, apontando para o pai, feito um pregador itinerante numa feira campestre.

— Não vou me sentar! Turton! Sirva o jantar no meu quarto. É melhor eu não ficar aqui e desapontar meu pai. — Ao dizer isso, ele saiu num rompante, batendo a porta.

Houve um período de silêncio antes de Anne falar:

— É melhor fazer o que o Sr. Oliver pediu, Turton. Por favor, peça à Sra. Adams para preparar uma bandeja. — Ela se virou para a nora,

determinada a alterar o tom de voz: — Susan, há algo que você queira fazer enquanto estiver aqui, ou simplesmente vamos decidir a cada dia o que fazer?

Susan sabia o que estava acontecendo, mas ficava feliz por participar do jogo, planejando como podiam se divertir antes de voltarem a Londres.



James não conseguiu dormir naquela noite. Considerando a tranquilidade e a respiração regular de Anne, ele percebia que a esposa não ficara acordada por causa da explosão de Oliver, mas não era só isso. Anne tinha se recolhido cedo e feito questão de dormir antes que ele voltasse para o quarto, para que não tivesse a chance de ser interrogada sobre sua ida a Bishopsgate. Ele suspeitava disso, mas não podia sacudi-la e acordá-la. O que ela achava que estava fazendo? Será que James era o único membro da família que não estava tentando destruir o mundo deles? E Oliver era tão mimado... Estava com ciúme de Charles, mas, se não fosse de Charles, seria de outro. O que ele queria? O que esperava? Que o pai lhe entregasse tudo numa bandeja de prata?

James balançou a cabeça. Lembrava-se de como seu pai trabalhava quando ele era criança. De como ele próprio havia trabalhado arduamente. De como todos aqueles oficiais faziam com que ele se sentisse inferior enquanto lhes fornecia pão, farinha, vinho e munições nas ruas sujas de Bruxelas. Ele também recordava os riscos que havia corrido ao voltar. Investira seus recursos nos irmãos Cubitt e no desenvolvimento de Belgravia, o que tinha sido uma jornada aterrorizante. Noites sem dormir, dias marcados pela ansiedade, e lá estavam eles, em sua bela casa em Somerset com um miserável filho ingrato e sua esposa igualmente mimada, ambos esperando que ele, James Trenchard, os sustentasse da forma a que estavam acostumados a viver. Ele queria tanto que Sophia estivesse ali, ao seu lado...

Em sua cabeça, a considerava sua verdadeira filha, ignorando, derrubando e passando por cima das barreiras que a mantinham longe, sem se lamentar ou reclamar, simplesmente tomando o que lhe pertencia. Na verdade, ela nunca deixara o pai. Desde que a perderam, não houve mais do que alguns minutos que ele passasse acordado sem que ela estivesse presente em seus pensamentos, rindo, zombando dele, mas sempre de forma amorosa. Não pela primeira vez, ele sentiu suas bochechas molhadas com as lágrimas que escorriam por causa da perda de sua querida filha.



O restante do tempo em Glanville passou sem muitos incidentes, embora a relação entre pai e filho tenha continuado tensa. James questionou Anne sobre a visita ao local de trabalho de Charles e ela se justificou dizendo que sabia que lady Brockenhurst ia lá e lhe pareceu inteligente fazer parte do grupo. Dessa forma, poderia contornar qualquer constrangimento, caso a condessa fosse indiscreta, mas esse não tinha sido o caso. James foi obrigado a admitir que isso parecia bastante sensato e não a pressionou mais, embora sentisse que Anne estava se acostumando com a ideia de que em breve chegaria o dia em que a verdade seria revelada. Nesse meio-tempo, ela passeou com a cadela no parque, conversou sobre a próxima estação do ano com o jardineiro e foi dormir cedo.

Susan tentou arrancar alguma informação, mas Anne era muito mais inflexível do que ela gostaria, e não tinha a intenção de deixar escapar nem uma centelha.

— Mas deve haver algum motivo para o interesse do Sr. Trenchard no Sr. Pope — arriscou Susan certa vez, enquanto elas percorriam juntas o caminho dos limoeiros, com Agnes correndo logo atrás. — Ainda mais se lorde e lady Brockenhurst obviamente sentem a mesma coisa. Estou curiosa.

— Então vai continuar curiosa, porque não posso ajudá-la. Gostam do rapaz e acham que ele vai recompensar seus investimentos. Só isso.

Susan era esperta o bastante para saber que nem de longe era só isso, mas não conseguia pensar em como poderia descobrir mais informações. Tentou arrancar algo de Ellis, que se recusou com firmeza a falar algo. A criada tinha seu orgulho. Não seria comprada pelas graças da Sra. Oliver.



Quando retornaram a Londres, pai e filho tinham voltado a se falar, embora claramente a ferida ainda doesse. De sua parte, Susan havia sobrevivido ao mês que passara no campo e estava tentando decidir como aumentar o pouco que descobrira quando contasse a John.

Não precisou esperar muito tempo para receber um bilhete sugerindo que ela e John se encontrassem por acaso no Green Park, então saiu acompanhada de Speer.

— Mas quando você diz importante, quão importante realmente é? — perguntou John, com impaciência. — Sei que ele é importante para o Sr. Trenchard, mas quero saber por quê.

— Deve ter algo a ver com o negócio dele, suponho.

— Besteira. — Ele balançou a cabeça. — Qualquer um é capaz de perceber que há mais investimento nisso do que apenas dinheiro.

Susan sabia que ele tinha razão.

— Oliver ficou furioso com tudo isso. Ele acha que está sendo deixado em segundo plano por causa desse zé-ninguém.

— Sou sempre solidário ao seu marido, minha querida — disse John, no auge do sarcasmo —, mas a raiva dele não me ajuda em nada agora.

— Não.

Susan sabia que não estava oferecendo o que ele lhe pedira, o motivo pelo qual tinha enfrentado aquelas intermináveis semanas em Glanville, mas

havia outra coisa que começara a perturbá-la desde o último encontro deles no Hotel Morley's. Pretendia abordar o assunto ali, naquele momento, mas, ao notar o aborrecimento de John, achou que seria melhor deixar para lá. Mas não poderia fazer isso indefinidamente.

Ele olhou para ela.

— Qual é o problema? Você parece preocupada.

— Pareço? — Ela balançou a cabeça de modo infantil. — Não é nada.

Mas era mentira. Como ela sabia muito bem.



John seguiu Susan até em casa, na Eaton Square. Mas ela não percebeu. Estava muito ocupada conversando com Speer, ordenando que ela lhe trouxesse algumas fitas, um pedaço de tecido, qualquer coisa que funcionasse como uma boa justificativa a Oliver para elas terem passado a tarde toda fora.

Ele esperou na esquina, parado debaixo de um poste de luz, na esperança de que Ellis conseguisse escapar por um minuto. Ficara frustrado com as poucas informações que Susan tinha conseguido em Somerset, apesar de não ter esperado muito mais. Ele, aliás, tinha dado a Ellis a tarefa de falar com a criada de sua tia, Dawson, que devia conhecer a maioria dos segredos da família. Ele dissera a Ellis quando e onde estaria na praça e, por fim, quando o sol começava a se pôr, ela apareceu. Viu John esperando na esquina e caminhou na direção dele.

— E então? — perguntou John. Não havia necessidade de gentilezas.

— Ah, senhor — disse ela, retorcendo as mãos de forma servil. — Acredito que não tenho nada muito útil para relatar.

— Você deve ter alguma coisa.

— Temo que não, senhor — continuou Ellis. — A Srta. Dawson realmente não é o tipo de mulher que pensamos que fosse.

— Quer dizer que ela é leal aos patrões?

John se mostrou tão incrédulo que Ellis quase riu. Mas conteve a risada a tempo.

— Parece que sim, senhor.

Ele suspirou ruidosamente. Alguém, em algum lugar, devia saber algo sobre aquele rapaz. Era só parar para pensar.

— Tenho uma tarefa para você.

— Claro, senhor. — Ellis sempre gostava de parecer prestativa, mesmo sem ter muito o que fazer para melhorar as coisas. Isso aumentava as gorjetas.

— Peça para Turton me encontrar de novo. No lugar de sempre. Amanhã às sete da noite.

— O Sr. Turton gosta de estar de volta às sete, para se preparar para o jantar.

— Então às seis. — Ele havia tentado do jeito das mulheres, das criadas fofoqueiras e noras curiosas, e não tinha funcionado. Era hora de repensar. — E não esqueça.

Antes que ela protestasse dizendo que não esqueceria, ele já se afastava pela calçada.



Charles Pope enfrentava um dilema, perto do Round Pond em Kensington Gardens. Em sua mão havia uma carta que fora entregue em seu escritório. Ele a revirava sem parar, observando a letra fina e precisa. Fazia algum sentido estar ali? O que ele conseguiria além mais problemas? Maria Grey escrevera para ele, pedindo que fosse visitá-la na casa de sua mãe em Chesham Place, mas ele recusara. Um homem de sua posição não poderia visitar uma moça do status dela, ainda mais quando ela já era comprometida. Em vez disso, mandou um bilhete sugerindo que se encontrassem no Round Pond, às três da tarde. Era um lugar público, e não haveria nada impróprio se eles se esbarrassem enquanto passeavam, certo?

Só que já era quase a hora marcada e ele estava perdendo a coragem. Como poderia alegar que a amava se arriscaria a reputação dela desse jeito? Mas mesmo se questionando isso, sabia que precisava vê-la de novo.

Quando ele chegou ao lago, um vento forte soprava. A água estava agitada, com pequenas ondas quebrando nas laterais e respingando em seus pés. Apesar da brisa, havia muitas senhoras passeando, algumas em grupos de duas ou três, e crianças pequenas corriam por ali, ziguezagueando entre elas. Alguns meninos mais velhos disputavam quem ia pegar a pipa vermelha no chão, e, atrás deles, as babás estavam reunidas, nervosas, algumas empurrando bebês nos carrinhos, enquanto outras os carregavam no colo.

Ele se sentou num banco e observou os patos nadando, o tempo todo olhando ansiosamente ao redor, examinando o rosto de quem passava. Onde ela estava? Talvez tivesse decidido não vir. Já haviam se passado vinte minutos da hora marcada. Estava evidente que ela havia desistido de tudo aquilo. Tinha conversado com alguém, a mãe ou a criada, e elas a fizeram perceber como o plano era louco. Ele se levantou. Claramente estava fazendo papel de bobo. Aquela menina bonita e refinada estava fora de seu alcance. O que ele estava fazendo além de perder tempo?

— Desculpe!

Ele se virou e lá estava ela, usando um terninho de tweed leve e simples, e segurando seu chapéu.

— Tive que correr. — Ela sorriu. Seus olhos brilhavam e suas bochechas estavam coradas enquanto ela recuperava o fôlego. — Escapar de Ryan foi muito mais difícil do que pensei.

Então riu, porque ele estava ali esperando, e ela não o perdera como temia, e tudo estava maravilhoso outra vez. Ela se sentou no banco e ele se acomodou ao seu lado.

— Você veio sozinha? — Charles não teve a intenção de soar tão chocado quanto de fato se sentia, mas ela estava brincando com a própria reputação.

— Claro que vim sozinha. Você acha que minha mãe me deixaria sair se tivesse qualquer suspeita de aonde eu estava indo? E não posso confiar em Ryan. Ela conta tudo o que faço para minha mãe. Você tem tanta sorte, Sr. Pope, de ter nascido homem...

— Fico muito feliz que você não tenha nascido homem. — Era a coisa mais ousada que ele tinha dito a ela, e ficou em silêncio diante da coragem que teve.

Ela riu outra vez.

— Talvez. Mas estou bastante orgulhosa de mim mesma hoje. Despistei minha criada e peguei uma carruagem sozinha pela primeira vez na vida. Que tal?

Ele não conseguia se livrar da sensação de que a estava colocando em perigo.

— Mas não sei que bem pode surgir do nosso encontro. Para você, claro. Correu um grande risco vindo aqui.

— Você, sem dúvida, admira pessoas que correm riscos, não é, Sr. Pope? — perguntou ela, observando os patos.

— Eu não admiraria um homem capaz de permitir que sua amada sacrifique a própria reputação. — Ele não percebera que havia se referido a ela, por insinuação, como “sua amada”.

Mas tinha feito isso.

— Por que estou noiva? — perguntou Maria, baixinho.

— Sim, você está noiva. Mas mesmo que não estivesse... — Ele suspirou. Era hora de trazer um pouco de realidade ao mundo dos contos de fada. — Não sou o tipo de homem que lady Templemore algum dia consideraria um pretendente adequado a pedir sua mão.

Com isso, ele pretendia interromper o desenrolar das coisas, mas, pelo contrário, abriu mil possibilidades.

— Você é um pretendente à minha mão? — questionou ela, encarando-o.



Ele retribuiu seu olhar. Que sentido havia em mentir naquele momento?

— Lady Maria, eu enfrentaria dragões, andaria sobre carvão em brasa, entraria no Vale da Morte, se achasse que teria alguma chance de conquistar seu coração.

Por um instante, ela foi silenciada por essa declaração. Tinha crescido num mundo diferente do dele e estava acostumada a discursos floreados, mas não apaixonados. Começou a entender que tinha despertado naquele homem sincero um amor que ele não conseguia controlar. Ele a amava com toda a sua alma.

— Meu Deus — disse ela. — Parece que avançamos muito com apenas algumas frases curtas. Por favor, me chame de Maria.

— Não posso. E lhe contei a verdade porque acredito que é o que você merece, mas acho que não podemos fazer isso acontecer, mesmo supondo que você quisesse.

— Quero fazer isso acontecer, Sr. Pope. Charles. Fique tranquilo quanto a isso.

Ela se lembrou da difícil e empolada conversa que tivera com John Bellasis na sala de sua mãe e, impressionada, comparou as duas cenas. Isso é que é amor, pensou, não aquela mistura absurda de anedotas educadas e bobas, elogios nada sinceros.

Charles não falou mais nada. Simplesmente não se atrevia a olhar para o rosto bonito, esperançoso e orgulhoso dela, por medo de se perder de vez. E, independentemente do que ela dissesse, com certeza acabaria partindo o coração dele. Mesmo que não quisesse fazer isso, mesmo que estivesse determinada a ficar com ele, apesar de tudo e de todos, era assim que acabaria. Ela poderia lamentar seu destino por ter nascido mulher, mas ele lamentava o dia em que nascera o primo órfão de um vigário do interior.

Uma pessoa caminhando pela Broad Walk chamou a atenção dele.

— Aquela não é a sua mãe? — perguntou Charles de repente, levantando-se num pulo.

Havia algo na silhueta da mulher, seu jeito enérgico de impaciência, que ele reconheceu da sacada dos Brockenhurst durante aquela festa. Ele se lembrava de que ela havia parado no limiar da porta, exalando reprovação. Naquele instante ele soube que lady Maria Grey estava além do seu alcance.

Ela ficou pálida.

— Ryan deve ter voltado direto para casa e contado que eu a despistei. Imagino que tenha escutado para onde mandei a carruagem ir. Você precisa sair daqui agora.

— Não posso — retrucou ele. — Não posso deixar que você leve a culpa.

Ela balançou vigorosamente a cabeça.

— Por que não? A culpa é minha. E não se preocupe. Ela não vai me morder. Mas este não é o momento certo para você ser apresentado como meu amante. Você sabe que tenho razão. Então, vá.

Ela segurou a mão dele e a apertou, em seguida Charles se afastou pelo caminho de cascalho e sumiu em meio aos arbustos ao longe.

Lady Templemore tinha chegado.

— Quem era aquele homem?

— Ele estava perdido. Queria encontrar o Queen's Gate.

Ela foi muito convincente. Lady Templemore se sentou no banco.

— Minha querida, acho que está na hora de termos uma conversinha.

Charles não ouviu nada do que as duas disseram, embora fosse capaz de adivinhar o assunto. Ele não se importava. Enquanto apressava o passo e voltava para Kensington Gore, os sentimentos o sufocavam. Nada realmente importava, não mais. Ela o amava. E ele a amava. Ela o reconhecera como seu amante. Isso era tudo de que ele precisava saber. Mesmo se ela o magoasse, teria valido a pena por aquele momento. O que aconteceria depois, ele não tinha como adivinhar, mas estava apaixonado e era correspondido. Por enquanto, isso bastava.

## Capítulo 8

# *Uma renda para a vida*



John Bellasis se preparou antes de entrar na casa dos pais na Harley Street. Ele não tinha certeza de por que detestava tanto aquele lugar. Talvez por ser muito pobre se comparado ao esplêndido palácio de sua tia na Belgrave Square. Talvez porque o fizesse lembrar que suas origens não eram tão requintadas como deveriam ter sido. Ou talvez fosse apenas por algo mais simples: seus pais o entediavam. Eram pessoas maçantes, cheios de problemas que eles próprios inventavam e, para ser sincero, às vezes John ficava numa expectativa enorme para que seu pai saísse de cena, deixando-o como herdeiro direto de seu tio. Por qualquer que fosse o motivo, sentiu certo cansaço quando a porta se abriu e ele entrou.

Almoçar em casa com os pais não era um convite que ele normalmente aceitava com muito entusiasmo. Em geral, inventava alguma desculpa: um compromisso importante e urgente que, infelizmente, não podia ser adiado. Mas, naquele dia, ele precisava — mais uma vez — de dinheiro, então não tinha alternativa que não fosse ser cortês com a mãe, que sempre cedia ao filho e em raras ocasiões lhe recusava qualquer coisa. Não era uma fortuna, mas ele precisava de algo para poder se sustentar até o Natal, e também tinha que resolver as pendências com Ellis e Turton. Mas isso era um investimento, disse a si mesmo, confiante. Uma pequena despesa para uma grande recompensa, ou era o que ele esperava.

Não tinha certeza de que informações o mordomo e a empregada trariam para ele, mas seus instintos lhe diziam que os Trenchard estavam escondendo alguma coisa. E, nesse sentido, qualquer fato esclarecedor sobre Charles Pope e suas conexões seria útil. John apostava no mordomo. Reconhecia uma alma mercenária quando se deparava com uma, e os

mordomos tinham mais liberdade de acesso dentro de uma casa do que as criadas. Turton tinha carta branca para andar por onde quisesse, e podia pegar chaves que eram escondidas dos criados de níveis inferiores, ao passo que o território da criada era mais restrito. Claro que Turton tinha fingido surpresa e consternação durante o encontro dos dois, quando foi sugerido que ele investigasse os papéis do Sr. Trenchard, só que, mais uma vez, era impressionante como a oferta de seis meses de ganhos podia ser persuasiva.

Ao passar pela pequena sala de estar próxima à entrada da casa, John encontrou seu pai em uma cadeira de espaldar alto perto da janela, lendo o *The Times*.

— Mamãe não está? — perguntou, olhando ao redor da sala.

Se ela estivesse fora, ele poderia dispensar o almoço e ir direto à questão essencial das finanças.

O cômodo tinha uma decoração estranha. A maioria dos móveis e mesmo dos porta-retratos, com molduras douradas pesadas e temas elaborados, parecia grande demais para o local. A escala estava errada, e ficava evidente que aquelas mesas e cadeiras já tinham ocupado um lugar maior. Até os candelabros pareciam grandiosos. Tudo isso causava uma sensação de claustrofobia, e a impressão permeava toda a casa.

— Sua mãe está numa reunião do comitê. — Stephen largou o jornal. — Algo relacionado com as favelas de Old Nichol.

— Old Nichol? Por que ela está perdendo tempo com esse bando de brigões e ladrões fedidos? — perguntou John, franzindo o nariz.

— Não sei. Para salvá-los de si mesmos, sem dúvida. Você sabe como ela é. — Ele suspirou e depois coçou sua cabeça lisa. — Antes que ela volte, acho que devo dizer... — Stephen hesitou. Ele não costumava ficar constrangido, mas naquele momento estava. — Essa dívida com Schmitt continua me perturbando.

— Achei que você tivesse pagado a ele.

— Paguei. Conde Sikorsky foi generoso e me emprestou alguma quantia no início do verão, e peguei o restante com o banco. Mas já faz seis semanas, e Sikorsky está fazendo perguntas. Ele quer o dinheiro de volta.

— E o que você achou que ia acontecer?

Stephen ignorou a pergunta do filho.

— Você mencionou um agiota polonês.

— Que cobra cinquenta por cento de juros. E pegar emprestado com um agiota para pagar outro... — disse John, se sentando.

Claro que esse momento chegaria. Seu pai pegara emprestado uma quantia enorme, sem ter como pagar de volta. De algum modo, havia tentado tirar isso da cabeça, mas a situação tinha que ser enfrentada. Ele balançou a cabeça. John se considerava um irresponsável, mas, sem dúvida, mulheres eram um vício mais seguro que o jogo.

Sem esperança, Stephen olhou pela janela. Ele estava endividado até o pescoço, e era apenas questão de tempo até que se juntasse aos mendigos sujos e vagabundos na rua. Ou será que simplesmente seria arrastado para Marshalsea e preso até que pagasse? Era ridículo, na verdade. Sua esposa estava muito ocupada ajudando os pobres, quando, na realidade, seus serviços eram necessários bem mais perto de casa.

Pela primeira vez na vida, John se sentiu triste de fato pelo pai, quando o observou afundar de volta na cadeira, miseravelmente. Stephen não tinha culpa de ser o segundo filho. Conscientemente ou não, John sempre acreditara que tudo era culpa de um de seus pais. De alguma forma, era culpa deles que não morassem em Lymington Park, que não tivessem uma grande casa na Belgrave Square e mesmo que ele, John, fosse o filho mais velho do segundo filho, e não do primeiro. Ele era uma criança quando aconteceu, mas atualmente, para ser sincero, sentia que tinha sido apenas uma questão de justiça Edmund Bellasis ter morrido e o tornado herdeiro. Pelo menos uma solução estava a caminho. Do contrário, não haveria esperança para nenhum deles.

— Tia Caroline deve poder ajudar — disse John, tirando um pouco de poeira da calça.

— Acha mesmo? Você me surpreende. — Seu pai se virou e olhou para ele, com as mãos entrelaçadas, os olhos implorando. — Achei que tivéssemos desistido disso.

— Veremos. — John esfregou as mãos. — Tenho uma carta na manga, como dizem.

— Quer dizer que ainda está investigando o Sr. Pope?

— Sim.

— Definitivamente há algo acontecendo. O domínio que ele exerce sobre ela é muito estranho, até impróprio. — O rosto um pouco suado de Stephen brilhava à luz do sol, enquanto seus olhos escuros percorriam a sala. — Escreva o que digo: Caroline está escondendo alguma coisa.

— Concordo. — John assentiu, levantando-se da cadeira. Havia algo desconcertante no desespero do pai. — Quando eu conseguir alguma informação, vou desafiá-la e, ao mesmo tempo, mencionar nossa falta de recursos e lembrá-la de que somos uma família, e que famílias devem ser unidas.

— Você precisa ser cuidadoso.

John assentiu.

— Vou ser.

Stephen estava pensando em voz alta:

— Se ao menos Peregrine tivesse nos ajudado quando pedi, não estaríamos nesta situação, para início de conversa.

Isso foi demais para seu filho deixar passar.

— Se você não tivesse apostado um dinheiro que não tinha, meu querido pai, não estaríamos nesta situação. E, de todo modo, *nós* não estamos em situação alguma. Você é que está. Pelo que sei, não estou devendo a um dos agiotas mais desagradáveis de Londres.

Stephen já tinha desistido de se defender.

— Você tem que me ajudar.

— John — disse Grace, entrando pela porta. — Que bom ver você.

John olhou para a mãe. Ela estava usando um vestido simples verde-escuro, com mangas compridas e um enfeite branco de babado no pescoço. O guarda-roupa de Grace parecia ter sido montado para reuniões importantes e trabalhos de caridade. Na verdade, ela teria considerado vulgar usar a última moda para frequentar esses eventos, e sempre desaprovou as mulheres que suspiravam de preocupação pelo sofrimento dos pobres enquanto exibiam roupas que custam mais do que a renda média anual. No seu caso, claro, ela não poderia pagar por isso, de maneira alguma.

— Como está? — perguntou ela, ajeitando o cabelo, que tinha sido amassado pelo chapéu. Ela se aproximou e beijou o filho. — Quase não vimos você esse verão.

— Estou muito bem. — Ele olhou para o pai enquanto retribuía o beijo da mãe. John sempre podia recorrer ao próprio charme quando queria alguma coisa. — Como foi sua reunião?

— Desanimadora — respondeu ela, comprimindo os lábios. — Passamos a maior parte da manhã falando sobre a Segunda-Feira Negra.

— O que é isso?

— O dia de pagar o aluguel. Dizem que as filas nas casas de penhores se estendem por toda a rua.

— Casas de penhores? O que eles têm para penhorar? — perguntou John.

— Tenho a mesma dúvida — disse Grace, assentindo e sentando-se na cadeira de frente para Stephen. — Só Deus sabe, é o que posso dizer. Aliás, eu estava me perguntando se por acaso você tem novidades...

Ela encarou o filho de forma inquisidora.

— Que tipo de novidades?

— Bem, para ser bem franca, não entendemos o atraso em anunciar o noivado.



Ela assentiu para o marido em busca de apoio, mas Stephen estava muito focado nas próprias desgraças para correspondê-la.

John deu de ombros.

— Não sei nada sobre isso. Por que não pergunta a lady Templemore?

Grace ficou em silêncio, mas John não conseguiu deixar de refletir sobre as palavras da mãe. Por que ainda não tinham feito o anúncio? Mas também quão ansioso ele estava para que o casamento acontecesse? Não importava. Ansioso ou não, ele certamente não pretendia ser rejeitado.



Na realidade, uma conversa muito semelhante estava ocorrendo na sala de estar da casa de Londres de lady Templemore, localizada em Chesham Place. Aquele era um cômodo encantador, ao estilo francês, na verdade mais um *boudoir* que uma sala de recepção, pois tinha sido originalmente decorado pela mãe viúva de lady Templemore. Ela havia deixado a casa para a filha e, como o falecido lorde Templemore nunca demonstrara grande interesse por Londres, a sala permanecera praticamente como era. Porém, naquele momento havia algum assunto que claramente irritava tanto lady Templemore quanto Maria, que estavam sentadas com postura rígida uma de frente para a outra, feito duas campeãs de xadrez se preparando para uma partida.

— Vou repetir: não entendo esse atraso, pois está tudo arranjado. — As palavras de lady Templemore podiam ter sido simples, mas o tom sugeriu que ela sabia muito bem que as coisas *não* estavam nada arranjadas.

— E vou repetir: qual é o sentido de fingir que vou me casar com John Bellasis quando você sabe muito bem que não vou?

Maria nunca se descreveria como rebelde. Ela ficava perfeitamente feliz em se conformar com a maioria dos costumes e tradições, mas vira de muito

perto um casamento entre duas pessoas que não combinavam e não tinha a intenção de deixar que a mesma coisa acontecesse consigo mesma.

— Então por que você aceitou ele?

Maria foi forçada a admitir que sua mãe tinha razão. Por que ela havia aceitado John? Quanto mais pensava sobre isso, menos entendia o que poderia ter se passado em sua mente. A proposta fora apresentada a ela como uma fuga da sua situação difícil, um porto seguro. Ela sabia que a mãe estava ficando sem dinheiro e seu irmão não teria muito para gastar. Diziam-lhe essas coisas com bastante frequência. E, claro, John era muito bonito, não havia como negar isso. Mas será que ela realmente era uma pessoa tão fraca e trivial? Só podia supor que, por nunca ter se apaixonado, não tinha percebido a força desse sentimento. Mas agora percebia.

— Espero que você não esteja insinuando que encontrou outra pessoa, alguém que não conheço... e que você prefere. — Corinne Templemore pronunciou as palavras como se de fato tivessem um gosto desagradável.

— Não estou insinuando nada. Só estou lhe dizendo que não vou me casar com John Bellasis.

Lady Templemore balançou a cabeça.

— Você não está pensando direito. Depois que ele tiver recebido a herança do tio, você ficará em uma posição que lhe permitirá fazer muitas coisas interessantes. Será uma vida boa e recompensadora.

— Para outra pessoa, talvez, mas não para mim.

Lady Templemore se levantou.

— Não vou deixar que desperdice sua chance. Eu seria uma péssima mãe se permitisse isso.

Ela começou a sair da sala.

— O que você vai fazer? — A voz de Maria indicava que ela havia percebido que a mãe não tinha sido derrotada e que a situação estava longe de ser resolvida.

— Você vai ver.

Lady Templemore saiu, deixando Maria sozinha.



Turton já estava sentado à sua mesa de sempre no The Horse and Groom, com um pequeno copo de gim à sua frente, quando John Bellasis chegou. Ele ergueu os olhos assim que John entrou no bar e acenou brevemente em reconhecimento, mas não se levantou, o que, considerando suas respectivas posições hierárquicas, poderia ter alertado John sobre o que estava por vir.

John sentou-se à mesa. Estava ligeiramente sem fôlego e, o que era incomum, sentindo-se culpado.

O almoço na Harley Street tinha sido mais complicado do que ele previra e John demorara algum tempo para se recompor. No fim das contas, sua mãe não o ajudou, não porque não quisesse, mas porque não podia. Não havia nenhum dinheiro sobrando e ela não tinha nada para lhe dar. Chateado com isso, ele subira para pegar algumas coisas no seu antigo quarto e então descobriu que haviam colocado uma caixa em cima do seu guarda-roupa. Uma breve investigação revelou que continha uma tigela de ponche grande e de prata maciça, envolta em um pano de carteadado verde e enfiada debaixo de alguns livros. Ele suspeitava que a mãe, desesperada, a escondera... guardando-a para Emma, talvez? De qualquer forma, mantendo-a longe de seu marido e seu filho, e o antigo quarto dele parecia ser o lugar mais seguro da casa. Ao pensar nisso, John sentiu pena dela, mas pegou a tigela mesmo assim. Ele precisava de dinheiro imediatamente e, por isso, com dificuldade, a contrabandeou para a rua, chamou uma carruagem e, seguindo o exemplo dos moradores de Old Nichol, seguiu direto para uma casa de penhores que conhecia em Shepherd Market. Pagaram bem pelo objeto, cem libras, e, naturalmente, ele disse a si mesmo que isso era apenas temporário e logo voltaria para recuperar a tigela. Mas, ainda assim, foi a primeira vez que de

fato roubou seus pais e, portanto, precisou de um tempo para se acostumar com a ideia.

— Então — disse ele, por fim. — Tem algo para mim?

— Boa tarde, senhor — começou Turton. Embora estivesse acostumado a rejeitar ofertas e negociar bacon, carne de veado e vinho, de alguma forma sentia que este tipo de acordo exigia mais imponência. — Posso lhe oferecer algo para beber?

— Obrigado. Vou tomar um conhaque — respondeu John, remexendo-se na cadeira, pois o dinheiro no bolso parecia quase puxá-lo para baixo.

Bellasis esperava que aquele homem pomposo lhe dissesse algo que valesse a pena. Tinha coisas melhores a fazer do que perder sua tarde de quinta-feira sentado com um criado em uma taberna pouco atraente.

Turton assentiu para o outro lado do salão. O barman pegou uma grande garrafa marrom de conhaque e um copo pequeno e seguiu até a mesa. Ele serviu uma dose e deixou a garrafa ali, com a rolha meio encaixada na abertura, antes de se afastar. John bebeu em um só gole. Isso fez com que ele se sentisse um pouco melhor, aliviando a irritação causada no almoço e a culpa pelo que aconteceu depois. Para piorar a situação, seus pais não deixaram de lado o assunto Maria Grey. Mas o que ele podia fazer? A data do casamento e o anúncio nos jornais eram tarefa de lady Templemore. Servindo-se de outra dose, John pensou que a moça era bonita o bastante, mas será que ele tinha certeza de que não conseguia arranjar nada melhor? Turton tossiu de leve, interrompendo seu devaneio. Era hora de voltar aos negócios que estavam à sua frente.

— Então? — perguntou John outra vez.

— Bem — respondeu Turton, dando uma olhadela na porta.

O homem estava nervoso, isso era óbvio. E com razão. Eles podiam ter revogado o chamado “Código Sangrento” vinte anos antes, quando crimes cometidos por criados contra os patrões deixaram de ser classificados como traição mesquinha e passíveis de pena de morte. Mas entre as classes

dominantes ainda era uma paranoia comum a ideia de que os criados eram desconhecidos que, por confiança, tinham permissão para andar livremente por suas casas, e qualquer violação dessa confiança era uma ofensa grave e exigia consequências extremas. Turton podia não enfrentar a força, mas com certeza corria o risco de ser preso. Para ter acesso aos documentos particulares do Sr. Trenchard, ele “pegara emprestado” um molho de chaves da Sra. Frant e abriu cada gaveta da escrivaninha principal do patrão, vasculhando uma quantidade interminável de caixas antes de encontrar a chave de bronze que o Sr. Trenchard usava para abrir sua *secretaire* particular. Se descoberto, seu crime não seria facilmente perdoado.

Na verdade, Amos Turton não era desprovido de consciência. Ele havia trabalhado duro para a família durante muitos anos e tinha certa lealdade a eles. O furto mesquinho ao qual se permitiu, cortesia da Sra. Babbage, não contrariava isso. Ele simplesmente considerava esse ato um privilégio legítimo do trabalho. Abrir gavetas e vasculhar as coisas do patrão era uma questão totalmente diferente. No entanto, conforme envelhecia, Turton pensava mais em sua aposentadoria, e suas economias não estavam nem perto do que ele esperava ter acumulado àquela altura da vida. Ele havia se acostumado a determinado conforto e pretendia desfrutar dessas mesmas condições nos próximos anos. Então, quando John se aproximou dele mais uma vez, estava pronto para ouvir sua proposta.

— Não tenho muito tempo — disse John, perdendo a paciência: ou o homem tinha algo ou não tinha.

— E o dinheiro?

— Não se preocupe. — John revirou os olhos, como se para mostrar que essa era a parte mais fácil. — Está aqui.

Ele deu um tapinha no bolso do seu casaco preto. Não mencionou que só arranjara a quantia naquela tarde, a caminho do pub.

— Bem, descobri uma coisa, sim — começou Turton, enfiando a mão no bolso. John se inclinou para a frente quando o homem puxou um

envelope marrom antigo. — Estava trancado em uma das gavetas menores, que tem uma chave própria. — John não disse nada. Por que ele se importaria com os detalhes? — É uma carta que menciona uma criança chamada Charles. — John se empertigou. Estava prestando mais atenção. — A carta diz que o menino está se saindo muito bem nos estudos da Bíblia, e que o Sr. Trenchard ficará feliz de saber disso.

— Estudos da Bíblia?

— Sim — disse Turton. — E o tutor espera que ele siga carreira na Igreja. O garoto parece ter aptidão para os estudos. De todo modo, é esforçado. E o remetente espera contar com os conselhos do Sr. Trenchard para o próximo passo da educação do menino, conforme houver necessidade.

— Certo — respondeu John, coçando a cabeça, tentando pensar.

Turton esperou um instante, para garantir o máximo de efeito.

— A carta é assinada pelo reverendo Benjamin Pope, mas o garoto não é filho dele.

— Por que está dizendo isso?

— Tem algo no modo que ele narra as notícias sobre os progressos do garoto para o Sr. Trenchard. Ele escreve como se fosse um funcionário fazendo um relatório.

— Mas eu achava que o Sr. Trenchard só tinha sido procurado para dar conselhos quando Charles Pope chegou a Londres a fim de tentar se estabelecer no mundo dos negócios. Não é essa a história de como os dois se conheceram? Agora você está me dizendo que Trenchard tinha interesse no garoto e recebia informações sobre ele desde a infância?

Turton assentiu.

— Parece que sim, senhor.

— Mostre para mim.

John tentou pegar a carta, mas Turton foi muito rápido. Suas mãos magras seguraram o envelope com firmeza. Não era homem de ser enganado

e não depositaria mais confiança do que devia no Sr. Bellasis. Ele queria o seu dinheiro e queria naquele momento.

— Se você colocar a carta na mesa, eu coloco o dinheiro — afirmou John.

— Claro, senhor.

Turton sorriu ao largar o envelope, ainda com a mão firme sobre o papel. Ele observou John sacar do bolso um grande maço de notas e contá-las debaixo da mesa. A taberna The Horse and Groom não era um lugar para damas, e vinte libras, o preço combinado para qualquer informação substancial sobre Charles Pope, não era um valor que alguém exibisse abertamente em qualquer estabelecimento. Alguns homens matariam por muito menos.

John empurrou com discrição o dinheiro em cima da mesa.

— Muito obrigado, senhor — disse Turton, largando a carta ao mesmo tempo.

John abriu o envelope e começou a analisar o conteúdo, os lábios se movendo ligeiramente enquanto verificava as informações que Turton lhe dera. Isso provava que Charles Pope tinha uma conexão com Trenchard desde anos antes de seu acordo de negócios. Era uma prova de que Charles não estava contando toda a história, pressupondo que soubesse a verdade. Então, John passou a suspeitar que Charles Pope fosse filho de Trenchard, mas já lhe parecia estranho que a ideia não tivesse lhe ocorrido antes. Ele virou o papel e observou o envelope.

— Onde está a outra página? — perguntou, olhando para Turton.

— Outra página, senhor?

— Não banque o esperto comigo! — A vergonha anterior de Charles tinha se misturado com o conhaque e ele estava perigosamente prestes a ficar furioso. — A primeira página. A que tem o endereço do remetente. Onde o reverendo Pope mora?

— Ah, essa página, senhor. — Turton sorriu, quase como se pedisse desculpas. — Receio que essa página vá custar mais vinte libras.

— Vinte libras! — exclamou John, quase pulando da cadeira. Sua voz estava tão alta que metade do bar se virou para encará-lo.

— Seria melhor falar baixo, senhor — sugeriu Turton.

— Você é um canalha! — disparou John. — Um canalha, puro e simples!

— Pode ser, senhor, mas minha proposta permanece a mesma.

— Para o inferno com sua proposta! — esbravejou John.

— Então, se me der licença, Sr. Bellasis — respondeu o mordomo, levantando-se da mesa. — Tenho assuntos a resolver. Tenha um bom dia, senhor.



Não eram apenas John e Stephen Bellasis que estavam no rastro de Charles Pope. Oliver Trenchard também fazia uma investigação. Quando se deitava na cama à noite, ficava inquieto. Por que aquele idiota estava roubando sua vida? Quem era aquele homem tão favorecido pelo seu pai? Na verdade, embora ele achasse que se ressentia de cada centavo dado a Charles, o que realmente o magoava era a atenção que seu pai lhe dedicava; o evidente interesse e o carinho que sentia por Charles Pope é que estavam enlouquecendo Oliver. Sabia que ele próprio era uma decepção. Ele se convencera de que seu pai teria ficado decepcionado com qualquer filho. Mas descobrira que essa hipótese era mentira.

Ele devia ter esperado por isso. Nunca demonstrara interesse algum pelas conquistas do pai. Ele queria as mesmas coisas que James: dinheiro e um lugar na sociedade, mas não estava preparado para trabalhar por isso. Oliver não se importava com as atividades da empresa e não tinha vontade alguma de ver o projeto de Cubitt Town se concretizar. Ele fazia as coisas de modo



automático, mas estava ciente dos olhares que William Cubitt lhe lançava quando estavam juntos. Mesmo sabendo que seu pai tinha se arriscado para arranjar um trabalho mais interessante para ele, isso não lhe despertava nenhum entusiasmo. Para começar, sempre planejara vender os ativos dos negócios do pai assim que ele desse seu último suspiro. Mas isso devia envolver mais de suas emoções do que ele próprio se dava conta, porque não havia dúvida: ele estava com ciúmes. Com ciúmes de Charles Pope e do carinho que seu pai tinha por esse intruso. Ele se convencera de que era pelo dinheiro, uma questão de proteger o que era seu, mas não. Não mesmo. De alguma maneira distorcida, era por amor, embora ele nunca fosse admitir isso. Oliver Trenchard, pela primeira vez na vida, estava motivado. Ele estava determinado a descobrir quem era aquele novo-rico e, se pudesse, iria destruí-lo.

James nunca foi de falar muito sobre seus diversos investimentos, e seu papel nos negócios de Charles Pope não era exceção. Pope tinha comprado uma tecelagem. James estava tentando ajudá-lo na organização. Essa era a única informação que Oliver conseguiria arrancar dele. No fim, foi um comentário casual de sua mãe, enquanto passeavam com Agnes pelos jardins de Glanville, que chamou a atenção de Oliver. Na verdade, ela parecia saber mais sobre Charles Pope do que ele pensara. Por alguma razão, os dois estavam comentando sobre a nova versão do futebol que tinha sido inventada na Escola de Rugby durante o período em que o grande Thomas Arnold era diretor.

— Embora eu nunca tenha jogado, nem tido vontade — disse Oliver —, me parece um jogo desconexo e violento.

— Você devia perguntar ao Sr. Pope. Ele estudava em Rugby na época em que Dr. Arnold era diretor.

Anne achava que não tinha nada de muito perigoso em revelar isso e, numa tarde como aquela, agradava-lhe falar sobre Charles. De qualquer

maneira, a revelação de sua ligação com os Brockenhurst eclodiria em breve, e Oliver saberia a verdade.

— Como você sabe?

— Seu pai me contou. Ele se interessa pelo Sr. Pope.

Oliver suspirou.

— E eu não sei?

Mas Anne não falou mais nada sobre o assunto, apenas parou para pegar um pequeno graveto que tinha jogado para a cadela buscar. Eles estavam se aproximando da maravilhosa parede curva de pessegueiros que ela tinha restaurado. Era inverno e não havia frutas, mas ainda ficava muito bonita à luz do início da noite. Ela olhou para baixo a fim de verificar se Agnes ainda estava com eles.

— Adoro essa parede.

Oliver não ia se distrair.

— E onde mais o Sr. Pope estudou?

— Em Oxford. Lincoln College, acredito.

— E depois? — Oliver tomou o cuidado de controlar seu tom de voz, escondendo a raiva que sentia.

— Queriam que ele se dedicasse à Igreja, mas seus talentos eram mais adequados às transações comerciais, então ele se candidatou a um emprego no banco Schrodgers, onde se saiu bem. Foi então que o pai dele pediu conselhos a James, que passou a se interessar pelo menino.

— E meu pai, sem dúvida, gostou do que encontrou. — Oliver se esforçava para manter a amargura distante de sua voz. Quanto mais ouvia sobre a ascensão meteórica daquele rapaz, menos gostava dele. Charles Pope parecia ter muita sorte, uma ótima cabeça para números e amar seu trabalho. — Suponho que foi assim que ele arranjou dinheiro para a tecelagem.

— Ele conseguiu algum dinheiro, sim. E, quando quis andar com as próprias pernas, encontrou uma fábrica à venda em Manchester, e James entrou como seu mentor.

— Tenho certeza de que o Sr. Pope ficou muito agradecido ao meu pai.

— Acho que sim.

Anne se perguntou o que Oliver diria quando descobrisse que tinha um sobrinho. A princípio, seria estranho. Não havia sentido em negar isso. Não só porque tinha certeza de que ele ia querer proteger a memória de Sophia. Mas, no fim, sabia que os dois iam se entender. Isso se a família continuasse tendo contato com o rapaz. Ou seria simplesmente um show dos Brockenhust do início ao fim?

Era verdade que Anne gostava de falar sobre esses detalhes, pois ela mesma acabara de descobri-los. Durante algumas noites tranquilas em Glanville, quando eles tinham se recolhido nos quartos, ela conversava com James, pedindo que ele lhe contasse tudo o que sabia sobre seu neto. E James, para poder finalmente se desculpar com a esposa, concordava em falar. Ele queria se retratar por tê-la enganado durante todos esses anos. Ele não tinha a natureza de um homem desonesto, e era um alívio se livrar desse fardo. Então ela ouviu a história de como James manteve contato com o vigário durante toda a infância de Charles, recebendo notícias sobre sua educação, seus talentos e pontos fracos, conhecendo o menino de modo geral, mesmo que a distância. Mas, atualmente, Anne sentia que também o conhecia.

Ela olhou para o céu.

— Acho que vai chover. Vamos entrar? Agnes odeia chuva. Todos os dachshunds odeiam.

Eles seguiram pelos caminhos de cascalho em direção à casa, enquanto Anne falava sobre seus novos projetos para o jardim. A cadelinha corria atrás deles, e, enquanto conversavam, Oliver pensava em como podia usar o que ouvira para ajudá-lo em seu plano de destruir Charles.

Não choveu e, mais tarde naquele dia, Oliver saiu para cavalgar. Havia algo no ritmo do cavalo que parecia solucionar qualquer problema. E enquanto trotava de volta para casa no crepúsculo, ele decidiu que poderia

ser uma boa ideia visitar Manchester. Se havia algo a ser descoberto sobre Charles Pope, devia procurar na cidade onde o rapaz tinha feito suas primeiras incursões para investir em um negócio. Qual era sua reputação por lá? Aquele sujeito parecia bom demais para ser verdade.

— Manchester? — questionou Anne, quando se reuniram naquela noite para jantar.

— Por que você quer ir a Manchester? — perguntou James.

Oliver sorriu diante da incredulidade deles.

— Preciso visitar algumas pessoas. Eu gostaria de investigar mais alguns fatos antes de falar sobre elas.

— Até para nós? — Anne estava bastante intrigada.

— Até para vocês.

— Você está planejando abandonar Cubitt Town? — questionou James, mal conseguindo suportar a constatação de que tinha passado pelo constrangimento de arranjar em vão o trabalho para Oliver.

— Claro que não. Não se preocupe.

Mas todos estavam ainda mais interessados, porque ele não lhes deu nenhuma pista. Naquela noite, na cama, Susan perguntou, ao apagar a vela:

— O que você realmente vai fazer em Manchester?

— Cuidar dos meus negócios — respondeu ele, e rolou de lado para dormir.



Ele viajou pela nova ferrovia de Londres a Birmingham, que fora inaugurada quatro anos antes e saía da Estação de Euston. Ele a conhecia bem o bastante, pois a magnífica estrutura de vidro e ferro forjado tinha sido construída por William Cubitt, e Oliver estivera presente na inauguração, em julho de 1837. Mas a viagem de cinco horas e meia tinha sido exaustiva,

pois ele ficara sacolejando no vagão e se incomodara com a fuligem que ficava ao redor da carruagem e entrava sempre que ele abria uma janela.

Ele pegou uma conexão ainda mais desconfortável de Birmingham para Derby e, de lá, percorreu o restante do caminho numa carruagem. Quando chegou ao Queen's Arms, na Sackville Street, sentiu como se tivesse atravessado um continente, mas havia certa satisfação no fato de ter feito isso.

Encontrar a tecelagem de Pope foi menos difícil do que ele receara que fosse. Na manhã seguinte, seguiu para a Portland Street, que, segundo lhe contaram, era o centro da produção de algodão, e ali, entre os armazéns e fábricas elegantes e recém-construídos, ele pediu informações e lhe indicaram a David Street e um grande edifício de tijolos vermelhos com a placa da Tecelagem de Girton. Ele entrou e esperou o gerente, um homem pequeno com um casaco reluzente de tão usado, que se apresentou como Arthur Swift. Sim, aquela era a tecelagem do Sr. Pope. Não, o Sr. Pope estava em Londres. Ele podia ajudar?

Oliver explicou que era amigo de Charles Pope e gostaria de dar uma olhada na fábrica enquanto estava em Manchester. Isso não incomodou o Sr. Swift, que se ofereceu para fazer um tour com ele. Juntos, percorreram os diversos espaços de trabalho, todos cheios de funcionários.

— As coisas parecem estar indo bem — comentou Oliver.

Swift assentiu, animado.

— Muito bem, e continuarão assim desde que a gente consiga estabelecer nosso fornecedor de algodão. Você provavelmente sabe que os planos de longo prazo do Sr. Pope incluem um fornecedor fixo no subcontinente indiano.

— Ele me disse. — Oliver observou os homens trabalhando nos teares, naquele local enfumaçado e poeirento. — Todos vocês estão contentes aqui? — perguntou ele, mais alto que o barulho do maquinário, e os homens, ao ouvirem suas palavras, interromperam o trabalho, parando os teares.

A questão foi tomada de surpresa e, a princípio, recebida com um silêncio, depois com um murmúrio de concordância. Swift olhou para ele.

— Por que o senhor perguntaria isso? — indagou. — Por que eles não estariam contentes?

Oliver balançou a cabeça.

— Por nada. Eu só estava curioso.

Mas, de repente, o Sr. Swift ficou desconfortavelmente ciente de que não tinha instruções por escrito para ser hospitaleiro com aquele tal Sr. Trenchard, e o recebera sem nenhuma evidência de sua amizade com o patrão.

— Se já viu o suficiente, senhor, é melhor eu continuar tocando meu dia. — Sua voz saiu muito firme enquanto ele acenava para que os outros voltassem ao trabalho.

Oliver entendeu que sua visita estava chegando ao fim, mas ele tinha cumprido seu papel e ficaria aguardando os resultados.

Sorridente, ele agradeceu ao guia pelo tempo tão generosamente concedido e logo voltou para a David Street. Comprou um jornal e se posicionou para observar a tecelagem. Não precisou esperar muito. Oliver havia deliberadamente feito sua visita perto do intervalo de meia hora que os homens e as mulheres teriam para jantar e, com o intuito de evitar a poeira do ar da fábrica que obstruía seus pulmões, muitos saíam para comer o que tinham conseguido tirar das parcas rações da família. Eles apareceram, piscando sob a luz do dia, e olharam ao redor, em busca de um lugar para descansar. Alguns carregavam bancos, que usaram para se sentar na calçada. Mas um homem se afastou dos demais e atravessou a rua, indo até a parede onde Oliver estava apoiado, lendo o jornal. Ele ergueu o olhar.

— Por que você perguntou aquilo lá dentro? Se estamos contentes? — questionou o recém-chegado.

Era um rapaz baixo, como todos pareciam ser, com uma barba escura e a pele pálida de quem pega pouco sol.

— Bem, vocês estão?

— Não, não estamos droga nenhuma. — O homem encarou Oliver. — Você está aqui para causar problemas ao Sr. Pope?

Os dois evitavam responder as perguntas um do outro, é claro. Mas Oliver tinha vindo de longe para descobrir tudo o que podia, e achava que não havia sentido em ser muito cuidadoso.

— Que tipo de problemas eu poderia causar?

— Apareça na taberna King's Head na Market Square às oito horas e descobrirá — disse o homem, ferozmente.

— Posso saber seu nome?

— Não se preocupe com isso. Eu estarei lá. Mas não sou a única pessoa com quem você precisa falar.

Oliver assentiu.

Estava claro que ele não ia conseguir um nome, mas por que precisava de um? Tinha feito contato com alguém que não gostava de Charles Pope, e era por isso que viajara até lá. Até então, as coisas estavam saindo conforme o planejado.

Naquela noite, encontrou facilmente a taberna, mas estava lotada e cheia de fumaça, por isso levou um tempo até acostumar a vista e observar ao redor. Antes que encontrasse qualquer coisa, sentiu a mão de alguém em seu cotovelo e ali estava seu companheiro da visita à fábrica. Ele acenou, e Oliver o seguiu até uma mesa no canto, onde havia dois homens mais velhos sentados.

— Como vai? Sou Oliver Trenchard.

Daquela vez, ele estava determinado a descobrir os nomes, e os homens dificilmente se recusariam a revelar os seus depois que ele tivesse se apresentado.

O primeiro sujeito assentiu.

— William Brent.

Ele era gordo e aparentemente bem-sucedido, mas em seu rosto vermelho havia um leve brilho desconcertante.

O segundo homem falou:

— Jacob Astley.

Ele era mais magro que seu colega, além de mais velho e ossudo.

Nenhum deles parecia uma boa companhia para passar o Natal, pensou Oliver, enquanto se sentava diante dos homens. Havia um copo à sua espera, e um grande jarro de cerveja, portanto ele se serviu.

— Muito bem, senhores. — Ele sorriu. — O que vocês têm para mim?

— Qual é sua relação com Pope? — Foi o Sr. Astley quem perguntou.

Ele não parecia sentir necessidade de sorrir de volta e normalizar a conversa, como Oliver. Ele estava ali para fazer algum negócio ou, mais provavelmente, acertar antigas contas.

— Se quer mesmo saber, um grande amigo meu investiu pesado no negócio de Pope e estou preocupado que ele possa ter grandes prejuízos.

Brent assentiu.

— Você está certo em se preocupar. Ele deveria desfazer o investimento na primeira oportunidade.

— Mas o Sr. Pope ficaria arruinado se ele desfizesse por completo o investimento. — Oliver não tinha certeza se isso era verdade, porque sabia que lady Brockenhurst poderia facilmente evitar a calamidade, mas queria medir a raiva daquele homem. E não ficou desapontado.

— Ele merece ser arruinado — afirmou Astley, levando o copo aos lábios finos.

— Posso saber por quê?

— Você sabe que ele comprou a fábrica da viúva do velho Samuel Girton?

— Sei.

— Tínhamos um acordo com essa senhora, mas ele surgiu da noite para o dia e a apavorou com histórias de decadência iminente e perigos dos quais



apenas ele poderia salvá-la, até que ela concordou em esquecer o contrato que estabelecera com a gente e vendeu a fábrica para ele.

— Entendo.

Oliver pensou naquele jovem sorridente andando pela sala de estar de lady Brockenhurst. Aquilo parecia provável?

— Não é só isso — disse Brent. — Ele engana os homens da aduaneira quando importa algodão. Ao fazer o envio, paga para o material ser desvalorizado e assim, quando é descarregado aqui, evita metade do imposto.

— Ele não é confiável — comentou Astley. — Diga para seu amigo retirar o investimento enquanto ainda há tempo.

Oliver olhou para o homem que o tinha chamado para ir lá e perguntou:

— Qual é sua ligação com isso?

O sujeito fez uma careta.

— Estava tudo certo para que eu fosse o gerente da fábrica se o Sr. Brent e o Sr. Astley a tivessem assumido. Pope sabia disso, mas me contratou para trabalhar em um tear, junto dos outros pobres tolos que não sabem nada.

— Por que você aceitou o trabalho? — indagou Oliver.

— O que mais eu podia fazer? Tenho uma esposa e quatro filhos para alimentar. — Ele cerrou o maxilar de raiva. — O Sr. Pope me disse que era para aliviar o golpe pela vaga que não tinha dado certo.

— Mas você acha que não foi por isso?

O homem negou a cabeça.

— Pope não tem nenhuma bondade. Agiu para me humilhar quando eu não tinha alternativa a não ser me submeter a isso.

Oliver olhou para eles. Não havia provas para a última denúncia, é claro, ele era obrigado a admitir isso, mas podia usar a ameaça à senhora e o fato de ter enganado os aduaneiros, acusações que afetariam mais o seu pai.

— Quanto disso vocês estão dispostos a escrever? — perguntou.

Brent olhou para seu colega.

— Não testemunhámos num tribunal. Não volto à corte por ninguém.

Oliver assentiu.

— Isso está entendido. Preciso de informações para convencer meu amigo. Mas não vamos parar no tribunal. Na pior das hipóteses, ele pode arcar com a perda do que já investiu. Mais do que tudo, quero que ele saia do negócio e não dê mais dinheiro algum.

Brent se convenceu.

— Podemos ajudar com isso. — Ele olhou para Astley para confirmar que estava falando pelos dois. — Queremos que ele saia do negócio, mas, até isso acontecer, gostaríamos que o menor número possível de homens caísse nos truques de Pope.

— Porque ele é muito fascinante — disse Oliver. — As pessoas parecem gostar dele.

— Gostam até conhecê-lo de verdade — acrescentou Brent.



A viagem para casa pareceu menos penosa, talvez porque Oliver tinha conseguido o que queria. Duas cartas haviam sido entregues a ele naquela manhã no Queen's Arms e Oliver partiu com elas no bolso. Portanto, se sua bagagem *en route* fosse extraviada, não as perderia. Quando embarcou no trem para Londres, em Birmingham, ele estava se sentindo bastante otimista e, para o desgosto de seus companheiros de viagem, começou a cantarolar.



Lady Templemore não tinha ido ao quarto da filha com a intenção de vasculhá-lo. Ou foi o que disse a si mesma ao abrir a porta. Queria apenas

ver se tudo estava arrumado como devia. Maria saíra para passear com Ryan e os criados estavam lá embaixo, por isso parecia correto que ela fosse verificar.

Foi mais difícil manter esta postura quando ela viu a escrivaninha portátil de Maria fechada em cima da mesa sob a janela. Estava trancada, mas Corinne sabia onde a menina guardava a chave. Nunca contara a Maria que sabia onde a chave ficava escondida para o caso de a informação lhe ser útil algum dia, e na verdade já havia olhado as cartas de sua filha, mais de uma vez. Quase sem admitir para si mesma o que estava fazendo, ela abriu a gaveta dentro do armário, pegou a chave e abriu a escrivaninha portátil. A superfície de couro onde se escrevia era fechada por uma pequena trava de latão, que deslizou facilmente com o toque do seu dedo. E ali estavam as cartas de Maria. Ela as folheou. Conhecia a maior parte dos remetentes: seu filho, primos, amigos de Maria de suas duas primeiras temporadas. Mas um pequeno envelope meio amassado a surpreendeu. Embora o reconhecesse muito bem.

A carta era curta.

“Minha querida, se você vier me visitar na sexta-feira à tarde, às quatro horas, acho que podemos arranjar outra visita a Bishopsgate. Caroline Brockenhurst.”

Corinne ficou observando o pequeno quadrado de papel cor de creme. “Outra visita.” O que isso significava? *Outra* visita a Bishopsgate? Ela sabia quem trabalhava em Bishopsgate. Quando Charles Pope caminhara com Maria e sua criada, Ryan, até a biblioteca de Londres, Ryan havia relatado tudo o que ele dissera. Será que tinha descoberto o motivo para seus planos estarem começando a dar errado? E por que lady Brockenhurst estava arranjando qualquer coisa para Maria sem antes pedir permissão a sua mãe? Então pensou em lady Brockenhurst desfilando com o Sr. Pope pelos cômodos durante a sua festa. Será que era uma conspiração? Se não era esse o caso, por que Maria não dissera nada sobre o convite? Ela ficou em silêncio

por alguns minutos. Era quinta-feira. A visita estava marcada para a tarde seguinte. Ela tinha vinte e quatro horas. Com muito cuidado, recolocou a carta no lugar, fechou a escrivantina e escondeu a chave de volta. Enquanto isso, tomou duas decisões. A primeira foi de fazer uma visita à condessa, que coincidiria com a de sua filha. E a segunda a levou para seu charmoso *bonheur du jour* na sala de estar azul-clara do térreo. Uma hora depois de ter se sentado para escrever, ela tocou a campainha e entregou dois envelopes para o laçao levar em mãos a dois destinos diferentes.



Quando estavam no escritório, e não em casa, Oliver escolheu contar ao pai sobre suas descobertas. No jantar da noite anterior, depois de chegar, ele havia sido questionado sobre sua visita ao norte, mas não disse nada de significativo além de manifestar surpresa com o tamanho e a prosperidade da nova Manchester que encontrara.

Oliver achou que o choque de suas revelações pegaria seu pai desprevenido e seria mais gentil lhe dar a privacidade do seu local de trabalho, uma vez que estava despreparado. Mas, na manhã seguinte, quando o funcionário anunciou sua presença e o pai se levantou para cumprimentá-lo, James não pareceu muito perturbado ao ver o filho ali.

— É sobre Manchester? — perguntou.

— Por que acha isso? — retrucou Oliver.

— Porque você faz uma viagem misteriosa ao norte, sem dizer a ninguém o objetivo disso. Depois me faz um pedido especial para reservar algum tempo para você, sem interrupções. É óbvio que tem algo a me dizer, e acho que deve ter relação com a viagem.

Oliver assentiu. Era melhor começar.

— Tem, sim.

Ele estava tão solene que James quase riu.

— Você parece muito sério.

— Eu sou sério — respondeu Oliver, andando até a mesa do pai. Olhou ao redor da sala revestida de painéis, observando o grande mapa de Cubitt Town e o retrato de sua irmã pendurado acima da lareira. Notou que não havia uma imagem assim dele próprio. Eles nunca tinham sequer mandado pintar uma, pelo menos não desde que ele era criança. Oliver se sentou na cadeira em frente ao pai. — Tenho notícias — declarou. — E acho que você não vai gostar de ouvir.

— Ah, é? — James se recostou na cadeira. — Que tipo de notícias?

— Tem a ver com o Sr. Pope.

James não ficou muito surpreso. Já fazia tempo que desconfiava da antipatia de Oliver por seu neto. A lembrança amarga daquela tarde no Athenaeum bastava para confirmar isso. Então ficou claro que Oliver tinha ido a Manchester para vasculhar o passado de Charles. Com o vestígio de um suspiro, James assentiu.

— Continue.

— Minha viagem para o norte foi útil. Acredito que posso dizer isso. Pelo menos, espero que seja útil para você. — James se perguntou quanto tempo levaria para que ele chegasse aonde queria. — Fui ver a tecelagem do Sr. Pope.

James assentiu.

— A Girton? É um ótimo lugar, não é? — perguntou, enquanto esperava pacientemente pela revelação.

— A questão é que, por acaso, encontrei dois homens que fizeram um acordo com o Sr. Pope há algum tempo. O Sr. Brent e o Sr. Astley.

— Por acaso?

— Não exatamente. Eles ficaram sabendo que eu conhecia o Sr. Pope e me procuraram.

— Estou com a sensação de que você vai me dizer algo que não quero ouvir.

— Receio que sim. — Oliver assentiu, com tristeza. — Segundo eles, o Sr. Pope assustou a pobre viúva de quem comprou a fábrica para que ela fechasse negócio com ele, sendo que ela já havia combinado de vendê-la para outra pessoa.

— Para esses homens, provavelmente.

— Isso significa que a história não é verdadeira? — James ficou em silêncio. Oliver recomeçou: — Ele também tem o hábito de enganar os aduaneiros. Consegue desvalorizar o algodão antes que o produto seja enviado e rotulado com informações falsas, e então, quando a mercadoria chega à Inglaterra, ele se livra de metade dos impostos devidos.

— Nós pagamos impostos demais mesmo.

— Isso significa que é certo mentir e roubar? — Oliver percebia que o pai estava incomodado com o que ouvia. — Você quer mesmo investir em um homem que intimida e mente?

— Não acredito nisso. — James se levantou. Percebeu que o único objetivo de Oliver ao viajar para o norte era substituir Charles em seu afeto. O que o deixava desconfortável não eram as notícias sobre Charles, mas a percepção de que o relacionamento que tinha com o filho era ainda pior do que ele temia. — Vou perguntar a ele sobre isso — disse.

— Tenho duas cartas aqui, uma de Brent e outra de Astley. Vou deixá-las em cima da mesa. Não se preocupe. Eles não têm nenhuma vontade de testemunhar contra Pope no tribunal. Deixaram isso bem claro. Mas concordaram que você deveria saber a verdade.

— Não tenho dúvida de que se mostraram relutantes em contar as histórias deles no tribunal. — O tom de voz de James estava transparecendo impaciência e fúria.

Quem eram aqueles indivíduos sem rosto para entrar em sua vida e tentar destruir a confiança que ele tinha no homem que mais amava no mundo?

— Sei que tudo isso é muito desagradável para você, pai. Sinto muito.

— Sente mesmo? — James observou a rua movimentada lá embaixo. — Vou procurá-lo.

— Você deveria ler as cartas antes.

— Vou procurá-lo.

Seu tom informou a Oliver que era melhor levar as cartas dali. De todo modo, Oliver não estava totalmente convencido das alegações que havia transmitido. Talvez as acusações fossem verdadeiras, talvez não. Mas ele tinha certeza de que Pope iria reconhecer os nomes e apenas isso já seria condenatório. Ele só precisava fazer seu pai duvidar, no fim das contas. Mas havia compreendido mal a reação do pai às notícias.



James Trenchard não esperou muito para ir visitar o neto. Ele precisava confirmar sua inocência.

— Como foi que seu filho encontrou esses homens? — perguntou Charles, tentando manter a voz calma.

James estava sentado, mas Charles andava pelo escritório, absorvendo o que escutara.

— Não sei.

— Mas ele foi à minha fábrica? — Na verdade, já sabia disso porque seu gerente, Swift, lhe mandara um telegrama informando. — Por quê?

James deu de ombros.

— Também não sei. Ele deve ter tido algum motivo.

Ele sabia qual era o motivo. Seu filho odiava Charles e a atenção que lhe era dedicada, e James era responsável por isso, pelo menos em parte.

Charles estava furioso. Ele não tinha pedido o patrocínio de James. Gostava de ter recebido ajuda, mas não havia pedido, e naquele momento estava sendo punido pelo interesse que James tinha por ele.

— Ele deve ter tido mais do que “algum motivo” para fazer essa viagem — disse Charles. — Está evidente que tinha um objetivo muito claro para ir a Manchester. Foi para encontrar esses homens?

— Não tenho certeza. Oliver disse que esbarrou com eles enquanto estava lá. Presumo que essas alegações não sejam verdadeiras.

Mas Charles enfrentava um dilema. Ele conhecia bem Brent e Astley. Eles quase tinham conseguido comprar a fábrica da Sra. Girton por uma fração do valor e Charles aparecera bem a tempo de salvá-la de perder uma grande quantia. Em seguida, negociara para que ele mesmo comprasse a fábrica, mas a preço de mercado. Naturalmente, os dois se ressentiam dele, pois quase conseguiram fechar negócio. A trapaça nos impostos era algo mais complicado, e ele não sabia direito como acabaram descobrindo isso. A verdade era que ele tinha encomendado e pagado uma carga de algodão cru que fora enviada da Índia. Presumira que a qualidade era igual à do pedido anterior que fizera ao mesmo fornecedor, e todos os documentos foram preenchidos dessa forma. No entanto, quando a carga foi aberta, notou-se que o algodão era consideravelmente melhor, e devia ter ocorrido alguma confusão. Ele declarou a discrepância aos funcionários da aduaneira e fez o pagamento, mas o incidente tinha acontecido. Não era mentira. O que estava óbvio era que Brent e Astley sabiam que Oliver tinha ido a Manchester para criar problemas para Charles, e estavam ansiosos para lhe dar munição para isso. Claro que ele podia explicar tudo isso a James, mas este era o problema. Será que ele realmente queria colocar o Sr. Trenchard contra o próprio filho, quando era óbvio que ele, Charles, já estava no meio dos dois? Queria recompensar a bondade e o apoio de Trenchard destruindo sua família? Ele conseguira o apoio dos Brockenhurst, e por mais que perder o investimento de Trenchard acabasse diminuindo o ritmo das coisas, elas ainda poderiam ser feitas, mesmo que levasse mais tempo. Claramente Brent e Astley achavam que, se Trenchard tirasse seu dinheiro, a fábrica deixaria de operar e eles poderiam entrar e tomá-la dos oficiais de justiça, mais uma vez



por uma fração do que deveriam pagar, mas eles ficariam desapontados, independentemente do que acontecesse naquele momento.

— Eu gostaria que você me dissesse se as coisas que Oliver diz não fazem sentido ou se há alguma verdade no que ele me contou. — James estava ficando impaciente.

Charles olhou mais uma vez para as cartas, as alegações escritas em preto num papel branco.

— E entregaram isso a Oliver para que ele mostrasse a você?

— Parece que sim. Por mais que eles tenham dito que nunca testemunhariam contra você no tribunal.

— Não. Acho que não.

Por um instante, a raiva de Charles ficou quase aparente.

— Isso significa que você os conhece de outros tempos? Que não devemos levar as palavras deles em consideração? Basta dizer isso e vou informar a Oliver que as acusações são falsas.

— Não faça isso. — Charles se virou para encarar seu defensor. — Essas coisas de fato aconteceram. Não exatamente como lhe contaram, mas há alguma verdade nessas histórias. Não quero que você brigue com seu único filho por minha causa. Acredito que devemos considerar tirar seu dinheiro do negócio. Mas isso não pode ser feito de uma só vez.

Mas James tinha se levantado e estava parado perto da porta.

— Não vou tirar meu dinheiro — afirmou. — O que fez você pensar isso?

— Pois deveria. Se seu filho não está contente com nossa sociedade.

James ficou em silêncio. Era uma questão difícil. Ele mal conseguia fingir que Oliver *estava* contente quando a simples visão de Charles o deixava tão irritado quanto um tigre com dor de dente. James não queria romper com Charles, mas tampouco queria viver em guerra com o único filho vivo. Talvez ele devesse fazer Oliver achar que suas palavras tinham causado algum efeito, mas sem atrapalhar os negócios do neto. Então, depois de algum

tempo, as coisas poderiam se acalmar. Era tão complicado... Será que todos ficariam menos confusos se lady Brockenhurst simplesmente contasse? Charles interpretou seu silêncio como concordância.

— Vou pagar em parcelas e adicionar dez por cento por todo o incômodo que lhe causei.

James fez que não com a cabeça.

— Não sei de incômodo nenhum. E também não vou tirar o dinheiro.

Mais uma vez, foi tomado pela ideia de que poderia muito bem contar ao rapaz qual era sua verdadeira identidade. Gostasse ele ou não, já não estavam perto disso? Mas permaneceu em silêncio.



James Trenchard passou o restante do dia no limite, mas não porque duvidasse de Charles. O homem era obstinado, sim, disso ele tinha certeza, e provavelmente era teimoso e determinado a se virar sozinho. Sua mãe tinha sido igual. Mas desonesto? Nunca. Ele sorriu. Pensar nisso trouxe lembranças de Sophia. Ele se lembrou de sua determinação a ser convidada para o baile da duquesa de Richmond, tantos anos atrás. Nada poderia detê-la, e nada o fez. Estava tão bonita naquela noite, e confiante, radiante, apaixonada... Ele suspirou ao se sentar à escrivaninha. Claro que Charles também tivera um pai. Poderia ter herdado isso dele? Pode ser que não tenham percebido isso quando ele era vivo, mas Edmund Bellasis deve ter sido traiçoeiro para seduzir uma moça inocente, fingindo um casamento, forjando um padre. Deve ter sido alguém odioso, mas ainda assim a família foi enganada por ele. Será que havia alguma chance de Charles ter puxado a ele? Mas James balançou a cabeça. Não, esse não era o Charles Pope que ele conhecia.

Naquela noite, Anne achou que o marido estava muito quieto. Ele se sentou à mesa de jantar totalmente em silêncio, brincando com a comida, ouvindo Oliver e Susan discutirem a Manchester moderna, sem participar da

conversa. Na verdade, Oliver tinha muito a dizer sobre a Capital do Algodão. Ele estava impressionado com o que vira e falava com animação.

— Então sua visita foi bem-sucedida? — perguntou Anne.

— Acho que sim. — De repente, o tom de voz de Oliver ficou mais reservado, e ele olhou para o pai.

Susan estava participando quase tão pouco quanto James. Ela parecia muito preocupada naquela noite, embora não houvesse nenhum motivo aparente para isso. Ela mal tocou na comida e no vinho. Escutava Oliver, só que mais como desculpa para não ter que falar do que por qualquer verdadeiro interesse pelo que ele estava dizendo.

Mais tarde, quando James estava em seu quarto de vestir, com os braços estendidos enquanto Miles, seu camareiro, abria os punhos de sua camisa, a esposa bateu de leve na porta e entrou.

— Poderia nos dar licença, Miles? — pediu ela, atravessando o quarto e se sentando numa poltrona no canto, com Agnes aconchegada em seu colo.

— Claro, madame — respondeu Miles, fazendo uma reverência exagerada.

Miles tendia a ser obsequioso. Não fazia muito tempo que trabalhava para a família Trenchard, tendo deixado o frio castelo do lorde Glenair em Scottish Borders com o objetivo de se mudar para a capital pouco mais de um ano atrás. Apesar de receber o dobro de seu salário anterior, ele ainda considerava seu emprego na Eaton Square algo temporário, pois pretende se mudar para um ambiente mais refinado. Ainda assim, desempenhava suas funções com eficiência.

— Gostaria que eu voltasse depois, senhor? — perguntou ele.

— Não. Por hoje é só. Boa noite — respondeu James.

Assim que o camareiro saiu, Anne não perdeu tempo e logo perguntou ao marido o que havia de errado. Ela se levantou para ajudá-lo com os botões, deixando a cadela resmungando na poltrona.

— Você mal disse uma palavra a noite inteira. O que aconteceu?

— Você não vai querer saber.

— Quero, sim. Quero muito saber.

James contou sobre a visita que fizera a Charles.

— O que ele disse?

James balançou a cabeça.

— Disse que havia alguma verdade na história, mas que não foi exatamente como me contaram. Depois se ofereceu para devolver meu investimento com juros. Eu sei o que aconteceu. Charles não quis ficar entre mim e Oliver. Tenho certeza de que se resume a isso.

Ele pegou uma escova em sua penteadeira e a passou no couro cabeludo.

— Ele não fez nada de errado. Tenho certeza disso — declarou Anne.

Mas ela tinha o mesmo desejo de James de resolver as coisas. Talvez estivesse na hora de contar a Oliver. Ela não confiava em Susan para guardar um segredo, sendo injusta com a nora, que tinha vários segredos próprios, mas Anne achava que podia ser necessário correr o risco. Voltando para o seu quarto, enquanto refletia a respeito, ocorreu-lhe que ela poderia tirar proveito de ter um aliado.



A voz do lacaio ecoou por toda a sala de estar:

— A condessa de Templemore.

Caroline Brockenhurst ergueu o olhar.

— O quê? — disse ela, o que não foi o som mais acolhedor, enquanto lady Templemore seguia em sua direção.

Caroline, naturalmente, esperava a filha de lady Templemore e ficou aborrecida e um pouco desconfortável com a substituição. Questionou-se por um instante se conseguiria enviar um mensageiro para pedir que Maria não viesse, mas não parecia uma ideia muito realista. Ela se levantou para receber a visita indesejada.

— Que ótimo — disse, para disfarçar sua reação inicial. — Acabaram de trazer o chá. Posso lhe oferecer uma xícara?

— Obrigada — respondeu Corinne, sentando-se em uma bela cadeira Luís XV. — Vou adorar tomar um chá, assim que você me disser o que isso significa.

Após dizer isso, ela pegou a carta enviada para Maria em sua bolsa e a entregou à condessa.

Lady Brockenhurst olhou para o papel. Claro que sabia o que era antes mesmo de pegar a carta.

— Convidei Maria para tomar chá — justificou, sem pestanejar. — Ela deve chegar aqui a qualquer momento.

— Para planejar uma visita a Bishopsgate. Ou eu deveria dizer *outra* visita?

— Ela é uma ótima companheira de viagem. Você sabe disso melhor do que eu, criou Maria muito bem.

A essa altura, ela tinha servido o chá e havia uma xícara nas mãos de Corinne Templemore.

— Quem vocês visitam em Bishopsgate?

— Nós visitamos alguém em particular? — O tom de lady Brockenhurst estava muito indistinto.

O de lady Templemore, não.

— Diga-me você.

— Minha querida, tem algo incomodando você. Espero que me permita saber o que é.

Ao ouvir isso, Corinne começou a rir. A mudança de humor foi desconcertante e Caroline ficou se perguntando se sua convidada podia estar doente. Corinne enfiou a mão na bolsa e tirou uma parte dobrada do jornal.

— Pelo contrário — disse ela. — Não estou nem um pouco incomodada. Tenho motivo para comemorar, e espero que você se junte a mim. Viu o *Times* esta manhã? Ou o *The Gazette*?

— Não recebemos aqui o *The Gazette* e não li o *Times*. Por quê? O que aconteceu?

Corinne alisou o jornal e o entregou a Caroline. Lá estava. “Anunciamos o noivado do Sr. John Bellasis, Filho do Hon. e Rev. Stephen Bellasis e da Sra. Bellasis, e lady Maria Grey, filha da condessa de Templemore e do falecido conde de Templemore.” Caroline leu com atenção. Por um segundo, a esmagadora sensação de decepção quase lhe deixou sem fôlego.

— Não vai me parabenizar?

Caroline ergueu os olhos. Corinne a encarava.

— Claro. Meus parabéns. Já escolheram a data?

— Ainda não. Mas detesto noivados longos.

Antes que Caroline pudesse dizer mais alguma coisa, o laçao retornou.

— Lady Maria Grey.

A moça entrou na sala, mas ficou paralisada ao ver a mãe.

— Achei que você fosse visitar lady Stafford esta tarde. — Ela estava bem serena quando falou.

A mãe olhou para trás, tão fria quanto a filha.

— Como pode ver, mudei meus planos. Eu queria falar com lady Brockenhurst sobre o anúncio.

Maria ficou em silêncio.

— Parabéns — disse lady Brockenhurst.

Maria continuou sem dizer nada. Corinne estava ficando impaciente.

— Não seja mal-educada.

— Não estou sendo. Não digo nada porque não tenho nada a dizer.

Antes que a mãe pudesse acrescentar algo a isso, o laçao voltou.

— A Sra. Trenchard — anunciou ele, e Anne entrou na sala.

Caroline se levantou.

— Por Deus. Esta está se revelando uma tarde e tanto.

Anne ficou tão surpresa quanto sua anfitriã ao ver as outras mulheres na sala.

— Se eu soubesse que tinha visita, as deixaria a sós. Eles me trouxeram direto para cá.

— Fico feliz que tenham feito isso. — Na verdade, pela primeira vez, Caroline estava bastante contente de ver Anne, pois a tensão entre mãe e filha estava causando um desconforto cada vez maior. — Permita-me apresentar a Sra. Trenchard — disse ela. — Esta é lady Templemore.

— Acho que nos vimos na *soirée* aqui algum tempo atrás — comentou Anne, agradavelmente.

— É mesmo? Pode ser. — Lady Templemore estava tentando pensar em como sair e levar a filha junto antes que outras viagens a Bishopsgate fossem marcadas.

— Oi, Sra. Trenchard — disse Maria, usando um tom amigável pela primeira vez.

— Olá, minha querida. Espero que esteja tudo bem — falou Anne, segurando as mãos da moça.

Lady Templemore notou que estava fazendo careta para a intimidade das duas. Como Maria conhecia aquelas pessoas e fazia aquelas coisas sem o seu conhecimento? Será que aquela mulher também estava ali para marcar outra visita a Bishopsgate? Ficou com a sensação de ter perdido o controle da vida de sua filha.

— Estamos comemorando o anúncio do noivado de lady Maria.

— Ah, é? — reagiu Anne, tão surpresa quanto triste. Ela realmente não acreditava que isso fosse acontecer.

— Suiu nos jornais esta manhã — contou Corinne.

— Não devo ter visto. Vou conferir quando chegar em casa.

Mas Anne olhou para Maria, e nada no rosto da garota indicava que algo fora do comum tinha acontecido. Ela apenas olhava para a frente, depois pegou uma xícara de chá com lady Brockenhurst e bebeu.

— Vou deixá-las sozinhas — disse Anne. — Volto outra hora.

— Não, não vá. — Lady Templemore estava de pé. — Estamos de saída. Temos muito o que conversar. Maria?

Mas a garota não se mexeu. Em vez disso, falou, com calma:

— Vá você, mamãe. Quero aproveitar a chance para me atualizar das novidades com lady Brockenhurst. Ela será minha tia, você sabe.

Caroline assentiu.

— Está certo, minha querida. E você será minha sobrinha. Vá você, Corinne, e mais tarde mandaremos uma carruagem para levar Maria de volta. Ela estará em segurança conosco.

— Posso ficar — disse lady Templemore.

— Nem pensar. Você tem coisas muito mais importantes para fazer. William, por favor, acompanhe lady Templemore até a carruagem. — Ela falou como um czar dando uma ordem e ficou claro que não admitiria mais discussão.

Por um instante, pareceu que lady Templemore arranjaria briga de qualquer jeito, mas, no fim, ela mudou de ideia e saiu. O laçao a acompanhou e as outras mulheres ficaram sozinhas.

— Não vou me casar com ele, se é isso que estão pensando — falou Maria, como se estivesse defendendo sua posição, mas era claro que estava entre amigas.

— Posso dizer que fico feliz em ouvir isso? — perguntou Anne, se sentando de novo.

— E eu também — acrescentou Caroline. — Por mais que eu esteja com medo da conversa com meus cunhados. John poderia lhe oferecer uma grande posição, mas isso não é tudo e, se *eu* estou dizendo, deve ser verdade.

Elas riram, Maria com mais alívio do que qualquer outra coisa.

Então ela perguntou, corando:

— Como ele está?

Ninguém precisou questionar de quem estavam falando.



— Muito bem, acho — respondeu Caroline. — Pelo menos, não o vi desde que estive lá com vocês. Sra. Trenchard?

— Também não o vi.

Mas depois hesitou. Será que deveria falar sobre seu neto na frente de Maria, mesmo que a menina estivesse apaixonada por ele? Isso estava mais claro do que nunca, depois do que ela acabara de testemunhar.

— Prossiga — disse Caroline. — Ser misteriosa é vulgar.

— Não, não interessaria a lady Maria.

A jovem protestou na hora:

— Qualquer coisa relacionada ao Sr. Pope me interessa muito.

Mas antes que ela pudesse continuar, o laçao voltou.

— O que foi, William?

— A condessa de Templemore está lá fora em sua carruagem, milady. Está à espera de lady Maria.

— Obrigada, William — disse Caroline. — Lady Maria vai descer em um instante. — O homem foi dispensado e saiu. As três mulheres se entreolharam. — É melhor você ir, minha querida. Não faz sentido contrariá-la mais do que o necessário.

— Se vocês o virem, mandem lembranças minhas. — Maria havia aceitado que sua mãe venceria aquela rodada. — E digam para ele não acreditar no que lê nos jornais.

Um instante depois, ela já tinha saído.

— Agora, me diga — falou Caroline, voltando a se sentar.

— Muito bem. — Anne assentiu. — Recentemente meu filho visitou Manchester. Acho que foi com o único propósito de descobrir algo que difamasse Charles. Enquanto estava lá, encontrou alguns homens que se envolveram em negócios com Charles. Eles o acusaram de adquirir a tecelagem de modo escuso e de sonegar impostos.

— Não acredito nisso — afirmou a condessa.

— Nem eu, nem o Sr. Trenchard. Mas o que incomoda meu marido é que ele acredita que o motivo para Oliver ter viajado para o norte e investigar o passado de Charles é porque sente ciúme da atenção que James dá ao nosso neto. Agora Charles não quer ficar entre pai e filho.

Caroline refletiu por um instante.

— Em outras palavras, a farsa está saindo do controle e ameaçando a união de sua família. Acho... — Ela falou devagar, como se ainda ponderasse. — Acho que eu gostaria de reconhecer Charles.

— O que você quer dizer com isso?

Anne ficou com o coração na boca.

— Deixe-me falar. Sei que não há verdade nesse absurdo, mas seu filho está obviamente determinado a passar a pior imagem possível de Charles. Por alguma razão, está contra ele, e isso só vai piorar. Agora Maria Grey vai sofrer nas mãos da mãe, que está tentando obrigá-la a se casar com meu sobrinho inútil. Mas tudo isso pode ser resolvido se você nos autorizar a dar a ele um nome e uma posição e incluí-lo publicamente em nossa família. Você conhece Henry Stephenson? É o filho bastardo de um duque, mas se casou com a filha de um conde e são vistos por toda parte. Já sabemos que Maria vai lutar com unhas e dentes até conseguir ficar com Charles. Lady Templemore não ficará satisfeita, é claro, mas vai lutar com menos garra quando souber que estamos por trás da união do casal e que sua filha será sempre bem-vinda nesta casa. Minha querida, por favor, pense. Uma vida boa está à espera de Charles se você me permitir oferecer isso a ele. Vamos deixar que esse negócio seja a crise que nos levará a uma solução.

Foi um belo discurso, e cada fibra do corpo de Anne se posicionava contra, mas, enquanto ouvia, ela foi forçada a reconhecer que havia lógica nas palavras da condessa. James não concordaria, mas que argumentos tinha ali, naquele momento?

— Você pretende fazer algum anúncio?

Lady Brockenhurst quase riu.

— Claro que não. Simplesmente vou deixar a história escapar. Vou admitir, em particular, que Charles é filho de Edmund, e será só isso. — Caroline sorriu, impressionada com a própria decisão. — Claro que temos pouco tempo. Preciso informar lorde Brockenhurst e há a questão de como vamos dar a notícia a Charles...

Ela uniu os dedos e andou até a porta da sacada, que estava aberta.

— E quanto a Sophia? — perguntou Anne.

— Verdade. — A condessa assentiu. — Temos que pensar sobre o que fazer em relação a Sophia.

— Quando você disser a Charles que Edmund era seu pai, ele vai fazer perguntas sobre a mãe.

— Não seria melhor não dizer nada a ele? Você não preferiria manter o nome da sua filha em sigilo?

Anne olhou para ela.

— Apagá-la completamente da história, você quer dizer?

— Só estou pensando no filho dela. Ele pode ter uma vida boa e próspera, com um excelente casamento e o melhor da sociedade. Claro que você vai dizer que essas coisas não importavam para ela...

— Não. — Um impulso forçava Anne a ser sincera. — Não. Essas coisas importavam para ela, sim. Ela apreciaria o que você quer fazer por Charles.

Lady Brockenhurst sorriu, com mais gentileza que de costume.

— Isso é generoso da sua parte. E fico tocada. Estamos combinadas, então?

— Tenho que falar com James — disse Anne.

Mas ela já sabia que nada que eles dissessem faria diferença.



Quirk a levou de volta a Eaton Square. Mais tarde comentou com os outros, no andar de baixo, como ela ficou silenciosa e pensativa durante o curto

trajeto. Ela passou o tempo todo sentada, olhando fixamente à frente, perdida nos próprios pensamentos.

Quando chegaram em casa, Anne seguiu direto para a biblioteca de James e o encontrou lendo à mesa.

— Ela vai contar a ele — falou, quase retorcendo as mãos em agonia. — Lady Brockenhurst vai reconhecer Charles como seu neto. Ela diz que podem sobreviver ao fato de ele ser ilegítimo. A sociedade vai aceitá-lo se virem que ele faz parte da família Brockenhurst. Ela até já escolheu sua noiva.

— Charles nunca aceitaria isso.

— Não. — Ela ergueu a mão, obrigada a ser sincera de novo. — Ele a ama. E eu também gosto dela, se quer saber. É encantadora. Mas ela vai distanciá-lo ainda mais de nós.

Ele olhou para o fogo.

— E Sophia? Qual é o papel dela nessa história feliz?

— Lady Brockenhurst acha que ela não deve ter papel nenhum. Ele será filho de Edmund Bellasis e a mãe será uma amante misteriosa, que desapareceu na poeira do tempo. Desse jeito, a reputação de Sophia ficará segura e não pagaremos por isso.

James encarou a esposa.

— Então ele estará perdido.

Ela ficou sem entender.

— O que você quer dizer com ele estará perdido? Charles? É Sophia quem estará perdida.

— Não. — James balançou a cabeça. Como é que sua esposa, normalmente tão esperta, não enxergava a verdade? — Ele estará perdido *para nós*.

— Em que sentido?

— Se ele for reconhecido como um Bellasis, então, pelo bem da nossa filha e, na verdade, por tudo o que está em jogo, temos que sumir nos

bastidores e não tentar mais incluí-lo em nossa vida.

— Não.

Anne percebeu que havia lágrimas escorrendo pelo próprio rosto. Devia estar tudo bem claro na cabeça dela também, então James continuou:

— É verdade. Se a condessa mantiver sua palavra e não envolver o nome dela, então devemos a Sophia que sua memória seja protegida. Quanto mais o virmos, maior será o risco de alguém fazer a conexão. Se amamos nossa filha, temos que abrir mão do nosso neto.

A onda de sofrimento foi avassaladora. Anne sentiu como se sua linda e determinada filha estivesse morrendo de novo.

James segurou a mão dela, tentando lhe dar força para suportar o golpe.

— Perdemos Charles para sempre para a família Brockenhurst. Vamos desejar que ele seja feliz e seguir nosso caminho.



John Bellasis estava furioso. Ele detestava ser encurralado, mas, acima de tudo, odiava o fato de que um criado, um *mordomo*, tivesse levado a melhor sobre ele. John se considerava um homem do mundo: esperto, inteligente, sofisticado, e ainda assim não previra a traição do sujeito. Ele tremia, contrariado, sentado nos fundos de sua carruagem a caminho da cidadezinha de Buckland, em Surrey, onde morou o reverendo Sr. Pope. No fim, pagara as vinte libras extras ao detestável Turton para ver a primeira página da carta e, assim, checar o endereço. Ele pensou que talvez pudesse descobrir qual era a paróquia de Pope, mas quanto tempo teria levado? Porém se culpava. Devia ter começado esse processo mais cedo. Porque, se realmente ia fazer essa situação valer a pena, para ele e para seu pai, precisava confrontar o reverendo Sr. Pope e colher todos os fatos antes de abordar sua tia.

Enquanto dirigia pela cidadezinha, passando pelo lago dos patos, por várias galinhas arrepiadas e vários gansos estridentes, John lembrou por que

morava em Albany. Alguns podiam chamar a cidade de idílio rural — havia um ferreiro trabalhando arduamente e, do outro lado do gramado, um borracheiro estava curvado, apertando os eixos de uma roda —, mas John não se importava nem um pouco com esses encantos bucólicos. O campo lhe deixava entediado e o ar fresco o fazia tossir.

Ao lado de uma vigorosa igreja saxônica, com um cemitério grande e bastante povoado, John encontrou o presbitério. Era bem bonito, com um jardim repleto de rosas e a fachada de pedra, embora, observou ele, com gratidão, menor e menos grandiosa que a casa de seu pai em Lymington. Ele relutava em admitir que o grau de instrução de Charles devia ser parecido com o seu. Instruiu o cocheiro a esperá-lo antes de seguir pelo caminho do jardim.

— Senhor?

Uma governanta idosa abriu a porta. Curvada, com o cabelo grisalho preso sob um chapéu e o nariz comprido como o bico de um animal, a mulher tinha a mesma aparência de um abutre que John vira certa vez, quando um amigo o levava para fazer uma visita privada ao novo zoológico científico em Regent's Park. Depois de explicar o que queria e se apresentar como Sr. Sanderson, John foi escoltado até um modesto salão. Era quente e confortável, com a lareira acesa, e logo acima ficava uma pintura à pastel que ele reconheceu imediatamente como sendo Charles Pope jovem, talvez do mesmo artista que pintara o retrato do reverendo Sr. Pope que ficava no escritório de Charles. Era uma imagem bastante romântica, em que o modelo aparecia de camisa aberta e com o cabelo arrumado em cachos emaranhados, mas havia certa força em seus olhos azuis. John ficou um pouco desconfortável ao olhar para ele, considerando seus motivos para estar lá.

— Boa tarde, senhor — disse uma voz feminina.

John se virou. Uma mulher de meia-idade, talvez com cinquenta e poucos anos, estava parada à porta, usando um vestido preto simples, sem

adornos. Ela era roliça, tinha um olhar gentil, o cabelo bem-arrumado com um discreto véu de viúva preso na cabeça e cachos pequenos emoldurando seu rosto.

— Boa tarde, madame — respondeu ele.

Ela lhe indicou uma cadeira próxima ao fogo, sentando-se também.

— Como posso ajudá-lo?

— Eu tinha esperança de falar com seu marido.

— Então receio que tenha perdido a viagem. O reverendo Sr. Pope não está mais entre nós. Na próxima terça-feira vai fazer um ano que ele se foi. Na verdade, você teve sorte de me encontrar aqui. Devo me mudar em breve, para ceder o lugar ao próximo vigário.

— Isso é muito cruel.

John parecia consternado.

— Ah, não. Ele me deu doze meses para sair, o que foi generoso de sua parte. Não precisa se preocupar comigo. Meu filho está me levando para morar com ele em Londres, então viverei uma nova aventura, o que é um privilégio para a minha idade.

Ela corou de alegria ao pensar nisso.

John estava zangado consigo mesmo. Por que não tinha descoberto tudo isso? Houve uma movimentação à porta e a senhora que o deixara entrar se arrastou para dentro da ala trazendo uma bandeja de utensílios de chá, que colocou numa mesa de canto. A Sra. Pope se levantou e começou a servir a bebida assim que eles ficaram sozinhos de novo.

— Era algo com que eu possa ajudar?

— Bem, de certo modo, é de seu filho que eu gostaria de falar.

Ela sorriu.

— Conhece meu filho, Sr. Sanderson?

— Nós nos encontramos. — John não conseguia decidir quanto deveria revelar logo de início. — Estive em seus escritórios na City.

— Então está em vantagem.

Seus olhos gentis irrompiam de orgulho.

— Ele está se saindo muito bem — comentou John.

Era evidente que conseguiria arrancar muito mais informações dela se passando por amigo de Charles do que por inimigo.

Ela quase riu de satisfação.

— Eu sei. E no comércio de algodão também. É totalmente diferente do que o pai dele tinha esperado no início, mas, graças a Deus, ele viveu o suficiente para se orgulhar das conquistas de Charles.

— Está dizendo que ele esperava outro destino a princípio?

— Nós dois esperávamos. Naquele tempo, a batina parecia ser a melhor ideia para o futuro dele, mas, enquanto crescia, ficou claro que seus verdadeiros talentos eram outros. — Ela falava alegremente, lembrando-se dos agradáveis dias do passado.

John bebericou o chá.

— Por que você disse “no início”?

Isso era para ser desconcertante, mas ela ainda não tinha percebido que havia algo errado.

— Bem, quando ele... quando nós... quer dizer, quando ele era bebê e nós começamos a planejar sua educação. Ele era um ótimo aluno.

Obviamente ela sentiu que tinha se saído bem e pegou um biscoito como recompensa.

John decidiu se arriscar:

— A senhora tem algum filho biológico, Sra. Pope? Ou Charles é o único? — Ela o encarou. John ergueu a mão e acrescentou: — Eu deveria ter me explicado. Sou amigo de James Trenchard. Foi assim que conheci Charles.

Ela relaxou, livrando-se de sua preocupação momentânea.

— Ah, entendo.

— Acho maravilhoso Trenchard ter assumido a responsabilidade pelo garoto desde o início. Ele foi muito generoso.



— Ah, muito generoso. Sempre.

— Ele foi a única pessoa que ficou de olho em Charles depois que o menino foi adotado por você e seu marido? Quer dizer, havia mais alguém envolvido? Você recebeu alguma outra contribuição para a criança?

Até que, por fim, a Sra. Pope percebeu que nem tudo era o que parecia. Seu rosto ficou sombrio e ela largou a xícara.

— O que quer de mim exatamente, senhor?

— Na verdade, nada. — De certo modo, John já tinha o que queria, portanto não estava muito preocupado que a situação pudesse desandar. — Ouvi James falar tanto de vocês que, quando estava passando por aqui, fiquei curioso para conhecê-los.

Mas a mulher estava repassando a conversa em sua cabeça, e percebeu que antes tinha interpretado de outra forma.

— Nesse caso, como não sabia que meu marido estava morto? — Ela se levantou. — Não acredito no senhor. Não acredito que conheça Charles ou, se conhece, não acredito que queira o bem dele. E, pensando bem, não acredito que o Sr. Trenchard tenha falado alguma vez de nós para o senhor, ou do senhor para nós. Então, sem dúvida, devo contar a ele que veio me ver.

Como John tinha dado um nome falso, isso não o preocupava.

— Lamento tê-la aborrecido, Sra. Pope, mas se a senhora ao menos...

— Por favor, vá embora, senhor.

Ela atravessou a sala para tocar a sineta e, depois de puxá-la com força, esperou em silêncio a velha governanta aparecer.

— Janet, o Sr. Sanderson está de saída.

John se levantou.

— Sinto muito por ter ofendido a senhora, madame. Obrigado pelo chá.

Mas ela não disse mais nenhuma palavra, apenas esperou que ele saísse da sala. Então se sentou à escrivaninha e começou a rabiscar furiosamente num papel.



Susan Trenchard tinha ido a Isleworth para contar tudo a John, ou pelo menos confiar a ele seus temores. Mas ele não a escutara. Estava preocupado demais, mesmo quando ela se entregou a ele no ninho dos amantes que passara a conhecer tão bem. Finalmente, ele lhe disse o motivo.

— Está falando sério? — perguntou Susan, virando-se para ver seu rosto.

Ela não estava se sentindo muito bem quando chegara, mas a notícia que ele acabara de lhe dar afastou quaisquer considerações de sua mente. Ficou atordoada.

— Muito sério. Ele é homem, não é?

John olhou para o relógio. Na verdade, deveria estar se vestindo. Tinha que voltar para um jantar, mas não queria ir embora. Aquela mulher de fato estava se tornando um costume em sua vida. Ele passou a mão por sua pele quente e macia, e esse era um hábito que ele achava cada vez mais difícil de abandonar.

— O Sr. Trenchard tem um filho bastardo? — Susan começou a rir e os olhos dela brilharam sob a luz de um jeito que ele não conseguia parar de olhar. — Mas ele é tão chato...

— Até as pessoas chatas fazem amor.

— E eu não sei?! — resmungou Susan, lembrando-se dos esforços insatisfatórios de Oliver. — Então, o que aconteceu com esse garoto? Sabemos onde ele está agora?

— Ele já é adulto. Tudo isso aconteceu vinte e seis anos atrás. E, sim, sabemos exatamente onde ele está agora.

John sorriu para ela. De repente, se sentiu muito otimista.

— Você está me provocando. Por quê? Já o vi? Eu o conheço?

— Depende. Quão bem você conhece Charles Pope?

Susan se sentou abruptamente, arquejando.

— Charles Pope?

— Acredito que sim.

Susan se jogou de volta nos travesseiros.

— Bem, imagino que faça sentido. Oliver está quase enlouquecendo porque o Sr. Trenchard faz tudo o que pode pelo rapaz. Tem patrocinado Charles desde que ele chegou a Londres, e anda investindo pesado no projeto de Pope em Manchester. Ele lhe presta inúmeros favores, e outro dia Oliver os encontrou almoçando juntos no clube do pai. E você tem que ouvir o Sr. Trenchard falando dele! Não consegue mencioná-lo sem sorrir. Se eu não conhecesse meu sogro muito bem, acharia que estava apaixonado pelo Sr. Pope. Ele, sem dúvida, não poderia gostar mais do rapaz!

John franziu a testa com desgosto.

— Que pensamento horrível. Você acha que a Sra. Trenchard suspeita de alguma coisa?

Susan franziu o cenho.

— Não tenho como dizer. Ela gosta do Sr. Pope, e você a viu quando ela foi visitar o local de trabalho dele. Mas o interesse de seu marido na tecelagem de Manchester pode explicar isso. Ela é bem estúpida, a minha sogra. É difícil adivinhar o que está pensando.

— Você gosta dela?

Susan refletiu por um instante.

— Na verdade, gosto, sim. Mais do que ela de mim. Se eu tivesse que levar algum deles comigo em minha próxima vida, seria ela.

— Sua próxima vida? Quando é que começa?

— Não tenho certeza.

Ela passou a língua pelo lábio inferior, fazendo-o brilhar. John foi se vestir.

— Acho curioso que ele tenha escondido o segredo da própria família. A maioria dos homens teria admitido há muito tempo. Metade das grandes famílias da Inglaterra tem relações ilegítimas reconhecidas. Por que não os Trenchard?

Susan balançou a cabeça.

— Ele não tem a confiança necessária. Provavelmente acha que manteve o segredo para poupar os sentimentos da esposa ou para poupar Oliver, que não vai receber bem a notícia, posso lhe garantir. Mas não é isso. Ele se preocuparia com a própria posição que ocupa na sociedade.

John riu.

— Ele não tem uma posição na sociedade.

— Bem, ele acha que tem. Ou, pelo menos, espera ter. — Àquela altura, ela também estava rindo. Mas de repente ficou séria. — Espere um minuto. Se Pope é o filho bastardo de Trenchard, por que a condessa de Brockenhurst está tão envolvida com ele? Você não pode ter se esquecido de como ela desfilou com ele em sua sala de estar naquela noite.

John assentiu, abotoando a camisa e ajeitando o cabelo no espelho.

— Eu sei. Que idade ela devia ter quando Charles nasceu? Quarenta e um?

Susan o encarou. O que ele estava insinuando? Ela balançou a cabeça.

— Não seja ridículo.

— Por que eles estavam na recepção dela? Por que lady Brockenhurst conhece os Trenchard? Ela não conhece mais ninguém da posição deles.

— Não vou lhe dar ouvidos.

Susan saiu da cama e foi procurar sua lingerie, largada no chão. Ela pegou cada peça de uma vez.

Mas John tinha começado a considerar a hipótese, e não abriria mão dela.

— Por que isso é tão impossível? Não explicaria tudo? Inclusive o segredo?

Ela se aproximou dele para que a ajudasse com o corpete e esperou pacientemente enquanto ele fechava os ganchos.

— Há vinte e cinco ou vinte e seis anos, a condessa de Brockenhurst devia ser uma das mulheres mais glamourosas da Inglaterra, filha de um

duque, irmã de uma duquesa, no auge de seus poderes e no topo da sociedade. James Trenchard, por outro lado, era fornecedor de alimentos das tropas do duque de Wellington em Bruxelas, um comerciante. Ele era um homenzinho gordo, truncado, de origem trabalhadora e cara de açougueiro e, naquela época, não tinha dinheiro com o qual se gabar. Certamente possuía nada se comparado às riquezas que vieram depois. Com sua aparência, para levar lady Brockenhurst para a cama, só se ele fosse o czar da Rússia.

John não estava convencido.

— Mas aposto que ele era persuasivo, mesmo naquela época. Ansioso para aproveitar qualquer vantagem que aparecesse, ansioso para progredir. E que escada melhor que a minha querida tia ele poderia encontrar?

Susan já estava de vestido e se virou para que ele o abotoasse.

— Você não deveria falar assim, John. É perigoso dizer essas coisas.

— Pode ser perigoso. Mas não significa que não seja verdade. E que explicação melhor você tem que se encaixe em todos os detalhes, em todas as circunstâncias?

Ela não disse nada enquanto o observava calçar as botas. Ele se levantou e pegou o sobretudo. Estava pronto para ir.

## Capítulo 9

# *O passado é um país estrangeiro*



Anne Trenchard estava sentada à mesa do café da manhã, comendo ovos mexidos. Ela e James tinham passado metade da noite acordados, pensando no que poderiam fazer quando lady Brockenhurst reconhecesse Charles. Mas, no fim das contas, Anne precisou admitir que James tinha razão. Eles perderiam Charles no instante em que a condessa o recebesse em sua família. Jamais poderiam explicar a ele quem eram ou qual ligação tinham, não se quisessem proteger a memória de Sophia. O fato de James investir no negócio de Charles e ser seu benfeitor teria que bastar. Eles deveriam tentar manter alguma relação por causa disso. Mas ainda assim teriam que ser cuidadosos, para que ninguém descobrisse a verdade.

Turton se inclinou na direção dela e perguntou:

— Gostaria de mais torrada, madame?

— Para mim, não, mas talvez para a Sra. Oliver.

Ele assentiu e saiu para dar a ordem. Anne sabia que Turton tinha a mesma opinião de James: achava excêntrico que mulheres casadas descessem para tomar café da manhã. Eles achavam mais correto que elas recebessem as bandejas no quarto, como as outras mulheres de sua classe social, mas Anne pensava que havia algo indolente nesse hábito, portanto jamais cedera. James havia desistido de sugerir isso. Ela remexeu os ovos no prato sem levar o garfo à boca. Tudo aquilo parecia terrivelmente injusto, mas não fora ela quem criara essa situação para si mesma? Ela e James não tinham mandado o menino embora e mantido em segredo sua existência? Não foi ela quem contou a lady Brockenhurst, para início de conversa? Anne se perguntava, como já tinha feito inúmeras vezes, se havia algo mais que ela poderia ter feito para salvar Sophia. Por que sua linda menina havia morrido? O que

teria ocorrido se tivessem ficado em Londres? E se conhecessem um médico em Londres? Ela não sabia se sentia raiva de Deus ou de si mesma.

Estava imersa em pensamentos, avaliando coisas que poderia ter feito de forma diferente, por isso mal notou Susan entrar na sala de jantar.

— Bom dia, mãe.

Anne ergueu o olhar e assentiu.

— Bom dia, minha querida.

Susan estava usando um belo vestido cinza de ficar em casa. Speer devia ter passado pelo menos meia hora ajeitando o cabelo da patroa, que estava partido ao meio com perfeição, preso para trás, e ainda havia dois conjuntos de cachos caindo em cada lado do rosto.

— Seu cabelo está muito bonito.

— Obrigada — respondeu ela. Então parou diante das bandejas, em seguida se virou e foi para o seu lugar. — Turton — chamou, assim que o mordomo voltou para a sala —, acho que vou comer só uma torrada e tomar uma xícara de café.

— A torrada ficará pronta logo, madame.

— Obrigada.

Ela sorriu com simpatia ao olhar para a sogra. Anne retribuiu o sorriso.

— Manhã cheia?

Susan assentiu.

— Bastante. Compras, depois prova de roupas e almoço com uma amiga.

Seu tom de voz estava tão alegre quanto seu sorriso, mas, na verdade, Susan não se sentia especialmente animada. Na verdade, não estava nem um pouco animada. Entretanto, era boa atriz e sabia que, até que tivesse tomado algumas decisões, não devia dar pistas sobre o que a preocupava.

— Onde está Oliver?

— Foi cavalgar. Está se adaptando ao novo cavalo. Ele saiu de madrugada, o que foi bastante cruel com o tratador. Ele queria exhibir o



animal no parque — acrescentou, antes de assentir para Turton, que trazia torradas quentes. — Obrigada — disse ela, pegando uma, mas ficou apenas brincando com a comida na mão.

Anne observou a nora.

— Você parece distraída, querida. Posso ajudar em algo?

Susan negou com a cabeça, alegre.

— Acho que não. Não é nada. Só estou repassando algumas listas de coisas na cabeça. E minha costureira está me deixando nervosa. A saia estava errada quando fiz a última prova, então estou rezando para que ela tenha acertado desta vez.

— Bem, se é só isso... — disse Anne, sorrindo.

Mas havia alguma coisa. Anne não sabia com o que, mas dava para notar que a jovem estava preocupada. Ao olhar para Susan, percebeu que as linhas de sua mandíbula tinham se suavizado ligeiramente, e as maçãs do rosto não estavam tão proeminentes quanto costumavam ser. Será que ela está ganhando peso?, perguntou-se Anne. Isso explicaria o motivo de não estar comendo. Mas decidiu não comentar. Se havia algo mais enfadonho do que ouvir alguém dizer que você engordou, ela não podia imaginar o que era. Susan ergueu o olhar, como se estivesse ciente de que sua sogra a observava. Mas antes que pudesse dizer alguma coisa, Turton entrou outra vez na sala carregando um envelope numa bandeja de prata.

— Com licença, madame — disse ele, pigarreando enquanto seguia na direção dela. — Isto acabou de chegar para a senhora.

— Obrigada, Turton — falou Anne, pegando o envelope da bandeja.

Ela notou o novo selo vermelho, uma inovação muito inteligente, e verificou o carimbo postal: Faversham, Kent. Mas não se lembrava de ninguém que morasse lá.

— É melhor deixá-la sozinha com a sua carta — disse Susan, levantando-se da mesa.

A verdade era que tinha a impressão de que estava prestes a passar mal de enjoo e gostaria de estar sozinha em seu quarto, se seus instintos estivessem certos. Mentiras são muito complicadas, pensou. E não pela primeira vez.

Anne ergueu os olhos do envelope.

— Aproveite seu almoço. Com quem você disse mesmo que vai se encontrar?

Mas Susan já havia saído da sala.



A carta era de Jane Croft, a mulher que tinha sido criada de Sophia muitos anos atrás, em Bruxelas. Pelo que Anne se lembrava, Jane era uma boa moça e Sophia gostava dela. As duas não discutiram o assunto na época, mas, como dama de companhia, Croft deve ter deduzido a gravidez de Sophia, embora nunca tivesse dito nada a respeito, nem antes nem depois da morte da menina, pelo menos até onde Anne sabia. Quando eles foram para Derbyshire, o plano era que Croft permanecesse em Londres, recebendo salário até que sua patroa retornasse. É claro que o retorno nunca aconteceu e Croft arranjou outro emprego fora da cidade. Mas não havia nenhum ressentimento, apenas a tristeza de vê-la partir, e ela se fora com um pagamento extra e excelentes referências. Isso parecia ter funcionado, e a última coisa que Anne ouvira foi que Croft tinha sido contratada como governanta de uma família em Kent, a dos Longworth de Sydenham Park. Provavelmente a casa ficava perto de Faversham. Anne começou a ler, depois parou e respirou fundo. Se tinha ficado surpresa em receber notícias da criada depois de tantos anos, também ficou atordoada com o conteúdo da carta.

Croft escreveu para contar que ela e Ellis tinham mantido contato, trocando bilhetes a cada poucos meses. No entanto, ficara incomodada com uma fofoca que Ellis tinha contado em sua última carta, a respeito de um

rapaz chamado Charles Pope. “Eu gostaria de ter a oportunidade de conversar sobre esse assunto com a senhora pessoalmente, madame. Preferiria não escrever mais sobre isso.” Anne observou as palavras na folha, enquanto uma sensação de vazio surgia em seu peito.

A princípio, simplesmente ficou furiosa com Ellis. Por que ela estava escrevendo sobre Charles para Jane Croft? O que ela teria a dizer sobre o rapaz? Ele era um jovem empresário que recebia o apoio do Sr. Trenchard. Por que uma criada escreveria sobre isso para outra? Em seguida, pensou que Ellis podia estar escutando atrás da porta, espionando a patroa, ouvindo suas conversas particulares com o marido. Ao pensar nisso, teve a impressão de que um punho de gelo agarrava seu coração. Ellis, sem dúvida, vinha se comportando de modo estranho nos últimos meses, isso era evidente. E o que tinha sido aquela história sobre o leque perdido que não fora perdido de fato? Anne ergueu o olhar. Turton tinha retomado sua posição junto à lareira.

— Poderia pedir para Ellis me encontrar na sala de estar?

Turton recebeu o pedido com seu olhar inexpressivo de sempre.

— Certamente, senhora — disse ele.



Quando Ellis entrou, logo percebeu que não seria um encontro simples para falar de um vestido ou de um novo enfeite para um chapéu.

— Poderia fechar a porta, por favor? — O tom de voz de Anne estava frio e formal.

Quando Ellis se virou para cumprir a ordem, tentou pensar no que poderia tê-la delatado. Será que a viram conversando com o Sr. Bellasis? Havia alguém no pub que conhecia os dois? Vasculhou desesperadamente seu cérebro para inventar uma história crível que justificasse o fato de terem

estado juntos de forma nada suspeita, mas não conseguiu ter nenhuma ideia. Ela se voltou para a patroa.

— Ellis — começou Anne. — Recebi uma carta de Jane Croft.

— Ah, é mesmo, madame?

Ellis permitiu-se relaxar um pouco. Ela não sabia qual seria o assunto da conversa, mas não poderia envolver o Sr. Bellasis, pois nunca escrevera nada sobre ele.

— Por que escreveu para ela sobre o Sr. Pope?

Por um instante, houve um branco na mente de Ellis. Por que ela escrevera sobre o Sr. Pope? Com certeza só podia ter sido por que o patrão estava interessado nele. O que mais ela teria a dizer sobre o rapaz?

— Acho que posso ter mencionado que o Sr. Trenchard é muito gentil com seu novo protegido. Acredito que não tenha sido mais do que isso. Desculpe se desagradei a senhora. Certamente não tive a intenção de ofendê-la.

Sua confusão e a perda de dignidade foram muito eficazes. Anne a encarou. Talvez não fosse nada, no fim das contas. James demonstrava, *sim*, um interesse incomum nos negócios de Charles. Todos os criados deviam saber disso, mas qual o problema? Anne ficou um pouco mais tranquila. Mas ainda havia assuntos a resolver.

— Aproveitando que está aqui — continuou Anne —, por que você foi à casa dos Brockenhurst procurar um leque que eu nunca perdi?

Ellis olhou para ela. Como a Sra. Trenchard havia descoberto isso? Provavelmente Dawson, aquela escrava alegre, lhe delatara. Ellis se recompôs.

— Não foi bem assim, senhora.

— Ah, não? Então como foi?

— A senhora tinha comentado sobre o penteado que a condessa usou na noite da festa. Fui visitar a criada dela para poder perguntar como havia arrumado o cabelo da patroa.

Anne franziu a testa.

— Não me lembro de ter dito nada sobre o cabelo de lady Brockenhurst.

— Ah, a senhora disse. E eu queria agradá-la.

Ellis fez uma expressão de mágoa. Funcionou muito bem.

— E o leque?

— Fiz confusão, senhora. Eu não consegui encontrar o leque depois que a senhora voltou da festa, e presumi que o havia deixado lá.

— Por que não me perguntou?

Ellis sorriu. Sentia que estava ganhando.

— Não quis incomodá-la e eu sabia que ia passar lá de qualquer maneira, para falar sobre o cabelo da condessa.

— Onde estava o leque, afinal?

— Eu o guardei na gaveta errada, senhora. Acho que eu estava tão cansada quando a senhora chegou em casa que não consegui pensar direito.

A justificativa foi certa. Anne sempre se sentia culpada quando mantinha a criada acordada até muito tarde só para ajudá-la a se trocar. E Ellis sabia disso.

— Muito bem. Mas, no futuro, pense duas vezes antes de escrever para seus amigos sobre as atividades desta família. — Anne tinha certeza de que sua reação fora exagerada. — Pode ir. — Ellis começou a andar até a porta. — Mais uma coisa. — A criada parou. — Croft vai me fazer uma visita. Eu gostaria que passasse a noite aqui, se ela desejar. Você pode, por favor, avisar à Sra. Frant?

— Quando ela virá, senhora?

— Não tenho certeza. Nos próximos dias. Ela está a caminho dos Estados Unidos, onde vai encontrar o irmão.

— Está bem, senhora.

Ellis assentiu e saiu. Fechou a porta da sala com um discreto suspiro de alívio. Havia contornado o problema. Mas a conversa tinha levantado mais

perguntas do que respostas. Ela mal mencionara Pope em sua carta para Jane, mas ainda assim a amiga se sentiu compelida a escrever para sua patroa de vinte e cinco anos atrás diante da simples menção do nome dele. Por quê? E por que a patroa tinha ficado tão agitada, sendo que não havia nada no conteúdo da carta que fosse digno de nota? Ela devia informar isso ao Sr. Bellasis. Se a informação não valesse outra moeda de ouro, então ela não se chamava Mary Ellis.

— Sr. Turton — sibilou Ellis quando ela desceu a escada. — Preciso ter uma conversa.

Turton não gostava de receber ordem de uma mulher dentro da casa que administrava, mas havia algo na expressão de Ellis que o obrigou a ceder. O fato era que ele e aquela mulher estavam a serviço de John Bellasis, e ela poderia mandá-lo para a cadeia, se quisesse. Ele acenou para que ela entrasse na despensa e fechou a porta.

— Jane Croft escreveu para a patroa e está vindo para cá.

— Quem é Jane Croft?

— Ela foi criada da filha deles anos atrás. Foi embora depois que a Srta. Sophia morreu.

Turton parecia um pouco impaciente.

— Não estou entendendo o que isso tem a ver comigo.

— Mantive contato com Jane desde então, e, outro dia, mencionei o Sr. Pope em uma carta que enviei para ela.

O mordomo pareceu bastante chocado.

— Por que você faria isso?

Ellis balançou a cabeça.

— Não havia nada na carta. Só escrevi que o Sr. Trenchard tinha um novo favorito. Mas isso bastou para que Jane escrevesse para a patroa e para que a patroa a chamasse para vir a Londres.

Turton absorveu a informação. Claro que ele sabia mais do que Ellis sobre a conexão de Charles Pope com a família. A carta que ele havia

roubado para o Sr. Bellasis deixara claro que o jovem Sr. Pope era filho do Sr. Trenchard, mas nem ele conseguia entender qual o papel da ex-criada da filha morta nisso tudo.

Ellis interrompeu os devaneios dele:

— Devemos contar ao Sr. Bellasis.

Turton assentiu.

— Sim — disse ele, mas não sabia o que o Sr. Bellasis faria com a informação. Mesmo assim, podia ser um jeito de Turton voltar às boas graças com o Sr. Bellasis. Ele sabia que não tinha sido perdoado por cobrar duas vezes pela carta do pai adotivo de Charles Pope. — Você tem razão. Irei avisá-lo.

— Não, eu vou — retrucou Ellis. Se houvesse alguma gorjeta, ela queria estar lá pessoalmente para receber. — Sou eu quem vai contar a ele o que a patroa falou, afinal ela disse para mim. Você vai ter que pensar em uma desculpa se ela me chamar enquanto eu estiver fora.

Turton assentiu.

— Diga a ele que eu mandei você ir.

Ellis concordou com a cabeça. Se havia suspeitado antes que as coisas não estavam muito bem entre o mordomo e seu contratante, passou a ter certeza.



Maria Grey estava lendo em um banco na Belgrave Square, quando ergueu os olhos e se deparou com a mãe caminhando em sua direção. Elas não moravam ali, mas como Chesham Place ficava muito perto, tinham conseguido a chave dos jardins, um privilégio que elas valorizavam. Ryan, a criada, estava sentada um pouco afastada, tricotando. A menina estava tão acostumada a se sentir uma prisioneira sob vigilância que já nem notava mais. Lady Templemore parou por um instante para apreciar a imagem da filha. Maria usava um vestido vermelho-escuro, com cintura justa e mangas

compridas. Parecia uma princesa medieval esperando seu amado voltar das Cruzadas. Ela era muito bonita. Não havia dúvida quanto a isso, e tudo ainda poderia ficar bem se ela, Corinne Templemore, conseguisse controlá-la só por mais algum tempo.

— O que você está fazendo?

— Lendo — respondeu Maria, erguendo o livro para a mãe ver.

— Não um romance, espero. — Mas ela sorriu ao dizer isso.

— Poesia. *Adonais: Uma elegia sobre a morte de John Keats*, de Shelley.

— Impressionante. — Lady Templemore se sentou ao lado da jovem. Ela sabia que precisava controlar o próprio gênio, sem gritar ou criticar, apenas se conter até que a situação ficasse sob controle. — Tenho boas notícias.

— Quais?

— Louisa escreveu convidando você para ir a Northumberland.

— Northumberland?

Lady Templemore assentiu, ansiosa.

— Estou com inveja de você. Belford estará maravilhosa nesta época do ano.

Maria olhou para a mãe.

— O que eu faria em Northumberland?

— O que você faz aqui? Caminha, cavalga, lê... coisas de que sempre gostou. — Ela falava como se a viagem proposta fosse uma gratificação maravilhosa, algo digno de inveja. — Eu adoraria sair de Londres, com toda essa sujeira e todo esse nevoeiro... Apenas pense a respeito. Você vai caminhar perto das falésias, vendo o mar... — Ela não terminou a frase, quase como se essa imagem sedutora a tivesse dominado.

Claro que a filha sabia o que estava acontecendo.

— Mas não quero sair de Londres, mamãe. Não neste momento.

— Claro que você quer.

— Não. — Maria balançou a cabeça com firmeza. — Não quero.



— Minha querida. — Corinne estendeu a mão e segurou a da filha. — Você não vai me permitir saber o que é melhor? Só desta vez? — Suas palavras foram acompanhadas de um sorriso amável e comovente. — Vou deixar tudo pronto para quando você voltar. As outras meninas vão morrer de inveja.

— O que vai estar pronto?

— Ora, o seu casamento. Vamos tirar suas medidas antes de você ir. Então, quando o vestido de chita estiver pronto, alguém pode levá-lo para Belford para que você o experimente lá. E podemos fazer uma última prova quando você voltar. Teremos mais um ou dois dias para conferirmos se tudo está perfeito.

Maria fechou cuidadosamente o livro.

— Vocês já escolheram a data?

Lady Templemore estava toda contente. Sua filha parecia aceitar. Ela tinha se preparado para lidar com lágrimas e relutância, mas estava acontecendo exatamente o contrário.

— Sim. Tenho trocado cartas com o reverendo Sr. Bellasis e nós escolhemos uma quarta-feira no início de dezembro. Dessa forma, você pode passar o outono no norte e voltar relaxada, feliz e pronta para iniciar essa nova aventura.

— E John Bellasis é minha nova aventura?

— Para uma jovem, o casamento é sempre uma aventura.

Maria assentiu solenemente.

— E onde a aventura vai começar?

— Eles queriam que fosse em Lymington, mas, a menos que você se oponha, pretendo pedir que seja na casa dos Brockenhurst. Nós não podemos ir para a Irlanda de jeito algum, e não há outro lugar tão bom por aqui. Mas gosto de casamentos em Londres, e ainda causam muito menos problemas para todos. Um bom casamento em Belgravia. Gosto dessa ideia. — Enquanto falava, ela olhou por entre as árvores para as janelas alinhadas

no primeiro andar da casa. Ali ficava o salão que em breve seria o palco do casamento que garantiria o futuro das duas.

— É muito gentil da parte de lorde Brockenhurst — disse Maria.

Com ar sonhador, lady Templemore assentiu.

— Ao que parece, ele ficará feliz em dar a festa em qualquer casa. Está satisfeito com a escolha de John, pelo que me disseram, e mais satisfeito ainda em recebê-la na família.

O tom da conversa estava tão normal que Corinne começava a se permitir acreditar que, no fim das contas, tudo seria resolvido de forma satisfatória.

— E quanto a lady Brockenhurst? O que ela diz sobre isso?

Corinne encarou a garota que estava com o olhar fixo à frente, sem nenhum sinal de mau humor ou estresse. Era apenas uma pergunta. Nada mais do que isso.

— Tenho certeza de que ela vai ficar encantada.

— Mas você ainda não falou com ela?

— Ainda não. — Corinne suspirou de alegria com a perspectiva. — Vou mandar um bilhete e podemos tirar as medidas amanhã de manhã. Também podemos muito bem iniciar os preparativos.

Maria estava entorpecida de medo enquanto seguia a mãe pela rua, voltando para Chesham Place. Ela podia estar acostumada a viver sob vigilância, mas não estava acostumada com a sensação de terror que a tinha dominado. O barulho de crianças brincando na praça, os pássaros, o vento e as conversas dos transeuntes sumiam ao fundo, até que ela só conseguia ouvir o som das batidas de seu coração ecoando nos ouvidos. Ela cravou os dentes no lábio inferior e uniu as mãos, pressionando as unhas nas pontas dos dedos. Precisava pensar em algo... e depressa. Não podia se casar com aquele homem. Preferia morrer. Até aquele momento, a ideia lhe parecera distante, nebulosa, um esquema maluco de sua mãe, algo que nunca se concretizaria. Mas estava prestes a se tornar realidade. Ela simplesmente não suportava

pensar nisso. Mas era necessário. Porque de uma coisa tinha certeza absoluta: precisava agir antes que fosse tarde demais.



John Bellasis sabia qual devia ser o segredo de Jane Croft. Ellis mal tinha começado a contar o que acontecera naquela manhã quando ele se deu conta de que havia encontrado a peça que faltava no quebra-cabeça. Jane Croft era a mãe de Charles Pope. Só podia ser. Enquanto estavam em Bruxelas, vinte e cinco anos atrás, ela e James Trenchard...

— Ela era bonita, essa tal de Jane Croft? — perguntou ele, surpreendendo Ellis. — Quando era jovem?

— Bonita o bastante, suponho. Sim. Por quê? — Ellis tinha perdido o fio da meada de seu raciocínio. Sobre o que o Sr. Bellasis estava falando?

Após descobrir quem era Jane, John logo compreendeu clara e vividamente por que ela estava vindo para Londres. Ela quer ver o filho, pensou. Quer ver o filho antes de ir para os Estados Unidos. Ela sabe que não vai voltar. Então quer vê-lo, já adulto, antes de deixar a Inglaterra para sempre.

Ele se virou para a criada à espera.

— E antes da morte da Srta. Sophia, essa tal de Jane Croft continuou recebendo o salário durante semanas, sem trabalhar, apenas esperando? Foi isso?

— Ela não trabalhou durante esse período porque a jovem patroa estava fora, no norte.

John assentiu, com a cabeça a mil. Eles a mantiveram contratada, a alimentaram e a deixaram descansar, até que estivesse quase na sua hora, então a mandaram para outro lugar onde o bebê nasceria. James Trenchard arranjou todo o esquema, mas deve ter contado com o consenso da esposa. Ela devia saber. Será que ficou furiosa ou o perdeu? Provavelmente tinha

perdoado, se Croft queria se encontrar com sua antiga patroa vinte e cinco anos depois de tê-la traído. Mas esses pensamentos não foram verbalizados e, para Ellis, o silêncio dele estava se tornando opressivo.

— Tenho que voltar, senhor. Ou vão dar pela minha ausência — disse Ellis, sem se mexer. Estava esperando a recompensa, que não iria compartilhar com Turton.

— Volte a me dar notícias quando ela chegar a Londres. Traga-me qualquer coisa que descobrir. Converse com ela. Remexa em suas coisas. Descubra tudo o que ela sabe sobre o Sr. Pope.

Ele estava quase animado. Claro que havia algo que ainda precisava ser resolvido e que, de muitas maneiras, era o mais importante. Qual era a ligação com lady Brockenhurst? Não foi surpreendente descobrir que ela não era a mãe de Charles Pope. Susan estava certa sobre isso. Como ela e Trenchard se envolveriam, aliás? Mas ainda havia alguma conexão que a prendia à história. E Jane Croft podia ser a chave para o enigma. Era essa ligação específica que lhe renderia dividendos. Ele podia apostar até seu último centavo nisso.

— Vá. E me avise assim que tiver alguma informação.

Mas ainda assim Ellis não se mexeu, e os dois sabiam por quê. Por fim, ele enfiou a mão no bolso da calça e tirou um guinéu. Ela o pegou e se afastou, passando por alguém que, ao vê-la, entrou em outro lugar e se escondeu.

Susan Trenchard correu para a entrada da casa de John. Ele ainda estava na beira da escada quando ela apareceu.

— Essa foi por pouco — falou ela. — Quase esbarrei na criada da minha sogra.

— Você deveria ter me avisado quando estivesse vindo.

— Eu avisei. E você deveria ter preparado almoço para mim.

— Não se preocupe. Podemos mandar meu criado buscar alguma coisa para comer — disse ele, começando a subir a escada, por mais que detestasse

receber convidados em casa. Afinal, achava que os cômodos mais modestos não transmitiam a ideia de quem ele realmente era.

— O que você está fazendo aqui? Qual é a urgência?

Susan olhou para ele.

— Bem, não vou dizer enquanto você estiver na escada.

Mas ela contaria quando estivessem em segurança nos aposentos. Só Deus sabia o que aconteceria em seguida.



Ellis nunca havia se considerado uma mulher de sorte. Na sua opinião, ter nascido para o serviço não era algo digno de inveja, e em geral achava que tinha precisado lutar para dar cada passo durante a sua vida. Mas, apenas por um instante, naquele dia em que Jane Croft chegou à Eaton Square para encontrar a Sra. Trenchard, Ellis sentiu que, finalmente, havia tirado a sorte grande.

Ela vinha repassando na mente o plano de John Bellasis desde que se encontrara com ele. Na tarde em que Jane chegasse, Ellis arranjaría algum tempo a sós com sua velha amiga para descobrir o que ela sabia sobre Charles Pope e, de preferência, encontraria uma oportunidade para bisbilhotar suas coisas. Ela precisava fazer tudo isso antes que Jane tivesse a chance de falar com Anne Trenchard. Era algo trabalhoso, mas o Sr. Bellasis insistira e haveria uma boa recompensa, disso tinha certeza.

No fim, Ellis teve sorte. Jane Croft chegou apenas alguns minutos depois de a Sra. Trenchard ter saído para ir a um evento de caridade em algum lugar em Park Lane, e provavelmente não voltaria nas próximas duas horas, pelo menos.

O tempo tinha sido gentil com Jane Croft, pensou Ellis, ao olhar a velha amiga de cima a baixo. A antiga criada de Sophia era atraente o bastante para chamar a atenção dos soldados, tantos anos antes, em Bruxelas, quando ela e

a jovem Srta. Sophia saíam para passear pela cidade, aparentemente sem nenhuma preocupação. O mais estranho em relação à guerra, e Ellis não era a única a observar isso, era como tornava todos tão imprudentes e impetuosos, como se o cheiro da morte iminente incentivasse os vivos a aproveitarem ao máximo seu tempo no mundo.

— Você está ótima. Parece que não envelheceu nenhum dia sequer — disse Ellis.

— Obrigada — respondeu Jane, arrumando o cabelo castanho que tinha ficado ligeiramente grisalho apenas nas têmporas. — Você também — mentiu com educação.

— A Sra. Trenchard só vai voltar daqui a algumas horas — avisou Ellis. — Vamos pedir um pouco de pão e queijo à Sra. Babbage e então poderemos colocar o papo em dia.

Ela indicou para que Jane se sentasse no canto da sala dos criados enquanto ia fazer o pedido.

— Obrigada. É muito gentil da sua parte — disse a convidada, sem suspeitar de nada.

Assim, com pão, queijo e um copo de cidra, elas se atualizaram das notícias uma da outra. A vida de Jane tinha ido muito bem desde que ela deixara de trabalhar para os Trenchard, e gostara de ter se tornado governanta, com toda a responsabilidade e toda a renda extra que o posto trazia.

— Então que história é essa de que você vai para os Estados Unidos?

Jane sorriu. Era emocionante.

— Faz anos que meu irmão foi para lá, não muito depois de voltarmos de Bruxelas, e tem prosperado na indústria da construção.

— Em que parte do país ele se estabeleceu?

— Nova York. O lugar se desenvolveu muito desde a virada do século e ele cresceu junto. Agora está construindo uma nova casa para morar num

local conhecido como Quinta Avenida, e quer que eu vá administrá-la para ele.

— Como criada?

— Como irmã. Ele nunca se casou.

Ellis ergueu as sobrancelhas.

— Pode se casar agora, se está tão rico quanto você diz.

— Ele está pensando nisso. Mas casando-se ou não, ele quer que eu more lá.

Ellis percebeu que estava com inveja. Jane ia deixar o trabalho e cuidar de uma bela casa em um novo país. Quão justo era isso, considerando que Ellis ainda tinha que prestar reverência e tentar ganhar a vida espionando e roubando? Parecia não haver justiça alguma.

— Espero que você se adapte ao clima diferente de lá — disse ela com amargura. — Acredito que os extremos de calor e frio possam ser muito tentadores ao espírito.

— Acho que vou conseguir — respondeu Jane, ciente do que se passava na mente da amiga. — É claro que terei que decidir o que fazer com meu tempo livre. É algo que eu não tinha antes.

— Que problema! — comentou Ellis, dando um sorriso raro. — Quando você embarca?

— Quinta-feira. Vou para Liverpool pela manhã, apesar de não estar ansiosa para isso, mas já mandei todas as malas para o hotel, menos uma, o que já é um adiantamento. Então vou passar uma noite lá e embarcar na manhã seguinte.

Ellis sentiu um grande desejo de desencorajar essa aventura e estragar a evidente felicidade de Jane, mas se conteve. Havia coisas mais importantes em jogo.

— Por que você quis encontrar a Sra. Trenchard? — perguntou.

Jane deu de ombros discretamente.

— Por nada, bem, pode ser que tenha algum motivo... — Ela hesitou, sem saber se deveria dizer mais alguma coisa.

— Você sabe que me colocou em apuros quando contou que eu mencionei o Sr. Pope — confessou Ellis, parecendo mais magoada do que chateada.

— Não, eu não sabia. Sinto muito.

— Então acho que me deve uma explicação.

Jane assentiu. Não tinha ideia de que a mulher diante dela não passava de uma colega invejosa.

— Eu estava arrumando tudo enquanto fazia as malas, dando uma olhada em cartas antigas e coisas assim, e jogando fora o que não queria guardar para sempre. Esse tipo de coisa, você sabe.

— Claro.

— Bem, encontrei alguns papéis da Srta. Sophia que queria passar adiante. Não sei se a Sra. Trenchard vai guardá-los, mas achei que eu não tinha o direito de me livrar deles. Então pensei: por que não entregar pessoalmente o pacote antes de ir? Ouso dizer que ela vai jogá-los no fogo assim que eu sair da sala.

— Parece uma longa viagem só para isso.

— Na verdade, não. Eu estava em Kent, então é só uma parada no trajeto até Liverpool. Além disso, faz anos que não venho a Londres. Ouvi falar dos trabalhos de construção do patrão, e li as descrições nos jornais, mas, antes de ir embora, eu queria ver com meus próprios olhos as transformações da cidade. Não sei se vou voltar, se é que me entende...

Ellis soube imediatamente que esta era sua chance.

— Claro que entendo, e vou lhe dizer uma coisa: se você sair agora, terá bastante tempo antes de a patroa voltar. Ela só deve retornar para casa daqui a pelo menos duas horas. Vou lhe dar uma lista das ruas e praças que deve visitar, faça um passeio e divirta-se.

Jane assentiu, mas havia certo nervosismo em seu gesto.



— Você não poderia vir comigo? É que já faz algum tempo desde que eu andava por Londres.

Ellis deu uma risadinha.

— Seria ótimo! Mas estou cheia de trabalho. Não se preocupe. Vou lhe dar algum dinheiro, se quiser, para que uma carruagem a leve.

Jane negou com a cabeça.

— Não, eu tenho dinheiro.

— Então não deve perder essa chance. Não vai se repetir.

— Bem, é verdade. O que faço com a minha bolsa?

— Vou pedir para um dos criados guardar lá em cima, no seu quarto. Você vai ficar comigo esta noite.

Então Jane se levantou e foi pegar sua capa, que estava pendurada no outro corredor.

Não demorou mais de cinco minutos para Ellis levar a bolsa da convidada para o quarto de Turton e os dois vasculharem seu conteúdo.

Em ainda menos tempo, encontraram o que estavam procurando. Dentro de um grande envelope de couro havia diversas cartas, além de outros papéis.

— Precisamos ser rápidos — disse ela, observando o mordomo conferir os papéis com cuidado.

Mas Turton estava pensativo.

— O que ele vai nos dar por isso?

— Não podemos roubar as cartas ou seríamos descobertos assim que a patroa chegasse em casa e pedisse para vê-las. Temos que fazer cópias agora, de uma vez, antes que ela volte.

Ele não pareceu muito convencido.

— Mas como é que sabemos que ele vai pagar o suficiente?

Ellis estava ficando impaciente.

— Sr. Turton, não sei o motivo, mas você se desentendeu com o Sr. Bellasis e isso está comprometendo o seu julgamento. Não é o meu caso.

Esta é a nossa chance de ter algo que ele vai querer comprar. Podemos negociar mais tarde, mas agora temos que fazer cópias para que ele possa comprá-las, se quiser, e ele quer. Então a Sra. Trenchard vai receber os originais e ninguém ficará sabendo de nada.

— Por que você não faz as cópias?

— Porque eu... — Ellis ficou em silêncio por um instante. Estava prestes a dizer que não sabia escrever, mas isso não era verdade. Ela sabia. Mas não bem o suficiente na opinião do Sr. Bellasis. E ficava incomodada com o fato de Turton saber disso.

O mordomo a encarou, se divertindo com seu desconforto.

— Muito bem. Vou fazer cópia das cartas o mais rápido que puder, e depois você poderá entregá-las ao Sr. Bellasis. Mas não pode deixar que ele coloque as mãos nas cartas até terem decidido o preço. A menos que você queira que eu vá.

— Não. Se ele está bravo com você, pode ficar menos inclinado a pagar.

Turton assentiu. Havia lógica nisso.

Após decidir que faria as cópias, ele foi rápido. Sentou-se à sua escrivaninha com uma caneta de ponta de aço e tinta, enquanto Ellis ficava vigiando. Ele mal falava enquanto rabiscava em papéis brancos e grossos, copiando as informações. Balançou a cabeça bruscamente para Ellis assim que terminou.

— Guarde as originais de volta e depois leve estas para ele.

— Valem alguma coisa?

Turton refletiu por um instante.

— Ou valem muito ou não valem nada para o Sr. Bellasis.

Ellis não entendeu.

— Como assim? — perguntou, mas ele não deu mais detalhes.

Em vez disso, entregou-lhe o envelope de couro com as cartas, para que ela as guardasse na bolsa da Srta. Croft e a levasse lá para cima, no sótão, para seu quarto na ala feminina dos aposentos dos criados.



Meia hora mais tarde, Ellis estava no jardim de entrada em Albany quando um criado foi até a varanda para lhe dizer que o Sr. Bellasis estava em casa e ia recebê-la.

A reação de John às cartas não foi exatamente a que ela esperava. Ele as leu em silêncio absoluto, enquanto ela esperava junto à porta. Em seguida, releu uma. Estava tão inexpressivo que parecia uma estátua. Ellis não sabia dizer se ele estava encantado, fascinado ou horrorizado. Por fim, ele ergueu os olhos.

— Onde estão as originais?

— Guardadas onde a Srta. Croft as deixou. No meu quarto.

— Vá buscá-las. — Seu tom de voz foi tão severo quanto o de um comandante dando ordens a um subordinado.

Ellis balançou a cabeça.

— Não posso. Ela vai saber quem pegou. E o que eu vou fazer?

— Você acha que eu me importo? Vá buscá-las de uma vez. Darei mil libras para compensá-la caso perca o emprego.

Ellis não podia acreditar no que ouvira. Quanto? Mil libras era mais dinheiro do que ela jamais sonhara em troca de alguns papéis que Jane descrevera como podendo ser nada. Ela encarou o Sr. Bellasis.

— Fui claro? — esbravejou ele, e ela assentiu, ainda paralisada. — Então vá!

Seu grito pareceu acordá-la de um sonho e ela abriu a porta da casa dele e começou a descer depressa a escada. Estava correndo quando chegou à calçada, atravessando Piccadilly a toda velocidade, fazendo as pessoas pararem e se virarem para observá-la.

Quando chegou à porta do porão de número 110, ela estava ofegante, respirando com dificuldade. Turton continuava na despensa. Ele ergueu os olhos.

— Como nos saímos?

Ela ignorou a pergunta, e quis saber:

— Jane Croft já voltou?

— Faz vinte minutos. Chegou apenas quinze minutos antes da patroa.

O coração de Ellis estava saindo pela boca.

— A patroa voltou?

— Sim. Perguntou por você, mas falei que você tinha saído e ela pareceu não se importar. Subiu a escada, tirou a capa e o gorro e foi direto para a sala de estar.

— Então, Jane...? — A voz de Ellis foi sumindo.

— Está lá dentro com ela. A patroa mandou chamá-la assim que se acomodou e a Srta. Croft acabou de subir.

Houve um momento de esperança. Se Jane tinha ido direto para lá, talvez os papéis ainda estivessem em sua bolsa. Sem dizer nada, Ellis se virou e subiu a escada correndo, dois degraus por vez, passou pelo andar da sala, por dois andares de quartos, até que enfim chegou ao sótão. Entrou apressada em seu quarto e encontrou a bolsa na cama, aberta, mas o envelope de couro tinha desaparecido.

Foi o mais perto de ter mil libras — ou qualquer valor próximo disso — que Mary Ellis um dia chegaria.



Anne não poderia ter ficado mais feliz por ver a ex-criada de Sophia. Vê-la mais velha, claro, mas não tão diferente a ponto de ficar irreconhecível, fez Anne se lembrar de que sempre tinha gostado dela. A conversa parecia levar as duas de volta a épocas mais felizes. Convidou a criada, que já não era mais uma criada, a se sentar junto dela. Tinha pedido que servissem refresco e ofereceu um copo à visitante.

— Você se lembra do famoso baile da duquesa? — perguntou Anne.

— Lembro, senhora. Durante todos esses anos me perguntaram com bastante frequência sobre o evento. — Ela pegou o refresco e bebeu. Achou um pouco ácido, mas a honra de ser convidada para tomar algo com a patroa era recompensa suficiente. Não precisava ter um gosto bom. — E eu me lembro de como a Srta. Sophia estava bonita naquele vestido — comentou Jane, sorrindo.

— O cabelo dela era tão lindo! — exclamou Anne, perdida em seu devaneio.

— Foi bem difícil arrumá-lo, posso garantir isso — disse a ex-criada, e elas riram.

Era bom rir em vez de chorar, para variar, pensou Anne. Partilhar as lembranças felizes de Sophia antes do ocorrido. Mas a mesma lembrança a fez mudar de tom:

— Ela estava muito chateada naquela noite, quando voltamos para casa.

— Estava — concordou a ex-criada, mas não se atreveu a acrescentar mais nada.

Anne olhou para ela.

— Já faz muito tempo e fico contente de saber que você prosperou. Tenho certeza de que sua vida nos Estados Unidos vai ser gratificante e completa. Mas como podemos não nos encontrar de novo... — Ela hesitou.

— Não vamos nos encontrar de novo, senhora — confirmou Jane baixinho.

— Não. — Anne olhou para o fogo na lareira. — Então será que podemos ser honestas uma com a outra neste último encontro?

— Certamente, senhora.

— Você sabe o que aconteceu na noite do baile?

Jane assentiu. Já era estranho o bastante ter aquela conversa com uma mulher para quem, antigamente, prestaria reverências. Era quase como se fossem do mesmo nível. O que, de certa forma, em se tratando daquele assunto, elas eram.

— Sei que aquele tal de lorde Bellasis, que todos nós achávamos que era um bom cavalheiro, a enganara e traíra, e ela descobriu isso naquela noite.

— Você sabia sobre a farsa do casamento, então?

— Não. — A ex-criada estava ansiosa para provar que não tinha escondido segredos até Sophia a obrigar a fazer isso. — Ela nunca me disse nada sobre isso até descobrir que era uma farsa. E, claro, só depois ela...

Jane tomou um gole do refresco e olhou para o chão.

— Ela descobriu que estava grávida. — Para Anne, também era estranho poder falar sobre esse assunto com outra pessoa além do seu marido ou de lady Brockenhurst. Ela nunca tinha feito isso.

— Pedi para ela lhe contar, senhora. Imediatamente. Mas ela parecia em transe e não conseguia raciocinar de forma alguma.

— Ela acabou me contando.

— Sim — disse Jane.

As duas se entreolharam. Sabiam muitas coisas sobre as quais mais ninguém fazia ideia. Ninguém além de James. Mesmo lady Brockenhurst, que achava que estava informada, nunca conhecera Sophia, então não sabia metade da história. Anne voltou a falar:

— Ela me contou a tempo de planejarmos nossa viagem para o norte. E tudo poderia ter ficado bem, se ao menos...

— Se ao menos ela não tivesse morrido. — Os olhos de Jane estavam marejados, e, enquanto Anne observava, uma lágrima escorreu pelo rosto da ex-criada. Anne a amava por chorar pela sua filha perdida. — Suponho que o bebê seja adulto agora. Ele ainda mora com o reverendo Sr. Pope? Ou está em Londres? Imagino que ele seja o jovem Sr. Pope que a Srta. Ellis mencionou, certo?

— Mas como você sabia sobre o reverendo Sr. Pope?

Jane a encarou.

— Sinto muito, senhora. Não sei como dizer isso...

Ela fez uma pausa.

— Continue — pediu Anne. — Por favor.

A visitante voltou a falar com o tom de voz de quem pede desculpas, enquanto revelava os segredos do passado:

— Sabe, a Srta. Sophia costumava escrever para mim, senhora. Até o fim. Falamos sobre o bebê e o que ia acontecer em seguida, e ela me contou que a criança ia morar com os Pope no Surrey. Lembro que a Sra. Pope não tinha filhos, apesar de ter perdido a carta em que ela disse isso.

Anne estava surpresa.

— Então você sabe tudo.

— Não falei nada com ninguém. Juro pela minha vida — disse Jane, levando a mão ao coração. — E nunca vou comentar com nenhuma pessoa.

— Não se preocupe — respondeu Anne. — Acho reconfortante que ela tivesse mais alguém com quem conversar.

Então Jane pegou o envelope de couro e o colocou no colo.

— Tenho alguns papéis aqui, senhora. — Ela hesitou. — Um deles confirma o falso casamento. Tem a assinatura do homem que se passou por padre. Ele assina como Bouverie. Suponho que seria a certidão de casamento, se não fosse de mentira. Há também uma carta de Bouverie descrevendo como os dois se casaram em Bruxelas, tão longe de casa. — Ela fez uma pausa para pegar a papelada. — Ela me deu isso naquela noite em Bruxelas, quando chegou em casa depois do baile, e me disse para queimar tudo, mas não fiz isso. Não tive coragem. Os papéis não eram meus, por isso achei que eu não tinha o direito de destruí-los.

— Entendo.

Anne pegou os papéis e deu uma olhada no conteúdo.

— Mas estou saindo do país e, como a Srta. Ellis mencionou o Sr. Pope na carta que mandou para mim, achei que seria melhor lhe entregar tudo. Não sei se a senhora vai querer guardá-los. Talvez queira queimá-los pessoalmente. Mas essa decisão deve ser sua, não minha.

Em seguida, ela deixou o envelope de couro com a Sra. Trenchard.

— Obrigada, Jane... Devo chamá-la de Srta. Croft agora. É muita gentileza e muita consideração da sua parte. — Anne pegou o envelope e olhou o interior. — O que são os outros papéis?

— Algumas cartas da Srta. Sophia contando sobre os planos para a chegada do bebê, descrevendo o médico, a parteira e coisas assim. Eu não queria correr o risco de cair morta e toda essa informação acabar parando nas mãos de algum desconhecido. Mais uma vez, é melhor ficar com a senhora. Guardei uma das cartas para me lembrar dela, mas não há nada que um estranho não possa ler.

Anne sorriu ao ouvir isso, enquanto seus olhos começavam a marejar, e então observou a letra nos envelopes. Passou lentamente as pontas dos dedos pelas curvas das letras. Querida Sophia... Mesmo naquele momento, a simples visão da letra da filha bastava para fazer as lágrimas rolarem. A anotação parecia mesmo de uma jovem, com curvas e floreios. A letra de Sophia sempre foi extravagante. Anne a imaginou sentada à escrivaninha, com a pena na mão.

— Obrigada — disse outra vez, olhando para a visita. — Estou muito emocionada. Restaram pouquíssimas coisas de Sophia, sabe. Não são recordações suficientes. É maravilhoso recuperar algo dela depois de tantos anos...

Naquela noite, sozinha no quarto, Anne leu as cartas várias vezes. Ela não conseguia conter as lágrimas, mas o amor que sentia pela filha perdida, ouvir sua voz de novo enquanto lia as frases que Sophia escrevera, foi algo tão intenso que era quase revigorante. Ela não ia contar para James ainda. Queria guardar aquilo para si mesma por algum tempo. Então se levantou e as trancou em um pequeno armário em seu quarto, antes que o marido aparecesse.





Oliver estava ansioso para almoçar com seu pai no Athenaeum. A descoberta do passado duvidoso de Pope tinha sido cara e cansativa, mas estava feita, e ele esperava que pudesse haver, então, uma aproximação entre ele e seu pai exigente. Afinal, tinha feito um favor a James, permitindo que ele se retirasse do negócio antes que fizesse papel de bobo com Pope e seu maldito algodão. James lhe contara que Charles não havia negado as acusações, o que despertara o interesse de Oliver. As cartas confirmavam que Pope era culpado, claro, mas ainda assim Oliver esperara que ele tentasse se esquivar de alguma forma, mas ele não fez isso. Melhor assim. Estava na hora de Oliver e James seguirem com suas vidas, com um novo e enriquecido espírito de amor e cooperação familiares.

— Bom dia, senhor — disse o funcionário do clube enquanto pegava a bengala de ponta de prata de Oliver, além de suas luvas e seu chapéu revestido de seda.

Oliver sorriu. Gostava dali, era civilizado. Era onde devia estar. Seguindo o homem pelo corredor e pela escadaria, ele entrou na grande sala de jantar, com janelas altas que iam quase do chão ao teto. Embora a sala fosse grande, os painéis de madeira escura nas paredes e o tapete estampado de um marrom-escuro lhe davam uma sensação intimista e discreta.

— Pai.

Ele acenou com um pequeno gesto para James, que estava esperando em uma mesa redonda no canto. O homem mais velho se levantou para lhe dar boas-vindas.

— Oliver — disse ele, com um sorriso jovial. — Fico feliz em vê-lo aqui. Espero que você esteja com fome.

James estava disposto a agradecer o filho. Os últimos meses não tinham sido fáceis nem agradáveis, e ele estava ansioso para superar as diferenças e aliviar o clima tenso no qual viviam já fazia algum tempo. Mas naquele dia não estava confiante de que seu objetivo poderia ser alcançado, considerando o que ele precisaria dizer.

— Excelente — respondeu Oliver, esfregando as mãos enquanto se sentava.

James percebeu o otimismo e a confiança de seu filho e sabia muito bem quais deviam ser seus motivos. Ainda assim, pensou, deixe Oliver abordar o assunto.

Eles pegaram os cardápios.

— Onde você estava esta manhã? — perguntou James.

— Cavalgando — respondeu Oliver. — O dia estava lindo e Rotten Row estava lotada, mas fiquei satisfeito com esse novo cavalo.

— Achei que fosse encontrar você na reunião na Gray's Inn Road.

— Que reunião? — Oliver olhou para o cardápio à sua frente. — O que é *hogget*?

— Carne de carneiro jovem, porém mais velho que um cordeiro. — James suspirou suavemente. — Discutimos as diferentes etapas do novo projeto. Ninguém lhe avisou que haveria uma reunião?

— Podem ter avisado. — Oliver chamou um garçom. — Vamos pedir algo para beber?

James o observou enquanto ele pedia uma garrafa de vinho branco para começar, e, em seguida, uma de vinho tinto. Por que seu filho era sempre tão decepcionante? James tinha arranjado para ele uma posição em um dos projetos mais interessantes do país, e o rapaz não demonstrava o menor interesse. Claro que o projeto não estava no estágio mais fascinante — a desobstrução de vastas áreas de pântano na East End —, mas o problema era mais sério do que isso. Oliver parecia não entender que a única conquista verdadeira no mundo só era adquirida por meio de trabalho duro. A vida como uma série de prazeres momentâneos não satisfazia ninguém. O rapaz precisava investir na própria vida, investir em si mesmo.

Se Oliver ouvisse esses pensamentos serem ditos em voz alta, teria ficado furioso. Ele estava disposto a fazer um investimento, só que não na vida que o pai tinha planejado para ele. Queria morar em Glanville e passar as

temporadas em Londres. Queria cuidar de suas terras, lidar com seus arrendatários e desempenhar um papel importante no condado. Isso era errado? Desonroso? Não. Seu pai nunca apreciaria valores diferentes dos seus. Seria isso que ele diria e, para ser justo com Oliver, havia certa verdade nesse argumento. Mas enquanto estavam lá sentados, bebendo o vinho que tinham pedido, ambos sabiam que a imagem de Charles Pope pairava sobre a conversa, como se ele estivesse de pé atrás de suas cadeiras, e o assunto teria que ser abordado antes que se passasse muito tempo. Por fim, Oliver não conseguiu mais resistir.

— Então — começou ele, cortando a carne. — Foi fácil desfazer negócio com o Sr. Pope?

— O que quer dizer com isso?

— O que acha que quero dizer? Você sempre foi um defensor fervoroso de transações honestas. Não me diga que baixou seus padrões.

— Na realidade mantive meu dinheiro na empresa dele — disse James cuidadosamente. — Continua sendo um bom investimento.

Oliver se inclinou para a frente.

— E as cartas que lhe entreguei? — Seu tom de voz estava baixo e agressivo. — Você disse que confrontou Pope e ele não negou nada.

— É verdade.

James tinha escolhido perdiz, mas estava arrependido.

— Bem, e então?

Quando James respondeu, sua voz saiu suave como seda. Nem se estivesse domando um animal selvagem teria sido mais gentil.

— Não acreditei que a coisa toda estivesse muito... certa.

— Não estou entendendo. — A boca de Oliver estava comprimida. — Está querendo dizer que era tudo mentira? Nesse caso, o mentiroso sou eu? É isso?

— Não — respondeu James, tentando acalmar o filho. — Acho que ninguém estava mentindo. Pelo menos, você não...

— Se os homens que escreveram as cartas não disseram a verdade, Pope teria negado.

— Não tenho tanta certeza. Além disso, quando estamos no comércio...

Oliver fez uma careta. Por que seu pai não permitia que a família superasse as raízes comerciais? Era pedir muito?

— Quando estamos no comércio — repetiu ele, com firmeza e propósito —, desenvolvemos um instinto para avaliar as pessoas. Charles Pope nunca tentaria enganar os aduaneiros. Não é da natureza dele.

— Vou repetir: por que ele não negou? — perguntou Oliver, amassando o guardanapo.

— Fale baixo.

James olhou em volta. Alguns dos outros clientes estavam começando a olhar para a mesa deles.

— Vou ter que perguntar de novo? — Em vez de baixar a voz, Oliver falou mais alto do que antes. Também jogou a faca e o garfo no prato, fazendo o máximo possível de barulho.

James não precisava olhar ao redor para saber que eles tinham virado o espetáculo do local e mais tarde, na biblioteca, seriam o assunto de conversas animadas. Era exatamente o que ele não queria.

— Muito bem. Se você insiste. Acredito que Charles Pope estava relutante em ser o motivo de uma briga entre mim e você. Ele não se defendeu porque não queria ficar entre nós.

— Bem, ele está entre nós, não está, pai? O Sr. Pope? Está entre nós há algum tempo! — Oliver empurrou a cadeira para trás e se levantou, morrendo de raiva. — Claro que você ficaria do lado dele. Por que eu pensei, por um momento que fosse, que seria diferente?! Tenha um bom dia, pai. Desejo-lhe felicidades com o Sr. Pope! — Ele cuspiu as palavras como se estivessem envenenadas. — Seja reconfortado por ele, pois não sou mais seu filho!

O local ficou em silêncio. Quando Oliver se virou, viu pelo menos uma dúzia de pares de olhos fixos nele.

— Vão para o inferno, todos vocês! — vociferou e, virando-se, marchou para fora do clube.



Naquele exato momento, Charles estava sentado em seu escritório, observando o retrato do pai adotivo. Tentava se convencer de que devia estar animado. Era um momento fundamental de sua carreira. Seu negócio tinha sido financiado, incluindo a viagem para a Índia que propusera, e tudo estava acertado. Mas, de alguma forma, não queria sair de Londres e suas perspectivas haviam perdido a graça. Quando pensava a respeito, a verdade era que não queria ficar longe de Maria Grey. Ele pegou a caneta. Será que estava mesmo preparado para sacrificar tudo pelo que havia trabalhado para ficar perto de uma mulher que poderia nunca se tornar sua esposa? Por que a vida tinha que ser tão impossível? Como isso havia acontecido? Ele estava apaixonado por uma mulher comprometida com outra pessoa. Pior: que estava totalmente fora de seu alcance. Só poderia haver sofrimento e humilhação à sua espera. Ele olhou mais uma vez para o retrato. Que conselho aquele homem sábio lhe daria?

— Com licença, senhor.

Um funcionário bateu de leve na porta aberta, segurando um envelope.

— Pois não?

— Isto chegou para o senhor — disse o funcionário. — Acabou de ser entregue por um mensageiro. Ele disse que era urgente.

— Obrigado. — Charles assentiu, estendendo a mão e pegando a carta. Deu uma olhada na letra. — O mensageiro ainda está aqui?

— Não, senhor.

— Obrigado — repetiu Charles, esperando que o homem saísse para abri-la.

“Meu querido Charles.” Ele conseguia ouvir a voz dela enquanto lia. “Preciso vê-lo com urgência. Estarei na livraria Hatchard até as quatro da tarde. Por favor, venha. Com carinho, Maria Grey.”

Ele ficou olhando para a carta por um instante, depois tirou o relógio do bolso, com o coração batendo descontroladamente. Já eram três e quinze. Havia pouquíssimo tempo. Pegou o chapéu e o casaco e saiu correndo do escritório, passando por seus funcionários assustados.

Ele tinha quarenta e cinco minutos para chegar a Piccadilly. Desceu depressa a escada e correu para a rua, olhando ansiosamente para ambos os lados de Bishopsgate, em busca de uma carruagem de aluguel. Mas não havia nenhuma à vista. Ficou parado na calçada, cercado por uma multidão de pessoas, homens trabalhando e mulheres passeando, cuidando de assuntos particulares. Qual era o caminho mais rápido até Piccadilly? Será que se corresse conseguiria chegar a tempo? Estava ofegante, com as mãos suadas. Sentiu as lágrimas de frustração encherem seus olhos. Correu pela calçada, em seguida mudou de ideia e voltou depressa para a rua, procurando desesperadamente uma carruagem.

— Ei! — gritou um homem grandalhão conduzindo uma carroça. — Saia do caminho!

— Por favor, Deus — clamou Charles enquanto corria em direção a Leadenhall Market. — Nunca mais vou lhe pedir nada se me ajudar a conseguir uma carruagem. — Então, quando virou a esquina da Threadneedle Street, encontrou uma carruagem de aluguel. — Aqui! Aqui! — gritou ele, balançando os braços.

— Para onde, senhor? — perguntou o motorista, parando.

— Hatchard, em Piccadilly, por favor — disse Charles, desabando no banco de couro preto, com o coração ainda disparado. — E, por favor, vá o

mais rápido que puder. — Ele fechou os olhos. — Obrigado, Deus — sussurrou.

Mas era claro que pediria outros favores ao criador. Sabia disso.

Faltavam cinco minutos para as quatro quando Charles finalmente chegou diante da livraria. Ele saltou da carruagem, pagou e deixou uma gorjeta para o motorista antes de irromper pelas portas duplas, tipo *bay window*, da loja, e parou de repente. Onde ela estava? O local era enorme. Ele não se lembrava de que era tão grande assim e, àquela hora do dia, estava cheio de mulheres, todas usando chapéus que faziam sombra em seus rostos. Conferiu o relógio outra vez. Certamente Maria esperaria. Ela sabia que ele não deixaria de ir, não sabia?

Mas onde ele a encontraria? Olhou entre as prateleiras dos livros de ficção, abrindo caminho por um mar de saias amplas sustentadas por anáguas pesadas. Fez um grande esforço para espiar sob as abas dos chapéus, enquanto suas donas liam atentamente os livros que seguravam. Enquanto passava, ele chamava baixinho o nome dela.

— Maria? Maria?

Uma garota sorriu para ele, mas a maioria lhe lançava olhares discretos e, evitando seus olhos, tentava se afastar. Ele pegou uma cópia de *Mansfield Park*, de Jane Austen, e fingiu que estava lendo enquanto procurava pelos corredores. Onde ela estaria? Do que ela gostava? Qual assunto poderia lhe interessar?

De repente, falou em voz alta:

— Índia! — Os clientes perto dele se afastaram. — Com licença! — Ele correu até um homem que arrumava as prateleiras ali perto. — Onde posso encontrar um livro sobre a Índia?

— Viagens e Império. — O vendedor da loja bufou diante da sua ignorância. — Segundo andar.

Charles subiu a escada como se estivesse em uma corrida de obstáculos, e então, de repente, lá estava ela, de pé em um canto, folheando um livro. Ela

ainda não tinha notado sua chegada, e, por um instante, como a havia encontrado, ele se permitiu desfrutar dessa visão. Ela estava usando uma saia marrom, um casaco e um chapéu combinando com borda de seda verde-limão. Seu rosto, concentrado no que ela estava lendo, era ainda mais bonito do que ele lembrava. A verdade, pensou com admiração, é que não importa quão bonita ela seja em minha imaginação, sempre que a vejo ela parece ainda mais bela.

Então, ela ergueu os olhos, como se tivesse percebido o olhar dele em sua direção.

— Charles — disse Maria, segurando o livro junto ao peito. — Achei que você nunca ia chegar.

— Só recebi sua mensagem às três e quinze. Estou correndo desde então.

— Ele deve ter parado no caminho, aquele desgraçado. — Mas ela estava sorrindo. Charles estava ali. Tudo voltou a ficar bem. Ela havia colocado a mão sobre a dele ao cumprimentá-lo, mas ele não a soltara. Então ela lembrou por que o chamara e afastou a mão. Depois ainda ficou séria. — Você tem que me ajudar.

Ela falava em um tom de urgência que logo deixou evidente que ele não tinha sido chamado por motivos fúteis.

— Claro que ajudo.

Maria queria que ele soubesse de toda a verdade:

— Mamãe quer me mandar embora, para a casa da prima dela em Northumberland, para me tirar de Londres enquanto planeja meu casamento com John Bellasis. Ela já marcou a data.

Mesmo que a atitude da mãe a irritasse, Maria começou a chorar, mas secou os olhos com a luva e balançou a cabeça para se livrar de qualquer fraqueza.

Apesar de achar inadequado, Charles passou um braço em volta dos ombros dela.



— Estou aqui agora — disse ele simplesmente, como se isso pudesse fazer toda diferença, mas era essa a sua intenção.

Ela olhou intensamente para ele, com uma expressão de guerreira.

— Vamos fugir juntos — sussurrou ela. — Vamos deixar tudo e todos para trás.

— Ah, Maria! — Ele estava sentindo um turbilhão de emoções. Com cada fibra do seu corpo, ele queria dizer que a amava desde a primeira vez que a vira, na sacada, durante a *soirée* de lady Brockenhurst. Ele queria lhe dizer que não havia mais nada no mundo que preferisse fazer a fugir com ela. Fugir e nunca mais voltar. Tocou sua bochecha macia e disse: — Não podemos. Você já deve saber disso.

Ela deu um passo para trás como se tivesse levado um tapa.

— Por que não?

Ele suspirou. Alguns dos outros clientes observavam os amantes, com a mulher à beira das lágrimas. Charles teve a sensação de que as pessoas estavam gostando do espetáculo.

— Não vou ser o responsável pela sua ruína. Se você fugisse com um comerciante da East End, todas as portas de Londres seriam batidas na sua cara. Como eu poderia fazer isso com você? Se a amo?

— Se me ama?

— Porque eu amo você. Mas não vou ser o instrumento da sua queda — explicou ele, balançando a cabeça com tristeza. Ele olhou em volta mais uma vez. — Mesmo este encontro pode nos trazer problemas. Como você escapou da sua criada?

— Eu a despistei. Estou ficando boa nisso. — Mas seu tom de voz estava mais triste do que brincalhão. — Então o que você está dizendo? Que devo morrer solteira? Porque não vou me casar com John Bellasis, nem se mamãe me trancar em uma torre e me alimentar de pão e água até o fim dos meus dias.

Ele não resistiu e sorriu por causa do espírito guerreiro de Maria.

— É melhor irmos — disse ela. — Estamos começando a chamar atenção.

— Quem se importa?

A tristeza de Maria tinha passado. Ela estava desafiadora.

— Eu me importo. — Charles estava com os pensamentos a mil. O que poderiam fazer para proteger Maria e não arruiná-la? Então, de repente, se deu conta de aonde deveriam ir em seguida. — Venha comigo — falou, mais determinado. — Tive uma ideia.

— É uma ideia boa? — perguntou Maria.

Ela estava começando a recuperar o ânimo. Charles podia não estar disposto a fugir com ela, mas ficou claro que também não iria abandoná-la.

— Acho que sim. Espero que sim. Vamos descobrir em breve.

Ele a conduziu gentilmente até a escada.



Eram quatro e meia quando o veículo parou na frente da casa dos Brockenhurst, na Belgrave Square. Maria e Charles pagaram, saltaram e andaram rapidamente em direção à porta.

— A condessa terá uma ideia do que devemos fazer — assegurou Charles enquanto eles estavam nos degraus. — Não posso fingir que a conheço bem, mas ela gosta de você e de mim. Terá algo a dizer sobre o assunto.

Maria não estava muito convencida.

— Isso pode ser verdade, mas John é sobrinho do marido dela, e, em nosso mundo, o sangue sempre vence a amizade.

Naquele momento, a porta foi aberta por um lacaio e, quando os dois entraram, logo ficou óbvio que a casa estava imersa em inúmeras atividades, com criadas esperando para pegar as capas das damas que logo chegariam e outros criados parados na escada.

— O que está acontecendo? — perguntou Charles.

— Sua graça está oferecendo um chá, senhor. Os senhores não foram convidados? — questionou ele, franzindo a testa, afinal só os deixara entrar porque supusera que tivessem sido convidados.

— Ela vai ficar contente de nos ver, tenho certeza — disse Charles, tranquilo.

O laçao ficou nervoso com esta informação. E se houvesse um motivo para os dois não terem sido convidados? Ele tentou decidir qual atitude — mandá-los embora se fossem bem-vindos ou deixá-los entrar se não fossem — lhe traria mais problemas. No fim, sabia que tinha visto os dois em outras reuniões oferecidas pela patroa, por isso achou que provavelmente seria melhor mandá-los subir. Ele acenou para um homem no pé da escada.

— Leve o Sr. Pope e a lady Maria Grey à sala de estar.

Eles se dirigiram para os degraus.

— Estou bastante impressionado que ele se lembre dos nossos nomes — disse Charles.

— É o trabalho dele — respondeu Maria. — Mas devemos entrar assim?

Quando chegaram à entrada, a sala de estar principal da casa dos Brockenhurst — pois havia duas, ligadas por portas duplas — parecia estar completamente lotada de mulheres. Pelo menos, havia alguns homens entre elas, conversando e rindo, seus fraques pretos em nítido contraste com o mar de cores à sua volta, pois as saias amplas das damas ondulavam ao redor feito ninfeias em um lago. Criados andavam entre os convidados carregando bandejas de sanduíches e bolos e trazendo bules para encher as xícaras. Algumas damas ergueram os olhos, curiosas.

— Onde vamos encontrá-la? — perguntou Maria, mas a resposta veio rapidamente de trás deles.

— Aqui — disse lady Brockenhurst.

Eles se viraram e lá estava ela, sorrindo, talvez um pouco surpresa.

— Sentimos muito por termos forçado nossa entrada em sua festa, lady Brockenhurst... — Mas Charles não conseguiu continuar.

— Que bobagem. Estou muito feliz em ver você. — Por um instante, a condessa se permitiu observá-lo com satisfação. — Eu os teria convidado se achasse que considerariam minimamente divertido.

Ela estava usando um vestido adamascado rosa-claro com bordas de renda e uma gola discreta, um traje formal a seu modo, mas, ainda assim, apropriado. Só Maria sabia que aquela era uma cor que a condessa não teria usado até recentemente.

— Precisamos de um conselho — disse Charles.

— Fico lisonjeada.

— Mas talvez não seja um conselho que queira dar. — Claramente, Maria estava bem menos otimista com relação ao resultado. — Você pode achar que deve apoiar o outro lado.

— Terei que escolher lados? — A sobrancelha direita de Caroline Brockenhurst se ergueu com ironia. — Que interessante. Gostaria de vir comigo ao meu toucador, minha querida? Fica neste andar, do outro lado.

Maria ficou um pouco surpresa.

— Podemos deixar seus convidados?

— Ah, acho que sim.

Lady Brockenhurst já sabia o que estava por vir, pois fazia algum tempo que vinha esperando por isso. Também sabia como pretendia lidar com a situação.

— E Charles?

— O Sr. Pope pode ficar aqui. Não vamos demorar. Ele não vai se importar.

— De forma alguma — confirmou Charles.

Ele estava encantado por sua anfitriã parecer tão disposta a se envolver em seus problemas. As mulheres seguiram na direção de uma porta diferente daquela pela qual Maria e Charles tinham entrado. Então pararam.

— Devo avisá-lo, Sr. Pope — disse lady Brockenhurst —, que estou esperando lady Templemore.

Maria e Charles se entreolharam. Não era isso que eles queriam ouvir.

— Considere-me avisado — respondeu ele.

De fato, naquele momento, lady Templemore estava na entrada da outra extremidade da sala. Tinha sido informada lá embaixo que sua filha já havia chegado, acompanhada do Sr. Pope, e ela recebeu a notícia em silêncio absoluto. Tinha suspeitado de que algo do tipo pudesse ocorrer quando Ryan lhe dissera que Maria a despistara. Mas encontrá-los juntos ali foi um choque. Isso devia significar que acreditavam que lady Brockenhurst ficaria do lado deles, mas como ela poderia fazer isso? Corinne Templemore estava relutante de ter um pensamento tão maldoso sobre sua antiga aliada. Pelo menos até ver Maria sair da sala com Caroline, que estava sorridente, e o Sr. Pope ser deixado à própria sorte, rodeado pelas belas idosas da lista de convidados. Enquanto estava parada ali, algumas senhoras acenaram para ela, mas Corinne não se aproximou de nenhuma. No meio da multidão, sentada em uma *bergère* adamascada de frente para ela, havia uma mulher de aparência notável e cinquenta e tantos anos. Vestida de seda azul adornada com tiras douradas, ela também usava um pesado colar de pérolas reluzentes e brincos combinando. Seu cabelo cacheado estava preso no alto, e em seu colo havia um leque de plumas.

— Lady Templemore — disse ela. — Tenha um bom dia.

Ela percebera que o olhar de Corinne não se desviava do rapaz sentado do outro lado da sala, e estava curiosa. Havia algo fascinante na imobilidade da outra mulher. Será que era uma relação improvável? Um romance entre gerações? Qualquer que fosse a verdade, ficou claro que alguma intriga estava se desenrolando à sua frente, e ela estava fascinada.

Corinne a observou por um instante, sendo retirada dos seus devaneios pela saudação.

— Duquesa — disse ela. — A senhora deve estar muito satisfeita pelo sucesso da moda que criou. Sem dúvida, o chá da tarde vai sobreviver a todos nós.

A duquesa de Bedford aceitou o cumprimento com modéstia.

— Você é gentil, mas nunca se sabe o que vai durar — opinou ela, permitindo que seu olhar seguisse o de lady Templemore até o belo rapaz sentado ao longe.

Corinne sorriu com frieza.

— Talvez não — falou ela em um tom de voz tão severo que a duquesa soube imediatamente que sua evidente obsessão com aquele desconhecido não passava de uma paixão disfarçada. — Mas às vezes sabemos o que *não* vai durar. Não se eu tiver alguma relação com isso.

Quando acabou de falar, ela seguiu em frente, deslizando pela multidão, segurando sua saia, sem olhar para a esquerda nem para a direita até parar diante de Charles Pope.

Ele estava conversando com uma mulher e não notou de imediato a presença de lady Templemore. Então, ela falou:

— Sr. Pope.

Ele se virou.

— Lady Templemore. Boa tarde.

Em sua mente, ele agradeceu a lady Brockenhurst por tê-lo avisado, caso contrário o choque poderia ter ficado evidente em sua expressão.

— Eu deveria ter imaginado que você estaria envolvido.

A expressão de lady Templemore estava implacável.

— Envolvido em quê?

— Não minta para mim.

Charles sentiu uma estranha calma crescendo dentro de si. Ele sempre soubera que chegaria o dia em que teria de enfrentar a mãe de Maria. Mesmo quando se convencia de que Maria estava fora de seu alcance e tentava se conformar com isso, ainda assim, no fundo ele ficava a sensação de que uma batalha seria travada.

— Não sou mentiroso — retrucou ele, no tom mais agradável que conseguiu. — Vou lhe contar o que quiser. Eu a encontrei em Hatchard. Ela

estava angustiada e por isso eu a trouxe aqui. Está com lady Brockenhurst agora.

— Sei que vocês têm se encontrado em segredo. Não pense que não sei. Sei tudo sobre você. — Corinne tinha baixado o tom de voz, mas, mesmo assim, uma mulher perto deles se levantou e mudou de lugar, percebendo que algo mais importante do que fofocas de uma festa estava acontecendo e seria conveniente que qualquer ouvinte desse espaço a eles.

Claro que não era totalmente verdade que Corinne sabia tudo sobre ele, mas ela sabia bastante coisa. Depois daquele primeiro encontro, a criada, Ryan, havia relatado informações suficientes para que Corinne fizesse mais averiguações. Não demorou muito para descobrir que ele era filho de um vigário do interior, e tinha iniciado uma carreira no comércio. A ideia de que ele considerasse possível cortejar Maria ofendia Corinne Templemore até seu âmago.

Charles, ciente dos olhares curiosos fixos neles, também havia baixado o tom, mas torcia para estar falando com firmeza. Não tinha a intenção de ser intimidado por aquela mulher, não importava quem ela fosse.

— Nós realmente nos encontramos algumas vezes, mas não é verdade que foi em segredo — retrucou Charles.

Claro que ele estava sendo um pouco infantil, e sabia disso. Aquele encontro em Kensington Gardens, por exemplo, até aconteceu em um lugar público, mas ainda assim foi em segredo. Ou por que teria se escondido nos arbustos e escapado feito um fugitivo quando lady Templemore se aproximou? Ainda assim, se justificou com o argumento de que não cabia a ele revelar o amor dos dois à mãe de Maria. Cabia a menina fazer isso, em seu tempo. Ela podia, afinal, se posicionar contra essa revelação, embora ele achasse que isso não ocorreria. Se ela estava disposta a fugir, sem dúvida era forte o suficiente para enfrentar a mãe.

Corinne tinha seus motivos. Nascida bonita e bem-criada, embora não fosse rica, ela poderia ter desfrutado de uma vida agradável, se não tivesse se

casado aos dezesseis anos com um homem que parecia estar sempre com raiva, desde o momento em que saíram da igreja. Como resultado, ela passara quase trinta anos em uma casa congelante no meio do nada, esquivando-se dos insultos do marido. Ele estava com raiva até no dia em que morreu. Numa viagem de caça, seu cavalo refugara em um portão e ele o chicoteou com tanta fúria que o animal empinou e o derrubou. Sua cabeça se chocou numa pedra, e esse foi o fim do quinto conde de Templemore. Depois de se libertar da tempestade que era seu casamento, viu em John Bellasis um refúgio de paz e conforto que, sem dúvida, ela merecia e ansiava. Pelo menos até aquele intruso que viera de lugar nenhum virar o jogo.

Mas a decisão de Corinne de enfrentar Charles foi um erro de julgamento. Se tivesse sido mais contida, se houvesse optado por lisonjeá-lo e apelar para o senso de honra dele, poderia ter esperança de afastá-lo de vez. Mas um ataque direto estava fadado a ter como consequência o resultado oposto. Enquanto Charles observava o rosto vermelho e furioso à sua frente, foi atingido pela ironia: lady Templemore o fizera mudar de ideia. Isso a deixaria enfurecida, mas era verdade. Na livraria, ele recusara o apelo de Maria, porque acreditava que era seu dever fazê-la desistir disso, em vez de viver à sombra de um escândalo, mas aquela mulher imperiosa e arrogante tinha feito com que ele enxergasse o caso de outra maneira. Na verdade, se Maria voltasse naquele instante e lhe pedisse de novo para fugir, ele provavelmente concordaria.

Em todo caso, Corinne Templemore não havia ido ali para discutir com aquele zé-ninguém impertinente. Ela só tinha medo de que sua raiva fosse grande a ponto de fazê-la não conseguir controlar mais a língua, o que provocaria uma cena que toda Belgravia comentaria ainda antes do anoitecer. Em um esforço para se recompor, ela alisou a seda lilás de sua saia. Então, quando teve certeza de que estava controlada, olhou para o rosto dele outra vez.

— Sr. Pope — disse ela. — Sinto muito por ter sido rude.



— Por favor. — Ele ergueu a mão num gesto de dispensa. — Não se preocupe com isso.

— Você está me entendendo mal. Só sinto muito porque isso pode fazer com que você ignore o que estou dizendo. O fato é que considerar a possibilidade de qualquer ligação entre o senhor e minha filha é ao mesmo tempo criminoso e incrivelmente estúpido. O senhor decide qual das duas coisas.

Lady Templemore ficou esperando uma resposta. Charles olhou para ela.

— Maria e eu...

— *Lady Maria* — corrigiu ela, esperando que o rapaz continuasse.

Ele respirou fundo e tentou de novo:

— *Lady Maria* e eu...

Mas ela o interrompeu outra vez:

— Sr. Pope, não existe “*lady Maria* e eu”. Essa é uma ideia absurda. O senhor deve entender o seguinte: minha filha é uma joia tão acima do senhor quanto as estrelas. Para o seu próprio bem, assim como para o dela, esqueça a minha filha. Deixe-a em paz, se tem um pingão de honra.

Após dizer isso, ela andou até um assento perto da duquesa, pegou um prato e uma xícara com um laçao que passava e começou a conversar com a mulher ao seu lado, sem nem ao menos lançar mais um olhar sequer para o homem cuja vida tentara reduzir a pó.



Assim que elas entraram no toucador, Caroline fechou a porta e indicou um assento para a moça.

— Acredito que seja sobre o sobrinho do meu marido.

Maria assentiu.

— Em parte, sim. Não vou me casar com ele, não importa o que minha mãe diga.

Foi a vez de Caroline assentir.

— Você deixou isso bem claro quando soubemos do anúncio do seu noivado nos jornais.

— As coisas pioraram desde então.

Enquanto falava, Maria dava uma olhada naquela bela sala, com móveis delicados e o fogo crepitando na lareira. Alguns convites estavam presos no espelho de moldura dourada. Havia uma peça inacabada de bordado, envolvendo uma moldura redonda, em cima da escrivaninha. Livros, flores e cartas contribuíam para aquela mixórdia encantadora e descontraída. Lady Brockenhurst deve levar uma vida sem problemas, fácil e invejável, pensou Maria. Mas então lembrou que o único filho da anfitriã estava morto.

Caroline olhou para ela.

— Você está me deixando impaciente — falou.

— Claro. — Maria pigarreou. Estava na hora de contar a história. — Mamãe está me obrigando a sair de Londres e ficar na casa da prima dela, a Sra. Meredith, em Northumberland.

— E isso seria desagradável para você?

— Não é essa a questão. Gosto dela. Mas mamãe quer cuidar dos preparativos do meu casamento enquanto eu estiver fora, para que eu possa voltar e me casar alguns dias depois.

Caroline refletiu um pouco. Então, ela estava certa. A situação estava à beira de uma crise. O momento que ela imaginara por tanto tempo estava quase chegando. Ainda assim, sabia o que tinha de fazer. Sentiu uma ligeira pontada enquanto se preparava para quebrar a promessa que fizera a Anne Trenchard, mas, com toda a sinceridade: isso poderia mesmo ser evitado? A outra mulher a perdoaria quando soubesse dos fatos.

— Maria — começou ela. — Tenho algo a lhe contar, mas eu preferia que continuasse sendo segredo para Charles Pope. Não será por muito tempo e, no fim, ele vai saber de toda a verdade, prometo.

— Por que a senhora não pode dizer a ele agora?

— Porque o segredo é sobre o próprio Charles e, naturalmente, vai ser mais traumático para ele do que para você. E tenho que explicar tudo na frente de lord Brockenhurst, que está viajando. Você estará presente quando eu contar a ele, mas não deve deixar escapar nada até que eu faça isso. Preciso da sua palavra.

Provavelmente aquela foi a coisa mais intrigante que Maria escutara em toda a sua vida.

— Tudo bem — concordou ela, cautelosa, e acrescentou: — Se ele vai ficar sabendo, no fim das contas.

— Vou lhe contar agora, porque acho que você vai entender que isso afeta inclusive a sua posição. Vai mudar as coisas, não tanto quanto sua mãe gostaria, mas certamente vai colocar você em uma posição diferente e talvez possamos convencê-la.

Lady Brockenhurst havia declarado seu lado em termos inequívocos.

— O que devo fazer nesse meio-tempo?

— Você vai ficar comigo aqui, nesta casa.

Havia algo quase inquietante na firme convicção por trás de cada palavra de lady Brockenhurst. Ela tinha certeza sobre a conveniência do resultado desejado pelos amantes, e não tinha a menor dúvida de que seria capaz de desencadear esse resultado.

Maria balançou a cabeça, como se para afastar os sonhos que dominavam sua mente e seu coração.

— Mamãe não vai aceitar Charles. Eu adoraria acreditar que isso pode ser possível, mas não vai acontecer. Se quisermos ficar juntos, temos que fugir e seguir com nossa vida longe dela.

— O que Charles acha?

— Ele não vai fazer isso. — Maria se levantou e foi até a janela, observando as carruagens dos convidados paradas na praça. — Ele diz que não vai ser a causa de nenhum escândalo que me prejudique.

— Eu não esperaria menos dele.

Maria se voltou para dentro do cômodo.

— Talvez. Mas a senhora deve entender que minha situação é desesperadora.

Lady Brockenhurst sorriu. Maria parecia não compreender que Caroline tinha a solução para seus problemas.

— Sente-se, minha querida, e ouça. — E quando Maria estava novamente acomodada num pequeno sofá encapado de cetim ao lado da cadeira, ela continuou: — Acho que você sabe que lorde Brockenhurst e eu tivemos um filho, Edmund, que morreu em Waterloo.

— Sei disso, e sinto muito.

Que estranho, pensou Caroline, falar de Edmund outra vez como parte de uma história positiva, e não apenas por trás de um véu de lágrimas. Depois olhou para aquela jovem que estava decidida a se tornar parte central da sua vida dali em diante.

— Bem, antes de morrer...

## Capítulo 10

# *O passado retorna*



John Bellasis estava sentado em uma grande poltrona de couro na biblioteca do clube Army and Navy, na St. James Square, bebendo café e lendo um exemplar de *Punch*, uma nova revista da qual tinha ouvido falar, mas que nunca vira até então. Usando uma calça amarelo-clara da moda, colete Valência azul, camisa branca e sobretudo preto, tinha dedicado algum esforço a sua aparência. Naquela tarde, esperava um amigo, Hugo Wentworth, e não queria deixar transparecer sua sorte.

Wentworth era membro do clube, que tinha sido inaugurado apenas quatro anos antes, em 1837, o ano que testemunhou a subida da jovem rainha Vitória ao trono e, como oficial da 52ª Infantaria Leve, Wentworth era qualificado para ser um membro, mas John não o invejava. Com a adesão limitada aos oficiais das Forças Armadas, quando John visitou o lugar achou a conversa bastante monótona, e a comida... bem, a comida deixava muito a desejar. Não tinha sido à toa que o capitão Higginson Duff apelidara o local de “The Rag”. A história dizia que, ao voltar de uma visita ao clube, ele descreveu a ceia pouco apetitosa que lhe fora servida como “coisa do The Rag and Famish”. The Rag and Famish era uma casa de apostas sórdida que o pai de John conhecia muito bem, famosa por seus cômodos sujos e jantares repugnantes, portanto a comparação tinha a evidente intenção de ser um insulto. Mas os membros optaram por achar graça, em vez de se sentirem ofendidos, e desde então o clube ficara conhecido como “The Rag”.

— Bellasis! — soou a voz retumbante de Hugo Wentworth, parado à porta, apontando diretamente para John. — Aí está você! — Ele atravessou a sala, resplandecente em seu uniforme, suas botas pesadas fazendo barulho no

tapete turco. — Você está muito arrojado. Certamente sabe como se destacar.

John balançou a cabeça.

— Que bobagem. Não há roupa civil capaz de competir com um uniforme, como todos sabemos.

Hugo tossiu.

— É muito cedo para uma taça de vinho Madeira?

— Nunca é muito cedo para uma taça de vinho Madeira — respondeu John.

Mas John se perguntava por quanto tempo ainda teriam que continuar com aquelas amenidades. Estava impaciente para iniciar os negócios que o tinham levado ali.

— Bom, muito bom. — Hugo olhou ao redor e chamou um funcionário do clube. — Vinho Madeira, por favor — pediu, enquanto o homem se aproximava. — Para nós dois.

— Então, quais são suas novidades? — perguntou John.

Evidentemente, teriam que jogar um pouco de conversa fora antes de Wentworth começar.

O tom de voz de Hugo ficou sério:

— Acabei de saber que terei de ir a Barbados. Tenho de confessar que não estou contente com isso. Não suporto o calor.

— Posso imaginar que não.

— Enfim, o que tiver de ser, será — disse ele. — A propósito, vi a notícia do seu noivado no *The Times*. Parabéns! Ela é uma moça adorável.

— Tenho muita sorte — comentou John, sem sinceridade.

— Quando é o casamento?

— Em breve, acho.

Levando em conta o tom pesado de John, o capitão Wentworth percebeu que estava na hora de mudar de assunto, e finalmente o fez.

— Bem — ele pegou um pacote e tirou alguns papéis de dentro —, investiguei um pouco, como você pediu.

— E?

John se sentou na cadeira. Era para isso que estava ali.

Ele não era o mesmo desde que lera as cópias dos papéis que Ellis lhe entregara. E, mais tarde, quando ela não conseguira recuperar os originais, ele tinha sido obrigado a reconhecer que a informação à qual tiveram acesso não poderia mais ser destruída ou contida. Na primeira carta de Sophia, ela contava à sua dama de companhia que tinha concebido uma criança, que seria enviada para uma família chamada Pope assim que nascesse. Essa parte ele tinha absorvido facilmente. Havia muito tempo percebera que, de alguma forma, Charles Pope tinha uma relação de sangue com um ou outro dos principais envolvidos naquele jogo. John chegara a suspeitar de que ele fosse filho de James Trenchard. Mas descobrira que era seu neto. Tudo isso era bastante justo. Trenchard ansiava em manter o segredo e proteger a honra de sua filha, e John entendia seu motivo. As cartas também tinham lhe permitido encontrar a peça que faltava no quebra-cabeça. O pai do bebê de Sophia Trenchard era Edmund Bellasis, o primo de John. Tudo fazia sentido: o investimento de Trenchard em Charles Pope, a óbvia afeição de lady Brockenhurst por ele... Não havia nenhuma surpresa naquela revelação. Pelo contrário, desde que Charles Pope surgira em suas vidas, pela primeira vez tudo estava claro.

Então ele lera as folhas restantes. A primeira, aparentemente, provava um casamento em Bruxelas. Foi nesse momento que ele disse a Ellis que lhe daria a soma absurda de mil libras se ela conseguisse recuperar os originais. A empregada saíra correndo quando John se sentou para ler o restante. Mas, de repente, ele se deparou com uma questão difícil. Se realmente tinha havido um casamento, se Sophia e Edmund haviam sido marido e mulher, então por que seria necessário manter a criança em segredo, mandá-la para morar com os Pope? Por que o menino não fora criado pelos avós, em meio aos



esplendores de Lymington Park? Por que não foi reconhecido como visconde Bellasis, herdeiro do avô, substituindo Stephen e John na linha de sucessão? Ele pegou as últimas cartas e encontrou a resposta. Nelas, Sophia Trenchard contava seu horror e sua vergonha por ter sido “enganada”. Seria verdade? O casamento não tinha sido real? A certidão era falsa e Bellasis enganara a moça, fazendo-a acreditar que a cerimônia havia sido válida? Só podia ser. Não havia outra explicação que se encaixasse nos fatos. Então quem era o tal Richard Bouverie que assinara a falsa certidão de casamento e escrevera a carta explicando por que a cerimônia tinha sido realizada em Bruxelas? Será que era um oficial do regimento de Edmund? Por que outro motivo ele estaria lá? Uma coisa ficara clara: Sophia acreditava que Bouverie tinha se passado por clérigo para que Edmund conseguisse levá-la para a cama.

Mas antes que John pudesse celebrar — na verdade, antes que ele pudesse decidir o que fazer em seguida, se é que ia fazer alguma coisa —, precisava ter certeza da verdade. Precisava de provas de que Bouverie era um impostor. Só então conseguiria pensar com clareza. Só então estaria seguro. Quando Ellis não voltou e ele entendeu que não poderia, como pretendia, jogar os originais nas chamas bruxuleantes da lareira de sua modesta sala, ele se sentou pesadamente no sofá, segurando uma garrafa de conhaque, e se esforçou para pensar em uma solução. Já era tarde da noite quando se lembrou de seu amigo Hugo Wentworth, capitão da 52ª Infantaria Leve e historiador militar automeado. Bellasis servia nesta mesma infantaria quando morreu, e, sem dúvida, Wentworth conseguiria conferir as evidências em seus registros e descobrir se Bouverie também tinha sido um oficial. Portanto, escrevera para Hugo, dando-lhe todas as informações que estava disposto a registrar em papel, pedindo que ajudasse seu velho amigo e fizesse “uma pequena investigação”.

E ali estavam eles.

— Certo. — Hugo deu um tapinha no próprio peito. — Eu trouxe sua carta perguntando sobre Richard Bouverie. — Fez uma pausa. — Na verdade, ele era o honorável Richard Bouverie, filho mais novo de lorde Tidworth, e de fato era capitão na 52ª Infantaria Leve com seu primo, lorde Bellasis. Os dois morreram juntos em Waterloo.

Ao ouvir essas palavras, John sentiu uma onda de alívio. Edmund tinha se comportado feito um canalha, seu companheiro oficial não fora muito diferente disso, e Sophia havia sido seduzida. Charles Pope era o resultado, e ele, John, ainda podia reivindicar a herança. Então sorriu para Wentworth.

— Podemos tomar outra taça? — perguntou.

— Eu não me importaria. Mas antes de fazermos isso, há mais uma coisa.

Hugo começou a desdobrar uma folha com a sua caligrafia miúda. John sentiu um frio na espinha.

— Como assim “mais uma coisa”?

Hugo pigarreou e começou a ler suas anotações.

— O capitão Bouverie se retirou do Exército em 1802, depois que o Tratado de Amiens foi assinado com Napoleão, e então foi ordenado clérigo. John o encarou.

— Mas você disse que ele lutou em Waterloo.

— Bem, aí é que está.

Hugo alisou o papel. Estava se divertindo. Sem dúvida, sentia que havia descoberto algo fascinante.

— Continue — insistiu John, mas sua voz estava séria e fria.

— Parece que ele decidiu voltar ao seu regimento, a 52ª Infantaria Leve, logo depois que Napoleão escapou de Elba, em fevereiro de 1815.

— Mas isso era permitido? Para um membro da Igreja?

— Tudo o que posso dizer é que, nesse caso, foi. Talvez seu pai tenha mexido alguns pauzinhos. Vai saber? Mas ele foi readmitido no regimento. Um exemplo de militante da igreja, pode-se dizer assim. — Hugo riu, satisfeito com a própria piada. — Acho que ele deve ter sido um

companheiro corajoso. Quando o velho Boney marchou de volta para Paris sem disparar um tiro, ele deve ter entendido que os Aliados não aceitariam seu retorno e que haveria uma batalha. Obviamente Bouverie achou que era seu dever lutar pelo país.

O coração de John estava acelerado. Ele fez uma pausa para recuperar o fôlego.

— Mas ele podia celebrar um casamento, se havia voltado a ser oficial?

— Ah, sim. Ele era clérigo antes do início da guerra e morreu como clérigo.

— Então qualquer casamento que ele tenha celebrado em Bruxelas antes da batalha foi legítimo?

— Sim, não há com o que se preocupar. Quaisquer pessoas que ele tenha casado definitivamente se tornaram marido e mulher. Espero que isso diminua suas preocupações a respeito desse assunto. — Ele esperou John dizer alguma coisa, mas o amigo apenas o encarava, inexpressivo. — Como falei, é uma boa notícia. — Ele acenou para o funcionário do clube, apontou para suas taças, e logo depois o homem voltou com a garrafa. — Sei que você vai querer me agradecer, mas, por favor, não precisa. Eu realmente gostei de fazer isso. Andei pensando e percebi que gostaria de escrever algo sobre aquela época. A questão é: será que eu teria disciplina? — Mas John continuou sem dizer nada. Hugo insistiu, intrigado com o silêncio do amigo: — Posso saber quem são os noivos com quem você estava preocupado? Há alguma história por trás do seu pedido?

Isso despertou John.

— Ah, não. Apenas um conhecido meu. A mãe morreu no parto e o pai, na batalha. Ele estava um pouco preocupado com sua situação.

John ergueu as sobrancelhas de forma engraçada e o amigo riu.

— Bem, você pode dizer a ele que não há com o que se preocupar. Ele é legítimo assim como a jovem princesa.



Caroline estava em sua sala de estar particular, na casa dos Brockenhurst, limpando os pincéis. À sua frente havia um cavalete, uma grande tela e uma paleta de madeira coberta de tintas que formavam um círculo de cores, de marrons, azuis e verdes a vários tons de amarelo, rosa e branco. Na bandeja ao lado dela havia panos, espátulas e pincéis de largura, forma e espessura variadas.

— Não se mexa — disse ela, olhando pela lateral da tela para Maria, que estava sentada em um divã cor de pêssego. — Faz muito tempo que não uso tinta a óleo e acho que estou um pouco enferrujada.

A verdade era que Caroline gostava de ter Maria em casa. Inicialmente, tinha oferecido abrigo à moça porque estava determinada a protegê-la para seu neto, mas, com o passar do tempo, Caroline teve que admitir que gostava de sua companhia. Deu uma pincelada com precisão no rosto claro e bonito que começava a surgir na tela. Supôs que estivesse se sentindo sozinha e não sabia disso antes. Devia ser verdade. Sentia-se sozinha desde a morte de Edmund, mas, como todas as mulheres do seu tipo, jamais admitiria isso. Ainda assim, sentada com Maria, teve a impressão de que o peso dos últimos vinte e cinco anos houvesse sido ligeiramente aliviado, como se o mundo estivesse ganhando vida outra vez.

Dito isto, seus planos tinham dado errado. Quando Maria implorara por sua ajuda, Caroline teve a intenção de levar a moça para Lymington, convidar Charles para se juntar a eles e, em seguida, contar de uma só vez toda a verdade ao marido e ao neto. Mas um dia depois de seu chá, recebeu uma carta de Peregrine, que estava no interior, avisando que ia caçar em Yorkshire e na volta passaria por Londres. Portanto, ela e Maria permaneceram na Belgrave Square, esperando lorde Brockenhurst retornar para casa.

— Você teve notícias de sua mãe? — perguntou Caroline.

Maria balançou a cabeça.

— Nada. Qualquer dia desses ela vai chegar com Reggie ou qualquer outra pessoa para me arrastar daqui.

— Então teremos que segurar seu braço e impedir isso. De todo modo, você diria que Reggie está do lado dela ou do seu?

Maria sorriu. Ela realmente achava que poderia contar com o irmão se houvesse uma briga.

Houve um barulho à porta e lady Brockenhurst ergueu o olhar.

— O que foi isso, Jenkins?

— Sua Graça, lady Templemore está no hall — disse o mordomo.

Aliás, ele sabia o suficiente para ter certeza de que não deveria levar a condessa diretamente à sala de estar.

Caroline olhou para Maria.

— Falando no diabo...

— É mesmo — concordou a jovem. — Mas temos que enfrentá-la, cedo ou tarde, então pode muito bem ser agora.

Ela se levantou, ajeitando a saia. Sua anfitriã ponderou por um momento e depois assentiu.

— Por favor, leve lady Templemore para a sala de estar comum.

O mordomo fez uma discreta reverência e saiu.

— Talvez seja melhor você ficar aqui — disse Caroline, se levantando para tirar o avental de pintura e conferir sua aparência no espelho acima da lareira.

— Não — respondeu Maria. — Essa briga é minha, não sua. Vou vê-la.

— Bem, você não vai entrar lá sozinha — retrucou Caroline, e as duas mulheres atravessaram juntas o corredor para enfrentar a inimiga.

As colunas de mármore verde que ligavam a balaustrada da escada ao teto de gesso decorado davam certa formalidade ao percurso. É como se estivéssemos indo para o tribunal, pensou Maria.

Lady Templemore estava sentada em uma *bergère* adamascada Luís XV quando Caroline entrou na sala. Ela parecia imponente e, de algum modo, muito solitária, o que provocou uma leve pontada de culpa em Caroline.

— Posso lhe oferecer alguma coisa? — perguntou, no tom mais agradável que conseguiu.

— Minha filha — disse lady Templemore, sem nenhum vestígio de sorriso.

Naquele momento, Maria entrou. Ela havia parado diante de um espelho no corredor para ajeitar o cabelo antes de enfrentar o olhar severo da mãe.

— Estou aqui, mamãe.

— Vim para levá-la para casa.

— Não, mamãe. — Ela foi o mais incisiva que conseguiu.

As palavras foram inesperadas, até mesmo chocantes. Lady Templemore nunca pensou que não poderia reivindicar a própria filha quando quisesse. Por um momento, ninguém disse nada.

Lady Templemore foi quem quebrou o silêncio:

— Minha querida...

— Não, mamãe. Não vou para casa. Não ainda, pelo menos.

Corinne Templemore se esforçou para manter a compostura.

— Mas se a notícia se espalhar... E isso é inevitável... O que as pessoas vão pensar?

Maria estava muito calma. A opinião de lady Brockenhurst a respeito dela melhorava a cada minuto.

— Vão pensar que estou com a tia do meu noivo e vão achar perfeitamente normal. Mas em breve anunciaremos que o casamento não vai acontecer. E que, em vez disso, vou me casar com o Sr. Charles Pope. Isso, sem dúvida, vai ser muito interessante para todos, e as pessoas farão muitos comentários a respeito. Quem é este Sr. Pope?, perguntarão, e isso vai deixá-las felizes até que haja a notícia da fuga de dois amantes, ou da falência de

um grande homem da City, então é sobre isso que elas vão falar e vamos ser esquecidos e seguir com nossa vida.

Ela estava sentada em um sofá e, quando terminou de falar, uniu as mãos com determinação e as apoiou no colo.

Lady Templemore olhou para a filha, ou melhor, para aquela que tinha substituído sua verdadeira filha e ocupara seu lugar. Mas ela não respondeu. Em vez disso, virou-se para lady Brockenhurst.

— Você é a culpada disso — afirmou ela. — Corrompeu minha filha.

— Espero que sim — disse lady Brockenhurst —, se o resultado é esse.

Mas Corinne Templemore não tinha terminado:

— Por que está fazendo isso? Está com inveja de mim? Porque tenho filhos vivos, enquanto o seu morreu? É isso? — Sua voz calma, até mesmo agradável, estava no mínimo mais assustadora do que se ela tivesse gritado e arrancado fios de cabelo.

Caroline Brockenhurst demorou um pouco para recuperar o fôlego. Por fim, falou:

— Corinne...

Mas lady Templemore a silenciou com um gesto.

— Por favor. Só meus amigos podem me chamar pelo primeiro nome.

— Mamãe — disse Maria. — Não vamos discutir feito selvagens brigando na rua.

— Eu preferiria ser atacada por um selvagem do que por minha filha.

Maria se levantou. Ela precisava aproveitar aquele momento para fazer as coisas avançarem. Caso contrário, ela e a mãe entrariam num beco sem saída.

— Por favor, mamãe — falou, no tom mais razoável que pôde —, não vou voltar para casa até você aceitar que seus planos para que eu me case com John Bellasis não vão se realizar. Quando você aceitar os fatos, tenho certeza de que logo nos entenderemos.

— Para que você possa se casar com o Sr. Pope? — O tom de sua mãe não foi nada encorajador.

— Sim, mamãe. — Maria suspirou. — Mas talvez as coisas não sejam tão ruins quanto você pensa.

Ela olhou para Caroline, na esperança de que sua anfitriã entrasse na discussão. Não sabia ao certo quanto podia revelar.

Lady Brockenhurst assentiu.

— Maria tem razão. O Sr. Pope é menos obscuro do que pode ter parecido a princípio.

Lady Templemore olhou para ela.

— Ah, é?

— Parece que o pai dele era filho de um conde.

Houve silêncio enquanto Corinne absorvia aquelas palavras surpreendentes. Então, depois de pensar por um instante, falou:

— O pai era ilegítimo? Ou o próprio Sr. Pope é um bastardo? Porque está claro que não pode haver uma terceira explicação para o que você disse, se for verdade.

Lady Brockenhurst respirou fundo. Ainda não estava pronta para tirar todas as cartas da manga.

— Devo lembrá-la que, quinze anos atrás, o filho ilegítimo do duque de Norfolk se casou com a filha do conde de Albemarle e hoje são bem-vindos em qualquer lugar.

— E você acha que, como os Stephenson se saíram bem nisso, o mesmo vai acontecer com Charles Pope? — Lady Templemore parecia discordar.

— Por que não? — A voz de Caroline estava delicada e suplicante como Maria jamais a ouvira. A mulher estava implorando e, claro, Maria sabia por quê.

Mas Corinne Templemore estava irredutível.

— Para começar, porque o duque criou Henry Stephenson como seu filho e ele foi reconhecido desde o nascimento. E, em segundo lugar, porque, pelo que sei, lady Mary Keppel não rompeu o noivado com um conde para se casar com ele. Sua intromissão roubou da minha filha uma



posição que lhe teria permitido fazer algo bom no mundo. Espero que esteja orgulhosa de si mesma.

— Acho que também posso fazer algo bom estando casada com Charles — retrucou Maria, irritada com a intransigência da mãe.

Após essa frase, a condessa de Templemore finalmente se levantou. Caroline foi obrigada a admitir que havia algo impressionante na postura da mulher: bem-vestida, com as costas muito retas, era inflexivelmente severa e ainda mais imponente por isso.

— Então você terá que cuidar disso sem a ajuda da sua mãe, minha querida, porque não vou tolerar mais nada que venha de você. Vou mandar Ryan trazer suas coisas assim que eu chegar em casa. Você pode mantê-la como sua criada, desde que sob o seu custo. Caso contrário, vou dispensá-la. Vou pedir para o Sr. Smyth, da Hoare, calcular e informar sua parte na herança de seu pai, minha querida, e, no futuro, você vai se comunicar com ele, e não comigo. A partir de agora, não a reconheço mais. Está à deriva e deve conduzir seu próprio barco. E você — ela se virou para Caroline, o ódio reluzindo em seus olhos — roubou minha filha e arruinou minha vida. Eu a amaldiçoo por isso.

Em seguida, ela saiu da sala e desceu a grande escadaria, deixando Maria e lady Brockenhurst sozinhas, em silêncio.



Susan Trenchard não saberia definir exatamente seu humor. Às vezes, ela se sentia esperançosa, como se sua vida estivesse prestes a mudar para melhor. Outras vezes, as coisas pareciam mais sombrias, como se ela estivesse tremendo à beira de um abismo.

Da última vez que fora a Albany, ela dissera a John que achava que estava grávida. Confessou assim que ele subiu a escada e chegou à pequena sala de

estar. Ele ficou confuso ao ouvir aquilo, surpreso até, embora, a princípio, não tenha parecido hostil.

— Achei que você não pudesse ter filhos — disse ele. — Achei que essa fosse a grande questão.

Foi uma estranha escolha de palavras.

— O que isso significa? A grande questão?

Ele se defendeu ignorando a pergunta dela.

— Você tem certeza?

— Quase. Apesar de ainda não ter confirmado com um médico.

Ele assentiu.

— Talvez você devesse fazer isso. Tem algum de confiança?

Ela o encarou.

— Sou uma mulher casada. Por que precisaria de um médico “de confiança”?

— Verdade. Mas vá a um médico que saberá o que fazer.

Mais uma vez, ela estranhou suas palavras, mas percebeu que ele estava distraído. Ela sabia que, quando chegou, a criada de sua sogra tinha acabado de sair, e Susan só podia supor que ele havia descoberto alguma coisa, provavelmente sobre o misterioso Sr. Pope, que estava atraindo sua atenção.

De todo modo, eles tinham decidido que Susan marcaria uma consulta com o médico e, em seguida, iria para os aposentos de John, que estaria esperando por ela. Só que naquele momento ela estava ali, mas ele não. Seu criado silencioso permitira sua entrada e lhe indicara uma cadeira na sala de estar, onde ela ficou esperando, encolhida diante do fogo baixo. O patrão tivera um compromisso em St. James’s que devia ter demorado mais do que o esperado. Mas voltaria em breve. Quanto tempo duraria “em breve”? Nem o criado nem ela sabiam, já que Susan estava esperando havia quase uma hora.

A ausência de John lhe deu tempo para rever sua situação. Esperava que eles se casassem e ela fosse resgatada da monotonia da família Trenchard? Em

seus sonhos, sim; mas o primeiro ímpeto da paixão já tinha passado e ela era uma mulher muito inteligente para acreditar que seria a escolhida para ser a próxima condessa de Brockenhurst. A filha divorciada de um comerciante? Ela não se encaixaria com facilidade na história da dinastia Bellasis. E, de todo modo, quanto tempo demoraria para um divórcio sair? Será que conseguiriam encontrar um parlamentar conivente para acelerar, por meio de suborno, a dissolução de seu casamento, e teriam tempo de se casar antes que o bebê nascesse? Tinha quase certeza de que não.

O que ela queria, então? Ser amante de John para sempre? Arranjar uma casa em algum lugar e criar a criança como filha dele? Quando o tio dele morresse, haveria dinheiro suficiente para esse tipo de arranjo, mas ainda assim... ainda assim... Susan não tinha certeza de que viver às margens da sociedade seria adequado para ela, mesmo no nível maçante e comum da sociedade a que tinha conseguido acesso. Mas aguentaria continuar com Oliver? Será que ainda tinha essa opção? Oliver Trenchard podia não ser um gênio, mas sabia que o filho não era dele. Não faziam amor havia meses. Existia certa ironia em perceber que tinha vivido durante anos como uma mulher estéril, de quem todos sentiam pena, sendo que, na verdade, não era estéril coisa nenhuma. O problema devia ser com Oliver, mas claro que ele não veria as coisas sob esse ponto de vista. Aceitar a condição de amante de John talvez fosse a melhor opção disponível. Até que, finalmente, a porta se abriu.

— E então? — disse John ao entrar na sala.

— Estou esperando há quase uma hora.

— Só consegui chegar agora. O que aconteceu?

Ela balançou a cabeça, plenamente ciente de que não havia o menor sentido em tentar fazer com que John Bellasis se sentisse culpado.

— Fiz o que você pediu. Fui ao médico e estou grávida. De três meses ou mais.

John tirou o chapéu e o jogou no chão, impaciente.

— Mas ele vai cuidar disso? Ou já cuidou?

Suas palavras a perfuraram como uma faca. *Ele vai cuidar disso?* Em todos os seus pensamentos, Susan tinha incluído a criança em seus planos. Nem uma vez sequer considerou a possibilidade de que deveria se livrar do filho. Havia esperado dez anos para engravidar, e, após conseguir, John queria arriscar a vida dela para tirar o bebê? Na verdade, ele nem parecia entender que havia uma questão a ser discutida.

Ela balançou a cabeça, já sem paciência, e respondeu:

— Claro que não! — Então fez uma pausa e ficou em silêncio até conseguir respirar com mais facilidade. — Não quero tirar. Você achou que eu fosse querer? Não sente nada por essa criança?

Ele a encarou, confuso.

— Por que eu sentiria?

— Porque você é o pai.

— Quem disse? Que provas eu tenho? Você foi para a cama comigo na primeira oportunidade. Devo presumir pelo seu comportamento que você é a nova Madame Walewska, pura e intocada, até chamar a atenção do Imperador? — Ele riu com crueldade enquanto se servia com o conhaque de um decantador e tomava a dose em um só gole.

— Você sabe que é seu.

— Não sei nada. — Ele encheu o copo de novo. — Isso é problema seu, não meu. Como seu amigo, vou pagar para que você o resolva, mas, caso se recuse a aceitar minha ajuda, então minha responsabilidade termina aqui.

John Bellasis se jogou numa cadeira. Susan olhou para ele. Por um segundo, sua raiva era tão grande que teve a sensação de que havia engolido fogo, mas sabia controlar seus sentimentos. Se gritasse, não conseguiria nada dele. Mas, se fosse cuidadosa, não haveria um jeito de fazer com que ele mudasse de ideia?

— Você está bem? — perguntou ela, abordando outro assunto. — Parece preocupado.

Ele a encarou, surpreso com a gentileza em sua voz.

— Você se importa?

Susan era muito engenhosa.

— John, não posso falar em seu nome — ela deu um sorriso triunfante —, mas já faz muitos meses que estou apaixonada por você. Sua felicidade significa mais para mim do que qualquer coisa no mundo. Então é claro que me importo. — No momento em que falava, ela se surpreendeu com a própria desonestidade. Mas percebeu que as palavras surtiram efeito. Os homens eram mesmo fracos... Como os cães, basta um carinho e eles ficam na sua mão para sempre. — Não vai me dizer qual é o problema?

Ele suspirou, se recostou e apoiou as mãos na nuca.

— Só que eu perdi tudo.

— Não pode ser tão ruim assim.

— Não pode? Não tenho nada. Não sou nada. Nunca serei nada.

John se levantou e foi até a janela. Seus aposentos davam para o quintal diante do prédio e ele observou o movimento lá embaixo, as pessoas cuidando das tarefas do dia a dia, enquanto a vida dele parecia ter sumido numa nuvem de fumaça.

Susan começava a entender que estava lidando com algo além da petulância.

— O que aconteceu? — perguntou ela.

— Descobri que, no fim das contas, não serei o próximo conde de Brockenhurst. Não vou herdar a fortuna do meu tio. Nem Lymington Park. Nem a casa dos Brockenhurst. Nada disso. Não vou herdar nada.

Ele não se importava que ela soubesse. Àquela altura, Anne e James Trenchard já estavam com as cartas de Sophia e, cedo ou tarde, as leriam. Quando fizessem isso, descobririam a verdade e a revelariam para o mundo.

— Não estou entendendo.

Por um instante, essa revelação extraordinária desviou a atenção de Susan de seu dilema.

— Aquele tal de Charles Pope é o herdeiro. Meu castigo. Parece que ele é neto dos meus tios.

— Ele não era filho do meu sogro? Foi você quem me disse isso.

— Era o que eu pensava. Mas não. É filho do meu primo Edmund.

— Então por que ele não foi reconhecido? Por que usa o nome Pope? Ele não deveria ser... qual seria mesmo o título?

— Visconde Bellasis.

— Isso. Por que ele não é visconde Bellasis?

— Mas ele é. — John deu uma risada áspera. — Só não sabe disso.

— Por que não?

— Todos achavam que ele era ilegítimo. Por isso foi afastado, recebeu um nome falso e foi criado longe de Londres.

Susan estava genuinamente interessada. Sua mente funcionava como uma das novas locomotivas da ferrovia.

— Quando descobriram a verdade?

— *Eu* descobri a verdade. Eles ainda não sabem. Houve um casamento entre Edmund e a filha dos Trenchard. Em Bruxelas. Antes de Waterloo. Mas eles acham que a cerimônia foi falsa, um truque de Edmund para seduzi-la.

Susan piscou. Foram muitas revelações de uma só vez. A irmã de Oliver, Sophia, uma memória sagrada naquela casa, tinha sido seduzida. Mas não, não tinha sido bem assim. Pelo menos, não sem um casamento antes. Era quase coisa demais para absorver.

— Então está dizendo que eles ainda não sabem a verdade?

— Acho que não. Bem, pedi que um amigo verificasse, e o casamento é legítimo. — Ele pegou um maço de papéis do bolso interno do casaco. — Eles acham que o clérigo que presidiu a cerimônia era, na verdade, um soldado, por isso não tinha validade. Mas, na realidade, ele era um soldado *e também* um padre anglicano. E tenho a prova bem aqui.

— Estou impressionada com o fato de você não ter queimado os papéis. Se as pessoas ainda não sabem.

Essa frase o fez rir de novo.

— Não fique impressionada. Eu teria feito isso, mas não faria diferença. Tenho apenas a cópia da prova do casamento. A original está com eles.

— Mas se não viram as evidências do seu amigo...

— Vão descobrir a verdade. É inevitável.

Então Susan encontrou sua oportunidade. Ela logo percebeu que a perda dele não só não arruinaria suas esperanças, como lhe oferecia uma opção real para o futuro. Uma ambição realista.

— John — disse ela, com cautela. — Se tudo isso é verdade e o título está perdido...

— E o dinheiro.

Ela assentiu.

— E o dinheiro. Então por que não nos casamos? Sei que não me escolheria se você fosse o chefe da sua família, mas agora vai ser apenas o filho do caçula. Não é muita coisa. Posso me divorciar de Oliver e procurar meu pai. Ele tem bastante dinheiro e sou filha única. Vou herdar tudo. Poderíamos levar uma boa vida juntos. Com conforto. Poderíamos ter mais filhos. Você pode assumir um cargo no Exército ou comprar terras. Talvez existam mulheres mais bem-educadas à disposição, mas poucas podem lhe prover tanto quanto eu.

Ela fez uma pausa. Tinha feito o que, na sua opinião, parecia uma boa proposta. Teria um marido na sociedade, e ele desfrutaria de recursos para levar uma vida de cavalheiro. Claro que, considerando a situação dele, John não tinha nada a perder e muito a ganhar, certo?

Ele a encarou durante o que pareceu uma eternidade. Então jogou a cabeça para trás e riu. Não apenas riu. Gargalhou. Até lágrimas escorrerem pelo seu rosto. Por fim, se conteve e se virou para ela.

— Você acha que eu, John Bellasis, sobrinho do conde de Brockenhurst, cujos ancestrais lutaram nas Cruzadas e em quase todos os grandes campos de batalha da Europa desde então, algum dia... — Ele lançou um olhar maldoso a ela, com olhos severos e frios como pedras. — Você acha mesmo que *algum dia* eu me casaria com a filha divorciada de um comerciante imundo?

Susan recuou com um arquejo, como se tivesse levado um banho de água gelada. Ele tinha voltado a rir, quase histericamente. Como se estivesse extravasando toda a tristeza por sua ruína na expressão de seu humor cruel e selvagem.

Foi como um tapa forte e impiedoso no rosto dela. Susan se levantou, com as mãos nas bochechas e o coração acelerado.

Mas ele não tinha terminado:

— Você não entende? Preciso de um casamento maravilhoso. Agora mais do que nunca. Não com Maria Grey, com seu olhar cabisbaixo e sua bolsa vazia. Um casamento *maravilhoso*, está me ouvindo? Desculpe, minha querida, mas esse cenário nunca incluiria você. — Ele balançou a cabeça. — Coitadinha de Susan Trenchard. A vadia de um comerciantezinho sujo. Que piada!

Por um instante, ela ficou em silêncio, imóvel, sem falar, até que sentiu que tinha recuperado o domínio de seu corpo e de sua voz. Então falou:

— Você poderia pedir para o seu criado chamar uma carruagem de aluguel para mim? Já vou indo.

— Não pode descer agora e chamar você mesma uma carruagem? — Ele falou como se eles não se conhecessem.

— Por favor, John. Não há necessidade de nos separarmos de maneira tão ruim.

Será que tinha sido um minúsculo traço de decência, um último vestígio de honra, que o fez resmungar “tudo bem” e sair da sala para dar a ordem ao criado? Assim que ele saiu, ela pegou os papéis que John largara perto de sua cadeira, enfiou-os na bolsa de mão e saiu apressada. Estava no meio da escada



quando o ouviu chamar seu nome, mas acelerou o passo e correu pelo pátio até a rua. Um minuto depois, estava em uma carruagem a caminho de casa. Quando John apareceu na calçada, olhando furiosamente de um lado para outro de Piccadilly, ela se encolheu na janela e se recostou no banco.



Oliver Trenchard estava na biblioteca de James na Eaton Square, bebendo um copo de conhaque e folheando um exemplar do *The Times*. Para seus padrões, embora não para os de seu pai, tivera um dia agitado, apesar de não ter ido ao escritório e trabalhado para os irmãos Cubitt. Passou quase toda a manhã cavalcando em Hyde Park, visitou seu alfaiate em Savile Row para aprovar o modelo de uma calça de caça, em seguida almoçou em Wilton Crescent e depois se juntou a um grupo de amigos para um jogo de uíste. Apesar disso, Oliver não era um jogador. Detestava tanto perder que as vitórias não compensavam. De fato, embora sua falta de determinação nos negócios não agradasse a seu pai, Oliver não tinha muitos vícios. Era verdade que bebia quando estava infeliz, mas seu verdadeiro pecado seriam as mulheres, se ao menos conseguisse não pensar na esposa sempre que tentava marcar um encontro. Ela sempre surgia em sua mente, com seu sorriso superior e o olhar buscando alguém com quem flertar, alguém que não fosse o próprio marido... Por isso, no fim, ele abandonava seus planos e ia para casa. Se no mínimo ele pudesse esquecê-la, sabia que poderia ser feliz. Ou era o que dizia a si mesmo enquanto levava o copo aos lábios, sentado em sua cadeira, esperando evitar tanto seu pai quanto Susan.

Apesar de morarem na mesma casa, Oliver tinha conseguido não falar com o pai desde o desagradável almoço no clube de James. Havia deliberadamente saído de casa no fim da manhã, muito depois de James ter ido trabalhar, e muitas vezes voltava tarde da noite, torcendo para que seus pais estivessem acomodados e em segurança na cama. Mas naquele dia

calculou mal, acreditando que James tinha ido a um jantar, porém assim que largou o copo e dobrou o jornal ao meio, seu pai entrou no cômodo.

James parou no mesmo instante. Ficou evidente que não esperava ver o filho ali.

— Ainda está lendo o *The Times*? — perguntou, um pouco sem jeito depois de tanto tempo em silêncio.

— A menos que você queira, pai — respondeu Oliver com bastante educação.

— Não, não. Continue. Só vim buscar um livro. Você sabe onde sua mãe está?

— Lá em cima. Ficou cansada depois de uma longa caminhada esta tarde. Ela queria descansar antes do jantar.

James assentiu.

— Você não se opõe a falar com ela, então?

— Não tenho nenhum desentendimento com ela — respondeu Oliver com calma.

— Só comigo.

James começou a sentir que a tensão entre eles estava alcançando o clímax. Será que ele e Oliver iam finalmente se enfrentar, depois de terem evitado isso por tanto tempo?

— Com você e com Charles Pope.

Este era o mistério que James não conseguia desvendar.

— E você o detesta tanto que se dispôs a atravessar a Inglaterra só para tentar arruinar a reputação dele?

— Ele tinha uma reputação a ser arruinada? — questionou Oliver, bufando, e voltou a atenção para o jornal.

— Você deu dinheiro àqueles homens? Em Manchester? Para que escrevessem as cartas? — perguntou James.

— Não foi necessário. Eles queriam destruí-lo tanto quanto eu.

— Mas por quê? — perguntou James, balançando a cabeça, incrédulo, e encarando o filho.

Era muito difícil entender. Ali estava Oliver, de passagem nessa vida, lendo naquela biblioteca agradável, montada da mesma forma que as bibliotecas dos melhores cavalheiros que James já tinha visto, lombadas douradas brilhando sob a luz das lamparinas. Havia um retrato do rei George III pendurado acima da lareira, e uma mesa embutida ficava entre as estantes de livros na longa parede. O que poderia ser melhor que aquilo? Era um oásis de civilização no meio da cidade. Muito diferente do ambiente maltrapilho, em ruínas e surrado ao qual James tivera acesso na juventude. E o que Oliver havia feito para merecer aquilo? Nada. Mas alguma vez ele ficava satisfeito, feliz ou até mesmo contente?

— Então você foi deliberadamente até Manchester apenas para encontrar alguma coisa, qualquer coisa, que pudesse diminuir o Sr. Pope aos meus olhos?

— Sim — assumiu Oliver, pois não via mais muito sentido em negar. James ficou perplexo.

— Por que você ia querer arruinar um homem que nunca lhe fez nada?

— Nunca me fez nada? — repetiu Oliver, em tom de espanto. — Ele roubou meu pai, e isso enquanto roubava minha fortuna. Não é nada?

James bufou de indignação.

— Isso é besteira.

Mas Oliver estava determinado a dizer tudo. Seu pai queria saber o que estava por trás de seu ódio por Pope. Muito bem. Ele ia dizer.

— Você dedica muita atenção a esse recém-chegado, esse estranho, esse oportunista! Dá a ele seu dinheiro e seu reconhecimento sem economizar!

— Eu acredito nele.

— Pode ser. — Oliver estava quase chorando. Sentia que estava começando a tremer. — Mas, por Deus, você não acredita em mim, e nunca

acreditou! Nunca me apoiou, nunca se importou comigo, nunca ouviu nada do que eu dizia...

A raiva de James começou a aumentar.

— Devo lembrá-lo que me coloquei numa situação difícil, arriscando minha amizade com os Cubitt, homens que respeito mais do que quaisquer outros sujeitos vivos, para alavancar sua carreira? E qual é minha recompensa? Ver você faltar a todas as reuniões e a cada compromisso para andar a cavalo, caçar e caminhar pelo parque! Não tenho o direito de estar decepcionado? Não tenho o direito de sentir que meu filho não é digno da confusão em que me meti?

Oliver encarou o pai, aquele homem indigno, insignificante, com o rosto vermelho e um casaco justo, que sabia muito pouco sobre as coisas boas da vida. Era estranho. Por um lado, o desprezava. Por outro, ansiava por seu respeito. Oliver não conseguia de fato entender a situação ou seu comportamento, mas sabia que não podia continuar calado sobre o que mais o incomodava.

— Desculpe, pai, mas não posso substituir Sophia, e nós dois sabemos que você gostaria que isso acontecesse. Não posso entrar no caixão e libertá-la. Isso está fora do meu alcance.

Ao dizer isso, ele abriu a porta com força e deixou James sozinho à luz bruxuleante da lareira.



Susan estava estranhamente quieta enquanto Speer arrumava seu cabelo antes do jantar. A criada tinha uma vaga ideia de que as coisas não haviam ido muito bem entre a patroa e o Sr. Bellasis, mas claro que ela só podia imaginar o que dera errado. Naturalmente, sabia que a Sra. Oliver estava grávida — algo que ninguém consegue esconder de sua dama de companhia — e também tinha certeza de que o Sr. Bellasis era o pai, afinal onze anos

com o Sr. Oliver não tinham gerado nem sequer um aborto espontâneo. Mas se o Sr. Bellasis e sua patroa haviam discutido o assunto naquela tarde, e se a Sra. Oliver tinha sonhos para o futuro que incluíam o Sr. Bellasis, esses sonhos obviamente acabaram frustrados.

— Está pronta para se vestir, madame? — perguntou a criada.

— Um pouco mais tarde. Eu queria uma coisa antes. Pode me arranjar um pedaço de papel e uma fita?

Susan esperou pacientemente a criada voltar, trazendo o que ela lhe pedira. Então tirou um maço de papéis da bolsa, os enrolou na folha branca, amarrou a fita e selou com um pouco de cera que tinha na sua escrivaninha no canto. Depois se virou para Speer.

— Preciso que anote neste papel. Escreva apenas “Escudeiro de James Trenchard”.

— Mas por que, madame?

— Não importa por quê. O Sr. Trenchard não conhece sua letra, mas conhece a minha. Não vou pedir que mantenha segredo. Você já sabe o suficiente para me comprometer.

A criada não estava totalmente segura, mas se sentou à mesa e fez o que lhe foi mandado. Susan agradeceu, pegou o rolo e saiu do quarto.

James estava quase vestido quando ouviu uma batida à porta de seus aposentos.

— Quem é?

— Sou eu, sogro.

Ele não se lembrava de Susan já ter visitado seu quarto. Mas estava decente e só precisava do sobretudo para completar sua vestimenta, então abriu a porta e a convidou a entrar, dispensando seu criado ao fazer isso.

— Como posso ajudá-la? — perguntou ele.

— Quando eu estava chegando na porta de casa, me entregaram isto aqui na rua.

Susan estendeu o pacote e ele o pegou. O traje dele não estava completo, o que era bastante estranho para ela e, por um momento, James se perguntou se havia algo mais naquilo que ela estava dizendo. Ele observou o pacote que ela colocara em suas mãos.

— Quem lhe entregou isso?

— Não sei. Um garoto qualquer. Ele saiu correndo.

— Que estranho... — Mas já tinha aberto o envelope e começava a conferir o conteúdo. O sangue parecia deixar seu rosto enquanto ele lia página a página. Por fim, voltou a olhar para Susan. — Esse garoto, ele era um criado? Um mensageiro?

— Não sei. Era só um garoto.

James ficou imóvel por mais um bom tempo.

— Tenho que encontrar a Sra. Trenchard.

— Antes que vá, tem mais uma coisa que quero que saiba. — Susan reuniu coragem. Estava apostando tudo o que tinha na sua próxima jogada. Sabia ser modesta, quase tímida, quando era apropriado, mas precisava dosar isso muito bem. Respirou fundo. Chegara o momento. — Vou ter um bebê.

E, de repente, James externou sua alegria, que então dobrou, triplicou, quadruplicou. De uma só vez, o nome de sua filha fora resgatado da vergonha, seu neto herdaria uma importante posição e seu filho, o próximo na linhagem Trenchard, também teria um herdeiro. Por um segundo, achou que fosse literalmente explodir de felicidade. Nos dois ou três minutos que a nora passara em seu quarto, sua vida mudara completamente.

— Ah, minha querida. Tem certeza?

— Absoluta. Mas você deve procurar a Sra. Trenchard.

— Posso contar a ela?

— Claro.

Em geral, Susan se sentiu aliviada ao voltar para o seu quarto, onde encontrou Speer separando suas roupas para a noite. Tinha garantido a ruína

de John Bellasis, o que fora seu principal objetivo. Se os Trenchard não sabiam a verdade antes daquela noite, passariam a saber. Feito isso, embarcou em um plano para salvar a própria reputação e, por mais que o resultado de sua aposta fosse incerto, ainda assim se sentia feliz que o fim estivesse próximo.



John Bellasis se xingava por não ter queimado a prova da nomeação de Bouverie para o ministério. Por que a guardara? Que bem isso poderia lhe fazer? E, se a tivesse destruído, Susan só teria pegado os papéis que eram cópias daqueles que já estavam com Anne Trenchard. Quem sabe por quanto tempo os Trenchard permaneceriam acreditando que o casamento era uma farsa? Mas, por causa da própria estupidez, ele estava perdido e tudo saía do seu controle, graças àquela mulher ridícula. Se pudesse estrangulá-la naquele momento, faria isso.

Por impulso, John pegou uma carruagem até a Eaton Square, mas, quando saltou do veículo, hesitou. O que aconteceria se ele tocasse a campainha? Seria anunciado e alguém — Susan não, mas outra pessoa — iria ao seu encontro, então o que ele diria? Depois de mais alguns minutos, decidiu não mais esperar e correr o risco de ser visto por algum membro da família ou algum criado, enquanto estava encostado nas grades que separavam os jardins da praça. Em vez disso, virou na esquina em direção ao The Horse and Groom, onde sempre encontrava Turton. Se o mordomo estivesse lá, poderia convencê-lo a... o quê? Roubar os papéis de volta? De que adiantaria? Presumia que Susan já tivesse mostrado os documentos à família, e, a essa altura, eles sabiam que Bouverie era um celebrante legítimo. Poderiam facilmente encontrar mais provas para essa alegação. Muito bem. Ia apenas tomar um drinque para se acalmar e então voltaria andando para

Albany. Talvez vinte minutos do lado de fora, na noite fria, aplacassem sua fúria. Ele abriu a porta e olhou ao redor.

Mas não era Turton quem estava encostado no comprido balcão de madeira, manchado e cheio de marcas, que percorria quase todo o comprimento do salão baixo e enfumaçado. Era Oliver Trenchard, com um copo que parecia conter uísque. E, ao vê-lo, John Bellasis teve uma ideia. Foi uma ideia desesperada, talvez, mas tempos de desespero pediam medidas desesperadas. Soubera por Susan que Oliver odiava Charles Pope, e que o culpava por seu distanciamento do pai e que faria qualquer coisa para se livrar daquele sujeito. Também soubera, por sua ex-amante, que Pope sabia que provocara uma briga entre Oliver e seu pai e lamentava isso. Oliver dissera à esposa que o homem não havia negado as acusações contra ele, mas James não acreditara que fossem verdadeiras. Susan era inteligente o bastante para resolver aquele quebra-cabeça, como confidenciara a John. Era óbvio que Charles Pope se sentia desconfortável com o fato de ter afastado pai e filho e estava tentando não piorar as coisas. John franziu a testa. Será que poderia usar essa briga? Pope não teria feito nada para consertar as coisas? Será que o próprio John não seria capaz de usar Oliver como seu instrumento?

Continuou elaborando o plano em sua mente. Oliver queria Pope fora do caminho, e não escondia isso de ninguém. Havia denunciado Pope na frente de muita gente, inclusive de sua esposa. Se algo acontecesse com Charles Pope, Oliver Trenchard seria o primeiro suspeito, certo? E se houvesse provas de que Oliver e Pope tinham marcado um encontro...

Oliver ergueu o olhar. Deparou-se com John o observando e quase piscou, achando que fosse uma ilusão.

— Sr. Bellasis? É o senhor? O que está fazendo nesta espelunca?

— Vim tomar um drinque para me acalmar. — Foi uma resposta estranha.

— Precisa se acalmar? — perguntou Oliver.



John se aproximou, recostando-se casualmente no balcão, se posicionando ao lado do outro homem.

— Você sabe quem é Charles Pope? — questionou, sorrindo, mas viu Oliver corar de raiva.

— Se eu ouvir esse nome mais uma vez...

John sinalizou para o barman servir mais dois copos de uísque e falou:

— Eu gostaria de dar uma lição que ele jamais esquecerá.

Oliver assentiu.

— E eu gostaria de ajudá-lo.

— Gostaria? — disse John, pegando seu copo e bebendo de uma só vez.

— Porque poderia me ajudar, se quisesse.

O proprietário olhou para os dois homens, de cabeça baixa, cochichando. Ficou imaginando do que poderia se tratar aquela reunião. Já tinha visto os dois ali, mas nunca juntos.



James entrou no quarto de sua esposa enquanto Ellis ainda estava arrumando o cabelo da patroa.

— Posso falar com você a sós por um momento? — perguntou ele.

Anne agradeceu a criada.

— Volte em dez minutos — falou. Então, quando a porta se fechou, se virou para o marido. — O que foi? O que aconteceu?

— Veja isto.

Ele pôs os papéis na frente dela. Anne deu uma olhada nos primeiros.

— Onde arranjou isso?

— Algum garoto os entregou a Susan quando ela estava entrando em casa. O que acha? São cópias, é claro.

— Sei que são cópias — disse Anne, se levantando. — Eu tenho os originais.

Ela se inclinou para destrancar o armário e pegar os papéis que Jane Croft lhe dera. Não falou nada ao entregá-los a James. Logo percebeu que o marido ficou magoado.

— Por que não me disse nada sobre isso? — questionou ele.

Ela não ia revelar o verdadeiro motivo, que era porque queria guardar uma parte de Sophia para si própria. Foi só por um tempinho, disse a si mesma. Planejava mostrá-los a ele em algum momento. Mas se ia mesmo fazer isso, Anne jamais saberia.

— São os papéis sobre o falso casamento de Sophia. Ela mandou a criada queimá-los quando estávamos em Bruxelas, mas Jane nunca fez isso. Veio até aqui para me entregá-los antes de ir para os Estados Unidos. Mas isso não muda nada.

James ficou encarando a esposa por um instante antes de falar. A grandiosidade do que ele tinha a dizer o silenciava. Anne estava confusa.

— Se estou deixando passar alguma coisa, por favor, me diga o que é.

Ela se sentou, esperando pacientemente.

— Isto é o que você está deixando passar. — James pegou uma folha em meio às outras. — Não é uma cópia e você ainda não viu. — Anne tirou o papel da mão dele. — Alguém investigou o homem que forjou o casamento. Richard Bouverie, ou o honorável reverendo Richard Bouverie, para ser mais preciso. Porque parece que ele foi clérigo antes de voltar ao Exército e, portanto, era perfeitamente habilitado para realizar o matrimônio. Em outras palavras, o casamento não foi falso. Sophia *era* lady Bellasis quando morreu, e Charles é filho legítimo.

— E Edmund era um homem honrado.

Os olhos de Anne se encheram d'água quando ela pensou em como eles haviam caluniado e se posicionado contra aquele rapaz corajoso que podia ter sido impetuoso e até mesmo tolo, mas que realmente tinha amado a filha deles e desejara apenas o melhor para ela. Iria à Igreja no dia seguinte e colocaria o nome dele para as orações.

— É típico de você fazer essas considerações — falou James.

Mas James também estava feliz por não ter errado no primeiro julgamento que fizera do pretendente de sua filha. Havia passado os últimos vinte e cinco anos se culpando pela ruína de Sophia, mas no momento se perguntava por que se permitira ser tão facilmente convencido e não insistira em investigar mais na época. Por que todos eles tinham simplesmente aceitado o terrível veredito de Sophia, quando a jovem viu Bouverie do lado de fora da casa dos Richmond, de que o homem era um impostor? Mas é muito mais fácil agir de forma correta quando contamos com o benefício da retrospectiva.

Anne continuava encarando os papéis espalhados na penteadeira à sua frente.

— Como você disse que Susan os conseguiu? — perguntou ela.

— Um garoto lhe entregou na rua.

— Mas conheço essa letra...

Anne não conseguiu concluir seu raciocínio antes de a porta se abrir e Ellis voltar.

— Está pronta para mim, madame?

Anne assentiu e James começou a recolher os papéis, enquanto Ellis atravessava o quarto para se juntar à patroa. Então ela parou de andar, arquejou e levou a mão à boca. Não estava preparada para ver aqueles papéis nas mãos de Anne e, antes de conseguir se recompor, falou:

— Onde a senhora arranjou isso? — Só ouviu as palavras depois de tê-las dito. Então, sendo encarada pelos patrões, Ellis fez uma tentativa desesperada de se salvar. — Quero dizer, esses papéis parecem interessantes, madame.

Foi Anne quem falou em seguida. Afinal, se os papéis tinham sido copiados por alguém cuja letra lhe era familiar, não havia muitos candidatos. E foi Ellis quem recebeu Croft quando ela chegou.

— Você tem algo a dizer sobre isso, Ellis?

Anne observou a criada em apuros, aquela mulher que a ajudara e a servira por trinta anos e sobre quem, mesmo assim, sabia muito pouco. Se trocassem de papéis, será que ela, Anne, seria capaz de trair a patroa a quem servia havia trinta anos? Duvidava disso, mas também nunca tivera que encarar as amargas provas de humilhação e sobrevivência que muitas vezes marcavam a vida dos criados.

James estava ficando impaciente.

— Se há algo que possa nos dizer para diminuir sua culpa, a hora é esta.

A mente de Ellis estava a mil. Claro que ela poderia ter insistido que o Sr. Bellasis lesse as cópias e depois as queimasse diante de seus olhos. Mas será que ele a teria obedecido? Provavelmente não. Seus pensamentos estavam acelerados. Seu emprego se perdera, não havia como salvá-lo, mas podia ao menos conseguir se livrar da cadeia.

— Foi o Sr. Turton, senhor. Foi ele quem encontrou esses papéis na bolsa da Srta. Croft e fez as cópias.

— Sob ordens de quem?

Ellis pensou. Havia mentido sobre Turton ter procurado os papéis, mas havia sentido em continuar mentindo? Ela se beneficiaria de salvar o Sr. Bellasis? Não. Ele não a pagaria mais. O que ele ganharia com isso? Mas, então, tinha que pensar em suas referências. Como arranjaria outro emprego sem boas referências? E a Sra. Trenchard com certeza não as daria. Ellis começou a chorar. Sempre fora muito boa em chorar quando era necessário.

— Desculpe, madame. Se eu soubesse que isso a magoaria, jamais teria me metido nesse assunto.

— Você viu Turton copiar as cartas da Srta. Sophia e mesmo assim não achou que isso me magoaria? — O tom de Anne se tornara severo.

James estava ficando irritado.

— A questão é: para quem foram copiadas?

Ellis decidiu que ser direta talvez pudesse salvá-la.

— Sei que perdi o emprego, senhor. Mas não sou uma mulher ruim.

— Tampouco é boa — retrucou Anne, áspera.

— Fui fraca. Sei disso. Mas se eu não tiver referências, vou morrer de fome.

— Entendo. — James tomou as rédeas da situação. Ele compreendeu antes de sua esposa o que a criada estava querendo. — Está dizendo que, se lhe dermos alguma referência, vai nos contar quem pediu as cópias. É isso?

Claro que era exatamente isso, então Ellis ficou em silêncio. Permaneceu parada ali diante deles, observando as próprias mãos.

— Muito bem. — James silenciou a esposa com um gesto quando ela pareceu prestes a interferir. — Vamos lhe dar uma referência, não vai ser maravilhosa, mas vai tornar possível que você encontre outro emprego.

Ellis suspirou de alívio. Estava feliz porque tivera a presença de espírito de barganhar com sua última moeda.

— O Sr. Turton fez as cópias para o Sr. Bellasis, senhor.

Anne ergueu o olhar, assustada.

— O Sr. John Bellasis? Sobrinho de lady Brockenhurst?

Ellis assentiu.

— Esse mesmo, madame.

James estava pensando.

— Claro que foi John Bellasis. E foi ele quem investigou o tal Bouverie. O que nós devíamos ter feito vinte e cinco anos atrás. Se Bouverie fosse um falsário, John Bellasis ainda seria o próximo conde. Se Bouverie fosse genuíno, então Bellasis ficaria sem nada.

Ele se esqueceu da presença de Ellis por um instante, mas uma tossidinha discreta de Anne o trouxe de volta ao presente.

— Qual foi o seu papel nisso tudo, Ellis?

A mulher hesitou. Quanto devia revelar? Ela teria suas referências, pois conhecia os Trenchard bem o bastante para ter certeza de que não voltariam atrás em sua palavra. Ainda assim, não era preciso lhes dizer mais do que o necessário.

— O Sr. Turton me fez levar as cópias à casa do Sr. Bellasis.

Anne assentiu.

— Muito bem. Pode ir. Pode passar a noite aqui, mas amanhã vá embora. Com suas referências.

Ellis prestou uma reverência e saiu do quarto, fechando a porta com delicadeza. As coisas poderiam ser piores, pensou enquanto descia a escada. Até o fim havia recebido bem o suficiente e tinha algum dinheiro guardado, graças às gorjetas do Sr. Bellasis. Encontraria emprego com alguém estúpido e egoísta demais para conferir seus antecedentes.

No quarto, James Trenchard segurou a mão da esposa.

— Não devemos contar a ninguém. Nem a Charles Pope, nem aos Brockenhurst, nem à família. Temos que checar essa informação sobre o clérigo, até termos certeza de que o casamento de Sophia foi legítimo. Então precisaremos investigar como registrá-lo junto às autoridades. Não quero despertar a esperança de alguém e ter uma decepção depois.

Anne assentiu. Claro que se sentia feliz. Estava delirando de alegria. Mas havia elementos na história que não pareciam muito lógicos. Se John Bellasis tinha se dado o trabalho de investigar a validade do casamento, por que não havia guardado para si essa informação? Com certeza ele estaria rezando para que a legalidade do casamento permanecesse em segredo. Edmund estava morto. Sophia estava morta. Bouverie estava morto. A única prova era o papel pelo qual ele havia pagado e, se o tivesse queimado, ninguém ficaria sabendo de nada. Então por que o deixara sair de suas mãos de forma tão descuidada? E quem era esse garoto que entregara o embrulho a Susan na rua?

— Tem mais uma coisa. — A voz de James trouxe Anne de volta ao presente. — Quase esqueci, mas você vai ficar muito feliz. — Ele fez uma pausa de efeito. — Susan está grávida.

Foi como a resposta a uma pergunta não formulada de Anne.

— Está, é?

Ela mudou a expressão para demonstrar alegria. James assentiu, sorrindo de orelha a orelha.

— Ela acabou de me contar. Mais de dez anos com Oliver e nada. Todos tínhamos desistido. Mas agora ela vai ter um bebê. Não é maravilhoso? O que será que mudou?

— Pois é, o quê? — disse Anne.



Oliver chegou tarde em casa, e Susan estava arrumada quando ele apareceu em seu quarto.

— Acho que vou descer — falou ela.

— Desça. Comece a jantar, se quiser.

Ela percebeu que o marido estava zangado. Será que ele e James haviam tido outra briga? Ele estava cambaleando e se segurou no batente da porta para se equilibrar. Estava bêbado, mas isso não importava. Ela ia descer e usar o tempo que teria a sós com os sogros da melhor maneira que pudesse. Ficava imaginando como passaria por essa provação, mas se ao menos conseguisse conduzir a situação direito, se conseguisse convencê-los com sua história, então o desastre poderia ser evitado. Oliver seria seu maior desafio, mas não havia sentido falar com ele naquele estado. A chave para isso era coragem e, embora pudessem faltar outras virtudes a Susan, essa não lhe faltava.

Quando chegou à sala de estar, seus sogros estavam lá, esperando. Sentindo um frio na barriga, ela se aproximou de Anne. Entre todos eles, Anne era a única que tinha inteligência e compreensão suficientes da natureza humana para descobrir a verdade.

— Seu marido lhe contou? — perguntou Susan, que em seguida esperou pacientemente a reação da sogra.

— Contou — disse Anne. — Parabéns. — Mas seu tom de voz não estava muito animado. Via a nora com novos olhos.

— Vamos! — gritou James do outro lado da sala. — Dê um beijo nela!

Anne se inclinou para a frente e deu um beijo frio na bochecha de Susan. A nora obedientemente a beijou de volta.

— Oliver vai demorar um pouco. Tinha acabado de chegar em casa quando eu estava descendo. Falou que podemos começar sem ele, se quisermos.

— Ah, acho que dá para esperar — opinou Anne com frieza. — James? Você falou com Turton?

O marido balançou a cabeça.

— Achei que devia esperar até depois do jantar. Ou isso foi covardia?

— É importante que ele saiba por você e não por Ellis, embora já possa ser tarde.

— Tem razão. — O marido assentiu vigorosamente. — Acho que devemos dar a ele alguma referência também, se ela vai receber. Vou procurar algumas garrafas de champanhe enquanto estiver lá embaixo.

Em um instante, ele saiu e as duas mulheres ficaram a sós.

Susan tinha se vestido para a noite com cuidado, mas também com modéstia. Usava uma camisa de chifon num tom claro de castanho-avermelhado e uma ampla saia de seda num tom mais escuro da mesma cor. Seu cabelo estava preso em um coque simples com cachos caindo nas orelhas. O efeito que ela buscava era de uma simplicidade bem-educada, ganhando ares de uma boa mulher, pura, íntegra, um pilar da sociedade. Era assim que queria parecer, como Anne percebeu muito bem.

— Podemos nos sentar? — perguntou a Sra. Trenchard, e assim o fizeram, escolhendo duas belas cadeiras douradas em cada um dos lados da lareira. Depois de um instante, ela acrescentou: — Por que John Bellasis lhe deu aqueles papéis?



Claro que a pergunta foi um choque e pegou Susan de surpresa. O ar ficou preso em sua garganta, mas bem a tempo ela se impediu de mentir. Sua sogra havia adivinhado a verdade, ou pelo menos parte, e Susan teve a sensação de que só poderia se safar se falasse com coragem, ou seja, sabia que não conseguiria caso se escondesse atrás de mentiras.

— Ele não me deu. Eu os peguei.

Anne assentiu. Quase gostou de Susan por não tentar mentir mais.

— Posso perguntar por quê?

— Ele me disse que os papéis provavam que Charles Pope era filho legítimo e herdeiro do tio dele, e assim que os documentos fossem mostrados às pessoas certas, ele, John, perderia tudo. Vocês não tinham como saber nada disso, e por que o Sr. Pope teria que ficar trabalhando numa fábrica suja no norte?

— Nós sabíamos que tinha ocorrido um casamento, mas acreditávamos que não havia sido legítimo.

— John achava que vocês iam investigar os fatos quando vissem as cartas originais, e então descobririam a verdade.

Anne suspirou.

— Era o que devíamos ter feito vinte e cinco anos atrás. Mas agora o Sr. Bellasis fez isso por nós. É irônico, na verdade. Se ele não tivesse remexido nisso, provavelmente nunca saberíamos nada. — Esse pensamento acabara de ocorrer a Anne e a deixou tonta. — Por que você quis prejudicá-lo? Se eram amantes?

Mais uma vez, a audácia da pergunta deixou Susan sem fôlego, mas ela estava envolvida na conversa. Apenas a verdade bastaria.

— Eu queria que ele se casasse comigo, se eu me divorciasse de Oliver. Nunca sonhara com uma coisa dessas enquanto achava que ele se tornaria lorde Brockenhurst... ou, se o fiz, sabia que não passava de um sonho. Mas quando ele se tornou apenas o filho do caçula da família, sem qualquer

tostão, a ideia não me pareceu tão estranha. Terei mais dinheiro do que ele. Muito mais.

— Concordo com você. — Anne falava como se estivessem discutindo as qualidades e os defeitos de uma nova cozinheira. — Eu diria que você era a resposta para as preces dele.

— Bem, eu não era — disse Susan. — Ele riu de mim por causa da minha presunção.

— Compreendo. — Anne realmente compreendia. Susan acabara se fascinando por aquele homem bonito, com seu estilo e seu comportamento da alta sociedade. Eles tinham se conhecido quando ela estava sozinha, estéril e não era amada. — Então você não é estéril, no fim das contas — acrescentou. — Deve ser um alívio, embora a situação seja complicada.

Susan quase sorriu.

— Se eu soubesse que a culpa era de Oliver, e não minha, teria tomado mais cuidado.

Aquela conversa foi muito estranha. Susan olhou ao redor da sala, com suas cores agradáveis, os móveis brilhando e os quadros... Uma sala que ela conhecia muito bem, mas na qual jamais voltaria a pensar do mesmo modo. As duas conversavam como se fossem iguais, amigas até, o que, pensando bem, de certa forma era extraordinário, embora Susan sempre houvesse tido mais consideração por Anne do que por qualquer outro membro da família.

— E essa é a questão. — A voz da sogra se tornou mais séria de novo. — Oliver não pode conceber um filho.

Havia uma tristeza genuína em sua voz, e devia mesmo haver, pensou Susan. Deve ser terrível para uma mãe saber que o filho jamais poderá ter um herdeiro.

— Parece que ele não pode conceber comigo. Napoleão, por exemplo, não conseguiu ter filhos com Josefina, mas teve um com Marie Louise.

— Oliver não é Napoleão — retrucou Anne, de modo definitivo. Ela estava pensando. As duas ficaram em silêncio, que foi interrompido apenas

pelo tique-taque do relógio no console da lareira e pela brasa crepitando. Então ela encarou Susan. — Quero saber direitinho qual é o acordo que você está querendo fazer.

— Acordo?

Susan não tinha pensado naquilo como um acordo.

— Você quer ficar com Oliver após seu plano de fuga com John Bellasis ter sido descartado?

O coração de Susan estava acelerado. Os próximos minutos decidiriam seu destino.

— Sim, eu gostaria de continuar nesta família.

Um latido repentino fez as duas darem um pulo. Em seu cantinho no tapete da lareira, Agnes acordou e ficou se enroscando na saia de Anne, implorando para que a pegassem. Depois que a cadelinha foi acomodada em seu colo, Anne continuou:

— Como você vai lidar com Oliver? Presumo que ele deva ficar sabendo que o filho não é dele.

Susan assentiu.

— Sim, ele vai saber. Mas deixe-o comigo.

— Então, o que você quer de nós, de mim e de James?

Anne estava curiosa para saber quanto a nora havia planejado. Na verdade, Susan estava improvisando, mas se portava com elegância suficiente para que tudo parecesse premeditado.

— Quero que Oliver veja quanto o pai está satisfeito com a notícia, alegre, orgulhoso do filho, muito feliz. Faz muito tempo que Oliver não deixa o pai feliz.

Anne ficou algum tempo sem dizer nada. O silêncio foi longo o bastante para Susan se perguntar se aquela conversa surreal tinha acabado. Mas então Anne acrescentou:

— Você quer dizer que pretende fazer com que Oliver se dê conta de que tem muito a ganhar se aceitar a criança como sendo dele?

— Ele é quem mais vai ganhar — respondeu Susan, e de fato estava começando a acreditar nisso.

Anne assentiu devagar.

— Farei o melhor que eu conseguir e vou guardar seu segredo, com a condição de vocês irem morar em Glanville.

Susan a encarou. *Morar em Somerset?* A dois ou três dias de viagem da capital?

— Morar lá? — perguntou Susan, como se o pedido tivesse sido feito a outra pessoa.

— Sim. Morar lá. E guardarei seu segredo.

Susan estava começando a entender que não teria escolha. Anne falava como se fizesse uma pergunta, mas na verdade estava dando uma ordem. E ela não havia terminado:

— Está na hora de admitirmos que Oliver nunca será feliz na carreira que James traçou para ele. Nunca vai deixar sua marca na construção civil, no comércio, nem em nada disso. Mas tudo bem. Que ele seja um cavalheiro do campo. É isso que ele quer. Quem sabe? Pode ter sucesso. — Na verdade, perder Glanville era como um punhal em seu coração. Era como perder um membro, ou pior, perder metade de sua vida. Glanville tinha sido seu amor e sua alegria, mas ela sabia que seria a redenção de seu filho e por isso tinha que abrir mão do lugar. — Vou continuar visitando, mas não como dona. A partir de agora, essa será a sua posição. Se você aceitar. O que acha?

Susan já sabia que não havia alternativa. Tinha à sua frente destinos muito contrastantes. Por um lado, ser uma mulher divorciada, adúltera, com um filho bastardo, vivendo em exílio, sozinha e rejeitada por qualquer pessoa que tivesse a menor das pretensões. Por outro, tornar-se dona de uma grande propriedade no West Country, com marido e um filho ou uma filha, desempenhando seu papel na sociedade local. Não seria assim tão difícil, mas...

— Eu poderia passar a temporada em Londres?

Anne sorriu pela primeira vez desde que Susan entrara na sala.

— Sim. Vocês passarão dois meses por ano aqui.

— E posso visitar de vez em quando?

— Pode. Mas acredito que você vai se surpreender com quanto vai gostar da vida no campo depois que se adaptar. — Anne fez uma pausa. — Tenho outra condição.

Susan ficou tensa. Até o momento, esse era um acordo com o qual conseguiria conviver, se fosse obrigada. E era.

— Qual?

— James nunca deve saber. Esse bebê será neto dele, e ele nunca deve suspeitar de nada.

Susan assentiu.

— Se depender de mim, ele nunca vai saber de nada, e vou fazer o que puder para que Oliver nunca nos entregue. Mas agora sou eu que tenho uma condição.

Anne ficou surpresa.

— Você está em posição de fazer exigências?

— Acho que posso fazer esta. Oliver nunca deve suspeitar de que você sabe a verdade. A origem da criança vai ser nosso segredo, meu e de Oliver. Só assim ele vai conseguir proteger a própria dignidade.

Anne assentiu.

— Entendo. Sim, você tem minha palavra.

— Sua palavra a respeito do quê? — A voz de James a assustou, mas Anne sempre conseguia controlar suas reações.

— Que eles ficarão com Glanville. Uma criança deve crescer no campo. Encontrou a champanhe?

— Pedi que fosse servida no fim do jantar.

Ela conseguia distraí-lo com muita facilidade. Antes que James pudesse fazer mais algum comentário, a porta se abriu e Oliver entrou. Ele tinha se

trocado e lavado o rosto, o que o deixara sóbrio de novo, para alívio de Susan, embora ela tenha sido tomada por pensamentos estranhos quando olhou para o marido. Quando fossem dormir naquela noite, sua vida estaria decidida, de um jeito ou de outro.

Quando viu Oliver, James soltou uma comemoração espontânea:

— Opa! Meu filho querido! — gritou, sorrindo de orelha a orelha. — Meus parabéns!

Ele deu um abraço tão apertado no filho que não reparou em seu olhar estupefato. Oliver olhou para a mãe e abriu a boca, mas antes que pudesse falar algo, ela disse, com firmeza:

— As notícias são maravilhosas, Oliver. Susan e eu andamos conversando, e agora já posso contar: vocês vão ficar com Glanville. Você deve abrir mão do seu trabalho em Londres e se estabelecer em Somerset.

— O que é isso? Você não disse que ele ia ter que se afastar do trabalho — comentou James, soltando o filho, mas Anne o calou com um gesto.

— Há muito dinheiro. Por que não? O que estamos tentando provar? Oliver foi criado para ser proprietário de terras, não um homem de negócios. — Anne olhou para o marido. Sabia que era um daqueles momentos em um casamento em que uma decisão importante e capaz de mudar tudo era tomada quase por acaso. James quisera que Oliver seguisse seus passos desde que o filho era criança, e isso provocara fracasso e ressentimento em ambas as partes, chegando ao ponto de eles mal se falarem. — Você não prefere admirá-lo do que passar o tempo todo desapontado? — murmurou no ouvido dele. — Faça negócios com Charles. Deixe Oliver seguir seu caminho.

James olhou para ela e assentiu com discrição. Anne sorriu.

— Obrigada, Senhor — sussurrou, embora não soubesse se estava se dirigindo ao Criador ou ao próprio marido.

— O que está acontecendo? Por que vocês estão falando assim? — perguntou Oliver, completamente confuso. Parecia que todos os seus sonhos

estavam se realizando de uma só vez, mas por quê?

James suspirou. Ele tinha aceitado a decisão de Anne.

— Talvez sua mãe tenha razão. Uma criança deve crescer no campo.

— Uma criança? — Mais uma vez, Oliver não conseguia acreditar que estivesse ouvindo direito.

— Não precisamos mais esconder, querido — disse Susan. — Contei a eles. — Sua voz estava calma e firme. — Estão muito felizes por nós, e sua mãe quer que a gente vá morar em Glanville. Então poderemos viver lá como uma família. — Ela começou a chorar, feito uma moça a caminho do seu primeiro baile, formando deliberadamente um muro de som por trás do qual Oliver podia organizar seus pensamentos. A expressão dele ficou sombria, então ela prosseguiu: — Não é maravilhoso? Não é o que você sempre quis? — Seus olhos estavam fixos nos dele, prendendo-o como num show de hipnose. Ela se aproximou, o abraçou e levou os lábios ao seu ouvido. — Não diga nada. — Apertou-o enquanto falava. — Vamos conversar depois, mas se você falar agora podemos perder tudo e nunca teremos outra chance como esta. Fique em silêncio por enquanto.

O corpo dele enrijeceu, mas, para variar, ele a ouviu e ficou calado. Ia pensar antes de desferir o golpe.



O Sr. Turton era um homem muito bravo. Tinha servido a família por mais de duas décadas, mas seria jogado na rua feito um cachorro. Pouco antes do jantar ser anunciado, o patrão lhe ordenara que partisse de manhã, e desde então ele ficou sentado na sala dos criados. O restante da equipe o evitava, mas a Srta. Ellis estava lá com a própria carta de demissão, e eles experimentavam uma garrafa do melhor vinho Margaux que ele encontrou no porão.

— Beba — disse ele. — Se quisermos, tem mais.

Ellis bebericou cuidadosamente a bebida deliciosa. Apreciava bons vinhos, mas não gostava de ficar bêbada. Isso significava perder o controle, algo que ela nunca se permitiria, se pudesse evitar.

— Para onde você vai? — perguntou ela.

— Tenho um primo em Shoreditch. Posso ficar lá. Pelo menos por alguns dias. — Turton estava furioso. — Enquanto procuro por outra coisa e vejo o que acontece.

Ellis assentiu.

— A culpa é da Sra. Oliver. Se ela não tivesse metido o nariz aonde não tinha sido chamada, estaríamos sãos e salvos.

O mordomo ficou surpreso.

— Não entendo qual foi a parcela de culpa dela. A Srta. Speer disse que um garoto na rua simplesmente colocou os papéis nas mãos dela. O que mais deveria ter feito?

— Não me venha com essa. — Ellis revirou os olhos, exasperada. — A Sra. Oliver não é melhor do que ninguém. Como você acha que ela está grávida depois de dez anos dormindo com o Sr. Oliver sem que nada acontecesse?

Turton ficou surpreso.

— Como você sabe que ela está grávida?

— Nunca faça essa pergunta a uma dama de companhia. — Ellis terminou sua taça e pegou a garrafa para se servir mais. — Apenas acredite em mim. A Sra. Oliver e o Sr. Bellasis andaram praticando jogos inapropriados para crianças.

— O Sr. Bellasis? — perguntou Turton, sentindo como se tivesse dormido e perdido tudo.

— Eu a vi. Quando levei os papéis para ele. Na hora que eu estava saindo. A Sra. Oliver se escondeu, mas eu sabia que era ela. — Ellis assentiu, com ar sábio. — Não houve garoto algum. Eu não ficaria espantada se soubesse que ela pegou esses papéis para se vingar dele. Certamente queria



que o Sr. Bellasis ficasse com ela, mas ele não se importaria com a filha de um comerciante. Não ele.

Ela jogou a cabeça para trás e deu uma risada maldosa.

— Entendo. — Turton pensou por um instante. — Tem algo nisso tudo para nós, Srta. Ellis? Algo que possa ser útil?

Ela o encarou, a mesma ideia surgindo aos poucos em sua mente.

— Acho que não conseguimos arrancar nada dele, Sr. Turton. Por que ele se importaria se o mundo inteiro soubesse que ela é uma vadia? Mas ela pode pagar pelo silêncio. Podemos manter isso por um tempo, até o bebê nascer...

— Acho que não. — A voz assustou os dois. Achavam que estivessem sozinhos, mas Speer apareceu à porta.

— O que está fazendo aí, Srta. Speer? Anda nos espionando? — A voz de Turton saiu aguda, como se ele pudesse assumir o controle da situação, como sempre fizera por tantos anos.

— Desculpe-me, Sr. Turton, porém você não é mais o mordomo aqui. Foi demitido. — Speer cuspiu as palavras de modo que parecessem ecoar nas paredes. — E não pense que vou receber mais alguma ordem sua, porque não vou.

Este era um lado de Speer que nenhum deles tinha visto até então. Ela se aproximou deles e se sentou à mesa. Agiu de forma bastante casual, mais à vontade do que eles, e, quando voltou a falar, sua voz foi como o ronronar suave de um gato.

— Se algum de vocês se aproximar mais uma vez da Sra. Oliver, por carta ou pessoalmente, vou denunciar o roubo à polícia. Vou testemunhar contra vocês e receberão ordem de prisão. Depois disso nunca mais na vida vão encontrar outro emprego.

Por um momento, eles ficaram em silêncio absoluto. Então Ellis falou:

— O que foi que eu roubei?

— Itens da cozinha da Sra. Babbage. Vocês dois roubaram juntos. Vinho, carne, suprimentos em geral. Ao longo dos anos, devem ter roubado o equivalente a centenas de libras e revendido em benefício próprio.

— Isso não é verdade! — exclamou Ellis, com raiva. Ela havia feito muitas coisas ruins, espionou e até mentiu, mas nunca fora ladra.

— Talvez — disse Speer. — Mas a Sra. Babbage vai depor contra vocês. Se os policiais fizerem perguntas, saberão que as coisas desapareceram enquanto vocês estavam aqui. Ou acham que ela ia testemunhar contra si mesma?

Speer sorriu, observando as próprias unhas. Foi a primeira vez que Turton realmente percebeu que, além do emprego, também tinha perdido seu poder.

Depois de um instante, ele assentiu. Claro que a cozinheira nunca se incriminaria, isso estava claro, não para salvar a ele ou a Srta. Ellis, que sempre a tratara como um ser inferior.

— Vou para a cama — disse Turton, se levantando.

Mas Speer não tinha terminado.

— Preciso da palavra de vocês dois. Nunca mais teremos notícias suas depois que saírem desta casa.

Ellis olhou para ela, aquela figura tensa, contida, que estava agindo feito uma rainha para cima deles, para garantir sua posição.

— Ela vai se livrar de você, Srta. Speer. Você sabe muito. Ela não vai querer algo assim a ameaçando nos próximos anos.

A criada refletiu por um instante.

— Talvez. Mas, se ela me mandar embora, partirei com uma referência capaz de me fazer arranjar um emprego até no Palácio de Buckingham. — Claro que isso era verdade, portanto Ellis nem tentou rebater. A Srta. Speer não tinha terminado: — No momento, ela é minha patroa e meu trabalho é protegê-la de gente como vocês.

Ellis olhou para o Sr. Turton. Tinham dado pouca atenção a ela, aquela pessoa insignificante que, de repente, estava dando ordens a eles.

— Fique tranquila, Srta. Speer. Você não vai receber notícias minhas em momento algum no futuro — disse primeiro Turton, que saiu da sala após fazer uma ligeira reverência.

— Você venceu, sua vadia — afirmou Ellis.

E, com isso, se levantou e seguiu o ex-mordomo. Speer não se incomodou com o insulto. Era mais resistente do que isso. Perguntou-se como a Sra. Oliver poderia saber o que tinha feito por ela. Devia ter uma maneira. Ela sabia que havia verdade no que a Srta. Ellis dissera e que em algum instante a Sra. Oliver iria querer vê-la pelas costas, para que pudesse contratar uma criada sem lembranças do Sr. Bellasis ou daquele período de sua vida. Mas, como havia sido argumentado, quando isso acontecesse, Speer sairia vencedora. Por enquanto, o Sr. Turton e a Srta. Ellis tinham saído do caminho e ela estava no comando.



Susan foi se deitar primeiro. A noite tinha continuado alegre, impulsionada principalmente por James, que era o único ingênuo na sala. Os outros — Susan, Oliver e Anne — sabiam a verdade, por isso foi bastante exaustivo ouvir as divagações de James ao brindarem com champanhe, e Susan se recolheu o mais cedo que pôde. Ela sabia o que estava por vir e não tinha muito tempo para esperar.

— De quem é? — perguntou Oliver.

Por mais estranho que fosse, o jantar parecia tê-lo deixado ainda mais sóbrio, o que não fazia muito sentido, mas foi o que aconteceu.

Susan olhou para o marido, que estava meio dentro, meio fora do quarto. Aquele era o último obstáculo que ela tinha de enfrentar. Se conseguisse vencê-lo, então a estrada à sua frente ficaria livre. Ela mandara

Speer descer mais cedo e já estava na cama quando Oliver apareceu. Ele fechou a porta com cuidado e se aproximou dela. Estava claro que, independentemente do que ele pensava sobre o assunto, não queria que ouvissem a conversa.

Ela estava preparada.

— Não importa de quem é. Sua esposa está grávida. Seus pais estão felizes. A vida que você sempre quis lhe foi oferecida.

— Quer dizer que tenho que aceitar?

— Não vai aceitar?

Ele estava inquieto, andando pelo quarto, observando os livros nas prateleiras dela, os enfeites em sua escrivaninha, enquanto pensava em voz alta:

— Como vou saber que essa figura mística, o pai ausente, não vai fazer parte da nossa vida de agora em diante? Devo tolerar isso? Devo ser um *mari complaisant*?

Ela balançou a cabeça.

— Não. Não vou revelar o nome dele, porque não tem nenhuma importância. Nunca mais vou vê-lo, bem, não se puder evitar.

— Acho que eu devia ter esperado uma coisa dessas. Cedo ou tarde. Você está sempre flertando, sempre fazendo papel de boba. Já vi. Dezenas de vezes.

Normalmente, ela o teria atacado por essa acusação. Era mais inteligente que Oliver e sempre se sairia melhor do que ele. Mas daquela vez ficou em silêncio, usando o instinto para sentir o ritmo em que deveria avançar. Depois de alguns instantes, Oliver se sentou pesadamente próximo ao fogo, virando a cadeira de frente para a cama. As chamas lançavam faíscas na direção dele, fazendo-o parecer quase etéreo.

— Você não vai ao menos dizer que está arrependida?

Susan se preparou para a parte mais audaciosa do seu argumento. Tivera tempo para pensar. Estava pronta.

— Não estou arrependida, porque fiz o que me propus a cumprir. Estou grávida do nosso filho. Esse era o meu objetivo e foi o que consegui.

Oliver bufou.

— Você está me dizendo que foi de propósito?

Ela o encarou.

— Você já me viu fazer alguma coisa sem propósito? Já me viu agir impetuosamente?

Pela expressão dele, Susan soube que Oliver estava começando a prestar atenção ao que ela dizia, mesmo contra sua vontade.

— Quer dizer que você achou que eu não conseguiria engravidá-la?

— Você tem tentado há quase onze anos.

— Mas achávamos que o problema fosse com você.

Ela assentiu.

— E agora sabemos que não era. — Será que estava conseguindo desviar a raiva e as crises de ciúmes que tanto temera? Ela prosseguiu, com cautela: — Sabe, eu queria ter certeza de que era eu, e não você, porque tinha que ser um de nós.

— E este é o resultado.

O rosto dele estava nebuloso.

— Sim. Este é o resultado. Estou grávida do nosso filho. Seja menino ou menina, você tem um herdeiro. Realmente gostaria de dedicar sua vida a Glanville, à casa, à propriedade, se não tivesse para quem deixá-la? Teria essa ambição?

— Quero meu próprio filho.

— E você terá. É isso que quero também. E é isso que vou lhe dar. Se eu não tivesse feito o que fiz, você continuaria sem filhos até o fim dos seus dias.

Ao ouvir isso, Oliver ficou em silêncio. Em ambos os lados da chaminé havia dois retratos ovais em giz, um dele mesmo e outro de Sophia quando crianças. Ela devia ter uns seis anos, e ele, três ou quatro, usando um

colarinho de babado por cima do casaco de lã. Observou sua imagem de muito tempo atrás. Tinha uma vaga lembrança do artista e de ter sido subornado com uma laranja para ficar quieto. Susan continuou falando atrás dele:

— Vamos reabrir os berçários em Glanville, que estão fechados desde que sua mãe comprou a casa. Você pode ensinar a criança a andar a cavalo, nadar, pescar, atirar, se for menino. Se quiser ser pai, Oliver, este é o único jeito.

Quando se voltou para ela, Susan quase ficou chocada ao ver que os olhos dele estavam marejados.

— Você está dizendo que fez isso por mim? — questionou Oliver.

— Fiz isso por nós. — Ela sentiu que passara a ter as rédeas da conversa firmes em suas mãos e poderia direcioná-la como quisesse. — Estávamos ficando cansados um do outro, da nossa vida juntos. Nossa esterilidade nos entristecia todos os dias. Eu sabia que seria apenas questão de tempo até nos separarmos, e o que haveria depois? Para nós dois?

— Por que você não me contou seu plano?

— Por dois motivos. Eu realmente poderia ser estéril e, nesse caso, não daria em nada, e isso afastaria você ainda mais.

— E o outro motivo?

— Você teria me proibido. Mas, desse jeito, vamos ser pais.

Ele não disse nada, mas ela o viu erguer depressa as mãos para secar os olhos. A verdade era que ela havia encontrado algo enterrado em Oliver, tinha libertado um homem que estivera escondido dela durante metade do casamento. Ela esperou, quase imóvel, com as mãos apoiadas na colcha, enquanto ele andava de um lado para outro no tapete bordado ao pé da cama. Houve o barulho de uma briga de cães na rua, e ele foi até a janela para tentar ver.

Ele ia perdoá-la. Ele próprio já sabia disso. Não tinha certeza se Susan fizera tudo aquilo por ele ou por ela mesma, mas, de qualquer forma, estava

convencido de que ela não havia simplesmente tido um amante e sido descoberta. Isso ele não teria suportado. E ela estava certa. A vida que ele sempre quisera estava ao seu alcance e era uma boa vida... Ele continuou:

— Só uma coisa.

Oliver não se mexeu enquanto falava com o rosto ainda virado para a janela.

— Diga — falou ela, começando a ficar aliviada.

— Depois desta noite, nunca mais mencionaremos que ele não é meu filho. Nem mesmo entre nós.

Susan sentiu sua respiração se regularizar. Seus ombros relaxaram e ela se recostou nos travesseiros com bordas de renda. Em seguida, falou com a voz de uma amante:

— Por que eu diria o contrário? É seu filho, querido. Quem mais poderia reivindicá-lo?

Então ele se aproximou dela, segurou suas mãos e se inclinou para beijá-la na boca. A princípio, a ideia lhe pareceu bastante repugnante, mas Susan era disciplinada. Ela não se sentia atraída por aquele homem. Na verdade, se perguntava se algum dia já se sentira. Nem sequer gostava dele ou de sua companhia. Mas seu afeto era essencial se ela quisesse ter uma vida bem-sucedida. Muito bem. Ela aprenderia a gostar dele. Até mesmo dominaria a repulsa para que conseguissem fazer amor. Afinal, devia ter gostado dele antes, pelo menos um pouco. Oliver estava completamente enganado, claro. Ela havia sido amante de John Bellasis e acabara sendo flagrada, exatamente como seu marido tinha suspeitado, mas essa versão já desaparecera, se perdera no éter, e ela aprenderia a adotar sua versão da história de sacrifício pessoal para gerar uma criança para eles amarem e criarem juntos. Considerou que não demoraria muito mais de um ano para realmente acreditar nisso. Se ela se esforçasse bastante, sabia que podia esquecer a verdade. E, ao pensar nisso, abriu a boca para beijá-lo da forma mais apaixonada que sabia. A princípio, a língua pareceu desagradavelmente

grande em sua boca, e ainda estava com gosto de vinho azedo, mas Susan não se importou.

Ela estava perdoada.



## Capítulo 11

# *Herança*



Caroline Brockenhurst olhou para sua visita. Mal conseguia compreender o que ela falava:

— Não estou entendendo — disse ela, por fim.

Anne não se surpreendeu. Ela também achara difícil digerir aquilo. Passara algum tempo pensando na melhor forma de explicar a situação, mas, no final das contas, chegara à conclusão de que simplesmente tinha que falar.

— Agora sabemos que, antes de morrer, seu filho Edmund se casou legalmente com minha filha Sophia. Charles Pope é legítimo e, na verdade, nem é um Pope. Ele é um Bellasis, ou, para ser mais exata, visconde Bellasis e o herdeiro legal do avô dele.

Naquele dia, James Trenchard tinha voltado para casa explodindo de alegria. Tinha em mãos a prova pela qual estivera esperando. Seus advogados haviam registado o casamento, que fora aceito pela Comissão de Privilégios. Essa última etapa ia demorar algum tempo para ser concluída, mas os advogados tinham examinado as evidências e não encontraram nenhum obstáculo. Em outras palavras, não havia mais necessidade de guardar segredo. Foi Anne quem decidiu que eles deviam contar imediatamente a lady Brockenhurst. Por isso, foi até a casa dela e teve uma conversa particular. E então lhe dera a notícia.

Caroline Brockenhurst ficou sentada em silêncio enquanto um milhão de pensamentos passavam pela sua mente. Será que Edmund realmente tinha se casado sem falar nada a eles? E com a filha do fornecedor de alimentos de Wellington? A princípio, ela ficou indignada. Como isso pôde acontecer? A garota devia ter sido um pouco atrevida. Ela sabia que Sophia era bonita; sua irmã, a duquesa, lhe dissera isso. Mas a moça devia ter tramado tudo. Em

seguida, a grande verdade ficou clara para ela. Eles tinham um herdeiro legítimo, ela e Peregrine. E um herdeiro dedicado, talentoso e inteligente. Claro que ele teria que abrir mão dos negócios, mas faria isso. Assim que soubesse dos fatos. Ele poderia usar suas habilidades em Lymington, ou em suas outras propriedades. Também havia as propriedades de Londres, com as quais ninguém fizera quase nada em um século ou mais. Ele tinha muita coisa de que cuidar. Ela voltou a atenção para a mulher à sua frente. As duas não eram exatamente amigas, nem mesmo naquele momento, mas tampouco eram inimigas. Tinham compartilhado muita coisa para se tornarem isso.

— E ele não sabe de nada? Charles, quero dizer.

— Nada. James queria ter certeza de que não haveria qualquer empecilho que pudesse desapontá-lo.

— Entendo. Bem, devemos mandar uma mensagem bem cedo pela manhã. Venha jantar aqui amanhã à noite, e poderemos contar juntos.

— E quanto a lorde Brockenhurst? Onde ele está?

— Caçando em Yorkshire. Vai voltar amanhã, pelo menos foi o que disse. Vou mandar um telegrama para garantir que ele volte para cá e não vá a Hampshire. — Ela refletiu por um instante. — E depois de fazer com que o casamento fosse reconhecido, como o Sr. Trenchard comprovou que era para o sobrenome de sua filha constar da certidão de nascimento?

Anne sorriu.

— Todo marido é legalmente o pai de qualquer criança nascida durante um casamento.

— Mesmo quando estão mortos?

— Se uma criança nasce dentro de nove meses após a morte do marido, a presunção legal diz que ele é o pai, não importa se a esposa assumiu seu nome nem se ele é citado ou não como pai na certidão.

— Um marido não pode repudiar um bebê?

Anne pensou.

— Deve haver um procedimento para isso, mas nesse caso basta olhar para o rosto de Charles para sabermos quem foi seu pai.

— É verdade.

Finalmente, o brilho morno de alívio e a alegria genuína se espalharam pela condessa. Eles tinham um herdeiro, uma pessoa que ela já admirava muito, e em breve ele formaria uma família para ela e Peregrine amarem.

Os pensamentos de Anne deviam ser parecidos, porque de repente perguntou:

— Onde está lady Maria? O que ela sabe?

— Contei a ela que Charles é nosso neto, porque achei que isso seria suficiente para acalmar os ânimos da mãe dela. Na verdade, eu estava errada, mas é isso que ela sabe.

Ela alisou a saia, apreciando o conhecimento da novidade que teria de contar à moça quando ela voltasse.

— Onde ela está? — perguntou Anne.

— Com lady Templemore. O irmão dela chegou da Irlanda ontem à noite, e um laçao trouxe um recado esta manhã. Ela foi até lá para jantar, em parte para vê-lo e em outra para pedir que ele o ajude a convencer a mãe. Estou tentada a mandar um bilhete dizendo que não será mais necessário persuadi-la, mas acho que vai ser inútil mesmo assim.



Reginald Grey, sexto conde de Templemore, era um homem de princípios, embora um pouco menos apaixonado pelas próprias crenças do que a irmã. Era bonito a seu modo, e correto, apesar de um pouco maçante. Mas amava impetuosamente a irmã. Eles tinham passado por muita coisa juntos, Maria e ele, agachados atrás da balaustrada da escada, no andar do quarto das crianças, para ouvir as brigas lá embaixo, e aqueles anos inquietantes haviam criado um vínculo entre eles que não seria facilmente rompido, como sua mãe

tristemente reconhecia. A família estava reunida na sala de estar de lady Templemore e era fácil perceber que o clima não era encorajador.

— Como vão as coisas em casa? — perguntou Maria, numa tentativa de fazer a conversa avançar.

Ela usava um vestido de noite de seda verde-clara, com bordado no decote cavado que deixava à mostra seus ombros e seu colo bem definidos, mesmo que o efeito fosse desperdiçado com seu irmão.

— Muito bem. Perdemos dois arrendatários recentemente, mas assumi as terras deles. Suponho que eu vá cuidar diretamente de mil acres, mais ou menos. E decidi ampliar a biblioteca. Quando eu voltar, vou me encontrar com um homem para falarmos sobre a instalação de novas estantes e a possibilidade de derrubar a lareira do quarto azul. Acho que vai dar certo.

Maria escutava com atenção, como se para mostrar que era uma adulta, fazendo escolhas adultas.

— Tenho certeza que sim. Papai ia gostar dessa ideia.

— Seu pai nunca lia livro algum — disse lady Templemore. — Não quando podia evitar.

Ela se levantou para rearrumar os bibelôs de porcelana Meissen no console da lareira. Não estava facilitando as coisas.

Reggie Templemore decidiu que não fazia sentido evitar o assunto por mais tempo.

— Pelas suas cartas, entendi que vocês duas andam se desentendendo.

Lady Templemore parou de prestar atenção na disposição dos objetos na lareira.

— Entendeu certo — falou.

Maria decidiu enfrentar a situação.

— Conheci o homem com quem vou me casar. Espero que isso possa ser feito com sua permissão e sua bênção. Gostaria que você me levasse até o altar. Mas, independentemente de aprovar ou não, não vou me casar com outro.

Reggie ergueu as palmas das mãos, como quisesse acalmar um cavalo assustado.

— Ei. — Ele sorriu enquanto ela falava, tentando acalmar o momento. — Não precisa falar de forma agressiva se só estamos nós três aqui.

— Maria jogou fora uma grande oportunidade que teria transformado a vida de nós duas. Ela não pode esperar que eu aprove sua decisão — disse Corinne, voltando ao seu lugar.

Se havia chegado a hora da discussão, ela também se envolveria.

Reggie esperou a poeira baixar.

— Não conheço esse homem, claro. E sinto muito se Maria não aproveitou o bem que lhe foi oferecido, mas não posso fingir que sofro ao pensar que não terei John Bellasis como cunhado. Sua personalidade nunca foi tão atraente quanto sua posição.

— Obrigada — disse Maria, como se o irmão já tivesse vencido a discussão. — Ele não gostava de mim e eu não gostava dele. Era isso.

— Então por que você tinha aceitado se casar com ele? — perguntou a mãe.

— Porque você me fez sentir que seria uma filha ruim se eu não aceitasse.

— Está certo. Coloque a culpa em mim. Você sempre faz isso.

Ela suspirou e se recostou na cadeira. Por mais difícil que fosse acreditar, lady Templemore tinha a desconfortável sensação de que as coisas estavam saindo de seu controle. Ela tivera esperanças de que o filho trouxesse algum juízo para a irmã, mas desde o início ele parecia ter ficado do lado de Maria.

— Acho que você não entende, Reggie. O homem que ela escolheu como marido é um filho bastardo e comerciante.

Era difícil dizer qual das duas características ela considerava um insulto pior.

— Isso é pesado, mãe. — Reggie não tinha certeza se estava confortável com o rumo da conversa. — Maria?

Naturalmente Maria ficou desconfortável, porque, pelo que sabia, as duas acusações da mãe eram verdadeiras. Charles era um bastardo e comerciante. Ela amenizou um pouco os fatos ao responder, mas não podia alterá-los.

— É verdade que ele é o filho ilegítimo de um nobre, recebido e acolhido pela família do pai. E ele é o respeitado proprietário de uma tecelagem em Manchester com planos para expandir e desenvolver seu negócio. — Enquanto falava, seu tom de voz foi ficando mais confiante. — Você vai gostar muito dele — acrescentou. — Sei que vai.

Para lhe fazer justiça, ela tinha certeza de que isso era verdade.

Reggie ficou comovido com o entusiasmo da irmã. Estava evidente que ela achava que aquele homem tinha o mesmo valor de John Bellasis na grande escala da vida. Percebeu que desejava que isso fosse verdade.

— Podemos saber o nome do nobre tão contente em ter um filho ilegítimo?

Maria hesitou. Achava que não tinha o direito de citar os Brockenhurst, não sem a permissão deles.

— Na verdade, o pai dele está morto — disse ela. — Foram os avós que o acolheram. Mas ainda não posso revelar quem são.

Ver a confiança da filha de que aquele zé-ninguém poderia, de algum modo, ser alçado ao nível de seu antigo pretendente estava perturbando Corinne. Ela se virou para encarar os filhos, dando de ombros.

— Mas é claro que, comparado com John Bellasis...

— Mamãe — até mesmo Reggie estava começando a resistir à obstinação de Corinne —, John Bellasis se foi e não vai voltar. Não poderemos reverter a situação nem se quisermos.

— E não queremos! — acrescentou Maria, com o máximo de vigor que ousava.

— Mas um comerciante? — insistiu Corinne, que não ia ceder sem lutar.

— Oito anos atrás...

— Chega, Maria. Não quero mais ouvir falar dos Stephenson.

— Não, não desta vez. Eu só queria lembrá-la que lady Charlotte Bertie se casou com John Guest, que era ferreiro. — Maria estava preparada para qualquer argumentação. Provavelmente seria capaz de listar todos os casamentos de origens diferentes da história recente de Londres. — Eles são bem recebidos em todos os lugares.

Sua mãe não seria tão facilmente derrotada.

— O Sr. Guest também era muito rico e membro do Parlamento. O Sr. Pope não é uma coisa nem outra.

— Mas será as duas.

Claro que Maria não tinha a menor ideia se Charles queria ser membro do Parlamento, mas certamente não ia permitir que um ferreiro galês levasse essa vantagem sobre ele.

— E você disse que os avós o acolheram, mas o pai dele está morto?

Maria olhou para a mãe, nervosa. Será que tinha revelado demais? Será que lady Templemore havia adivinhado a conexão com os Brockenhurst? Por que dera uma descrição tão detalhada? Mas antes que pudesse argumentar mais alguma coisa, a porta se abriu e o mordomo apareceu. Pelo que parecia, o jantar estava pronto.

— Obrigado, Stratton, iremos em um minuto — falou Reggie, com a convicção de quem era o homem da casa, mesmo que quase nunca estivesse lá.

A mãe olhou para ele, surpresa. Estava arrumando o xale solto em volta dos ombros, preparando-se para o frio na sala de estar lá embaixo, e não sabia por que eles iriam demorar mais. Mas o mordomo havia assentido e se retirado, e os três estavam novamente sozinhos.

Reggie falou:

— Vou conhecer esse tal de Charles Pope. Mandarei uma mensagem pela manhã e tenho certeza de que ele arranjará algum tempo para mim...

— Claro que sim! — disse Maria, fazendo um registro mental para mandar um recado para Bishopsgate. Um que chegasse lá antes.



Para um homem de vinte anos, Reggie realmente tinha autoridade, e Maria sentiu orgulho de que fosse seu irmão. Ele continuou:

— Vou ouvir o que ele tem a dizer e, mãe, não posso prometer que irei apoiar sua opinião. Se o homem for um cavalheiro, então sugiro que conversemos sobre condições e acordos reais, pelos quais ele poderia proteger o futuro de Maria e ganhar o direito de se juntar à nossa família.

Corinne jogou a cabeça para trás, em desgosto.

— Então você foi derrotado.

Reggie era páreo para ela.

— Sou sensato. Se Maria não vai se casar com mais ninguém, então vamos ao menos descobrir se podemos chegar a um acordo com esse homem. No fim, mãe, receio que sua escolha será simples. Você deve decidir se vai continuar ao lado dos seus filhos ou se vai viver em guerra com eles. Agora podemos descer?



Susan Trenchard estava verificando seus cômodos. Tudo o que iam levar estava encaixotado, exceto as roupas e os objetos de que ela precisaria no percurso da viagem. Eles estavam de mudança para Somerset. Anne tinha aconselhado a não viajar quando a gravidez estivesse muito avançada, por isso eles decidiram ir logo. Susan não gostava de nada disso, nem da viagem nem de seu futuro no campo, mas aceitou ambas as coisas. Um trabalho os aguardava: ocupar a casa e a propriedade, e ela gostaria de deixar o quarto do bebê em uma condição respeitável, por mais que a superstição a impedisse de redecorá-lo antes de a criança nascer. A única coisa que a preocupava era Oliver. Fiel ao acordo que fizeram, eles nunca mais haviam mencionado a paternidade do bebê desde aquela noite, e ela não tinha a intenção de abordar isso outra vez. Mas ele ainda estava preocupado, até mesmo sentimental, e ela se perguntava se ele estava se arrependendo de sua decisão

de dar continuidade aos planos da esposa. Ele podia ser difícil, como ela bem sabia, e rezava para que ele não se tornasse difícil naquele momento.

Havia uma mala aberta num canto, para guardar o que tivesse ficado para trás. O restante fora levado para a grande carruagem de viagem que viera de Somerset e esperava nas estrebarias atrás da casa. Um laçao ia vigiá-la durante a noite e eles partiriam logo após o café da manhã. Ao contrário de como sua sogra fazia, ela pretendia chegar a Glanville em dois dias, por isso precisavam sair cedo. Enquanto observava as roupas que tinha separado para a viagem, a porta se abriu e Oliver entrou.

— Está pronta para descer?

Ela assentiu. Estava usando um vestido cinza simples, que seria útil para a noite que teriam de passar na estalagem no meio do caminho. Era bastante apropriado, mas não tão formal quanto James costumava exigir.

— Sei que não é muito elegante, mas deixei um colar de prata do lado de fora, que talvez possa melhorar um pouco meu visual. Speer o levou lá para baixo para limpá-lo, mas voltará num instante.

Oliver mal prestava atenção. Ele gesticulou sem fazer nenhum comentário, olhando ao redor do quarto.

— Vai sentir falta de Londres?

— Nós voltaremos para a temporada — disse ela, contente, porque tinha decidido que dali para a frente seria uma esposa feliz.

— É bem distante.

Mas Oliver não estava bufando, zangado nem bêbado; soava mais melancólico. Talvez estivesse preocupado por ela. Ele se sentou pesadamente numa cadeira próxima à lareira, fitando o ambiente, como se procurasse alguma coisa, mas Susan não sabia o que era.

Ela sorriu e falou:

— Eu gostaria que você me dissesse qual é o problema.

Ele não negou, o que confirmava que havia algo errado.

— Você não entenderia.

— Tente.

Mas a porta se abriu e a criada voltou, trazendo o colar de filigrana que Susan mencionara e que, um instante depois, foi colocado no pescoço da dona. Susan e Oliver estavam prontos para descer.



Charles Pope estava dividido. Só recentemente tinha recebido sua mãe em Londres e a acomodado na casa que arranjara para eles em High Holborn. Fazia menos de uma semana que ela estava na cidade e, embora ela se declarasse animada com essa nova virada em sua vida, também ficava nervosa por estar no meio do agito e da confusão de uma cidade moderna depois de passar a vida toda num vilarejo rural. Ele sentia que devia ir para casa e se ocupar do conforto dela, pelo menos por mais alguns dias, mas em vez disso olhava para o bilhete em sua mão. Não fazia muito mais de uma hora que havia sido entregue.

Prezado Sr. Pope,

Gostaria de saber se o senhor me daria o prazer de sua companhia esta noite. Provavelmente não, depois da última vez que nos encontramos, quando deixei que minha raiva sobrepujasse meus bons modos. Mas acredito que um homem que nós dois queremos bem ficaria muito feliz se pudéssemos resolver nossas diferenças. Tenho certeza de que fui eu que as criei, não o senhor, mas eu ficaria muito lisonjeado se o senhor me desse esse prazer. Estarei no Black Raven, em Allhallows Lane, às onze horas. Não consigo chegar lá antes, pois já tenho um compromisso em outro lugar, mas eu preferiria resolver as coisas o mais cedo possível.

Atenciosamente,

Oliver Trenchard

A essa altura, Charles já a havia lido várias vezes. A carta não tinha data nem endereço, mas ele não via motivo algum para questionar sua

autenticidade. James lhe mostrara algumas anotações que Oliver fizera em Isle of Dogs e a letra parecia ser dele mesmo. E Charles sabia muito bem que havia causado problemas entre James e seu filho. Seria bom se conseguissem superar suas diferenças, afinal criar conflitos na família tinha sido uma péssima retribuição, depois de tudo o que James tinha feito por ele. Por um instante pensou que deveria levar a carta à casa de James na Eaton Square, mas isso não estragaria tudo? Chamar a atenção de James para o conflito antes que houvesse uma solução? Ele não conhecia a taverna citada no bilhete, mas estava familiarizado com Allhallows Lane, um beco estreito, não muito distante de Bishopsgate, na beira do rio e próximo ao seu escritório. Mas por que tão tarde? Se Oliver estaria ocupado naquela noite, por que não deixar para outro dia? Mas, se ele fizesse objeção ao horário, isso poderia ser interpretado como uma recusa a resolver as coisas, sendo que na verdade era o que mais queria.

Por fim, decidiu voltar para casa, ver sua mãe, comer algo com ela e, depois disso, ir se encontrar com Oliver. Ela ia se deitar assim que ele saísse, se não antes, e haveria tanto a senhoria quanto o criado dele para ficar de olho nela. Com isso em mente, pegou seu casaco.



Maria, o irmão e a mãe abordaram alguns assuntos controversos no jantar. Foram servidos pelo mordomo e pelo único lacaio e, como Corinne não gostava de expor os problemas da família para os criados, discutiram os planos de Reggie para Balligrey e fofocaram sobre amigos e parentes na Irlanda, até que quase foi possível esquecer que Maria e a mãe estavam envolvidas em uma briga que terminaria com a vitória de apenas uma delas.

— Você não fala quase nada sobre sua vida — disse Maria, de brincadeira. — Há alguma coisa que deva nos dizer?

Reggie sorriu ao pegar a taça.

— A experiência me ensinou a esconder minhas cartas na manga.

— Isso parece promissor. Não é, mãe?

Mas lady Templemore não estava no clima para participar de brincadeiras alegres quando tinha tantos pensamentos pesados.

— Tenho certeza de que Reggie nos contará quando estiver pronto — disse ela, acenando para o lacaio com o intuito de indicar o fim da refeição.

Ele avançou para recolher os pratos.

— Não quero esperar — falou Maria, mas não conseguiu tirar muito mais do irmão.

Apenas que ele “podia” ter achado a filha de alguns velhos amigos de seus pais muito “simpática”, e era “possível” que alguma coisa surgisse disso.

— Se os pais dela são mesmo velhos amigos, então só isso já é um conforto para minha alma ferida — disse Corinne num momento em que os criados não estavam presentes, mas nem tentou elaborar mais seu pensamento.

Só mais tarde, quando estavam novamente na sala de estar e os criados os haviam deixado a sós, ela falou com algum propósito:

— Muito bem.

Maria foi pega de surpresa, enquanto se servia de uma xícara de café. Ela ergueu o olhar.

— Muito bem o quê?

— Vou esperar o veredito de Reggie. Se ele gostar do seu Sr. Pope, se ele aprovar essa união, então vou tentar me adaptar. Ele é o chefe da família agora. É ele quem vai carregar o fardo de ter esse homem como cunhado. Eu morrerei em breve, então de que importa minha opinião?

Ela suspirou ao se sentar no sofá, sugerindo uma leve indisposição, e pegou o leque na mesa, ao lado de seu cotovelo.

Por um instante, nem Maria nem Reggie se mexeram. Até que a garota ajoelhou diante da mãe e, segurando as mãos dela, começou a beijá-las enquanto as lágrimas escorriam pelo próprio rosto.

— Obrigada, minha querida, mais que querida, mãe. Obrigada. Você não vai se arrepender.

— Já estou arrependida *agora* — disse lady Templemore. — Mas não posso lutar contra meus dois filhos. Estou fraca demais. Vou fazer o possível para gostar dele, desse homem que roubou o futuro da minha filha.

Maria olhou para a mãe.

— Ele não o roubou, mãe. Dei meu futuro a ele de livre e espontânea vontade.

Pelo menos a mãe não puxou as mãos de volta, apoiando-as nas da filha. E, por mais que ao se deitar naquela noite tenha derramado algumas lágrimas por ter perdido o paraíso com o qual sonhara, ainda assim, levando todas as coisas em consideração, Corinne Templemore preferia estar bem com os filhos do que brigada. A família tinha percorrido um caminho difícil e pedregoso quando o pai deles era vivo, e não lhe conviria brigar com os filhos naquele momento.



As frutas tinham sido arrumadas em uma travessa de prata, com um recipiente central com rosas, em volta do qual havia pequenas cestas cheias de ameixas, uvas e nectarinas, brilhando à luz dos candelabros em cada extremidade da mesa. Parecia uma pintura de Caravaggio, pensou Anne. A Sra. Babbage sabia ser uma grande artista quando queria. Anne havia pedido um bom jantar para se despedir de Oliver e Susan, e, para ser sincera, estava contente que a nora tivesse dado um jeito em seu filho. Ela pretendia cumprir o acordo e nunca mais mencionar a paternidade da criança. Por um segundo, considerara dizer a Caroline Brockenhurst que *todos* os seus netos teriam o sangue dos Bellasis, mas sabia que, se dissesse isso a uma única pessoa que fosse, James acabaria sabendo em algum momento, e ela não queria que isso acontecesse. Então o segredo de Susan estava seguro com ela,

e Anne estava feliz. Não que ela gostasse muito da nora, mas a considerava inteligente e competente quando queria, e o último susto que tomou decorrente do flerte com o escândalo parecia tê-la afastado da névoa egoísta que a circundava e a levado a se envolver com os aspectos práticos de sua nova vida. O Dr. Johnson escreveu que, se um homem sabe que será enforcado na manhã seguinte, se concentra de forma impecável, e talvez o mesmo valha para a ameaça de decadência. Anne se arrependia de ter cedido Glanville. Ela faria visitas, talvez não muito menos do que já fazia, contudo aquele não seria mais seu reino. A rainha Susan governaria dali em diante. Ainda assim, sabia que era um sacrifício que valia a pena, para permitir que seu filho vivesse a própria vida, em vez da vida do pai.

Mas quando Anne olhou para Oliver do outro lado da mesa, percebeu que alguma coisa ainda parecia perturbá-lo. Nos últimos dias, ela tentara algumas vezes perguntar a ele o que era, mas não tivera sucesso. Ele insistira que não havia nada errado, mas...

— Tem visto o Sr. Pope ultimamente, pai?

As palavras de Oliver foram uma surpresa, pois todos sabiam que ele não gostava de Charles Pope e em geral preferia evitar o assunto.

Pelo que Anne e James sabiam, ele ainda não fazia ideia da verdadeira identidade do rapaz, porque James achava que o mais correto seria Charles ficar sabendo primeiro, ou, pelo menos, não depois de todo mundo. Claro que ele também desconhecia o papel de Susan na história, e Anne não ia mudar isso. Então ela ficaria contente se Oliver descobrisse, afinal Charles, lorde Brockenhurst e os Templemore saberiam no jantar do dia seguinte.

Após uma pausa para se recuperar da estranheza da pergunta, James olhou para o filho.

— O que quer dizer com “ultimamente”?

— Na última semana.

Oliver estava comendo um pêsego e um pouco do suco escorreu pelo seu queixo. Susan percebeu e sentiu seu maxilar se contrair de irritação, mas

se forçou a deixar para lá. Se queria ficar com suco no queixo, isso era problema dele. Afinal, o queixo era dele.

— Não — disse James. — Ele está se mudando, para ter um pouco mais de espaço para sua mãe... — Ele percebeu o olhar de relance de Anne e se corrigiu: — Para a Sra. Pope, que está indo morar com ele. Pope sabia que ia precisar de um tempo para acomodá-la.

Oliver assentiu.

— Sabe para onde ele se mudou?

James balançou a cabeça enquanto começava a descascar um pêsego, intrigado com o rumo que a conversa estava tomando.

— Algum lugar em Holborn, acho. Por quê?

— Por nada — respondeu o filho.

Anne flagrou Billy lançando um olhar curioso para Oliver até perceber que ela estava observando, então corou. Ela deveria chamá-lo de Watson, pois ele se tornara mordomo. Todos deveriam, aliás.

— Acho que tem um motivo. — O tom de voz de James estava afiado, e Anne supôs que fosse porque ele sabia que teria de defender Charles das críticas de Oliver. Mas o rapaz não parecia agressivo, zangado nem mesmo rude. Se ela precisasse definir seu humor, diria que ele estava preocupado. — Oliver, pode vir comigo?

James largou a faca de fruta e se levantou, deixando o guardanapo amassado na mesa. Ele guiou o caminho até a biblioteca. Andaram em silêncio, mas quando chegaram lá, James fechou a porta e perguntou:

— O que está acontecendo? Por que está preocupado e o que isso tem a ver com Charles Pope?

De certo modo, após a pergunta, foi um alívio para Oliver contar ao pai que tinha ido encontrar John Bellasis no The Horse and Groom, morrendo de raiva.

— Não sei como, mas ele sabia que eu estava com raiva de Pope e começou a me interrogar. Estava curioso a respeito dele e, como sabemos,



Pope é adorado pela tia do Sr. Bellasis. Talvez ele estivesse com ciúme. Sei que eu estava.

— Mas o que aconteceu? O que ele fez? O que você fez?

Ansioso para ocupar as mãos com algo, James pegou o atiçador e começou a remexer no fogo prestes a se apagar.

Oliver não respondeu de imediato. Ele tentou pensar numa maneira de tornar menos grave o que tinha a dizer. Mas não era possível.

— Ele disse que queria dar uma lição em Pope.

— Que tipo de lição?

— Não sei. Eu já estava bastante bêbado quando ele chegou. E também estava irritado com Pope.

— Você não precisa explicar que desejava o mal de Charles Pope. Eu não esperaria nada diferente de você. Continue. — Seu tom de voz podia ser considerado qualquer coisa, menos conciliatório, mas Oliver tinha começado, então precisava terminar.

— Ele me pediu para escrever um bilhete para o Sr. Pope. Disse que ele mesmo não podia escrever porque Pope não gostava dele, por isso não ia responder. Mas, se eu escrevesse, dizendo que sentia muito pelo nosso desentendimento, e que você ficaria feliz se nos reconciliássemos, então Pope concordaria em me encontrar.

— Eu ficaria feliz? — James bufou com escárnio.

— De algum modo, Bellasis sabia que você estava chateado por eu ter virado as costas para o seu protegido. Enfim, acabei escrevendo o bilhete, tomei um drinque com ele e fui embora.

James, incrédulo, encarava o filho.

— Você escreveu um bilhete para atrair Charles Pope a um lugar onde ele... o quê? Pode ser agredido por capangas contratados pelo Sr. Bellasis? Era isso?

— Já falei que eu estava bêbado.

— Mas não bêbado demais para não conseguir segurar uma caneta, pelo amor de Deus! — A fúria do pai estava dissipando a preciosa paz que Oliver buscava desde que permitiram que ele se mudasse para Glanville. Lá estava ele novamente: uma decepção, um fracasso, um idiota. — Quando esse encontro ia acontecer?

— Ele não falou. Não me deixou colocar uma data no bilhete, para que pudesse escolher quando mandá-lo. Suponho que ele precisasse arrumar um comitê de recepção, e garantir que tudo estivesse preparado. Foi por isso que perguntei se você tinha recebido notícias de Pope.

— Onde ele deveria encontrar você? Ou melhor, encontrar Bellasis?

Oliver estava com a sensação de carregar um segredo perigoso, mal formulado, trancado numa garrafa desde o dia em que fizera aquilo. Não quisera admitir que tinha sido estúpido e enganado, mas claro que essa era a verdade. O segredo venenoso parecia escapar da garrafa e se tornar grande o suficiente para afastar todos os outros pensamentos de sua mente.

— Não lembro.

— Então se esforce para lembrar! — James se aproximou da corda da sineta e a puxou. Quando o laçao veio apressado pelo corredor da sala de jantar, James gritou quase antes que ele abrisse a porta: — Mande o mensageiro avisar para Quirk preparar uma carruagem! A fechada! Teremos que ir depressa!

Oliver ficou assustado.

— Mas ir aonde? Você não sabe o atual endereço dele, e não lembro para onde o bilhete o mandava ir. E por que seria esta noite?

James olhou para o filho.

— Se já houver acontecido e ele estiver gravemente ferido, nunca vou perdoar você. Se não tiver acontecido ainda, então vamos alertá-lo, mesmo que seja preciso esperar a noite inteira na porta do escritório dele. Onde era o encontro? Na City? No interior? Pelo menos isso você deve saber!

Oliver refletiu.

— Acho que era na City mesmo. Sim, porque ele disse que Pope poderia ir a pé do trabalho.

— Então vamos começar por Bishopsgate. Pegue seu casaco enquanto falo com sua mãe.

James se encaminhou para a porta.

— Pai.

Ele parou ao ouvir a voz do filho e se virou. Oliver prosseguiu:

— Sinto muito.

Era verdade. O rosto dele estava pálido de arrependimento.

— Não tanto quanto sentirá se alguma coisa tiver acontecido com ele.



John Bellasis estremeceu, embora fosse difícil dizer se foi por causa do frio ou da perspectiva diante dele. Tinha dispensado sua carruagem a algumas ruas de Allhallows Lane, porque não queria que o cocheiro tivesse alguma pista do seu destino, então estava andando sozinho pela East End de Londres à noite.

Naquele dia, quando Oliver Trenchard o deixara no The Horse and Groom, ele havia guardado o bilhete, dizendo a si mesmo que jamais o usaria, imaginando que de alguma forma pudesse ser absolvido da culpa de sequer ter solicitado aquilo. Claro que ele sabia por que tinha convencido Oliver a escrever. Sabia o que pretendia desde o momento em que o vira no bar, e de repente ficou evidente, no instante em que o viu, que estava ao seu alcance eliminar os obstáculos à sua felicidade. Ainda assim, hesitou.

Esperou todos os dias pela convocação do seu tio. Será que ele e seu pai poderiam, por favor, ir à Brockenhurst House, pois havia algumas notícias que influenciariam seu futuro? Mas isso nunca aconteceu. Não houve anúncio nos jornais, nenhuma carta da tia Caroline, nada. Os Trenchard já deviam saber a verdade àquela altura, pois ele próprio lhes dera a prova,

como sofria em lembrar. Em seguida, pensou que provavelmente estavam esperando até que tudo pudesse ser anunciado como verdadeiro e legítimo. Ninguém seria avisado, talvez nem mesmo os Brockenhurst, até que as reivindicações de Charles Pope pudessem ser validadas e confirmadas no tribunal. Foi então que surgiu a ideia de que, se ele conseguisse fazer isso, se tivesse coragem — porque era preciso ter coragem —, devia agir antes que o anúncio fosse feito. A morte de um visconde, herdeiro de um conde, seria estampada em todos os jornais e revistas. Mas a morte de um jovem comerciante de algodão, que começava a construir seu negócio... isso mal seria citado numa pequena coluna no canto inferior da página.

Ainda assim, ele esperou. Estava sentado sozinho em seus aposentos, observando o bilhete que Oliver escrevera, até que finalmente começou a suspeitar que não tinha coragem de fazer o que planejara se quisesse corrigir a terrível injustiça que o destino havia planejado para ele. Será que, no fim das contas, lhe faltava bravura? Tinha medo da prisão e do laço do carrasco? Mas se ele não agisse e todos os sonhos e esperanças acabassem frustrados, destruídos bem diante do seu nariz, a vida que o esperava era melhor do que a força?

Durante vários dias, permaneceu trancado em casa, sem sair. Jantava sozinho, com seu criado silencioso à espera, um criado que aliás não tinha seus salários nem um pouco garantidos, pensou ele, achando graça. Bebia sozinho e bastante, ciente de que mesmo sua vida simples — e era relativamente simples, se comparada à vida de seus contemporâneos mais afortunados — estaria em risco no momento em que viesse à tona a notícia de que ele não era mais o próximo herdeiro, mas um homem se afogando em dívidas, sem nenhuma promessa de renda. Seus credores o cercariam feito tubarões, na esperança de conseguir o pouco dinheiro que restava, e seu pai não poderia salvá-lo. Na verdade, os problemas de Stephen eram ainda piores que os de seu filho. Os dois seriam declarados falidos, e o que aconteceria em seguida? Uma vida de miséria em Paris ou Calais, fazendo

render a pequena pensão que Charles Pope (ele não conseguia imaginá-lo como seu primo Charles Bellasis) pudesse ser persuadido a lhes dar? Isso era melhor do que aproveitar uma oportunidade, um desafio, que podia terminar em triunfo ou na força?

E assim esse pensamento o fizera recordar da manhã daquele mesmo dia, depois de uma noite em claro. Ele pegou um envelope e, com o bilhete aberto à sua frente, imitou a caligrafia bem o bastante para escrever *Pope*, antes de colocar o recado no envelope e selá-lo com cera. Então saiu, esperou até estar a alguma distância de Albany e chamou um cabriolé, dando ao motorista o endereço do escritório de Pope e uma gorjeta para que entregasse a mensagem.

Enquanto se afastava, disse a si mesmo que o homem poderia ser um patife que ia embolsar o dinheiro, destruir o envelope e pegar outro passageiro assim que se despedisse. Que seja, pensou. Se isso acontecesse, então era para acontecer. Mas ainda assim ele sabia que devia se preparar. Tinha que ir cedo para o Black Raven, precisava verificar a distância da taverna até o rio, era necessário finalizar um plano. Mais uma vez, passou o dia todo em seus aposentos, deitado na cama ou andando de um lado para outro. De vez em quando, considerava simplesmente não ir, deixar que Charles não encontrasse ninguém lá. Ele perguntaria por Oliver Trenchard, claro, não por John Bellasis, e o gerente daria de ombros, sem reconhecer o nome, e Charles voltaria para casa e acordaria no dia seguinte, pronto para roubar tudo o que devia ter sido de John. Mas, quando considerava esse último pensamento, sabia que precisava agir. Mesmo se falhasse, teria tentado. Não teria se submetido à crueldade dos deuses sem lutar.

— Vou chegar tarde hoje, Roger — disse ao criado, que segurava o sobretudo aberto para ele. — Não me espere antes da madrugada. Mas se eu não estiver na cama às oito da manhã, então deve começar a investigar meu paradeiro.

— Onde devo procurá-lo, senhor? — perguntou o homem, mas John apenas balançou a cabeça e não respondeu.



— Assassinato? — O choque de Oliver à sugestão do pai foi sincero. James percebeu isso, embora sentisse uma raiva tão forte que quase o enlouquecia.

Oliver achara que Charles Pope corria o risco de ser agredido e não mais do que isso. Percebia que John Bellasis o odiava, pelo menos mais do que o próprio Oliver, mas isso parecia indicar que ele lhe daria uma surra. E Bellasis se safaria. Sem dúvida contrataria homens para fazer o trabalho sujo. Eles fugiriam, sem deixar pistas que a polícia pudesse usar para as investigações, e o assunto logo seria esquecido. Mas assassinato? As suspeitas de James pareciam estranhas para o seu filho. John Bellasis tentando matar Charles Pope?

— Mas por quê? — perguntou.

Eles tinham um longo caminho até Bishopsgate, e James não encontrava motivos para deixar Oliver no escuro por mais tempo. Enquanto seguiam pelas ruas iluminadas por lâmpadas a gás, ele contou a história: o casamento em Bruxelas, o erro de Sophia ao achar que tinha sido enganada, a verdadeira identidade de Charles. Acima de tudo, ele citou a ameaça à herança de John Bellasis, que não existiria mais caso Charles Pope desaparecesse para sempre.

Oliver ficou em silêncio por um instante. Depois suspirou.

— Você deveria ter me contado isso. Não agora, mas há muito tempo, antes de saber quem Charles Pope realmente era. Legítimo ou bastardo, ele ainda é meu sobrinho, e você devia ter me contado.

— Ficamos preocupados com a reputação de Sophia.

— Você acha que eu não teria guardado segredo para proteger o nome da minha irmã?

Pela primeira vez, James não rebateu o argumento de Oliver, porque ele era razoável e James tinha que reconhecer isso. Havia cometido o mesmo erro com Anne, e se arrependia disso. Por que não confiava na própria família? Foi sua fraqueza, não a deles, que o fez ficar em silêncio. Ele se recostou no assento enquanto a carruagem seguia pela noite.



Maria voltou a pé de Chesham Place para Belgrave Square, na companhia do laçao de sua mãe. Não havia necessidade de tirar a carruagem para uma viagem de dez minutos, e ela gostava do ar frio da noite. Estava alegre, saltitante, e provavelmente teria dispensado o criado se não soubesse que isso teria irritado a mãe, o que era a última coisa que ela queria fazer naquela noite. Sempre soubera que Reggie melhoraria as coisas e isso provaria-se verdadeiro. Claro que Charles ainda precisava passar no teste do seu irmão, mas ela estava confiante de que tudo daria certo. Afinal, Charles era um cavalheiro. Não um grande partido, mas um cavalheiro, sem dúvida. E trabalhador, inteligente e tudo o mais que Reggie valorizava. E a verdade era que ela estava muito emocionada pela forma que sua mãe havia cedido à decisão do filho.

Maria fora forte e determinada em sua luta. Havia saído da casa da mãe e, de certo modo, fizera Corinne brigar com a antiga amiga, lady Brockenhurst. Fora fria e inflexível quando sua mãe tentara argumentar a favor de John Bellasis, destacando que, se ele tinha apreço por ela, por que não estava ali para argumentar pessoalmente? Mas Maria não gostava de discutir com o único de seus genitores vivo. Seu pai tinha sido um homem severo, tanto com os filhos quanto com a esposa, e, quando ele morreu, embora não admitissem, os três tiveram uma leve sensação de terem sobrevivido a ele, de alívio por ainda estarem de pé e ele estar fora de cena. Sabia que Reggie sentia, assim como ela mesma, que a mãe merecia os anos

de paz, e sofria com o fato de estarem brigadas. Mas isso havia terminado. Ela não tinha dúvidas de que a mãe ia gostar de Charles quando o conhecesse; a princípio ficaria relutante, talvez, mas mudaria de ideia. E, gostando dela ou não, ele ainda protegeria lady Templemore e cuidaria de seu bem-estar, de modo que, no fim, os benefícios do casamento seriam os mesmos que teriam sido com John. Eles eram, e seriam dali para a frente, uma família unida, e Maria gostava que fosse assim.

Ela chegara à casa dos Brockenhurst, e a porta foi aberta pelo vigia noturno, que estava sempre sentado em uma cadeira de couro arqueada e estofada, num canto do hall, bem acordado, ou era o que ele dizia, até ser rendido pelo mordomo às oito da manhã. Ela dispensou o laçao da mãe e seguiu para a escada depois de desejar boa-noite ao vigia. Mas ele tinha um recado para ela.

— Sua Graça está esperando por você, milady. No toucador.

Maria ficou surpresa.

— Ela não foi se deitar?

— Não, milady. — O homem tinha certeza. — Ela deixou bem claro que eu devia lhe dizer que ela está esperando para vê-la.

— Está bem. Obrigada.

Maria já tinha chegado à escada e começou a subir.



Charles saiu pela porta da frente de sua nova casa e respirou fundo. O ar frio foi refrescante depois da sala de estar superaquecida onde ele tinha passado a noite com a mãe. Mas se sentia feliz por passar esse tempo com ela. A Sra. Pope estava animada com a nova vida e havia algo de encorajador na confiança que ela sempre demonstrava no que dizia respeito ao futuro do filho. Ela sabia que o negócio dele em breve se expandiria pelo mundo e que ele faria fortuna. Também tinha certeza de que ele compraria uma casa na



área mais elegante de Londres e que ela poderia administrá-la para o filho, até que sua esposa chegasse, é claro. E, pelo visto, nada disso ia demorar muito.

Naturalmente, Charles devia dizer a ela que achava que já sabia quem seria sua esposa, mas queria fazer isso com cuidado, pois não tinha a intenção de que a mãe pensasse que não era necessária. Estava determinado a fazer com que se sentisse bem-vinda e ficasse confortável, independentemente de que direção sua vida tomasse, e estava confiante de que Maria ia querer o mesmo. Então Charles deu a pista de que havia alguém que ele queria que ela conhecesse, e a Sra. Pope entendeu bem.

— Vai me dizer o nome dela?

— Maria Grey. Você vai gostar muito dela.

— Tenho certeza que sim, se você a escolheu.

— Mas as coisas ainda não estão resolvidas.

— Por que não, se ela é a escolhida?

Considerando-se os espaços alugados em Holborn, a pequena sala de estar destinada a eles era bonita, com cortinas de chintz estampado e um sofá com botões onde sua mãe estava sentada, perto da mesa de trabalho que trouxera consigo. Ela dividia sua atenção com uma peça de bordado, mas o silêncio dele diante de sua pergunta a fez parar e largar a agulha. Ela esperou.

Ele fez uma careta discreta.

— É complicado. A mãe dela é viúva e naturalmente superprotetora com a única filha. Não está convencida de que sou tudo o que ela procura em um genro.

A Sra. Pope riu.

— Então ela é uma viúva muito estúpida. Se tivesse bom senso, teria se curvado e beijado o chão no momento em que você entrou pela porta.

Charles relutava em transformar a mãe em uma inimiga da família de sua futura noiva.

— Lady Templemore tem seus motivos. Outro casamento foi arranjado para Maria, e não podemos criticá-la por querer que a filha mantenha sua palavra.

— Eu posso criticar essa *lady Templemore*. — O desdém com que enfatizou o nome da mulher foi outro sinal de que haveria problema. Charles já se arrependia de deixar a mãe ciente de suas dificuldades. — Se a moça consegue ver que o seu dedo mindinho tem mais valor do que o pretendente anterior sem graça, está mostrando bom senso. A mãe deveria ouvi-la. — Então ela continuou seu trabalho, mas com um pouco de raiva, enfiando a agulha no tecido como se estivesse, de algum modo, enfatizando sua posição. — Por que o nome dela é Templemore se a moça é chamada de Grey?

— O título de seu falecido marido era Templemore. Grey é o sobrenome da família.

— Lorde Templemore?

— O conde de Templemore, para ser mais exato.

O bordado começou a assumir um ritmo mais tranquilo à medida que as palavras dele eram assimiladas. Então Charles estava prestes a fazer um ótimo casamento. Isso não era surpresa. Ele sempre fora brilhante em tudo o que fez, até onde ela sabia. Mas a novidade causou um prazer especial à Sra. Pope, embora ela fosse se sentir culpada caso admitisse.

— Eu não me importaria nem se ele tivesse sido o rei de Templemore — disse ela com firmeza, parando seu trabalho por um instante. — Elas ainda teriam sorte de ter você.

Charles decidiu deixar as coisas assim.



Charles estava a caminho de seu encontro com Oliver Trenchard. Decidira caminhar. Não havia pressa. Ele gostava de ir a pé para o escritório todas as

manhãs, a menos que houvesse motivo para não fazer isso, e seu destino não era muito distante de lá.

Como ficou com a impressão de que o bilhete de Oliver estendera uma mão amiga, se esse fosse realmente o caso, Charles estava determinado a aceitá-la. Desde aquele almoço no Athenaeum, quando o ciúme de Oliver — porque estava claro que era ciúme — fora tão arrebatador, Charles sentia que os encontros com James tinham de algum modo sido comprometidos. Depois, as tentativas de Oliver de destruí-lo aos olhos do Sr. Trenchard, com as falsas acusações daqueles canalhas, Brent e Astley, provaram que a fúria de Oliver não fora nem um pouco aplacada. A confiança de James em Charles e sua recusa em acreditar que o rapaz tivesse agido mal só podia ter piorado a situação. Se Oliver tinha ou não motivos para sentir raiva, se James de fato era culpado por negligenciar o próprio filho em favor de um rapaz desconhecido, Charles não ia julgar. De qualquer jeito, todos ficariam mais felizes se eles pudessem aprender a conviver em paz. Charles valorizava o apoio e a ajuda de James Trenchard. Enxergava o lado ridículo do homem — sua ânsia por autopromoção, sua necessidade de subir os escorregadios degraus da escada dos níveis sociais, nada do que interessava a Charles —, mas também enxergava sua inteligência. James entendia de negócios, suas correntes, marés e reviravoltas, e, em sua experiência, Charles não tinha conhecido ninguém que entendesse disso. Que ele tivesse vindo do nada e ascendido socialmente na Inglaterra do século XIX não era surpresa para seu protegido. Seus ensinamentos poupariam anos da jornada de Charles, e ele pretendia tirar toda a vantagem disso. Também se sentia verdadeiramente grato.

Charles estava passando perto de seu escritório, a caminho do rio. Durante o dia, Bishopsgate parecia uma colmeia, engarrafado, apinhado de homens e mulheres, todos correndo de um lado para outro. Mas, à noite, era um lugar tranquilo. Havia alguns pedestres, um bêbado perdido, um pedinte ou outro, até mesmo uma prostituta, embora ele achasse que não havia

movimento suficiente para lhe garantir muitos negócios. Porém, em sua maior parte as ruas ficavam vazias, os prédios amplos e escuros se assomando sobre ele. Por um instante, ele sentiu um estranho impulso de dar meia-volta e ir para casa, faltando ao encontro. Foi como uma súbita mensagem, bem identificável mas inexplicada. Dando de ombros, ele afastou o pensamento, ergueu o colarinho por causa do frio e seguiu seu caminho.



O coração de Maria martelava no peito. Não por causa da posição de Charles e suas perspectivas — ela recebera proposta disso tudo por John Bellasis e rejeitara —, mas porque sua mãe havia aceitado Charles mais rápido do que esperava. Se Reggie não tivesse vindo, se elas continuassem inimigas até essa noite, então sempre pensaria que a mãe tinha mudado de ideia porque as circunstâncias envolvendo Charles eram outras. Mas sabia que Corinne havia aceitado Charles como ele era, não porque ela quisesse, mas porque amava seus filhos.

Lady Brockenhurst tinha a mesma opinião.

— Eu sabia que ela se renderia a ele. Eu lhe disse.

Estavam sentadas juntas no toucador, diante do calor do fogo. Caroline tinha pedido duas taças de vinho doce, um Sauternes que ela adorava, para brindar à notícia. Nenhuma das duas queria ir para a cama.

— Você me disse, mas não acreditei.

— Bem, fico feliz que Corinne tenha se mostrado uma verdadeira mãe, e agora ela terá sua recompensa. Deve vir para o jantar amanhã à noite. Mas não diga nada a ela antes. Vai estragar a surpresa.

Maria tomou um gole da delicada taça dourada.

— E Charles ainda não faz nenhuma ideia?

— O Sr. Trenchard não permitiu que contassem a ele antes que tudo tivesse sido verificado com os advogados. Eu me atrevo a dizer que isso foi

sensato.

Ainda era difícil para Caroline dizer qualquer coisa benevolente a respeito de James Trenchard, mas o fato era que eles eram parentes legítimos, pelo menos tinham um neto em comum, e ela tinha se acostumado melhor com essa ideia.

Maria percebeu o desdém de sua anfitriã.

— Charles me garantiu que o Sr. Trenchard tem muitas qualidades. Ele o admira muito.

Caroline refletiu sobre isso.

— Então vou tentar fazer o mesmo.

— Gosto da esposa dele — disse Maria.

A condessa assentiu.

— Sim, eu também. Até que gosto da esposa.

Não foi o testemunho mais emocionado, mas era um começo. Na verdade, Caroline aprovava Anne, que, ao contrário do marido, parecia indiferente aos avanços sociais e à opinião dos outros sobre ela e sua família. Havia algo instintivamente nobre em sua falta de interesse por ser nobre. Se ao menos o marido pudesse aprender com ela... Caroline sentia que teria que ajudar, ou pelo menos convencer Charles a ajudar, a fazer o avô evoluir.

— Ficou surpresa que seu filho tenha se casado sem falar com vocês?

Assim que perguntou, Maria se arrependeu das palavras. Por que abrir antigas feridas? É claro que sua anfitriã deve ter ficado surpresa e, pior, chocada, até mesmo se sentido traída e, embora tudo isso pudesse ser encoberto por um final feliz, não podia ser completamente apagado.

Mas Caroline estava pensando.

— Não sei como lhe responder — falou. — Claro que não teríamos achado a moça adequada, e ele sabia disso. Queria nos apresentar um *fait accompli*, um fato consumado, em vez de pedir nossa opinião, que teria sido negativa. Mas talvez eu devesse admirá-lo por isso. Edmund era nosso filho, mas não destruimos seu espírito. Quer dizer, a jovem era uma aventureira,

incentivada pelo pai pretensioso a elevar sua posição e a usar a beleza para fisgar um rapaz inocente do qual não era digna, certo? — Ela fez uma pausa, observando as chamas.

Houve um momento de silêncio, e suas palavras pareceram pairar no ar entre elas. Então Maria falou:

— Que importância isso tem, na verdade?

Sua voz despertou Caroline do transe no qual havia entrado. E, como lady Brockenhurst foi obrigada a reconhecer, havia certa verdade na pergunta. Que importância isso tinha? A mãe de John, Grace, era bem-nascida, mas fizera dele um herdeiro mais apropriado que Charles? Não. Mil vezes não. E, não importa o que faltava a Sophia Trenchard, ela claramente tinha energia, iniciativa e muitas outras qualidades aliadas à sua beleza. Edmund não teria sido fisgado — se essa tivesse sido sua intenção — se ela fosse só um rostinho bonito. Caroline gostava muito de seu marido, mas Peregrine não era um homem de iniciativa. Ele nascera em uma posição a qual não pudera objetar, mas, pelo que ela sabia, nunca tivera um objetivo. Charles, por outro lado, tinha objetivos, e traçaria vários deles para a propriedade e para a família, disso ela tinha certeza, e quando olhava para os dois avôs do rapaz sabia de qual deles ele herdara essa determinação para o sucesso. Ela se virou para a jovem ao seu lado e sorriu.

— Você está certa. Não tem importância. O que importa é o futuro que você e Charles viverão juntos.

— E vocês vão contar a ele amanhã?

— Acabo de lembrar que não mandei a mensagem. Vou escrever esta noite e mandar entregar em Bishopsgate amanhã bem cedo.

— E minha mãe?

— Vou mandar uma mensagem para ela também. E teremos uma noite de revelações.



No momento em que a carruagem parou diante dos escritórios, James saltou e bateu na porta até que uma janela no andar de cima se abriu e uma cabeça desgrenhada surgiu. James o conhecia como o assistente de Charles. Uma das exigências de seu emprego devia ser que ele morasse em cima do escritório. O rapaz reconheceu a voz de James, e, poucos minutos depois, estavam no escritório enquanto o funcionário, de pijama, lutava para acender as lâmpadas e deixá-los à vontade.

Mas ele não pôde ajudar.

— Sei que o Sr. Pope tinha um compromisso esta noite. Uma mensagem chegou bem cedo. Mas não sei dizer onde era.

— Essa mensagem... — A ansiedade de James o fazia parecer zangado, e o assistente se encolheu. — Ele disse de quem era?

— Não, Sr. Trenchard. Mas parecia contente. Sei que tinha algo a ver com o concerto de algo que estava errado. Só isso.

— E ele não deu pistas de onde seria esse compromisso? — Oliver estava igualmente ansioso, mas seu tom de voz era mais moderado. Sabia que não havia sentido em assustar o outro homem, embora quisesse respostas. Se seu pai estivesse certo e houvesse planos de assassinato, isso significava que ele era cúmplice? Ou ele tinha sido apenas a isca para pegar a vítima? Não sabia o que sentia por Charles Pope após a verdade ter sido revelada, mas tinha certeza de que não queria que o rapaz fosse ferido ou morto. — Você não tem nada mesmo que possa nos ajudar a encontrá-lo? Acho que era em algum lugar perto daqui. De forma que o Sr. Pope poderia ir a pé do escritório.

O assistente coçou a cabeça.

— Ele foi para casa jantar com a mãe. Ela acabou de chegar a Londres. Não fica muito longe daqui. — Ele pensou por um minuto. — Acho que o senhor está certo. Ele disse alguma coisa sobre ser perto do rio...

— Meu Deus! — exclamou James, engasgando.

— Espere um instante. — Era Oliver quem falava. — Tem uma rua...  
deixe-me pensar. All Saints? All Fellows?

— Allhallows Lane? — sugeriu o assistente, e Oliver gritou.

— Isso! Allhallows Lane! E tem uma taverna ali. Black... Swan?

— Black Raven. Tem uma taverna chamada Black Raven. — O  
assistente rezava para que esses homens tivessem encontrado o que buscavam  
e que ele pudesse voltar a dormir.

James assentiu.

— Desça e dê as instruções a nosso cocheiro.

— É bem simples de explicar...

— Desça!

E ele saiu correndo, com os outros o seguindo.



Uma névoa úmida subia do Tâmisia quando Charles chegou à estreita rua de paralelepípedos que levava à taverna. A névoa era grossa e pesada e penetrou pelo seu casaco, fazendo-o tremer e apertar o tecido pesado em volta do corpo. Ele conhecia Allhallows Lane, mas não muito bem, e não à noite, quando os cheiros de terra e resíduos na sarjeta pareciam agravados pelo odor de peixe do mercado Billingsgate, próximo dali. Ele olhou em volta. Ali estava a placa, mal iluminada por uma lâmpada pendurada, mas clara o bastante. Black Raven. Quanto mais tempo ficava parado ali, mais estranho parecia que Oliver tivesse escolhido aquele lugar sombrio para o encontro. Talvez tivera a intenção de ser cortês, encarregando-se de fazer a viagem da Eaton Square até ali, em vez de forçar Charles a atravessar metade de Londres. Mas mesmo assim...

Ele abriu a porta da taverna. Era uma construção elisabetana, escura, de pé-direito baixo e comprido, remanescente de outros tempos e atualmente cercada pela cidade em expansão. O tempo não tinha sido gentil e o lugar



parecia assombrado, frequentado por ladrões e batedores de carteiras, não pelo filho ambicioso de um construtor rico. Também não era o tipo de estabelecimento que alguém atravessaria Londres para visitar. Oliver deve ter ouvido falar e se enganado com o nível do local. Mas, depois de um instante, Charles soltou a porta e adentrou mais no recinto.

Enquanto olhava através da densa nuvem de fumaça de cachimbo, foi atingido pelo cheiro acre de cerveja derramada e suor. Seus olhos lacrimejavam um pouco quando ele pegou o lenço e o posicionou próximo ao nariz. A iluminação era baixa, apesar das inúmeras velas presas em cima de antigos barris de cerveja e enfiadas nos gargalos de garrafas de vinho, e o salão estava quase cheio. A maioria dos assentos de madeira estava ocupada por homens de casacos ásperos e botas de operário, a conversa abafada pela serragem no chão. Mas ele não precisou esperar muito. Não fazia mais de um minuto que estava ali quando uma figura se levantou de um banco em um nicho e veio em sua direção. O homem usava um sobretudo que o cobria quase completamente e um chapéu puxado sobre a testa.

— Pope? — chamou ao passar. — Venha comigo.

Sem pensar direito, Charles seguiu o desconhecido até a rua, mas o homem não parou, indo em direção ao rio. Por fim, Charles se deteve.

— Não vou a lugar algum, senhor, a menos que me diga quem é e o que deseja comigo.

O outro homem se virou.

— Meu caro amigo — disse. — Sinto muito. Eu tinha que sair daquele poço de iniquidade. Não conseguia respirar. Achei que o senhor também não fosse querer demorar ali.

Charles o observou.

— Sr. Bellasis? — Estava surpreso. Bellasis era o último homem que esperava encontrar. — O que está fazendo aqui? E onde está Oliver Trenchard? Foi ele que vim encontrar.

— Eu também. — John estava muito calmo. Tinha se convencido a fazer aquilo e descobriu, para sua surpresa, que a presença de Charles não diminuía sua determinação. Ficara preocupado achando que seu propósito seria drenado caso ele visse a vítima, mas isso não aconteceu. Ele estava pronto. Queria fazer aquilo. Só precisava levá-lo à beira do rio. Tornou a falar: — Oliver Trenchard me mandou uma mensagem para encontrá-lo aqui. Mas por que escolheu um buraco desses?

— Provavelmente achou que fosse conveniente para mim — retrucou Charles. — Como deve lembrar, meu escritório fica aqui perto.

— Claro. Deve ser por isso.

Nada disso respondia a nenhuma das perguntas presentes na mente de Charles.

— Não entendo por que você está aqui — falou. — Trenchard e eu temos um assunto particular para resolver. Qual é o seu papel nisso?

John assentiu, como se assimilasse a informação.

— Só posso presumir que ele quer que nos reconciliemos também.

Charles olhou para ele. Quando seus olhos se acostumaram à luz, ou à falta dela, distinguiu o rosto de John. Apesar da conversa amigável, sua expressão estava soberba e arrogante como sempre, com os olhos frios e o lábio curvado.

— Eu não sabia que tínhamos brigado, senhor — disse ele.

O que ele não havia notado era que, enquanto falava, Bellasis vinha caminhando lentamente pela rua em direção ao rio, e, sem pensar, Charles o seguira, aos poucos acompanhando seu ritmo. Só precisavam atravessar a rua para chegar à margem. Havia um muro de proteção baixo e comprido nesse trecho do rio, descendo até a água, e eles estavam em uma área que fora uma colina antes de todas aquelas construções, então o Tâmis corria pelo menos três metros abaixo deles. Era fundo. John sabia disso pela velocidade da correnteza. Esses foram exatamente os motivos para ter escolhido o ponto de encontro próximo àquele trecho do rio.

— Acho que não nos entendemos, Sr. Pope. Eu não gostaria que fosse assim — falou John com um suspiro.

Charles olhou para ele. Havia algo estranho em sua voz, quase um estrangulamento que distorcia suas palavras. Começou a desejar que houvesse algum tráfego por ali, mas não havia nada.

— Então espero que possamos resolver isso, senhor. — Ele sorriu ao falar, numa tentativa de que aquela conversa parecesse normal.

— Ah, não podemos — murmurou John —, pois a única solução para mim depende da sua...

— Da minha o quê?

— Da sua morte.

E com isso, em um movimento súbito, John o agarrou e o pressionou no muro baixo. Pego de surpresa, Charles lutou feito um tigre, chutando e empurrando com toda a força, mas o outro homem já havia confundido seu senso de equilíbrio e o peitoril do muro pressionava seus joelhos. John Bellasis tinha se tornado mais forte por causa da luta. Tomara sua decisão. Se falhasse em matar Charles, ainda seria enforcado por tentativa de homicídio, então não tinha nada a perder finalizando o trabalho. Com um último grande esforço, enganchou o pé no tornozelo de Charles, forçando sua perna na coxa do outro homem, enquanto dava um súbito empurrão em seu peito e depois o soltava. Charles sentiu que caía para trás, por cima do muro, para baixo sem parar, até que estava na água gelada, engasgando com a sujeira, sendo puxado para baixo pelo casaco grosso, que já estava encharcado e tão pesado quanto chumbo, tentando em vão tirar os sapatos, buscando algo, qualquer coisa na qual se agarrar, qualquer coisa que o mantivesse na superfície. Mas não havia nada na parede lisa de tijolos diante dele, e John sabia que não havia nada.

Bellasis olhou para baixo. Será que Charles já tinha morrido? Sua cabeça ainda estava acima da água, ou aquilo era apenas uma onda, alguns destroços? Como estava concentrado, não ouviu os passos de alguém correndo nem

sentiu nada até que duas mãos engancharam em seus ombros e o viraram. Ele se deparou com James Trenchard e seu filho.

— Onde ele está? O que você fez?

— Onde está quem? Do que vocês estão falando? O que eu posso ter feito?

John não estremeceu. Desde que Charles estivesse morto, não podiam ter nada contra ele. Mesmo então, John podia se salvar. Todos os detalhes indicavam para Oliver, e o testemunho de James seria inútil, ou era o que John pensava. Até que ouviram um grito:

— Socorro!

A voz sem corpo veio da escuridão, como o chamado de um espírito além-túmulo.

Sem dizer uma palavra, James tirou o casaco e os sapatos e mergulhou no rio. Quando ouviram o barulho da água espirrando e o grito lá embaixo, Oliver e John se entreolharam.

— Deixe os dois — disse John, com um tom de voz tão doloroso quanto óleo quente. — Deixe-os para lá. Seu pai teve uma vida boa, mas deixe-o partir. Assim você terá uma boa herança e eu também. Vamos ficar livres dos dois. — Oliver hesitou. John percebeu isso. Ele viu Oliver Trenchard fraquejar por um instante, pois era um homem fraco. — Não se preocupe. Ele é velho. Não vai demorar muito. Você sabe que é o melhor. Para todos nós.

Pelo resto da vida, Oliver se esforçaria para entender como pôde ter considerado a ideia, mesmo que por um segundo, mas considerou. Ele nunca voltaria a falar disso, mas sabia que era verdade. A morte de Charles Pope não parecia uma grande perda para ele naquele momento, e se livrar dos julgamentos e da reprovação de seu pai, ter o dinheiro, sem as punições...

— Não! — gritou ele, tirando o próprio casaco e pulando atrás do pai.

Podia ouvir que ele estava fraco por causa do frio da água. James tinha se jogado sem pensar, e John Bellasis estava certo. Não havia esperanças de que ele durasse muito. Mas Oliver o alcançou antes que ele afundasse. Segurou o pai por baixo das axilas e começou a nadar de volta para a beira do rio, ordenando que Charles os seguisse segurando-se em sua cintura. Nunca soube como conseguiu carregar a si mesmo e os outros dois de volta ao muro; talvez fosse incentivado pela culpa, lembrando-se da possibilidade que tinha considerado, mesmo que por uma fração de segundo. A parede íngreme deveria tê-los derrotado, enquanto Oliver tentava em vão se agarrar à superfície lisa e escorregadia dos tijolos, tentando encontrar algo, qualquer coisa em que se segurar, mas a confusão atraía até ali um grupo de clientes da taverna, e um homem apareceu com uma corda.

James foi içado primeiro, depois Charles e então Oliver, até que os três estivessem sentados lado a lado, tossindo a água do rio, quase mortos para o mundo, mas não ainda. Quando viu que os três estavam a salvo, John Bellasis fugiu. Ele tinha se deslocado para as margens da multidão conforme as pessoas se reuniam, e saíra de lá de vez. As vítimas podiam estar confusas, mas se um dos homens ou mulheres que estavam ajudando tivesse visto parte do que havia acontecido, não receariam em entregar John à polícia, que sem dúvida estava a caminho. John largou o casaco e o chapéu, chutando-os para um escoadouro aberto, e fez seu caminho de volta a Bishopsgate, onde pegou uma carruagem de aluguel e desapareceu.



Anne não conseguia se lembrar de seu sonho. Apenas que tinha sido feliz, até que houve uma súbita perturbação e ela abriu os olhos, percebendo que estava sendo sacudida pela Sra. Frant.

— A senhora tem que vir depressa, madame. Houve um acidente.

Depois disso, foi um alívio entrar correndo na biblioteca e encontrar James, Oliver e Charles, todos encharcados, mas ainda vivos. Charles parecia ter sofrido mais. A essa altura, todos os criados estavam acordados e ela tocou a sineta uma vez chamando Billy e o camareiro de James, Miles, para ajudá-los no andar de cima, enquanto os outros criados preparavam banhos, antes que ela mesma descesse até a cozinha para supervisionar o preparo de uma sopa. Ninguém ousou incomodar a Sra. Babbage, então Anne e a Sra. Frant se esforçaram para fazer o melhor que podiam, e a criada subiu com a bandeja.

Quando Anne tornou a ver Charles, ele se encontrava na cama, de banho tomado e seco, usando roupas de Oliver. Percebeu que ele estava grogue e cansado, mas vivo. James lhe contara o suficiente da história para que ela entendesse o que havia acontecido.

— Ainda não compreendo por que John Bellasis queria me matar. O que eu sou para ele, ou ele para mim?

Para Charles, o pesadelo ao qual tinham sobrevivido não fazia o menor sentido.

Por um instante, Anne pensou em contar a verdade, ali mesmo, mas era tarde e ele estava confuso. Sem dúvida, seria melhor esperar até que ele pudesse assimilar o que ouviria.

— Vamos conversar sobre isso amanhã. A primeira decisão que temos de tomar é se vamos reportar isso à polícia ou não. A escolha tem que ser sua.

— Se eu entendesse o motivo, então acho que teria uma ideia melhor do que fazer — disse Charles, então eles deixaram o assunto de lado.

Mais tarde naquela noite, Anne conversou com James:

— Não acho que possamos levar Bellasis à justiça sem antes contar aos Brockenhurst. Eles terão que suportar o impacto quando a história vier a público.

Mas James ainda estava furioso por conta do que haviam passado.

— Você não estava lá quando ele jogou Charles para a morte, porque ele teria morrido se nós não tivéssemos aparecido na hora.

— Eu sei. — Ela segurou a mão do marido e a apertou. — Você salvou nosso neto e devo acatar sua decisão, não importa o que você e Charles queiram fazer.

— Oliver salvou nós dois. Eu estava afundando pela terceira vez.

Anne sorriu.

— Então Deus abençoe Oliver por ser um filho leal.

Isso era tudo o que ela sabia sobre o assunto.



O próprio Oliver estava num estado de espírito bem diferente naquele momento. Susan havia acordado a tempo de vê-lo após ser trazido por Billy, já de banho tomado e na cama, mas ele passara o tempo todo em silêncio, se recusando a responder às perguntas dela. Na verdade, foi o criado quem lhe contou o que tinha acontecido. Então Billy saiu e eles ficaram a sós.

— É melhor cancelar a carruagem de amanhã. Podemos esperar mais um dia, para que você esteja bem. — Ele continuou sem dizer nada. — Está me escondendo alguma coisa? — perguntou Susan, da forma mais gentil que pôde.

Para sua surpresa, Oliver desabou em lágrimas, agarrando-a e segurando-a junto a ele com uma força que ela nunca tinha visto, soluçando como se seu coração fosse se partir. Então ela acariciou o cabelo dele, murmurou palavras de conforto, e soube que seu plano estava dando certo e em pouco tempo ela o teria de volta, totalmente sob controle.



Lady Brockenhurst havia optado por receber os convidados na sala de estar principal. Queria fazer um espetáculo, e os lacaios tinham sido instruídos a usar libré. Os Trenchard chegaram primeiro, o que era bem previsível, com James quase dançando de animação só de pensar na noite que estava por vir. Caroline estava preparada para a euforia dele, e Maria recebeu a incumbência de entretê-lo até que o encontro de fato começasse.

Lorde Brockenhurst tinha chegado, como prometido, mas ficou bastante surpreso com todos os preparativos.

— O que estamos comemorando? — perguntou ele várias vezes, mas a esposa não ia lhe dizer.

Como ele não estava a par do processo, ouviria as notícias junto de Charles e dos outros. Ela havia escrito para Stephen e Grace, em vez de convidá-los para testemunhar a própria humilhação e a destruição de suas esperanças. Não admirava ninguém naquela família, mas passara a sentir pena deles. Seu estilo de vida estava acabado, pois, quando a verdade viesse à tona, eles perderiam todo o crédito e Peregrine se recusaria a financiá-los, portanto não teriam dinheiro para manter seus maus hábitos indefinidamente. Resumindo, como John não seria mais o herdeiro, estava na hora de aprenderem a viver de acordo com suas condições.

Lady Templemore foi a próxima a chegar, com seu filho, que Caroline mal tinha visto desde que ele era uma criança, voltando para casa depois da escola.

— O Sr. Pope já está aqui? — perguntou ele, curioso.

— Não — respondeu James. — Ele passou a última noite em nossa casa e teve que passar na dele para buscar a mãe. Eles chegarão para o jantar.

Reggie recebeu essa notícia com mais alegria que sua mãe, embora ela admitisse que provavelmente era “melhor conhecer logo a pior parte”. Quando Charles chegou à sala de estar, de braços dados com a Sra. Pope, o grupo enfim estava completo, e Caroline pediu para todos descerem para a sala de jantar.



— Você ainda vai prolongar mais isso, não é? — perguntou Peregrine, mas não se opôs.

A verdade era que sua esposa realmente pretendia prolongar aquilo, pois seria uma noite que todos jamais esqueceriam.



Quando Stephen Bellasis leu a carta de Caroline, sentiu-se fisicamente doente. Por um instante, chegou a pensar que ia *mesmo* vomitar, mas a sensação passou e ele apenas ficou sentado ali, olhando para o nada, a folha de papel tremendo em suas mãos.

— O que foi? — perguntou Grace.

Em resposta, ele estendeu a carta na direção da esposa, observando o sangue se esvaír do rosto dela. Por fim, ela quebrou o silêncio:

— Então foi por isso que ele partiu. Deve ter ficado sabendo.

— Talvez eles tenham contado — disse Stephen.

Grace assentiu.

— Peregrine deve ter escrito para ele. Seria justo.

— Justo! — Stephen bufou. — Quando foi que Peregrine fez alguma coisa que fosse justa?

Porém, por mais que tentasse soar desdenhoso, por dentro estava apavorado. Será que ele tinha alguma coisa como o poder que exercera sobre Peregrine e que saboreara quando era o pai de seu herdeiro? Claro que não. Tinham sido jogados para escanteio, eram quase ninguém, pessoas sem importância. Não era de admirar que John tivesse ido embora.

Eles haviam encontrado o bilhete embaixo da porta, mas nunca saberiam se John o havia levado pessoalmente ou se mandara um criado. Ele estava deixando Londres, dizia. Estava indo embora da Inglaterra. Poderiam usufruir de sua casa, guardar o que quisessem de seus pertences e vender o restante. Ele não voltaria. Depois que se estabelecesse, os avisaria onde

poderiam encontrá-lo. A notícia deixou Stephen tão transtornado quanto teria ficado se alguém tivesse puxado o fio de um colar de pérolas, fazendo as contas de sua vida voarem para todas as direções. E a carta de Caroline ainda havia destruído a pouca esperança que restara. Quem era esse Charles Pope? Um comerciantezinho ordinário que invadira a vida deles e roubara seus sonhos.

— Pelo menos agora sabemos por que Caroline sempre fez tanto alarde com relação a ele — concluiu Stephen.

— Não, não sabemos — rebateu Grace. — Se ele é o herdeiro legítimo, por que ficou escondido desde que nasceu? Não sabemos nada. Nada. Só que John se foi e não vai voltar. — Ela chorava ao falar, pela perda do filho, pela perda do futuro dele, pela perda de tudo com o que vinham contando, tudo que lhes era precioso.

Assim que a notícia se espalhasse, seu último crédito chegaria ao fim e os credores os engoliriam. Ela imaginou que teriam que se desfazer da casa na Harley Street, embora duvidasse que o valor de venda fosse cobrir suas dívidas. Teriam que se isolar na paróquia em Lymington, e ela faria o possível para manter Stephen longe das tentações, mas não seria fácil. A verdade é que eles eram pedintes, e pedintes nunca fazem escolhas. Era uma questão de sobrevivência, de superar isso ou reunir quaisquer migalhas que conseguissem na mesa de Peregrine. Isso era tudo o que havia à sua frente.

Grace se levantou.

— Vou subir. Não vá se deitar muito tarde. Tente dormir e talvez as coisas pareçam melhores pela manhã.

Não acreditava nas próprias palavras, nem ele. A caminho da cama, ela quis verificar o balde de prata que havia guardado no antigo quarto de John anos atrás. Afinal de contas, ela o escondera para um caso de necessidade, e a necessidade surgira. Teria que tirá-lo da casa pela manhã, pois os agiotas poderiam chegar a qualquer momento. Mas, quando ela entrou no quarto, percebeu que as caixas no armário tinham sido reviradas, e então,

desapontada, soube que o balde havia sumido, mesmo antes de subir na cadeira. Não ficou surpresa. Fazia parte de sua sorte. Bem, espero que ele gaste o dinheiro de forma sensata, pensou.

Mas Grace sabia que ele não faria isso, enquanto caminhava, exausta, para o outro lado, em direção ao quarto escuro e feio que a aguardava.



O espanto de Charles Pope foi o maior de todos, é claro. Embora, enquanto ouvia, muitos detalhes se encaixassem. Não sabia por que nunca tinha se perguntado se havia algum parentesco que pudesse explicar a determinação de James em ajudá-lo a ter sucesso, ou a *idée fixe* de Caroline de que deveria investir uma fortuna nos negócios de um jovem e obscuro aventureiro que ela mal conhecia. Ele nunca poderia imaginar essa última descoberta, que lhe tornava legítimo, mas achava que devia ter desconfiado do parentesco havia muito tempo.

Sua surpresa com a própria mudança era equivalente à de lady Templemore, que mal podia acreditar que, justo quando tinha se convencido a engolir aquele remédio amargo, ele subitamente se transformara em néctar. Claro que havia suspeitado — quando Maria falara do conde que perdera o filho — que Charles tinha o sangue dos Bellasis, mas não dera sinais disso para que pudesse punir Caroline, de tanta raiva que sentia por ver sua filha ser empurrada para um bastardo. Mas tudo havia mudado. A mesma posição que ela havia desejado, a que tinha aspirado, pela qual lutara em nome de sua querida filha, lhe fora devolvida, desta vez melhorada pelo amor. Ela queria cantar, dançar, jogar os braços para cima e rir, mas, em vez disso, precisava controlar seu entusiasmo, para que não fosse confundida com uma invasora avarenta, desejando coisas que não tinham valor moral. Então deu um sorriso simpático, assentiu e se flagrou rindo das piadas de Charles, porque começara a perceber que Maria estava certa e o

rapaz era atraente, bastante até, o que estranhamente ela não havia notado antes.

Reggie Templemore também estava muito contente, mas sua felicidade era menos complicada e mais moderada que a da mãe. Ele tinha sido chamado a Londres pela mãe e pela irmã para arbitrar numa disputa familiar, que era a coisa que mais detestava fazer, mas, pasmem, a briga tinha evaporado e se tornado uma alegria universal. Somado a isso, ele achou que Charles parecia um bom rapaz e ficou feliz que a irmã tivesse encontrado um caminho tão fidedigno. Ele não investira muito na briga, o que só ficara claro recentemente, então sua alegria era menos efusiva do que algumas reações demonstradas ao redor da mesa, mas ainda assim estava feliz. Podia voltar para casa mais confiante no futuro. Tinha ficado particularmente satisfeito quando Charles explicara aos avôs (para a alegria de um e espanto do outro) que não abriria mão de seus negócios na tecelagem. Ele escolheria um gerente competente, claro, mas sentia que tinha instinto para o comércio e não pretendia abdicar disso. Naturalmente, Peregrine balançara a cabeça diante dessa ambição teimosa, como Reggie percebeu, mas Caroline agiu diferente. Depois de refletir sobre o assunto, tendia a ficar ao lado de James Trenchard, a primeira e provavelmente última vez que faria algo assim. Reggie estava muito feliz em receber na família alguém com mentalidade para os negócios. Era um dom que nenhum dos Grey apresentara por séculos.

A Sra. Pope não falou muito durante a conversa, mas talvez fosse a pessoa mais afetada na sala. Filha e esposa de vigários da Igreja da Inglaterra, era muito estranho o fato de estar jantando em meio ao esplendor da casa dos Brockenhurst, quanto mais descobrir que seu filho um dia seria o senhor daquela casa e de muitas outras. Mas, aos poucos, com o passar da noite, ficou claro que sua posição na vida de Charles quase não seria alterada. Ele queria que a mãe aproveitasse a ascensão dele, e não que se sentisse minada, então ela decidiu que, tal como o filho adotivo, comemoraria. Participou da

conversa apenas uma vez, de modo contundente quando lorde Brockenhurst tentou sugerir que Charles devia abandonar seus negócios no mercado de algodão. Ao ouvir isso, ela balançou a cabeça e disse, com uma voz bastante inflexível:

— Ah, não. Você nunca vai fazer Charles parar de trabalhar. Seria mais fácil convencer um peixe a não nadar ou um pássaro a não voar.

Caroline bateu palmas ao ouvir isso e Charles fez um brinde à saúde da Sra. Pope.

Era difícil dizer qual dos dois avôs estava mais feliz com o rumo que as coisas haviam tomado. James tinha um neto visconde, com talento para os negócios também, que poderia compartilhar tudo o que ele nunca conseguira com Oliver. Os descendentes de James teriam destaque na vida britânica e ele já se imaginava andando com pessoas importantes a partir de então. Anne não tinha essas ilusões, mas não via mal algum em satisfazer James por enquanto. Ele podia sentir que era um homem de sucesso nesse momento. Por que não? Tinha conseguido tudo o que se determinara a conquistar. E ela queria que ele aproveitasse essa sensação pelo máximo de tempo que pudesse. Quanto a ela própria, ficava feliz com o fato de que o filho de Sophia estivesse destinado a uma vida distinta. Gostava de Maria. Até gostava um pouco de Caroline, mais do que achou que seria possível, e estava contente. Imaginava-se passando um tempo em Glanville com Oliver e Susan, ou em Lymington, com Charles e Maria, e também levando uma vida tranquila e agradável. Pensou que poderia ajudar a projetar alguns jardins nas praças de Belgravia. James podia conseguir isso para ela, e seria um jeito proveitoso de usar seu tempo. Seu filho e seu neto estavam criados e felizes, ou, no caso de Oliver, feliz o bastante, e ninguém podia pedir mais do que isso.

Apenas Oliver, de todas as companhias animadas, estava quieto. A verdade era que, quando repensava suas atitudes, sentia-se envergonhado, humilhado e até mesmo desconcertado por ter escolhido se comportar

daquela forma. O ciúme que sentira do filho de Sophia parecia insignificante e uma fraqueza quando pensava nisso. Não saber que Pope era seu sobrinho não era desculpa. Talvez fosse difícil aceitar que James sentisse mais prazer pelo neto do que pelo filho, mas os acontecimentos tinham se desenrolado da melhor maneira. E alguns anos administrando Glanville poderiam ajudá-lo a se sentir menos fracassado. Ainda assim, era assombrado por sua decisão de ter ajudado John Bellasis a escrever o bilhete e, pior, por seu momento de hesitação na margem do rio. Isso, pelo menos, ele nunca contaria a ninguém, e levaria a cicatriz da culpa para o túmulo.

Oliver tinha ido à casa de John mais cedo naquele dia, mas foi informado de que o Sr. Bellasis tinha ido embora. Seus baús foram carregados de madrugada em uma carruagem que acompanharia seu táxi até a estação, embora o porteiro não soubesse dizer qual estação. Oliver não ficou surpreso, e mais tarde, quando contou o ocorrido para Charles, de volta a Eaton Square, eles concordaram, contra a vontade de James, em deixar o assunto de lado. Seria um enorme escândalo e John acabaria enforcado. Como consequência, nenhum deles jamais se livraria da sombra projetada por aquela noite terrível. Na verdade, Charles, demonstrando mais clemência do que James e Oliver eram capazes, sugeriu que deveria dar alguma pensão a John, pois ele passara a vida toda na expectativa de receber a herança e não tinha talento algum com o qual se manter. Claramente, a perda das perspectivas enlouqueceu John, deixando-o insano, e haveria razão em enforcar um homem por isso? Quando finalmente aceitou a proposta, James acrescentou uma condição: qualquer pensão só seria paga enquanto John permanecesse fora da Grã-Bretanha.

— Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda devem ficar livres dele. Deixe-o vagar pelo continente em busca de um local para descansar, mas que não seja por aqui.

E assim ficou combinado entre eles: John Bellasis teria que passar o resto da vida sendo itinerante, no exílio, ou voltar para casa e viver como um

miserável.

Susan tinha que desempenhar um papel complicado durante as comemorações. Ficara sabendo da verdade sobre Charles antes do restante das pessoas, mas não podia demonstrar, afinal descobrira na cama com John Bellasis. Então teve que arquejar, comemorar e bater palmas numa alegria espantada, o tempo todo sabendo que Anne, sentada à sua frente na mesa, tinha plena consciência de que Susan estava fingindo. Mas as coisas seriam mais fáceis a partir de então. Não discutiriam as revelações do passado de Susan, nem a verdadeira origem do filho que ela carregava, nem nada que pusesse em risco a felicidade do jovem casal Trenchard. Se Susan tivesse um caso de novo, se fizesse Oliver infeliz, então as coisas podiam ser diferentes, mas ela não erraria novamente. Tinha chegado à beira do precipício uma vez, e não tinha a intenção de repetir isso. Sua sogra não a trairia, e Susan não trairia Oliver. Ela podia fazer isso dar certo, e faria.

Quanto a Peregrine Brockenhurst, a notícia o renovara por completo. Ele não entendia totalmente por que Caroline guardara segredo quando descobriu que o rapaz era filho de Edmund, mas não se importava. Via a esposa com adoração no olhar. Estava impressionado com a compreensão dela a respeito do funcionamento do mundo e com sua capacidade de controlar e comandar. A vida dele recuperara o sentido, administrar as propriedades recuperara o sentido, e mais uma vez sua família tinha um futuro. Ele quase sentia a energia o dominando. Ficou ansioso, o que era uma sensação tão estranha que ele teve dificuldade de identificá-la quando se manifestou. Sentia uma ligeira pontada de pena de John, que havia apostado todas as fichas em sua herança para no final descobrir que não era uma boa jogada. Ele consultaria Charles para ver o que poderia ser feito. Na verdade, Charles saberia o que fazer em relação a tudo. Quanto a isso ele estava muito confiante. Sim. Ia deixar nas mãos de Charles.



A noite tinha chegado ao fim e o grupo desceu para o hall. Sugeriram que a carruagem de James levasse Charles e a Sra. Pope de volta a Holborn, mas Charles nem deu ouvidos. Disse que encontraria com bastante facilidade uma carruagem de aluguel, e isso seria mais do que suficiente. Quando terminaram de descer a grande escadaria, Maria se demorou ao lado dele e, enquanto se despediam, Caroline Brockenhurst falou:

— Se ele realmente quer voltar para casa numa carruagem de aluguel, então por que não vai lá fora com ele procurar uma, minha querida?

Os outros ficaram muito espantados que essa sugestão viesse de alguém para quem as aparências significavam muito, mas Maria deu um passo à frente e segurou o braço de Charles antes que a avó dele mudasse de ideia. Quando eles saíram, lady Templemore lançou um olhar ligeiramente questionador à anfitriã, mas Caroline foi inflexível.

— Ah, acho que nada de terrível vai acontecer por causa disso — disse ela.

E Anne completou:

— Definitivamente, nada de terrível vai acontecer.

E isso foi mais do que suficiente para sugerir ao grupo reunido ali quais alianças e diferenças determinariam como a família se comportaria nas décadas seguintes.

Na calçada, o casal observou a praça, esperando um veículo vazio. Maria quebrou o silêncio:

— Posso colocar a mão no seu bolso? Estou com muito frio. Eu não devia ter saído sem xale.

E é claro que Charles tirou o casaco e a envolveu, e logo em seguida a mão dela, entrelaçada com a dele, estava aquecida dentro do bolso.

— Isso significa que posso ir à Índia com você? — perguntou ela.

Ele refletiu por um instante.

— Se você quiser... podemos transformar a viagem em nossa lua de mel, se sua mãe não se opuser.



— Se ela tentar se opor, vai ter que lidar comigo.

Ele riu.

— Você deve me achar muito idiota. Por não ter suspeitado de nada.

Mas Maria não ia dar ouvidos a isso.

— Claro que não. Para quem tem coração puro, todas as coisas são puras. Você não tem inclinação para intrigas, por isso não suspeita disso nos outros.

Ele balançou a cabeça.

— Talvez tivesse uma explicação para o interesse do Sr. Trenchard. Ele era amigo do meu pai, ou era o que eu pensava. Talvez eu possa ser perdoado por aceitar sua ajuda sem questionar. Mas lady Brockenhurst? Uma condessa tendo uma urgência repentina de investir nos negócios de um homem que ela mal conhece? Isso não seria uma pista para alguém menos cego do que eu?

Ele suspirou diante da própria estupidez.

— Besteira — disse Maria. — Todo mundo sabe que é melhor ser crédulo do que desconfiado.

E, após falar isso, ela inclinou a cabeça na direção do rosto dele, e ele teve o grande prazer de beijar seus lábios. Os dois ainda não sabiam disso, mas ele a amaria com a mesma paixão até morrer. O que é o suficiente para um final feliz.



Mais tarde, naquela noite, Anne estava sentada à sua penteadeira, enquanto a Sra. Frant escovava seu cabelo. James e Oliver ainda estavam lá embaixo na biblioteca, saboreando um copo de conhaque, e Charles tinha voltado para Holborn com a Sra. Pope. Antes de partirem, ficou combinado que se mudariam para a casa dos Brockenhurst assim que quisessem, portanto essa parte da história estava quase resolvida. Anne não invejava o provável futuro

da Sra. Pope como uma dama de companhia não remunerada da condessa, mas pelo menos a vida dela não seria solitária.

— Acho que devíamos começar a procurar uma nova criada para mim — disse Anne.

A Sra. Frant havia desempenhado esse papel no passado e sabia o que estava fazendo, mas, como ambas já tinham percebido, acumular duas funções dava muito trabalho para uma só pessoa.

— Vou pesquisar pela manhã, madame. Deixe comigo. — A Sra. Frant não tinha a intenção de deixar isso a cargo da Sra. Trenchard, que havia escolhido aquela detestável e desonesta Srta. Ellis quando tivera que cuidar dos próprios assuntos. Ninguém desse tipo seria aprovado pela Sra. Frant. — E posso dar uma sugestão, madame?

— Por favor.

— Devemos confirmar Billy no cargo de mordomo? Suponho que ele seja um pouco jovem, mas conhece a casa e os gostos do Sr. Trenchard, e sem dúvida está ansioso para ter uma oportunidade.

— Se você acha que ele consegue dar conta... — Anne estava surpresa que a Sra. Frant quisesse um homem de cerca de trinta anos nessa posição. — Mas isso não colocaria mais responsabilidade sobre seus ombros?

— Não se preocupe com isso, madame. — A Sra. Frant tinha total consciência de que, se conseguisse o cargo para Billy, ele ficaria para sempre em dívida. Se ela controlasse o mordomo e escolhesse a criada da patroa, sua vida seria bem mais simples. E era isso que a Sra. Frant queria: uma vida simples, em que ela pudesse estar no controle. — Mas, é claro, depende totalmente da senhora, madame — acrescentou. E, em seguida, largou a escova na penteadeira. — É só isso?

— Sim — disse Anne. — Obrigada. Boa noite.

Então a governanta fechou a porta ao sair, deixando Anne com seus pensamentos. Ela aceitaria as sugestões da Sra. Frant, na esperança de que as coisas se ajeitassem. Dessa forma eles poderiam simplesmente tocar suas vidas.



Estava tarde, e uma chuva fina tinha começado a cair enquanto John Bellasis voltava do restaurante por uma ruela suja até seu hotel barato e sombrio. Assim que pôde, deixou Roger, seu criado, desfazer as malas e arrumar seus quartos, mas eram tristes substitutos para os aposentos que tinham em Albany, por mais modestos que os antigos fossem. Duvidava que Roger permanecesse com ele por muito tempo. O criado estava longe demais de seus velhos amigos e de seu ambiente familiar. E para quê? O que o exílio em Dieppe lhe traria? Aliás, o que John estava fazendo ali? Não acreditava que estava seguro. Só porque não tinham mandado ninguém atrás dele de imediato, como temera que fizessem, não significava que deixariam as coisas assim para sempre. Ele tinha que continuar se mudando, era essa a solução, e nunca poderia ficar num lugar por muito tempo. Mas como conseguiria fazer isso? Com o que viveria? Preguiçosamente, se perguntou como se falaria agiota em francês. Então a garoa se transformou em chuva, e ele saiu correndo.

## Sobre o autor



© Kevin Day

Ator, escritor, diretor e produtor de cinema e tv, autor de dois romances e mestre em literatura pela Magdalene College, em Cambridge, Julian Fellowes é o criador da aclamada série de tv *Downton Abbey*, que também roteirizou e produziu e pela qual recebeu três prêmios Emmy. No cinema, recebeu o Oscar de melhor roteiro original por *Assassinato em Gosford Park* (2002) e prêmios do Writer's Guild of America, do The New York Film Critics Circle e da National Society of Film Critics. Natural do Cairo, no Egito, e criado em Londres, Julian Fellowes recebeu em 2011 o título de Barão Fellowes de West Stafford, tornando-se par vitalício do Pariato do Reino Unido e passando em seguida a integrar a Câmara dos Lordes. Atualmente mora com a esposa, Emma, parte do tempo em Dorset e parte em Londres.

## Leia também



*A ilha*  
Victoria Hislop



*A última carta de amor*  
Jojo Moyes



*Miniaturista*  
Jessie Burton